

A vida no ORKUT

Narrativas e aprendizagens nas redes sociais



Edvaldo Souza Couto
Telma Brito Rocha
(Organizadores)

A vida no

ORKUT

Narrativas e aprendizagens nas redes sociais

Universidade Federal da Bahia

Reitor

Naomar de Almeida Filho

Vice-Reitor

Francisco José Gomes Mesquita



Editora da Universidade Federal da Bahia

Diretora

Flávia M. Garcia Rosa

Conselho Editorial

Titulares

Alberto Brum Novaes
Ângelo Szaniecki Perret Serpa
Caiuby Alves da Costa
Charbel Ninõ El-Hani
Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti
José Teixeira Cavalcante Filho

Suplentes

Evelina de Carvalho Sá Hoisel
Cleise Furtado Mendes
Maria Vidal de Negreiros Camargo

Edvaldo Souza Couto
Telma Brito Rocha
(Organizadores)

A vida no orkut
Narrativas e aprendizagens nas redes sociais

Salvador
EDUFBA
2010

©2010 by



Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade Federal da Bahia.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Linha de Pesquisa: Currículo e (In)formação

Josias Almeida Jr.

Projeto gráfico, capa e editoração

Álvaro Cardoso de Souza

Revisão

Sônia Chagas Vieira

Normalização

V648 A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais / Edvaldo Souza Couto, Telma Brito Rocha, organizadores - Salvador: EDUFBA, 2010. 265p. il.

ISBN: 978-85-232-0681-9

1. Orkut (Rede social on-line). 2. Grupos de discussão pela internet. I. Couto, Edvaldo Souza. II. Rocha, Telma Brito. III. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação.

CDD 004.693 - 22. ed.

Editora afiliada à



EDUFBA

Rua Barão de Jeremoabo, s/n Campus de Ondina

CEP 40.170-115 Salvador-Bahia-Brasil

Telefax: (71) 3283-6160/6164

edufba@ufba.br www.edufba.ufba.br

Sumário

Prefácio	7
Apresentação – A vida no Orkut	11
IDENTIDADES CONTEMPORÂNEAS: a experimentação de “eus” no Orkut	
Edvaldo Souza Couto (UFBA)	
Telma Brito Rocha (UFBA, IFBA)	13
IMAGENS DE FAMÍLIA NA INTERNET: fotografias íntimas na grande vitrine virtual	
Lígia Azevedo Diogo (UFF)	
Paula Sibília (UFF)	33
“POR FAVOR, AULA HOJE NÃO!” o orkut, os professores e o ensino	
Leila Mury Bergmann (UFRGS)	57
A ESCRITA NO ORKUT: vocabulário mais utilizado e aproveitamentos do internetês para o ensino de língua portuguesa	
Tadeu R. Bisognin (UFRGS)	
Maria José B. Finatto (UFRGS)	79
SE(R)VER ENTRE LÍNGUAS: encadeando identidades	
José A. Uchôa-Fernandes (UFPA)	
Deusa Maria de Souza-Pinheiro-Passos (USP)	101
A VIVÊNCIA DO ORKUT NO ESPAÇO PÚBLICO: tabuleiro digital	
Joseilda de Souza Sampaio (UFBA)	
Maria Helena Silveira Bonilla (UFBA)	123
A RELAÇÃO DE FASCÍNIO PELO ORKUT: retrato da hipermodernidade líquida, espetacular e narcísica	
Rosângela de Araujo Medeiros	
Escola Municipal de Ensino Fundamental João XXIII	141
O ORKUT E A VELHICE: comunidades e discursos	
Maria de Fátima Moraes Brandão (IFPI)	
Rosa Maria Hessel Silveira (UFRGS)	165

CORPOS ‘GORDOS’ NO ORKUT: escritas sobre si e os ‘outros’	
Elisabete Maria Garbin (UFGRS)	
Viviane Castro Camozzato (UFGRS)	189
IDEAIS DE FELICIDADE EM COMUNIDADES VIRTUAIS: recursos metodológicos e diferenciação	
Márcio Silva Gondim (FANOR)	
Maria de Fátima Vieira Severiano (UFC)	211
NAS TEIAS DO ORKUT: significados e sentidos construídos por um grupo de usuários	
Camila Santana (IFBAIANO)	
Lynn Alves (UNEB)	233
Sobre os autores	261

Prefácio

Era uma segunda feira, a Faculdade de Educação da UFBA estaria fechada por conta da realização do exame vestibular para ingresso na universidade no ano seguinte. Minha aula da disciplina *Polêmicas Contemporâneas* estava programada para as 18 horas, quando já teria terminado o vestibular e, portanto, poderíamos ter acesso à Faculdade para a aula.

Estava em minha sala de um prédio totalmente vazio, conectado no *moodle*, um dos ambientes da disciplina, esperando algum sinal dos alunos, a maior parte deles neste semestre do Curso de Pedagogia.

Quase 5 da tarde e eu via nos fóruns do *moodle* umas discussões sobre se teríamos ou não a aula, uma vez que havia uma msg (ooppsss!, perdão, uma mensagem) da administração afirmando que a Faculdade estaria fechada nesse dia. No ambiente coletivo, onde em princípio todos os alunos poderiam e deveriam estar, apenas duas alunas. Uma delas me pergunta no chat: “e aí, profe, vai ter aula hoje?! É que estou aqui com outras colegas da disciplina no *Orkut* e todos se perguntam a mesma coisa”. De fato, a aula não aconteceu. E isso, aqui pouco importa.

O fato, concreto, é que o ambiente “educacional” *moodle* não se constitui no ambiente de interação para essa turma jovem – os nossos estudantes e futuros professores! –, que, em vez disso, estavam todos se comunicando, interagindo e, especialmente, vivendo um outro espaço no mesmo ciberespaço. Ou seja, estavam todos no *Orkut* que se constituía, naquele e em muitos momentos, no verdadeiro ambiente de vivência e aprendizagem.

No congresso da Educared [www.educared.org], que reuniu mais de dois mil professores em novembro de 2009, na Espanha, em uma das mesas-redondas para discutir o papel das redes sociais na educação estava presente Zaryn Dentzel, de 26 anos, o



fundador do site de relacionamento *Tuenti* (www.tuenti.com), que, na Espanha, é equivalente ao que o Orkut é no Brasil: ou seja, o lugar onde a meninada está!

Nesse debate, o que pude ver foi o depoimento de uma professora que disse não frequentar o *Tuenti* – muito popular na Espanha – porque tinha certeza que lá encontraria todos os seus alunos. Por isso, ela preferia usar o *Facebook* e, assim, ficar um pouco mais “protegida” dos estudantes.

De fato, se observarmos quem está no *Orkut* no Brasil, constatamos que a grande maioria é de jovens, portanto, potencialmente os nossos alunos. Os dados mostram que 56% dos que acessam o site têm até 20 anos de idade, conforme texto publicado pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC) a partir de dados do Ibope/*NetRatings*. O mesmo texto que abria a página do CENPEC em dezembro de 2009, ao analisar as redes sociais, destacava que “uma criança abre em média 470 páginas por mês, um adolescente vê 1.850 e adultos não passam de 700 (Ibope/*NetRatings*).”¹

Os números são significativos: um ano atrás, 17,2 milhões de pessoas acessaram o Orkut nos lares brasileiros, significando sete em cada dez internautas residenciais. Mas esse acesso não se dá somente nas residências. Como pode ser visto no artigo de Maria Helena Bonilla e Joseilda Sampaio neste livro, o *Orkut* é um dos sites mais acessados em nosso projeto dos Tabuleiros Digitais [www.tabuleirosdigitais.org] e que, para nossa tristeza, é alvo de muitas críticas dentro da própria comunidade de professores e alunos da Faculdade de Educação da UFBA. Justo esses, que mais precisam compreender o que está acontecendo ali!

Esse é o grande impasse em que nos encontramos e que este livro *A vida no Orkut* discute e aponta alguns caminhos.

¹Disponível em: <<http://www.cenpec.org.br/modules/news/article.php?storyid=835>>. Acesso em: 4 dez. 2009]

Desenvolvemos, historicamente, inúmeras possibilidades com a digitalização das tecnologias, ampliamos as possibilidades comunicacionais e de interação entre as pessoas mas, lamentavelmente, não conseguimos acompanhar adequadamente esses movimentos no interior do campo educacional. Com isso, a educação luta permanentemente para afastar, de forma contundente, muitas dessas possibilidades enriquecedoras dos processos, assim como já fez com a televisão, com os celulares e tudo mais que possa “atrapalhar” a acomodada vida de muitas das escolas e de muitas das políticas públicas que buscam sempre os caminhos mais fáceis e, claro, mais rápidos para poderem apresentar resultados ao fim dos quatro anos dos mandatos. A natureza desses desafios – e os capítulos do livro mostram isso – não nos possibilita pensar nessas políticas de curto prazo e de visão curta. Os professores, elementos-chave nesses processos, precisam ser fortalecidos para que possam interagir com essas tecnologias de forma muito mais natural, da mesma forma que as crianças assim já o fazem, pois já nasceram em um mundo conectado.

Esses são alguns dos tantos desafios que temos na educação. Essas são algumas das possibilidades trazidas pelas tecnologias digitais para a educação e este livro, ao articular autores de diversas universidades brasileiras, busca apresentar algumas dessas ricas possibilidades. Cabe a nós, leitores, professores, pais ou simplesmente curiosos da questão, estarmos atentos ao que nos dizem esses pesquisadores. E, quem sabe, através do Orkut e tantos outros recursos disponíveis, podermos intensificar o diálogo na busca de estabelecer relações mais intensas entre nós mesmos, os adultos, e principalmente, entre nós e essa juventude que, já vivendo um *jeito alt+tab* de ser, relaciona-se com todos esses recursos de forma simultânea e intensa.



Apresentação – A vida no *Orkut*

O *Orkut* é um software do *Google*, conhecido como uma rede social, criada em 24 de janeiro de 2004 pelo engenheiro turco Orkut Büyükkökten, com o objetivo de ajudar seus membros a iniciarem novas amizades e manterem as existentes. É um fenômeno de público no país. Atualmente, os brasileiros somam 49,71% de seus membros, seguido dos EUA com 20,76 % e 17,30% da Índia.

Para começar a interagir no *Orkut*, o participante cria uma conta de e-mail no *Google*, e constrói uma página pessoal (*profile*), com a finalidade de se apresentar a outros participantes. Nessa composição do perfil, escolhe o que disponibilizar na página, informações como nome, idade, cidade onde mora, estado civil, opção sexual, tipos de música, livros, culinária que gosta, etc. Além do perfil, que é composto por uma foto, o participante possui um espaço para disponibilizar álbuns de fotografias, pode ainda adicionar vídeos preferidos e fazer parte de comunidades com as quais se identifica. Já imerso, pode visitar, passear virtualmente por milhares de *profiles*, *comunidades* e *fóruns*.

O ponto alto do *Orkut* é a busca de amigos e passeios por *profiles*, além, é claro, da interação social, observada nos *posts* das comunidades onde cada um pode escrever o que deseja e receber um retorno; bem como nos *scrapbooks* onde é possível deixar e receber recados, além de testemunhos.

O *Orkut* hoje representa uma das principais preferências de sites quando as pessoas estão conectados, sobretudo as mais jovens. A opção por essa rede representa 54,47% do total de participantes, entre 18 e 25, segundo dados do próprio *Google*. Esses dados chamam a atenção de pais, professores e pesquisadores. Não é por acaso que trabalhos acadêmicos sobre o tema foram

escritos nos últimos anos, e outros estão em andamento, para analisar não só a relação de fascínio, mas também a possibilidade de aprendizagem, entretenimento e comunicação que o *Orkut* oferece.

Diante da especial popularização do *Orkut* no Brasil e do crescente interesse de pesquisadores em investigar os processos de comunicação, as práticas discursivas, os relacionamentos e as aprendizagens nas redes sociais, reunimos neste livro ensaios que resultam de pesquisas de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado, realizadas por professores em diferentes momentos de suas carreiras e em diversas universidades brasileiras. As abordagens são múltiplas, assim como as pluralidades e as possibilidades de interações do *Orkut*. Cada um a seu modo, os ensaios apresentam e discutem a complexidade e a variedade de vivências, abordam temas como as identidades, a estética corporal, o internetês, as representações de professores e da escola, os discursos sobre a velhice, as imagens de famílias, as relações de fascínio, ideais de felicidade, os significados e sentidos que os participantes tecem em suas redes sociais.

O livro ressalta que o *Orkut* se constitui em mais uma fonte de socialização digital, um espaço privilegiado para ampliação de comunicação que favorece os intercâmbios, pois possibilita aos sujeitos vivenciarem relações para além das suas comunidades locais. É uma rede fascinante de invenção e exibição de subjetividades. Por fim, a intenção do livro é ampliar debates. Que as inquietações e as motivações aqui expostas contribuam para que pais, educadores e interessados em geral conheçam, sob esses ângulos, o que fazem e pensam jovens e adultos em suas redes sociais, como festejam a vida no *Orkut*.

Salvador, dezembro de 2009.

Edvaldo Souza Couto

Telma Brito Rocha

IDENTIDADES CONTEMPORÂNEAS: a experimentação de “eus” no *Orkut*

Edvaldo Souza Couto (UFBA)

Telma Brito Rocha (UFBA, IFBA)

Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido é o herói popular, “estar fixo” – ser “identificado” de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto.

Zygmunt Bauman

Introdução

Ao que tudo indica, a questão da identidade é um problema dos tempos modernos. Giddens (2002, p. 74) afirma que nos “[...] tempos pré-modernos nossa ênfase atual na individualidade estava ausente”. A ideia de que cada um tem um caráter único e potencialidades sociais, que podem ou não se realizar, é alheia à cultura pré-moderna. O indivíduo nessas culturas tradicionais não existia e sua individualidade não era prezada. Foi a partir do surgimento das sociedades modernas, que deu origem ao sistema capitalista – um sistema de produção de mercadorias que envolve tanto competição de produtos como a mercantilização da força de trabalho, aliada, ainda, à diferenciação que a divisão desse trabalho produziu entre os sujeitos – que o indivíduo uno, individualizado, separado, ganha atenção.



A suposta essência pessoal e a universalidade humana, que existiriam em cada indivíduo, constituíram a base moderna da identidade. O “penso, logo existo”, enunciado por Descartes, sustenta a definição desse sujeito, segundo a qual o indivíduo é centrado em si mesmo, possuindo uma essência individual e um caráter universal. Essa concepção cartesiana criou a primeira representação moderna de identidade.

A modernidade tem relação com o conjunto de ideias oriundas dos ideais iluministas. Esses ideais impulsionaram o processo de racionalização do indivíduo, uniu a construção do conhecimento pelas ciências ao progresso humano e social e promoveu o surgimento de novas concepções éticas e morais. Nesse contexto, o sujeito do Iluminismo era fundamentado numa compreensão de pessoa humana como um indivíduo centrado, unificado, completo de capacidades de razão, de consciência e de ação. Para Hall (2006, p. 10-11), essa visão abrigava um centro, um núcleo interior,

[...] que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. [...] essa era uma concepção muito “individualista” do sujeito e de sua identidade.

Mas, no início do século XX, as descobertas feitas por Freud e a Psicanálise sobre o inconsciente e a estrutura da psique humana abalaram a descrição do sujeito centrado e unificado, apresentado pelo Iluminismo, e trouxeram à tona a necessidade de se rever tal concepção de identidade.

Assim, novas teorias vão desestruturar essa concepção iluminista de identidade, tendo em vista, principalmente, a ideia de psique humana, na qual comporta estruturas inconscientes, que operam desejos e comportamentos sobre os quais o sujeito

não tem controle ou mesmo consciência. A noção de inconsciente com um outro “eu” aponta um sujeito agora desconhecido para si próprio e ainda fragmentado em múltiplas estruturas psíquicas.

Giddens (2002, p. 157), partindo da noção psicanalítica, chega a afirmar que na modernidade o “eu é frágil, quebradiço, fraturado, fragmentado”. O eu torna-se disperso, descentrado e só encontra sua identidade nos fragmentos da linguagem ou do discurso.

Seguidores de Freud, entre eles Lacan, continuam a questionar a identidade, quando afirmam que o sujeito é formado a partir do olhar do outro. Ou seja, é a partir da relação com o outro que o sujeito conhece de si. O sujeito já não possui uma autonomia plena, ele não é mais senhor de si, formado por uma essência inata. A sua identidade será constituída ao longo de sua existência num processo mútuo de dependência com o outro. Como afirma Hall (2006, p. 38-39):

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] assim em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como processo em andamento. A identidade que surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*.

Assim, para a Psicanálise, existem diferentes “eus” que compõem a identidade dos indivíduos, suas histórias de vida e trajetórias. O indivíduo carrega em um mesmo corpo mais de uma estrutura psíquica sobre as quais não possui controle. Sua identidade e personalidade não são individuais ou autônomas, mas se constituem sempre em relação ao outro. Essas conclusões colocaram em dúvida a percepção tradicional da identidade e de-



monstraram a necessidade de revisão das perspectivas teóricas da epistemologia iluminista.

Ao partir dessa perspectiva, Hall (2006) discute as transformações teóricas da alta modernidade, ou modernidade tardia, período referente à segunda metade do século XX, fase de desenvolvimento das instituições modernas, marcada pela radicalização e globalização dos traços básicos da modernidade. Para esse autor, o maior efeito desse tempo foi o “descentramento” final do sujeito cartesiano. Por isso, ele afirma que as identidades, agora sempre no plural, têm passado por um processo de fragmentação e deslocamento.

Nesse contexto, o ensaio tem como objetivo discutir as mudanças que promovem as identidades – da construção cartesiana de um sujeito centrado e unificado até o descentramento do sujeito na cibercultura. Esse processo de descentralização do “eu” é apontado como uma das principais consequências da globalização que, modificando e transpondo não apenas as fronteiras econômicas e políticas, mas também as culturais, interferiram e desestabilizaram inevitavelmente as experiências das identidades, que são agora cada vez mais fluidas, dinâmicas, transitórias e potencializadas pelas diferentes formas de representação no ciberespaço, especificamente, sobre as práticas sociais constituídas através das identidades ali expostas. O texto ressalta as diversificadas experimentações de “eus” como modo de construção identitária no *Orkut*, a partir das manipulações de identidades, especialmente por meio de perfis *fakes*.

Identidades contemporâneas

Além da perspectiva dos estudos de Freud e Lacan, outros acontecimentos na teoria social e na história das ciências humanas contribuíram para o “descentramento” do sujeito contemporâneo. Por exemplo, as teorias de Foucault que discutem

principalmente o poder disciplinar e concluem que são as instituições modernas que policiam e disciplinam o sujeito.

Por ser o poder demarcado pelas relações de forças na sociedade ele está em todas as partes. Todos os indivíduos estão condicionados por essas relações de poder e ninguém pode ser considerado independente delas. Esse poder, para Foucault, reprime, produz implicações naquilo que se sabe, constrói verdades, práticas e subjetividades na sociedade em que vivemos. São, portanto, as instituições que individualizam o sujeito. Hall (2006, p. 43-43) aponta que esse é um ponto importante na história do sujeito moderno,

[...] embora o poder disciplinar de Foucault seja o produto das novas instituições coletivas e de grande escala da modernidade tardia, suas técnicas envolvem uma aplicação do poder e do saber que “individualiza” ainda mais o sujeito e envolve mais intensamente seu corpo.

Assim, percebe-se um paradoxo. Quanto mais coletiva e organizada for a natureza das instituições na modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e individualização do sujeito. Quer dizer, essa individualização não estaria sob o controle da vontade individual. As identidades, nessa lógica, são engendradas por essas instituições e as relações de poder travadas ininterruptamente em seus espaços.

Outra questão que também contribuiu com o chamado “descentramento” foi a influência do movimento feminista, a partir dos anos 60 do século XX. Esse movimento questionou a dicotomia entre o público e o privado, politizou as subjetividades, as identidades e os processos de identificação e deu origem a outras identidades pautadas nas relações de gênero e nas diferenças sexuais.

Nesse período, vários movimentos contestavam ainda a política, desconfiavam de suas formas burocráticas. Hall (2006, p.



45) afirma que cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores.

O feminismo apelava para as mulheres, a política sexual aos gays, lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, e assim por diante. Isso constituiu o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a política de identidade – uma identidade para cada movimento.

Assim, a noção de raça, gênero e outras características de caráter biológico, que até o período iluminista poderiam ser compreendidas como determinantes na definição da identidade, desabaram a partir dos anos 1960. Desde então a influência das discussões ocorridas no interior dos movimentos sociais demonstraram o caráter discursivo implicado em tais construções.

Essas discussões por sua vez evidenciaram as relações de poder envolvidas nas construções identitárias, trazendo uma dimensão cada vez mais política e cultural ao tema. A questão da identidade deixou de ser privada para tornar-se pública e levou para a esfera pública informações do mundo privado como algo determinante na sustentação de estruturas de poder na sociedade.

Entre outras transformações importantes sob as formas de organização social no mundo contemporâneo está a globalização, que teve seu desenvolvimento na revolução industrial, no desdobramento do capitalismo que ultrapassou fronteiras nacionais no século XIX e se consolidou mais adiante nos séculos XX e XXI com o apoio das tecnologias de informação e comunicação.

Com a globalização, novas características temporais e espaciais surgiram comprimindo distâncias. Eventos que ocorrem em um lugar têm rápidas interferências sobre pessoas e lugares diversos. As estratégias industriais e mercadológicas na produção, distribuição e consumo de produtos e serviços e a desestabilização das culturas nacionais também passam a questionar as noções

que o indivíduo tem de identidade e pertencimento no mundo contemporâneo.

Não por acaso, vários autores das mais diversas ciências passaram a falar em “crise identitária”. Para a maioria, a crise foi logo apontada como uma das principais consequências da globalização que interferiram e desestabilizaram inevitavelmente a experiência da identidade. Hall (2006, p. 69) destaca três aspectos:

As identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”.

As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização.

As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades-híbridas – estão tomando seu lugar.

É importante problematizar aqui se os evidentes deslocamentos observados recentemente nas identidades nacionais significam de fato que existe uma crise de identidade. Independente de resposta, essa crise, verdadeira ou não, impulsionou um processo instigante, extenso e estimulante que, segundo Gioielli (2005, p. 11), pode gerar duas correntes de análise. A primeira delas reflete uma estratégia já conhecida de que as identidades “[...] estariam rumando para um estado de homogeneidade, operado através da indústria cultural”. A segunda intensifica o processo de crítica a modernidade, descreve esse processo como “[...] sendo da ordem da fragmentação em meio ao ressurgimento do local e da tradição”.

A versão da homogeneidade é, geralmente, a mais relacionada quando se fala da globalização na construção das identidades. As análises dão prosseguimento a uma tendência bastante recorrente em estudos sobre a questão da cultura em décadas



recentes, na qual a crítica do processo de transformação cultural pauta-se na ideia de que a mudança é quase sempre um desvirtuamento, um sinal da progressiva mercantilização das formas culturais autênticas rumo a uma cultura padronizada, industrializada e artificial.

Bauman (2001, p. 99) também compactua com essa ideia. Para ele, a identidade única e individual “[...] só pode ser gravada na substância que todo o mundo compra e que só pode ser encontrada quando se compra”. Nessa sociedade contemporânea, tipicamente consumista, “compartilhar a dependência de consumidor – a dependência universal das compras – é a condição sine qua non de toda liberdade individual; acima de tudo a liberdade de ser diferente, de “ter identidade”. Toda essa suposta liberdade funda-se numa ideia de consumo, de autoidentificação com os objetos produzidos e comercializados em massa. Esses elementos não funcionam sem os dispositivos disponíveis no mercado da propaganda.

Entretanto, mesmo que não se possa negar a função determinante do capitalismo, as estratégias mercadológicas, a desestabilização das culturas nacionais, as dinâmicas culturais da globalização não se dão em torno apenas de processos de homogeneização dentro da sociedade, ou seja, na ideia de que as coisas pareçam geralmente semelhantes entre si. Em contradição à tendência de homogeneização global existe uma fascinação pela diferença, um novo interesse pelo local. A expansão da globalização não denota essencialmente a aniquilação das culturas locais. Para Hall (2006, p. 77), pode-se considerar alguns aspectos para essa contraposição a homogeneização:

A globalização (na forma da especialização flexível e da estratégia criação de “ninhos” de mercado), na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como “substituído” o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre o “global” e o “local”.

É preciso considerar a geometria do poder que na atualidade pulveriza as identidades. Assim, a homogeneização global das identidades não existe, já que a globalização não permite uma distribuição igual do poder no globo, entre diferentes estratos e populações. A globalização retém alguns aspectos da dominação global ocidental, mas as identidades culturais estão, em toda parte, sendo relativizadas pela crescente compressão tempo-espaço e das experiências dinamizadas e sideralizadas promovidas pelas tecnologias de comunicação e informação.

Essa questão permite compreender que o universo da cultura não é algo estagnado, ele não parece rígido o suficiente para impedir flutuações, interpenetrações, hibridizações e traduções no encontro entre universos culturais diferentes. Segundo Gioielli (2005, p. 14):

A experiência colonial na América Latina, na África e na Ásia já havia demonstrado que a dinâmica do confronto cultural não se dá nunca como uma sobreposição simples da cultura do colonizador sobre a do colonizado, mas sim, que há entre elas, um complexo processo de interpenetrações múltiplas cuja forma final, além de plural, é difícil delimitar.

Por isso, o fenômeno cultural e a experiência identitária em meio aos processos de mudança desencadeadas pela globalização não podem fixar ou presumir um resultado final, seja esse em torno de formas padronizadas, fragmentadas ou de qualquer outra natureza. O que acontece é a observação da dinâmica do encontro entre culturas distintas. Elas atuam nas traduções entre os diversos significados culturais locais, mundiais, modernos e tradicionais nesse novo ambiente.

As dinâmicas que misturam e pulverizam as identidades contemporâneas estão também fortemente presentes nas redes sociais, típicas da cibercultura e, de modo especial, como se verá a seguir, no *Orkut*.



O Orkut e as identidades múltiplas, nômade, ou mais ou menos inventadas

O *Orkut* é uma rede social filiada ao *Google*, criada em 24 de janeiro de 2004, com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter as existentes. Atualmente, em dados de julho de 2009, é a rede social com maior participação de brasileiros, são 35 milhões, de acordo com o *Google*, o que representa 57% dos usuários do site. Atrás desse número vem a Índia, com 41%.

Para participar do *Orkut* basta criar uma conta de e-mail no *Google* e, teoricamente, ter mais de 18 anos. Porém, como não existe verificação fidedigna dos dados, quem possui idade inferior pode omitir essa informação e ingressar na *rede social*.

O login criado no e-mail é o primeiro passo da construção identitária no *Orkut*. Esse dado constará na parte superior do perfil do participante, visível apenas para ele quando acessa a rede de relacionamento. A seguir, ele tem a opção de preencher ou ocultar algumas das seguintes informações: quem sou eu, descrição de características físicas, emocionais, entre outras, estado civil, interesses no *Orkut*, idiomas, religião, opção política, esportes, etc. Tem também o álbum de fotos, grupos de amigos e participação em comunidades. Todas essas informações também definem características, gostos, preferências. Assim, essas escolhas são imprescindíveis para falar do sujeito e possibilitar as afinidades que deverão ser compartilhadas. São elas que criam a ideia de pertencimento (FONSECA; COUTO, 2005), a ideia de uma identidade, “[...] elas são os rótulos que escolhemos para dizer quem somos”. (SILVEIRA, 2006, p. 147)

Alguns perfis dos participantes são constituídos pelas características pessoais de identidades vividas fora dele. Mas, muitas vezes, podem representar oposição completa dessa identidade. As características pessoais podem ser todas ou quase todas in-

ventadas. É possível também que os perfis apresentem um misto de características pessoais e outras tantas fictícias.

Para as identidades que geralmente não correspondem à mesma vivida fora da rede social, usa-se o termo em inglês *fake*. Numa tradução rápida *fake* quer dizer falso. Essa palavra geralmente é utilizada para denominar contas ou perfis usados no *Orkut*, que ocultam a identidade off-line de um participante. Em alguns casos, nos *perfis fakes* são usadas identidades de celebridades, personagens de filmes ou desenhos animados: Miss Dayse, Britney Spears, Madonna, Paris Hilton, Durval Lelis, Mortícia Addams, Rodrigo Hilbert, Andy Garcia, Nemo, Donatela, dentre inúmeros outros. Como afirma Camozzato (2007, p. 40): “É na forma de serem-outros- de-si- mesmo que são construídos seus perfis fakes”.

Alguns desses perfis são criados para que a pessoa possa navegar em outros perfis do próprio site, preenchendo a curiosidade sobre as vidas públicas, as confissões de sentimentos divulgados pelos *posts* em várias páginas de recados ou álbuns de fotografias, sem serem reconhecidos ou identificados. É muito comum uma mesma pessoa possuir um perfil chamado “verdadeiro” e outro “falso”. Em alguns casos, *perfis fakes* são criados para facilitar comportamentos inadequados, escamotear práticas criminosas, violar direitos humanos e aliciar crianças e adolescentes.

Do lado oposto aos aliciadores estão os *fakes* denominados “justiceiros do *Orkut*”, que pregam o combate aos crimes virtuais com as “próprias mãos”. Esse tipo de ação muitas vezes destrói provas de crimes impedindo que a justiça chegue aos criminosos virtuais. Na ilusão de ajudar a combater pedófilos, homofóbicos, racistas, entre outros, esses *fakes* se comportam também como criminosos. Eles utilizam práticas ilegais de *crackers*, como a quebra de um sistema de segurança de forma ilegal para



tirar sites e perfis de criminosos do ar. Com isso, eles eliminam provas que levariam a polícia e a justiça a identificar responsáveis pelos crimes no mundo virtual. Em caso de crimes virtuais, o mais adequado não é fazer a justiça por conta própria. O correto é denunciar à ONG SaferNet ou ao Ministério Público para que a justiça seja feita pelo Estado.

Outra forma comum de criação de *fakes* é o clone de identidade de algum participante da rede social. Nesse caso, o criador do perfil *fake* não só copia o perfil a ser falsificado como para tornar verdadeira a clonagem, adiciona os amigos que fazem parte dessa rede. Assim, o poder de convencimento sobre a identidade apresentada aumenta. Os amigos “verdadeiros” servem para autenticar o perfil *fake*. Essa típica maneira de clone na rede social se constitui naquilo que os participantes chamam de “roubo de identidade”. Quando alguns desses *fakes* querem difamar o dono do perfil roubado mudam a opção sexual, gostos musicais, escrevem características que comprometem a identidade do participante. E a confusão está feita.

No mundo das redes conectadas uma pessoa pode experimentar ser várias pessoas com características físicas completamente diferentes, coisa geralmente impossível de acontecer com o eu off-line. Este não pode transmutar, no máximo pode criar disfarces, aparências enganadoras. Mas, no mundo digital, tudo ou quase tudo se torna possível. Turkle (1997) fala da tela do computador como metáfora para entendermos essa lógica. Para ela, a experiência vivida nas janelas é de um eu descentrado que existe em muitos mundos e desempenha muitos papéis ao mesmo tempo. Na vida tradicional, no mundo off-line, as pessoas desempenham papéis que, geralmente, têm um lugar num espaço físico, lógico e linear. Nos jogos, nas redes sociais, *blogs*, nas comunidades virtuais, no *second life*, os participantes experimentam identidades e vidas paralelas.

Santaella (2007), assim como Turkle (1997), reconhece que a “persona” que aparece no ciberespaço é aparentemente mais fluida do que aquela que assumimos em outras situações de nossa vida, pois é construída a partir do ambiente simulado. Conscientemente, essa perspectiva nos permite brincar com nosso eu a partir de novos modos, em interação com as outras “personas” do ciberespaço.

Desse modo, é possível compreender o termo identidade como discursos e práticas que tentam nos interpelar, nos falar ou convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares, ou subjetividades que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar. As identidades são, pois, “[...] pontos de apego temporário as posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós”. (HALL, 2000, p. 112) Essas identidades representadas por meio de *fakes* inventam e reproduzem modos de comportamento, valores, gostos pessoais, características físicas, fotos de amigos(as) e namoradas(as), clonagem fiel de vidas off-line. São renovados modos de ser e viver.

Na segunda semana de outubro de 2008, a notícia de gravidez de Ivete Sangalo despertou a curiosidade dos brasileiros. Muitas pessoas e portais de notícias na internet recorreram ao *Orkut* para obter algumas das características do pai da criança, um estudante de Nutrição de Salvador, que, em poucas horas, todos já conheciam, por conta de um perfil nesta rede social.

Passados alguns dias, Ivete Sangalo informava, em seu *blog* e em comunicados à imprensa brasileira: “a pedido do próprio Daniel queremos deixar claro o desconhecimento das declarações vindas de um perfil na página do *Orkut* com o nome dele, haja visto a não existência nem hoje nem antes de um perfil do mesmo” (sic). E completou: “As declarações provenientes dessa fonte são definitivamente fora do nosso conhecimento e do nosso controle.”



Além desse perfil, diferentes *fakes* de Daniel Cady, com características pessoais, comunidades, fotos, recados, já circulavam pela rede de relacionamento, com discussões sobre a vida da cantora e de seu namorado, geradas a partir de informações declaradas pelos próprios *fakes*. Em alguns fóruns das comunidades, a notícia sobre a gravidez, e em seguida sobre o aborto, já haviam sido descartadas rapidamente. Esses perfis passaram em seguida a discutir a agenda de shows da musa do Axé Music e o carnaval de 2009. Nessas comunidades a comemoração era explícita, já que Ivete Sangalo podia voltar aos palcos e os fãs não teriam seus eventos festivos prejudicados.

Assim, nas redes sociais, se criam e alimentam identidades de indivíduos, celebridades ou não. Na rede as identidades são constantemente manipuladas, tomando formas diversas. Como afirma Bauman (2005, p. 19), “[...] as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta [...]”.

As formas identitárias no ciberespaço, ao se apresentarem de maneira nômade, na medida em que podem estar aqui, ali, sem as fronteiras impostas pela longa distância territorial, são múltiplas, quando se opta por ter vários perfis, verdadeiros, falsos ou mistos. Cada um agora pode e é estimulado a experimentar vários “eus” fluidos, porque percorre o ciberespaço de maneira livre. Esses “eus” são temporários, já que pode mudar com bastante frequência suas características. A cibercultura tornou o outro, esse indivíduo da linguagem, dos códigos e da cultura, muito mais complexo.

Essa análise discute o processo de liquefação dos “eus” e dos laços sociais na vida cotidiana. Aponta o tempo do desaparego, da provisoriedade, do processo de individualização; o tempo da liberdade, ao mesmo tempo em que é o da insegurança. Nas composições das identidades contemporâneas o sujeito é também

engendrado por um conjunto de acontecimentos que são vividos on e off-line, de maneira sequencial ou concomitantemente, numa profunda organicidade líquida, como chama Bauman (2001).

Assim, cada vez mais as identidades se constituem a partir de uma exterioridade, nos rastros deixados na internet, nas informações públicas encontradas nas redes sociais. Para Sibilia (2008, p. 90), fatores como a visibilidade e as aparências “[...] balizam, com uma insistência crescente, a definição do que é cada sujeito”.

A partir da visibilidade e disponibilidade de informações sobre o que são, ou o que querem ser, os participantes dessa rede social produzem uma antevisão, que acaba por intervir nas escolhas, comportamentos e ações presentes, tornando efetivo o que se antecipou. Tais antevisões não são, portanto, nem verdadeiras nem falsas, mas efetivas, performativas. Fernanda Bruno (2006) coloca que o próprio termo *perfil* (perfil), muito utilizado pelas redes sociais, expressa essa temporalidade da vigilância digital – um *pro-file* é um pré-registro, uma preordenação. São perfis digitais:

[...] espécies de duplos digitais ou simulações de identidades cuja efetividade não depende de vínculos profundos com os indivíduos a que correspondem, nem de um espelhamento fiel de uma personalidade ou caráter subjacentes. Ou seja, elas não *são* identidades “dadas”, mas *se tornam* “reais” ou “efetivas” na sua função antecipatória mesma, quando os indivíduos se identificam ou se reconhecem de algum modo no perfil antecipado, acionando desde então algum tipo de comportamento, cuidado ou escolha. (BRUNO, 2006, p. 6)

Percebe-se, portanto, que nessa condição de vigilância se compõem sujeitos de uma visão futura, um sujeito que será preparado, confeccionado, no sentido do futuro, pois o sujeito do presente já não interessa, já está ultrapassado, como um objeto descartável. (COUTO, 2009) São exatamente os processos de temporalidade e nomadismo que interessam na apreciação dos



efeitos sobre a produção das identidades, a experimentação dos “eus”, no *Orkut*.

A inserção de novas possibilidades comunicacionais, a conectividade, a troca de informações em rede, características do nosso tempo, demonstram que o sujeito já não se encontra localizado num único espaço-tempo, estável. Ele se encontra disperso, em vários bancos de dados, em mensagens eletrônicas, em diferentes pontos do ciberespaço. Neste sentido, esse movimento de temporalidade e nomadismo influencia a construção de uma outra maquinaria identitária, que dispensa atenção à interioridade dos sujeitos e amplia o processo de exteriorização das subjetividades contemporâneas. São das ações, comportamentos e transações eletrônicas que se tira ou se projeta as identidades. O que se observa nesse contexto é a possibilidade de tornar essas identidades mutantes como mais verdadeiras e evidentes, de se jogar com ela, até o “[...] limite último da transmutação, da metamorfose [...]”. (SANTAELLA, 2007, p. 97)

As identidades na cibercultura, nas redes sociais, on-line ou off-lines, são cada vez mais camaleônicas. No *Orkut*, além de camaleônicas, elas também são publicitárias, um brilho efêmero para um sujeito que vive da pulverização encantada e pavoneada de si mesmo. Como as identidades são mais ou menos inventadas, o *fake* se tornou o modelo ideal e cada vez mais reivindicado na ciranda dos intercâmbios.

Conclusões

Para algumas pessoas, os perfis *fakes* no *Orkut* podem ser insignificantes, uma fuga à realidade ou uma diversão sem grandes implicações. Para outras, podem ser o esconderijo de um criminoso envolvido nas tramas de violação dos direitos humanos na *rede*. Mas nem todo *fake* possui essas representações. Existem

aqueles – e aqui parece estar a ampla maioria – que experimentam outras identidades para demonstrar sentimentos, percepções, desejos, gostos que poderiam ser ridicularizados e promotores de constrangimentos na vida off-line, mas que são celebrados e festejados na dinâmica efêmera e plural da internet

Quando a mídia não especializada demoniza essas identidades cada vez mais fictícias causa, muitas vezes, aos pais, professores e educadores em geral, interpretações limitadas sobre o potencial de comunicação e de socialização das redes sócias, em especial, pelo imensa popularidade no Brasil, do *Orkut*. No entanto, numa atitude paradoxal, os próprios meios de comunicações e muitas empresas procuram a rede social para obter mais informações sobre os sujeitos que estão em noticiários televisivos em jornais impressos ou eletrônicos, para contratar, dar promoções ou demitir funcionários, ou simplesmente para bisbilhotar a vida das pessoas, que com seus shows na rede, já não são anônimas. Muitas até viram celebridades instantâneas. Assim, esses meios reconhecem o *Orkut* como um repositório de identidades mais íntimo e, principalmente, verdadeiro.

Na atualidade, somos, de muitos modos, resultados dos diversos discursos e contradições intrínsecas a cada experiência ou modo de ser. Nesse contexto, as identidades estão em constante construção, desconstrução e reconstrução. Isto nos permite concluir que vivemos a era das hibrididades, das identidades híbridas, onde não faz mais sentido classificá-las como “verdadeira” ou “falsa”. No ciberespaço ou na vida off-line as identidades são mais ou menos inventadas e as com-fusões são mais importantes que as definições limitadas e empobrecidas.

As hibrididades permitem a milhares de indivíduos a experimentação, a invenção, a redefinição e a exibição de múltiplas identidades sideralizadas e sideralizantes. As identidades na cibercultura ao serem assinaladas por uma instabilidade cons-



tante, influenciadas pela cultura horizontal da internet, passam a coabitar diferentes corpos, lugares e situações, o que desestabiliza o princípio da separatividade estabelecido pelos anacrônicos dualismos. A separação mente e corpo, homem e natureza, identidades verdadeiras e falsas, a vida on-line e a off-line, não mais se sustenta. Não existe separatividade, tudo agora esta relacionado, conectado, em renovação e dispersão contínuas.

A experimentação de “eus” no *Orkut* se constitui em mais uma fonte de socialização digital. Uma fonte privilegiada para ampliar e potencializar a comunicação instantânea, pois favorece os intercâmbios de si e de múltiplos outros em performances ininterruptas e criativas. O *Orkut* é uma rede fascinante de invenção e exibição de subjetividades, de diáfanos hibrididades.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- BRUNO, Fernanda. Dispositivos de vigilância no ciberespaço: duplos digitais e identidades simuladas. *Revista Fronteira: Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, RS, v. 8, n. 2, p. 152-159, maio/ago. 2006.
- CAMOZZATO, Viviane Castro. *Habitantes da cibercultura: corpos “gordos” nos contemporâneos modos de produzir a si e aos “outros”*. 2007. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- COUTO, Edvaldo Souza. Uma estética para corpos mutantes. In: _____; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. 2. ed. Porto Alegre: EDURGS Ed., 2009.
- FONSECA, Daisy Oliveira da C. Lima; COUTO, Edvaldo Souza. Comunidades virtuais: herança cultural e tendência contemporânea. In: PRETTO, Nelson De Luca. *Tecnologia e novas educações*. Salvador: EDUFBA, 2005.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

GIOIELLI, Rafael Luis Pompeia. *A identidade líquida: a dinâmica identitária na contemporaneidade dinâmica*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HINE, Christine M. *Virtual ethnography*. London; Thousand Oaks, Calif.: Sage, 2000.

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVEIRA, Rosa M. H. Identidades para serem exibidas: breve ensaio sobre o *Orkut*. In: SOMMER, Luís Humberto; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Org.). *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas, RS: Ed. da Ulbra, 2006. v. 1, p. 137-150

TURKLE, Sherry. *A vida no Ecrã: a identidade na era da internet*. Lisboa: Relógio D'água, 1997.



IMAGENS DE FAMÍLIA NA INTERNET: fotografias íntimas na grande vitrine virtual

Lígia Azevedo Diogo (UFF)

Paula Sibilia (UFF)

Sozinho no apartamento em que ela há pouco tinha morrido, eu ia assim olhando sob a lâmpada, uma a uma, essas fotos de minha mãe, pouco a pouco remontando com ela o tempo, procurando a verdade da face que eu tinha amado. E a descobri.

Barthes (1984)

Onde você ainda se reconhece: na foto passada ou no espelho de agora?

Vanessa¹ *Orkut*.

Introdução

Poucos dias antes de sua morte, em março de 1980, Roland Barthes publicou *A câmara clara: nota sobre a fotografia*, um livro no qual tenta descobrir “[...] o que é a fotografia ‘em si’, por que traço essencial ela se distinguia da comunidade das imagens.” (BARTHES, 1984, p. 12) O autor destacou nesse livro a existência de três perspectivas possíveis para se tentar entender a imagem fotográfica: a do fotógrafo, a do ser representado na ima-

¹Vanessa é um pseudônimo que criamos para preservar o nome verdadeiro da usuária do Orkut, cujo perfil usamos como exemplo neste artigo.



gem e a do observador da fotografia. Entretanto, Barthes optou por aprofundar apenas um desses pontos de vista e se debruçou na busca do sentido da fotografia a partir da sua posição de espectador, daquele que a olha, deixando totalmente de lado a visão do operador, do fotógrafo que capta a imagem, pois ele admitia não ser “sequer amador” nesse aspecto. Além disso, se deixou colocar apenas rapidamente na pele do “alvo”, do ser representado na imagem, já que, segundo ele próprio, “no fundo, o que encaro na foto que tiram de mim (a “intenção” segundo a qual eu a olho) é a Morte”. Já haviam se passado quase 150 anos da invenção da fotografia, mas o autor ainda se debatia ansioso à procura de uma resposta que lhe permitisse entender – sem se preocupar em soar repetitivo – o que, de fato, havia de diferente e “mágico” naquele tipo de imagem.

Seguindo os passos desse autor, também tentaremos neste artigo, correndo o risco de bater numa tecla gasta, descobrir um traço essencial, diferenciado e até mesmo “mágico”, de um dos usos que fazemos da fotografia há também, mais ou menos, uma distância de 150 anos. Apesar de o nosso foco não ser a fotografia “em si”, as reflexões de Barthes nos ajudarão bastante a entender o nosso objeto, pois se trata de algo indissociável daquilo que a fotografia *ainda* tem de único, daquilo que ela *ainda* é “em si”.

Aludiremos aqui às fotografias de família e aos álbuns que usamos para guardá-las e, mais particularmente, às novas fotografias e aos novos álbuns de família, em formatos provavelmente impensáveis na época em que Barthes escrevera, há pouco menos de 30 anos. Assim como ele, porém, optaremos por uma única perspectiva de análise, pois embora sejamos todos um pouco fotógrafos, sobretudo graças à praticidade das novas câmeras fotográficas, e também estejamos acostumados, nos dias de hoje, a ser alvo das mais diferentes formas de captura de nossas próprias imagens, tentaremos nos ater apenas à posição do observador.

Tanto certas características próprias da tecnologia da fotografia digital, que converte as imagens captadas pela câmera em dados informáticos, como as novidades trazidas pela “revolução da Web 2.0”, que transformaram a rede mundial de computadores num espaço de interatividade e criatividade, tornaram possíveis novas formas de relacionamentos entre as pessoas através de imagens. Ao mesmo tempo, contudo, algumas formas mais antigas de interação vêm desaparecendo, enquanto outras parecem estar sendo *apenas* reformuladas, ao receber uma nova roupagem tecnológica e a chance de se perpetuar com outros sentidos.

As fotografias de família, que fazem parte de um conjunto de formas de registros íntimos, tornaram-se há muito tempo objetos habituais para grande parte das famílias do mundo ocidental, sob os modos de produção e consumo capitalistas. Sem medo de exagerar, podemos dizer que esse tipo de fotografia tornou-se a maneira mais popular (tanto no sentido de mais barata e acessível, como no sentido de mais difundida) que as pessoas utilizam para se verem representadas em imagens, para verem pessoas do seu círculo íntimo representadas em imagens e para se relacionarem através de imagens. Essa interação, que tem como base esse tipo peculiar de fotografias – as de família – pode, inclusive, ultrapassar barreiras temporais e geográficas. Mas o modo como os familiares produzem, consomem, entendem e sentem seus registros em imagens vem mudando, em boa medida acompanhando o desenvolvimento tecnológico e a explosão da internet. Também vem se transformando a maneira de armazenar essas fotografias íntimas, e o “lugar” onde elas ficam guardadas.

No site de relacionamentos mais popular do Brasil, o *Orkut*, encontramos, com frequência, fotografias de família dos usuários, e muitas dessas imagens estão organizadas em “pastas virtuais” que recebem o nome de álbuns. Embora existam muitas fotografias e inúmeros álbuns nas páginas do *Orkut* que não pos-



suem esse caráter, não é difícil identificar aqueles cujo conteúdo é familiar. O próprio título dado pelo usuário ao seu álbum, por exemplo, já pode ser uma boa pista. Porém, apesar de chamarmos os objetos da mesma maneira, recorrendo a vocábulos e expressões semelhantes, o que queremos saber é o seguinte: será que esses álbuns de fotografias de família são apenas versões mais atuais daqueles que costumamos (ou costumávamos) guardar em nossas casas?

Para tentar responder a essa pergunta, efetuaremos uma abordagem comparativa entre os novos (mas já bastante populares) álbuns de fotografias de família disponibilizados na internet e esses outros mais antigos. Há, sem dúvida, diversas semelhanças entre esses dois formatos de álbuns. Afinal, ambos são destinados a armazenar um tipo de imagens que muitos consideram especial, e não seria difícil desenvolver uma pesquisa ressaltando a continuidade dessa prática, incorporando as mudanças introduzidas pelo desenvolvimento tecnológico como meros detalhes que não a afetam significativamente. Porém, como também são instigantes as diferenças e particularidades das novas imagens íntimas e do novo álbum, e das interações que eles propiciam e pressupõem, escolheremos neste texto um caminho capaz de ressaltar as discordâncias entre o álbum de família digital e aquele mais arcaico de fotografias de papel. Pois embora alguns hábitos pareçam sobreviver ao longo de períodos históricos diversos, ganhando certo ar de eternidade, convém desconfiar dessas permanências: muitas vezes as práticas culturais persistem, mas seus sentidos mudam.

Se olharmos com certo estranhamento para as supostas reformulações de práticas antigas, como os álbuns de fotografias de família, poderemos também dar um passo para entender esses modelos tecnologicamente reciclados como manifestações de um processo de transformações mais amplo e incitante. Uma série de

reconfigurações que estão se dando atualmente, não apenas ligadas às tecnologias, mas também às esferas sociais, econômicas, políticas e culturais do mundo contemporâneo.

Fotografias no *Orkut*: técnicas para se fazer conhecer

Para tentar entender algumas peculiaridades das fotografias de família que estão disponíveis no *Orkut*, e dos novos álbuns com conteúdo exclusivamente doméstico que encontramos online, abordaremos primeiramente a forma de utilização da fotografia pelos internautas cadastrados nessa rede de relacionamentos.

Como muitos sabem, o *Orkut* é um site que oferece aos seus usuários a possibilidade de interagir entre si através de páginas pessoais denominadas “perfis”, que cada participante constrói ao se cadastrar. O site existe desde 2004 e, embora não tenha sido criado no Brasil, transformou-se basicamente num espaço de sociabilidade para pessoas do nosso país: os brasileiros representam metade do total de usuários, cerca de 23 milhões de pessoas. Em sua página de abertura, mesmo quem não está cadastrado pode ler um texto que explica o que é o site e qual é o seu objetivo:

O *orkut* é uma comunidade on-line criada para tornar a sua vida social e a de seus amigos mais ativa e estimulante. A rede social do *orkut* pode ajudá-lo a manter contato com seus amigos atuais por meio de fotos e mensagens, e a conhecer mais pessoas. [...] Nossa missão é ajudá-lo a criar uma rede de amigos mais íntimos e chegados. Esperamos que em breve você esteja curtindo mais a sua vida social.

Geralmente, quando os próprios usuários explicam os motivos da sua participação no *Orkut*, os argumentos também costumam seguir a linha do trecho acima: afirma-se que o site é uma excelente maneira de conhecer pessoas, conhecer melhor as pessoas já conhecidas no mundo “real”, re-conhecer pessoas conhe-



cidas, mas afastadas por uma distância espacial ou temporal, ou conhecer pessoas novas. No entanto, cabe a pergunta: para que conhecer pessoas? Existem várias motivações possíveis e, segundo dados fornecidos pelo site, os dois principais interesses dos usuários que se cadastram no *Orkut* são a amizade, motivo explicitado por 53,20% dos participantes, e o namoro, manifestado por 17,69%.

Algumas questões são cruciais para entender o funcionamento desse site e o seu súbito sucesso. Como alguém pode se tornar conhecível? Como alguém se torna o que é na nossa sociedade? Como ser autêntico ou, pelo menos, parecê-lo? Essas perguntas podem ser difíceis demais de serem respondidas, ou podem suscitar múltiplas respostas, principalmente se não for proposto um recorte espacial e temporal no qual elas estejam inseridas. Por isso, talvez seja mais correto começar questionando o seguinte: como se fazer conhecer e como conhecer alguém pelo *Orkut*? Como expor quem se é no estreito espaço de um perfil? Como conseguir, através de uma página na internet, que os outros percebam o que há de diferente e especial em cada um?

Para que os participantes possam conhecer, re-conhecer ou conhecer melhor alguém, o *Orkut* disponibiliza diversas ferramentas. Primeiramente, existe um extenso questionário pré-formatado que permite a cada usuário manifestar e publicar, em sua página pessoal, várias informações e algumas opiniões pessoais sobre si. É importante ressaltar que ninguém é obrigado a preencher todas as lacunas e nem mesmo a dizer a verdade: cada usuário decide o que quer “confessar”, o que deseja mostrar e a quem deve ser mostrado. Nesse questionário, o espaço mais interessante para ser preenchido por quem quer se fazer conhecer talvez seja o quesito: “quem sou eu”. Entre os que optam por preencher esse campo, as maneiras escolhidas para se definir variam muito: há aqueles que são mais diretos e aludem às suas

características físicas e psicológicas, e os que escolhem uma poesia ou uma letra de música que, como uma espécie de enigma, sugere quem é ou como é o dono daquele perfil, mas deixa ao visitante o gostinho da livre interpretação.

A pasta de recados, o quadro de depoimentos, as mensagens recebidas, as comunidades as quais cada usuário pertence, os links para vídeos disponíveis no perfil também ajudam a construir a personalidade de cada participante do site. Poderíamos nos demorar muito mais descrevendo essas e outras opções para se tornar conhecível ou re-conhecível pelo perfil pessoal no *Orkut*. Mas o interessante é que entre todos os recursos – tanto escritos como visuais ou audiovisuais – utilizados para construir uma página capaz de refletir a identidade dos usuários (ou a maneira como eles querem ser vistos, ou aquilo que eles desejam parecer), a maioria dos participantes do *Orkut* decidem usar a fotografia como principal ferramenta. Para tanto, nos perfis pré-formatados existem duas modalidades: uma consiste em colocar uma foto no espaço para a imagem que identifica o perfil junto com o nome; a outra é pasta de fotografias.

Qualquer imagem pode ser escolhida para identificar um perfil: pode-se escolher uma fotografia de outra pessoa, de um astro de cinema, um desenho ou, inclusive, pode-se não publicar imagem alguma. Entretanto, a grande maioria das pessoas que participam do *Orkut* opta por mostrar uma fotografia de si mesmo. Essa imagem é inserida no canto superior esquerdo da página do usuário e costuma ser a primeira coisa a ser visualizada por qualquer um que entrar nesse perfil. Além disso, a fotografia será exibida em todas as formas de interação que o usuário realizar por meio do site: sempre que enviar uma mensagem, um depoimento ou um recado para outra pessoa, essa fotografia acompanhará o texto. Tanto é que, normalmente, esses textos não são assinados por tal motivo: basta ver a foto para saber de quem se



trata. Do mesmo modo, se alguém procurar no site pelo nome do dono de algum perfil, encontrará primeiro essa fotografia, que o ajudará – mais que qualquer outra ferramenta – a decidir se quer ou não entrar na respectiva página, ou se deseja ou não conhecer essa pessoa.

Apenas uma única imagem pode ser usada para identificar um perfil; o que, sem dúvida, é muito pouco. Porém, para aqueles que desejam mesmo se tornar conhecidos, conhecíveis ou reconhecíveis, em diversos ângulos e situações, há ainda uma “pasta virtual” com bastante espaço para colocar uma quantidade praticamente infinita de fotografias. Há pouco mais de um ano, essa pasta pode ser organizada dividindo as fotografias em subpastas intituladas “álbuns”, que podem ser nominadas pelos usuários de acordo com o tema comum a um grupo de fotos. Ao bisbilhotar os álbuns de fotografias recheados de imagens dos participantes do *Orkut*, é possível encontrar imagens do seu passado pessoal, de sua última viagem, dos seus amigos do trabalho, do seu rosto em primeiro plano ou de seu corpo inteiro. De acordo com as premissas que parecem vigorar nesse tipo de redes de relacionamentos, tendo acesso a todas essas imagens, torna-se difícil não reconhecer alguém, ou duvidar acerca do próprio desejo de ser amigo dessa pessoa ou mesmo de namorá-la. Então, nesse caso, vale o jargão “uma imagem vale mais que mil palavras”?

Cabe esclarecer, porém, que essa estranha mania nossa de reconhecer as pessoas através de fotografias não é tão recente: desde que a técnica da fotografia se popularizou, temos nos acostumado a lidar com a reprodução incontestável do que somos ou do que aparentamos ser. Mesmo a imagem digital oferecida pelas novas câmeras, aquela que costuma ser arquivada no *Orkut*, é um dos muitos frutos da mesma evolução tecnológica inaugurada com a câmara obscura, e logo intensificada pelo daguerreótipo, na busca incessante da captação cada vez mais fiel da realidade.

Essa pretensão de objetividade fez com que a imagem fotográfica rompesse com toda uma tradição de representações que a precederam, permitindo o surgimento de uma relação radicalmente nova entre a imagem e o objeto representado.

É por isso que a fotografia pode ser (e, de fato, tem sido) encarada como um documento que aponta para a preexistência do objeto que ela representa. Assim como ocorre com outros tipos de imagem, a fotografia fixa o objeto e o imortaliza; mas, diferentemente dessas outras modalidades, neste caso trata-se dos próprios objetos que se apresentam à nossa percepção, numa situação vista como radicalmente diferente do que ocorre em outros tipos de representação. Essa característica foi fundamental para que a fotografia se tornasse uma forma de reconhecimento pessoal das mais indiscutíveis para a sociedade moderna. Hoje, no *Orkut*, as fotografias continuam revelando essa importância, com sua capacidade para mostrar como as pessoas são ou como elas parecem ser.

Então, ao definir quem somos através de fotografias, estaremos mostrando o que de fato cada um é? Não. Mesmo a fotografia, que registra com uma certa objetividade as aparências físicas de alguém, pode fixar imagens muito diferentes de uma mesma pessoa. Existe uma infinidade de pecados que podem ser cometidos por um mau fotógrafo, e, por outro lado, há também uma variedade imensa de truques disponíveis na hora do clique da câmera, para garantir um bom resultado. O uso do foco, a escolha do enquadramento, a estabilidade da câmera, a compreensão da luminosidade, a percepção das sombras, a lente utilizada, o grau de angulação da câmera, todos esses recursos podem servir tanto para tornar a imagem de alguém muito melhor como muito pior.

Também convém lembrar que existem os indivíduos que se julgam (ou são julgados) fotogênicos e aqueles que “não sabem



posar". As pessoas fotografadas podem ainda recorrer a maquiagem, perucas, penteados, fantasias e roupas mais ou menos sofisticadas. Hoje em dia, os programas para editar as imagens no computador (o *Photoshop* é o mais famoso deles) permitem alterar as fotografias corrigindo imperfeições pequenas ou gritantes, desde manchas, espinhas, gorduras localizadas e celulites, até peitos muito grandes e narizes meio tortos. Assim, aquele que foi alvo da câmera pode cair também na mira do mouse, e ter a sua imagem retocada. Portanto, embora seja captada de maneira "objetiva", a imagem fotográfica possibilita que as pessoas se apresentem visualmente de infinitas formas.

Porém, se até aqui, ao aludirmos a todos esses recursos, apontamos apenas possíveis modos de aproximar, ou afastar, a imagem fotográfica de alguém da sua *real* aparência, é importante ressaltar que existe ainda uma possível discordância entre o que se aparenta ser e o que – realmente – se é. Costumamos dizer, inclusive, que raramente as pessoas são, "por dentro", exatamente aquilo que aparentam ser, "por fora". Talvez, por isso, "quem vê cara, não vê coração" seja um ditado tão popular.

Fotografia de família: um documento veraz

Existe um tipo específico de fotografia que parece capaz de registrar as pessoas de maneira mais próxima do que elas realmente são: as fotografias de família. Essas imagens vêm sendo produzidas há bastante tempo, sendo guardadas em álbuns e baús nas casas familiares. A aparente objetividade exalada pela imagem fotográfica foi um dos fatores importantes que contribuíram para a solidificação dessa prática do registro familiar em imagens, embora não tenha sido o único.

Os primeiros álbuns fotográficos de família surgiram na segunda metade do século XIX. Esse mesmo período foi marcado

por uma dinâmica social até então peculiar, na qual dois tipos de espaços foram se tornando cada vez mais diferenciados e separados: o público e o privado. Surgia, assim, a ideia de que os sujeitos só podiam ser “verdadeiros” ou “autênticos” em sua intimidade, no aconchego do lar e na companhia da família. O espaço privado foi valorizado nessa época, inclusive como detentor de uma superioridade moral, pois o homem moderno teria na família – e na construção, manutenção e valoração de sua intimidade – um dos pilares da edificação de sua própria subjetividade. O lar foi, desse modo, se transformando no lugar da autenticidade, onde as pessoas se sentiam protegidas e podiam ser elas próprias à vontade.

Pelo menos outros dois aspectos também são importantes, nesse sentido, e devem ser destacados. De um lado, essa época foi marcada por um forte impulso historicizante e um evidente apego à memória, que costumava ser tratada como “monumento”. Não só a memória social, política e cultural, mas também a memória individual, aquela que se cria e se recria nos exercícios de introspecção, e a memória familiar. É também nesse período que surge e se legitima a psicanálise, como um campo de saber privilegiado sobre os sujeitos e como uma técnica para o tratamento do mal-estar que afeta a cada indivíduo. Tanto a memória individual, explorada por meio da introspecção, como as relações familiares, são fundamentais para o diagnóstico e para o tratamento dos conflitos que a psicanálise se propõe a tratar.

Por outro lado, também foi nesse momento quando se acentuou o processo de dessacralização das imagens e das obras de arte, com o declínio do “valor de culto” que estas costumavam possuir. Como assinalou Walter Benjamin (1985), a fotografia e o cinema teriam sido cruciais nesse processo. Entretanto, não foi à toa que um único tipo de fotografia, sobre o qual o mesmo Benjamin escreveu, manteve a posse de um certo valor de culto: as



fotografias de rostos. Poderíamos afirmar, portanto, que nem todas as imagens perderam a sua “magia”, pois as fotografias de nós mesmos, com toda a pretensão de objetividade que delas emanam, e num contexto histórico no qual a intimidade, a família e a memória foram especialmente valorizadas, passaram a apresentar algo para além de si: uma espécie de “espírito” ou uma “aura”. Sobre essa vitalidade peculiar ou essa potência impressa na fotografia, Barthes (1984, p. 121) escreveu o seguinte:

A foto é literalmente uma emanção do referente. De um corpo real, que estava lá, partiram radiações que vêm me atingir, a mim, que estou aqui, pouco importa a duração desta transmissão, a foto do ser desaparecido vem me tocar como raios retardados de uma estrela. [...] E se a fotografia pertencesse a um mundo que ainda tivesse alguma sensibilidade ao mito, não deixaríamos de escutar diante da riqueza do símbolo: o corpo amado é imortalizado pela mediação de um metal precioso, a prata (monumento e luxo); ao que acrescentaríamos a idéia de que esse metal, como todos os metais da alquimia, está vivo.

Às imagens da família cabia a responsabilidade de manter “viva” a memória familiar. Algo que, a partir desse momento histórico, tornou-se mais importante para a construção das subjetividades que a vida pública, social e política. Assim, por mais de um século e meio, a imagem de família continuou possuindo uma certa aura, sendo cultuada no seio da família. Embora fossem meros objetos materiais, as imagens de família possibilitavam ao homem moderno uma conexão com o valioso passado e com a própria subjetividade. Tratava-se de pequenos portais que permitiam viajar no tempo e mergulhar na própria interioridade. Essas imagens concentravam duas instâncias que se mantiveram, de alguma maneira, possuidoras de “espírito” no difícil contexto da sociedade moderna: a família e a memória.

De qualquer maneira, para perceber as transformações que queremos apontar nas imagens de família, é preciso entender que

tanto a separação público-privado como a divisão do dentro-fora que constitui cada sujeito são invenções históricas e datadas, convenções que em outras culturas ou não existem ou se apresentam de formas diferentes, e que, mesmo entre nós, são bastante recentes.

Desde o surgimento da fotografia de família, até pouco tempo atrás, havia uma certa continuidade na forma como o espaço doméstico, a memória, a família, a construção introspectiva da personalidade e a preservação da intimidade eram valorizados. Hoje em dia, porém, essa dinâmica está se alterando sensivelmente. Já faz algum tempo que essas mudanças estão sendo delineadas. Há algumas décadas, por exemplo, o sociólogo norte-americano David Riesman parece ter percebido certos indícios que apontavam para essa mudança. Em seu livro *A multidão solitária*, publicado em 1950, esse autor diagnosticou uma “transformação do caráter” que estava começando a acontecer na sociedade naquele momento histórico: um deslocamento dos eixos em torno dos quais cada sujeito edifica o que é. Um deslizamento de “dentro” de si (*introduzido*) para “fora”, ou melhor: para tudo aquilo que os outros podem enxergar (*alterado*).

Álbuns de família: refúgio ou vitrine?

Retornaremos, agora, às questões formuladas logo no início deste artigo. O desenvolvimento da tecnologia da imagem digital e a força com que a internet tem se tornado parte de nossas vidas são alguns dos mais importantes fatores que possibilitaram mudanças significativas na maneira com que as pessoas produzem, consomem e valorizam as imagens de família. Os modos de armazenar essas imagens também mudaram, e a observação de alguns aspectos da transformação que os álbuns de família sofreram pode ser um bom caminho para compreender várias



reconfigurações que estão acontecendo na sociedade contemporânea.

As fotografias de família plasmadas no papel eram, com frequência, organizadas em álbuns: aqueles bonitos e pesados cadernos de capa dura que hospedavam entre suas páginas esses tesouros familiares. Após a popularização das imagens digitais, entretanto, houve uma evidente redução do uso desses álbuns de fotografias. Embora os materiais com os quais esses artefatos eram elaborados fossem dos mais diversos, embora os formatos e o grau de requinte desses álbuns de fotografias familiares tenham variado bastante, é possível apontar alguns atributos comuns e inerentes a todos eles:

- Materialidade e perenidade – Os álbuns de família eram bens materiais e palpáveis, cuja duração se julgava eterna. Embora pudessem ficar por muito tempo sem serem consultados, embora juntassem pó, ocupassem um espaço na prateleira e nos armários, embora não fossem objetos necessariamente úteis, as fotografias neles guardadas jamais correram o risco de serem jogadas fora. Longe disso, pois eram objetos que possuíam um grande valor para a família e, por tal motivo, eram passados, com muito cuidado, de geração em geração.
- Público-alvo restrito e definido – O valor desses álbuns só era reconhecido pelos familiares envolvidos e, com o tempo, também pelos amigos mais íntimos. Para todas as outras pessoas, essas imagens não tinham significado ou importância alguma. As imagens de família eram pensadas como um produto íntimo e familiar, produzido apenas para a satisfação dos anseios de um grupo restrito e bem específico de pessoas, no sentido de ver e rever imagens ligadas a seus afetos. O público-alvo desses álbuns, portanto, sempre foi constituído por um pequeno círculo

de pessoas, que, de vez em quando, sentavam-se na sala de estar para folhear as páginas e comentar as fotografias.

- Guardar como o objetivo fundamental – Os álbuns de família tinham como função principal a de ajudar a preservar a memória da família. Assim como, de certa forma, manter “próximos” os parentes afastados no tempo ou no espaço, e manter “vivos” os familiares que já tivessem morrido. Como constatara André Bazin (1991, p. 20): “Não se acredita mais na identidade ontológica de modelo e retrato, porém se admite que este nos ajuda a recordar aquele e, portanto, a salvá-lo de uma segunda morte espiritual”.
- Refúgio e proteção – Entre quatro paredes, no território reservado e aconchegante da família, os sujeitos modernos podiam desenvolver sua subjetividade e deixar que a sua personalidade se expressasse livremente, sem precisar usar máscaras ou se proteger da intromissão de olhos estranhos. As fotografias de família flagravam, muitas vezes, a expressão desta “verdade” dos sujeitos, motivo pelo qual os álbuns também operavam como “refúgios” para essa autenticidade. É por isso que, assim como as relações familiares, os sentimentos, os pensamentos e tudo aquilo que constitui a intimidade de cada um, os álbuns de fotografias familiares também deveriam ser mantidos sob proteção, separados dos perigos que poderiam ameaçá-los, fora das paredes do lar.

Já os álbuns de fotografias de família disponibilizados no *Orkut* possuem atributos diferentes. As ferramentas desse site que permitem aos seus usuários a organização das fotografias de suas próprias famílias em pastas dife-



renciadas apresentam outras características marcantes. Entre elas, podemos citar as seguintes:

- Virtualidade e descartabilidade – As fotografias armazenadas nesses álbuns da internet, assim como os próprios álbuns, são arquivos de dados digitais que não ocupam espaço algum nas casas das famílias e nem sequer nos computadores dos usuários. Vale ressaltar que “espaço”, nesse contexto do vocabulário informático, costuma ser sinônimo de “memória”. Por circular em no espaço intangível da internet, talvez seja possível afirmar que são álbuns de fotografia “virtuais”: embora existam, estão em outra dimensão espacial e jamais juntarão pó. Entretanto, assim como acontece com a maioria dos dados disponíveis on-line, tanto as fotografias de família disponibilizadas no *Orkut*, como os álbuns que as contêm, podem ser facilmente descartados pelos donos dos perfis. Com efeito, descartar fotografias, álbuns, recados, links ou amigos, e depois criar outros, é uma ação bastante comum entre os usuários dessa rede de relacionamentos.
- Público-alvo amplo e indefinido – Os álbuns de fotografia de família expostos no *Orkut* são criados para que, preferencialmente, um grande número de pessoas possa ter acesso a eles. A grande maioria desses álbuns está aberta para a visualização de qualquer um, o que significa um público potencial de 45 milhões de usuários cadastrados no site. Embora alguns donos de perfis limitem a visitação de seus álbuns apenas aos amigos de seus amigos, ou aos seus próprios amigos, convém esclarecer que o mais habitual é que cada participante possua centenas de pessoas cadastradas como “amigos”, portanto, essas opções de limitação de público também deixam

margem para que as fotografias sejam vistas por pessoas que certamente extrapolam o círculo familiar ou íntimo.

- Mostrar como o objetivo fundamental – Em concordância com o objetivo central e declarado do *Orkut*, que consiste em promover uma vida social mais ativa para seus usuários, permitindo que as pessoas se relacionem e se conheçam, o objetivo dos álbuns de fotografias existentes na página pessoal de alguém, assim como as outras ferramentas citadas anteriormente, consiste em ajudar o usuário a se tornar (re)conhecível pela máxima quantidade possível de pessoas. Por isso, neste novo contexto, ter um álbum de fotografias de família que passe despercebido é totalmente inútil, e sem dúvida indesejável.
- Vitrine – Os álbuns de fotografias de família expostos no *Orkut* pretendem trazer a “personalidade” dos participantes para a tela, mostrá-la aos olhos dos outros. De acordo com as reconfigurações que estão ocorrendo nos limites entre os espaços públicos e privados, hoje em dia, a importância de se preservar a intimidade de cada um parece estar em declínio. Algo bem diferente do que ocorria nos velhos tempos modernos, quando era primordial a proteção das quatro paredes do lar para poder exercer a própria individualidade e para construir uma subjetividade singular. Nos espaços virtuais do *Orkut*, as pessoas precisam ser vistas para poder realmente existir: precisam conquistar a visibilidade para “ser alguém”. Por isso, no perfil dos usuários dessa rede de relacionamentos, cada um só é aquilo que mostra de si.



Imagens de família na internet: um reflexo do que se é

Desde a abertura deste artigo, duas frases guiaram a nossa busca. A primeira delas, um depoimento de Roland Barthes, foi retirado do mesmo livro sobre fotografia que citamos em várias ocasiões ao longo destas páginas. Em busca do que é a fotografia em si, o autor “perambulou” entre fotos históricas, publicitárias e artísticas (todas imagens públicas) até a página 91 do seu livro, sem encontrar “[...] essa coisa que é vista por quem quer que olhe uma fotografia e que a distingue, a seus olhos, de qualquer outra imagem”. Foi só então que Barthes resolveu procurar esse “algo” da fotografia entre as imagens mais íntimas e especiais que ele possuía: as fotos de sua mãe, que havia falecido há pouco tempo. Após olhar uma a uma essas imagens, o autor reconhece, enfim, ter se deparado com o que vinha buscando tão intensamente. Em uma única fotografia de família, uma foto de sua mãe ainda criança, com cerca de cinco anos de idade, Barthes afirma ter achado tanto “a verdade” do que fora aquela mulher, pois “essa fotografia reunia todos os predicados possíveis de que se constituía o ser de minha mãe”, quanto a própria essência da fotografia:

Algo como a essência da Fotografia flutuava nessa foto particular. Decidi ‘tirar’ toda Fotografia (sua ‘natureza’) da única foto que existiu para mim, e tomá-la de certo modo como guia de minha última busca. Todas as fotografias do mundo formavam um Labirinto. Eu sabia que no centro desse Labirinto não encontraria nada além dessa única foto. (BARTHES, 1984, p. 110)

O que mais chama a atenção nessa descoberta é que, ao encontrar em uma única imagem a resposta para todas as suas perguntas, num livro ilustrado com outras 25 fotografias, o autor opta por não exibi-la. Apesar de ser um objeto fundamental para sustentar a sua tese, ele justifica a sua decisão de não mos-

trar a ninguém a foto de sua mãe: “ela existe apenas para mim” e “para vocês não seria nada além de uma fotografia indiferente”. Assim como os álbuns antigos, essa imagem era tão íntima e reveladora da verdadeira personalidade de sua mãe (e também da personalidade do próprio autor), que precisava ser preservada, oculta aos olhos dos intrusos e mantida num refúgio seguro. Além disso, ele sabia que essa valiosa imagem não faria sentido para os outros, para todos aqueles não ligados afetivamente a essa pessoa.

Barthes reencontrara sua mãe naquela imagem, mesmo que na época em que ela fora fotografada ele ainda nem existia e, claro, ainda não a conhecia: como ele poderia encontrá-la tão verdadeira naquela fotografia e reconhecê-la? A explicação é simples: aquilo que definia o que a mãe de Barthes tinha sido como pessoa era um “algo” pessoal, imutável, e que permanecera guardado “dentro” dela. Independentemente da idade daquela mulher, na época da sua morte ou quando ela tinha apenas cinco anos de idade, para registrar sua verdadeira personalidade, a fotografia precisava captar aquilo que vinha do “interior” de seu ser, não apenas o que podia ser facilmente enxergado na superfície de sua aparência física.

Sem dúvida, essa não era uma particularidade da família do autor, e nem de sua mãe, pois todos nós (e os nossos parentes e pessoas íntimas) também possuíamos uma existência interior, individual e fixa. Por muito tempo acreditamos na solidez das personalidades, em seu caráter denso, profundo e “interiorizado”. Ser alguém era algo tão permanente como aquilo que a imagem fotográfica preservava e, portanto, não é difícil supor que para Roland Barthes sua mãe tinha passado a vida inteira sendo uma mesma pessoa: essa pessoa única, singular e inconfundível. Por isso, uma fotografia de família, guardada por cerca de 100 anos, podia permitir que ela se mantivesse eternamente “viva” e reco-



nhecível, em toda a sua autenticidade. E, ainda, como o olho da câmera havia capturado e fixado no papel a verdade total e interior daquela mulher, então era preciso preservar essa fotografia, esse objeto tão valioso, não só para resguardá-lo dos perigos do tempo, mas também do olhar alheio. Assim como para “ser alguém” era preciso dispor de um refúgio protegido, para permanecer sendo alguém era preciso também ser resguardado.

Hoje, porém, parece que aquela transformação apontada por David Riesman, há mais de 50 anos, com o deslocamento daquilo que edifica a identidade de um sujeito de “dentro de si” para “fora de si”, está alcançando o seu auge e sua plena consumação graças à internet e à tecnologia da imagem digital. Vanessa, uma usuária típica do *Orkut*, tem 23 anos de idade e possui um perfil bastante visitado: 986 amigos, 7795 recados e 245 fãs. Vanessa disponibiliza 176 fotografias em sua página pessoal, divididas em nove álbuns, dos quais dois (intitulados “83 anos da vovó” e “Momentos: Pessoas: Histórias”) possuem imagens que, se fossem impressas em papel, estariam certamente nas prateleiras e baús da casa de sua família. A internauta tem o cuidado de colocar uma legenda em cada uma das fotografias que fazem parte desses álbuns on-line. Já no caso dos álbuns de fotografias familiares tradicionais, que eram folheados apenas por quem estava registrado naquelas imagens ou por aqueles que conheciam as pessoas fotografadas, as legendas podiam ser algo supérfluo. Entretanto, nem todos os visitantes da página de Vanessa — ou mesmo seus próprios “amigos” do *Orkut* — sabem, por exemplo, quem é sua avó, como são os seus outros familiares, ou como foi a festa de 83 anos da matriarca. Por isso, torna-se necessário o esclarecimento.

Chama a atenção, especialmente, uma das fotografias do álbum *Momentos: Pessoas: Histórias* e a sua legenda. Na foto é possível ver Vanessa sozinha, com aproximadamente cinco anos

de idade – curiosamente, a mesma idade da mãe de Barthes naquela fotografia essencial. Trata-se de uma foto que outrora já foi material e palpável, e certamente já esteve inserida em um álbum de fotografias de família na casa de Vanessa. Na legenda dessa imagem, encontra-se a segunda frase usada na abertura deste artigo: “onde você ainda se reconhece: na foto passada ou no espelho de agora?”.

Sendo o *Orkut* um espaço para se fazer conhecer, re-conhecer ou conhecer melhor determinadas pessoas, a pergunta sobre como, verdadeiramente, se fazer reconhecer, vinda de uma garota possuidora de um perfil bastante conhecido, é bastante intrigante. De um lado, Vanessa coloca a fotografia antiga de sua infância, “foto passada”, de outro, a sua imagem atual e instantânea: “o espelho”. Diferente da mãe de Barthes, que se manteve sempre reconhecível, Vanessa sabe que em uma dessas duas imagens já não é mais possível reconhecê-la. Se ela mostra a qualquer momento, para milhares de pessoas conhecidas e desconhecidas, a imagem do que ela é, o reflexo mais fiel da sua personalidade, através de sua página e de todas as ferramentas do *Orkut*, o que a torna alguém não é mais algo rígido e imutável, e não está mais guardado “dentro” de si.

O *Orkut* permite conhecer pessoas, e se fazer conhecer, mas também possibilita e estimula que seus usuários mudem, que deixem de ser aqueles que eram, que se reinventem o tempo todo. Ao atualizar o perfil, o usuário atualiza a sua própria personalidade: muda e se re-faz. O site promove, assim, o encontro entre personalidades instantâneas e mutantes. Nesse contexto, torna-se mesmo difícil conseguir se reconhecer em alguma coisa fixa e estável como uma fotografia antiga de papel. Assim como não há estabilidade e durabilidade para as personalidades contemporâneas, também não faz sentido haver para a fotografia, mesmo para as fotografias de família.



Por tudo isso, não surpreende que os novos álbuns familiares tenham deixado de ser objetos materiais duráveis, que eram guardados *eternamente*, e se tornaram uma espécie de vitrine. Agora são visíveis para o máximo de pessoas possíveis, e além disso se encontram em constante transformação. Vanessa, talvez como um exemplo do que estamos nos tornando, não seria mais um sujeito dotado de uma essência interior densa e dura, que a marcará e a individualizará ao longo de toda sua vida, mas alguém que é o que aparenta ser “por fora”, uma silhueta ou um perfil definido pela sua imagem moldável.

Curiosamente, Vanessa é um dos usuários que optou por preencher o campo “quem sou eu” do seu perfil colocando um enigma como definição do que ela é. A jovem escolheu Bertold Brecht como seu porta-voz, e cita um parágrafo do autor. Para além das aspas da citação, porém, Vanessa dá uma importante pista a quem quiser conhecê-la. Ela enfatiza uma frase do trecho citado, repetindo-a: “Nada é impossível de mudar”. De fato, é pouco provável encontrar, nas imagens dessa usuária do Orkut, algo estável que a torne uma pessoa: nada disso emana das 176 fotografias disponíveis em sua pasta virtual, incluindo as diversas fotos de família de seus álbuns on-line. Talvez porque Vanessa é como aquilo que ela mostra ser: algo que pode e deve mudar, um ser instantâneo e fugaz como seu próprio reflexo no espelho.

Referências

ACCIOLY, Maria Inês; BRUNO, Fernanda. Second life: vida e subjetividade em modo digital. In: FREIRE FILHO, João; HERSCHMMAN, Micael (Org.). *Novos rumos da cultura de mídia*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 281-289.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAZIN, André. *O cinema: ensaios*. Tradução Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas, v. 1)

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Esquecer em tempos de tecla “save”: na era da informação em tempo real, porque temos tanto medo de não lembrar? *Trópico*, 2008. Disponível em: <<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2952,1.shl>>. Acesso em: 17 set. 2009.

ODIN, Roger (Org.). *Le film de famille*: usage privé, usage public. Paris: Librairie des Méridiens Klincksieck et Cie, 1995.

RIFKIN, Jeremy. *A era do acesso*: a transição de mercados convencionais para networks e o nascimento de uma nova economia. São Paulo: Makron Books, 2001.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público*: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SIBILIA, Paula. *O show do eu*: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico*: a opacidade e a transparência. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.



“POR FAVOR, AULA HOJE NÃO!¹: “ o *orkut*, os professores e o ensino²”

Leila Mury Bergmann (UFRGS)

[...] Essa busca de mais “realidade” através do virtual convive com as experiências de pura simulação, através de máquinas que funcionam não mais como próteses de nossos olhos e ouvidos (como os equipamentos de vídeo e de som), mas como próteses de nossas mãos: o controle remoto, a magia do mouse, as telas táteis, os capacetes de visão – tudo o que Philippe Dubois chama de “dispositivo de frustração” –, contraditoriamente, buscam oferecer ao usuário um modo de “tocar a realidade”. (FISCHER, 2006, p. 11)

Introdução

Ao organizar o material e as ideias com que pretendia compor o presente artigo, veio-me à mente essa citação da supervisora do meu Projeto³ que reproduzo, em parte, como epígrafe do texto, uma vez que o desejo e a necessidade de “aprisionar” a materialidade dos enunciados virtuais – presentes em minha pesquisa acerca das Comunidades do *Orkut* – funcionaram como

¹ Título de uma das Comunidades do Orkut, na categoria “escolas e cursos”. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=53358>>.

² Este texto, com pequenas modificações, encontra-se nos Anais da 30ª Reunião da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), 2007, intitulado Tomara que o professor falte!: O Orkut e a vida escolar.

³ O Projeto, *Representações dos professores e da escola no Orkut*, refere-se às Comunidades sobre os professores e escolas criadas no Orkut – especialmente àquelas que se destinam a expressar violentamente o descontentamento dos alunos frente a seus mestres e às instituições escolares.



“combustível” para que fosse desencadeado o processo que resultou na realização de um pós-doutorado júnior⁴ sobre o tema.

Assistimos, nos últimos anos, a um cenário cada vez mais familiar de avanços tecnológicos nas áreas de computação e comunicação. Tais avanços ficam mais visíveis através das redes computacionais, das quais a internet, de alcance mundial, é certamente a mais conhecida. Nesse sentido, esse trabalho, um resumo e parte da minha pesquisa, apresenta questões que considero relevantes para os estudos relacionados a um tipo de mídia eletrônica, o *Orkut* – rede social construída virtualmente com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos –, particularmente as suas Comunidades⁵ as quais mostram de forma “negativa” os professores e a escola de maneira geral. O estudo aponta para uma ampliação das funções formadoras da mídia, aqui representada pelo acima referido site de relacionamentos que permite ao internauta ter sempre – a um clique do mouse – uma enorme lista de amigos, Comunidades e informações que o usuário coloca em sua ficha pessoal, de acesso público.

A priori, concordo com a afirmação de que a mídia não apenas veicula, mas constrói discursos e produz significados. Nesse ponto, é necessário esclarecer que o termo *discurso* está sendo trabalhado numa concepção foucaultiana, na qual o filósofo francês, Michael Foucault, argumenta que o discurso não pode se resumir ao mero ato de fala ou mesmo ao ato enunciativo (o

⁴ Processo nº 151651/2006-0 – PDJ, com o apoio do CNPq, realizado junto ao grupo de pesquisa do Núcleo de Estudos de Mídia, Educação e Subjetividade (NEMES), Departamento de Estudos Especializados (DEE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob a supervisão da Profa. Dra. Rosa Maria Bueno Fischer, no período de outubro de 2006 a setembro de 2008.

⁵ Além de estabelecer a ligação de um usuário a outro, o Orkut permite a construção de Comunidades com temáticas diversas: algumas privilegiam a discussão sobre um autor, um escritor, um pintor, passando por aquelas sobre times de futebol, grupos musicais, escolas, até as que contemplam ou compartilham preferências e hobbies, como “Amo Chocolate”, “Eu odeio acordar cedo”, entre milhares de outras.

conceito de enunciação para Foucault, sim, estaria mais próximo a essa ideia). O(s) discurso(s) para Foucault não está (estão) localizado(s) num campo de exterioridade em relação aos objetos que, supostamente, eles descreveriam. Antes disso, os discursos constituem-se enquanto “práticas que formam sistematicamente [ou não] os objetos dos quais falam”. (FOUCAULT, 2000, p. 56)

Dessa maneira, observando a abrangência da “febre do *Orkut*”⁶, cresce o interesse, sobretudo de pesquisadores da área da Educação e da Comunicação, a fim de tentar compreender o que faz com que os alunos criem Comunidades do tipo “Mate aula antes q ela te mate!”⁷ (com 165.369 membros) e lá escrevam de um modo agressivo seu repúdio à escola em geral. Antes de prosseguir esta introdução, faz-se necessário pontuar algo fundamental a respeito da materialidade dos enunciados pesquisados no *Orkut*, já que, conforme nos lembra Fischer (1996, p. 123), ao analisarmos textos da mídia (particularmente os *scraps*⁸ no *Orkut*), devemos ter claro que estamos lidando, primeiramente, com um campo ainda novo, cuja característica fundamental é de não se constituírem como materiais produzidos com fins restritos. Antes disso, trata-se de textos que pretendem atingir o maior número possível de pessoas. Segundo a autora, é exatamente este o seu objetivo: “fazer circular amplamente discursos cuja origem também é difusa, múltipla e às vezes de difícil localização”. Já na epígrafe do livro *Sociedade midiaticizada*, organizado por Moraes (2006, p. 5), Ryszard Kapuscinski escreve um “alerta” a esse respeito, afirmando que hoje estamos vivenciando duas histórias distintas: “A de verdade e a criada pelos meios de comunicação. O

⁶ Reportagem de Valentina Marques da Rosa, intitulada *A febre do Orkut*, publicada no jornal *Zero Hora*, 23 dez. 2006.

⁷ Criada em 4 de novembro de 2004. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=685121>>. Acesso em: 2 mar. 2009.

⁸ *Scraps* são as mensagens ou recados deixados seja em um perfil individual, seja nos tópicos de discussão das Comunidades.



paradoxo, o drama e o perigo estão no fato de que conhecemos cada vez mais a história criada pelos meios de comunicação e não a de verdade”.

Ainda assim, mais importante do que o questionamento da “veracidade” dos textos, das informações ou mesmo das características dos usuários do *Orkut* (se é homem, mulher ou se é alguém “inventado” por algum membro que também “navega” no site), é justamente entendê-las como o *efeito* de um conjunto de práticas que, já há algum tempo, tencionam profundamente os domínios tanto da escola como o das novas tecnologias. Nesse sentido – e daí a importância de nos determos nesse tipo de material – é que a força e a “verdade” contidas nos meios de comunicação são ampliadas “de uma forma radicalmente diferente do que sucede a um discurso que, por exemplo, opera através das páginas de um livro didático ou de um regulamento disciplinar escolar”. (FISCHER, 1996, p. 124)

Quando o *Orkut* surgiu, em 22 de janeiro de 2004, essa própria condição da mídia como produtora de verdades mereceu atenção especial e questionamentos a respeito do mito da “verdade verdadeira”, da “verdade das verdades”, visto que uma das “exigências” para entrar no site diz respeito justamente à “veracidade” das informações que o usuário coloca em sua ficha pessoal, de acesso público⁹. Por mais que essa exigência acerca da veraci-

⁹ Conforme a reportagem da *Folha de São Paulo*, Orkut é o paraíso da enganação virtual, publicada em 15/11/2006: “Segundo Eduardo Honorato, pesquisador do Centro Universitário Luterano de Manaus, 46% das pessoas acessam o site mais de uma vez por dia e, em grande parte dos casos, a quantidade de contatos virtuais é superior à de amigos reais. Baseado em um questionário respondido por 480 usuários, Honorato descobriu que 53% dos entrevistados disseram possuir uma lista com mais de 100 pessoas no site de relacionamentos, e que o número de amigos de verdade de 30% dos pesquisados não ultrapassava o de 20 colegas. Chamados fakes ou bogus, os perfis falsos podem servir como uma representação do que a pessoa gostaria de ser, se vivesse em um mundo sem regras.”. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u20986.shtml>>. Acesso em: 10 mar. 2007.

dade das informações exista, não há como ter certeza de que os usuários procedam dessa forma quando lançam seus perfis. Ocorre que a pessoa se sente “mais popular” e estabelece relações com desconhecidos, combinação que transforma o site em um paraíso para os mentirosos. Encarnar um personagem é um expediente bastante usado para esconder a identidade de usuários racistas e de “bisbilhoteiros” no *Orkut*. Contudo, é justamente por entender tais falas – que se multiplicam a cada dia no *Orkut* (e em outros espaços) – possuem *efeitos* de discursos mais amplos, que este trabalho não teve como foco o questionamento acerca das informações (se “verdadeiras” ou não) contidas no perfil de cada um dos participantes.

De toda forma, os dados coletados e as análises feitas oferecem um conjunto de problemas relevantes para melhor compreender as diversas concepções que tomam forma na interseção professor/*Orkut*/escola.

Considerações gerais sobre a pesquisa

Ao analisar as Comunidades criadas no *Orkut* que se referem a professores – sobretudo aquelas que se dedicam a promover críticas, muitas vezes violentas, sobre sua figura –, abordo, muitas vezes, temas relacionados à expressão “a escola frente às novas tecnologias”. Assim, ao descrever de que maneira, nesse espaço virtual, os *scraps* presentes nessas Comunidades participam ativamente na construção das narrativas sobre professores e escola, estabeleço algumas relações a fim de ampliar as discussões entre as análises dos possíveis “motivos” dos registros dos alunos no *Orkut* acerca das representações da figura do professor e da escola.

A partir dessas questões levantadas, inclusive considerando sua complexidade, trago algumas reflexões no intuito de que possam contribuir para o campo da Educação e das *novas*



tecnologias. Direciono o meu trabalho à luz dos *Estudos Culturais*, um campo de estudos que considera a cultura como central e constitutiva de/em todos os aspectos da vida social, procurando dar ênfase às análises que tomam a pedagogia como fenômeno cultural abrangente e complexo, a qual se concretiza tanto no âmbito das instituições e instâncias estritamente educativas quanto em outros territórios e artefatos do mundo contemporâneo. Entre os objetos de estudo privilegiados, destacam-se a escola, o currículo e a avaliação, bem como a *mídia*, a arte, a ciência e as novas tecnologias. Também se analisam, nessa vertente, as políticas culturais de *identidade*, os processos de *subjetivação*, os regimes de representação de diferentes grupos, além das formas como artefato e práticas culturais que operam na concretização de suas pedagogias. Ressalto ainda que a leitura realizada sobre a teoria à disposição se fez, portanto, subordinada a todos os fatores pessoais que costumam influir na percepção que cada leitor faz da obra de um autor. Conforme sugere Fischer (1996, p. 58):

Aí estará nossa humilde originalidade, nosso exercício criativo, nossa contribuição à academia e, principalmente, à sociedade. Mais do que repetir autores, citá-los no original, mostrar desenvoltura na compreensão e exposição de seus achados teóricos, nossa tarefa principal, como pesquisadores, será mostrar que certos conceitos são produtivos, que nos deixamos sujeitar por tais e tais autores para inclusive questioná-los, para submeter suas concepções a um empírico que fervilha em novas possibilidades de compreensão. Esse manejo dos conceitos e, principalmente, dos dados, é extremamente produtivo.

Nessa perspectiva, ao debruçar-me sobre o tema escolhido neste artigo, considero tarefa bastante complexa e, ao mesmo tempo, instigante, mergulhar na empreitada de pesquisar e estudar um assunto que não esteja diretamente ligado à minha formação em Letras, uma vez que, ao adentrar em outras *searas*, foi

possível descobrir novos autores em outros campos de saber (Comunicação, Filosofia, etc.). A vontade de escrever algo a respeito das representações dos professores e das escolas no *Orkut* e seu impacto sobre múltiplas facetas no que diz respeito à educação contemporânea surgiu no momento em que inúmeros colegas (professores) teceram comentários a respeito desse assunto. Passei a perceber que vários professores ficaram receosos de entrar em sala de aula ao verificarem que os seus nomes estavam em Comunidades do tipo “Eu odeio o professor [...]”, criadas por alunos. Conforme nos lembra Zuin (2008, p. 91-92):

Atualmente, a paciência dos alunos parece diminuir cada vez mais, de modo que não conseguem mais protelar a vingança. Pois a paciência diminui à mesma proporção que eles encontram canais para manifestar sua insatisfação em relação aos professores, sejam eles reais tais como as pichações que se disseminam nos muros das escolas, que não fortuitamente se assemelham cada vez mais a prisões, sejam eles virtuais, tal como no caso do sítio de relacionamentos Orkut.

Conforme Giroux (1995), levar em consideração a prática da vida cotidiana não significa privilegiar o pragmático em oposição à teoria, mas ao contrário ver essa prática inspirada em considerações teóricas reflexivas e, ao mesmo tempo, transformadora da teoria. Nesse sentido, entendo que “[...] a teoria tem que ser feita, tem que se tornar uma forma de produção cultural; ela não é um mero armazém de *insights* extraídos dos livros dos ‘grandes teóricos’”. (GIROUX, 1995, p. 97, grifos do autor)

Cultura, mídia e novas tecnologias

Na visão de Orozco Gómez (2006), inúmeras são as mudanças no plano educacional provocadas pelas mídias e pelas novas tecnologias. O autor ressalta de que forma, há alguns anos, o professor era o detentor do conhecimento, na medida em que ele



(e o livro) representava o – por vezes inquestionável – saber. As crianças e os jovens iam à escola para aprender. Hoje, porém, é possível observar uma subversão, digamos assim, das hierarquias tradicionais de ensino, já que os alunos “questionam o professor, questionam seus saberes enciclopédicos, esvaziados de significado”. (OROZCO GÓMEZ, 2006, p. 96) Assim, além de enfrentar esse novo desafio em sala de aula (de alunos, por vezes, com acesso a mais informações do que o próprio educador), o professor precisa também saber fazer uso das novas tecnologias.

A esse respeito, durante o *II Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade*, em setembro de 2006 (PUC-RJ), Abreu (2003) apresentou sua tese de doutorado intitulada *A internet na prática docente: novos desafios e conflitos para os educadores*. Em sua pesquisa, a autora (que realizou diversas entrevistas sobre esse tema com professores do ensino fundamental e médio) constatou o quanto a “[...] introdução dessas novas tecnologias no ambiente escolar parece ser uma fonte de conflitos pessoais, tensão e sofrimento para esses profissionais”. (ABREU, 2003, p. 5) Entre os novos desafios gerados pela difusão da internet, Abreu (2003) cita o receio desses professores “[...] em relação à estabilidade de seus empregos, com medo de serem substituídos ou excluídos do mercado de trabalho em educação por máquinas ou por professores mais jovens que dominam sua operação”.

No meu entender, isso está ocorrendo pelo fato de a escola não estar conseguindo, em geral, “dar conta” e acompanhar a rapidez de tantas mudanças tecnológicas proporcionadas por novos saberes cada vez mais complexos. Como consequência, alguns professores terminam ora “relutando” em usar o computador, ora vendo-o de uma forma negativa, como se ele estivesse, de certa maneira, “competindo” ou “concorrendo” com o ensino mais *tradicional*. Nessa lógica, Fischer (2006, p. 9) ressalta que:

Cada vez que uma nova tecnologia de comunicação surge, cada vez que uma nova máquina de imagens se impõe, ela chega como moda e novidade e parece colocar na sombra “máquinas” anteriores: em seqüência, é o que aconteceu com o surgimento da fotografia, do cinema, da televisão, do vídeo, da imagem digital e da informática.

Assim, frente a essa situação, as instituições educacionais – e o professor em particular – necessitam não apenas incorporar as novas tecnologias como conteúdos do ensino, mas principalmente reconhecer e partir das concepções que os jovens têm sobre tais tecnologias para elaborar, desenvolver e avaliar práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento de uma disposição reflexiva sobre os conhecimentos e os usos tecnológicos. É certo que essa não é uma questão fácil de resolver, já que na prática muitos alunos estão ainda numa fase da vida de deslumbramento e curiosidade. Eles não têm, em geral, organização e maturidade para se concentrar em um só tema durante uma hora. Então, terminam abrindo mil páginas ao mesmo tempo, deixando-se naturalmente seduzir por certos temas musicais ou eróticos, conforme a sua idade. E esse conjunto de questões dificulta o trabalho com um tema específico.

Desse modo, a tecnologia pode ser útil para integrar tudo o que se observa no mundo, no dia a dia e para fazer disso objeto de reflexão. Pensemos nas próprias Comunidades criadas pelos alunos no *Orkut* falando mal dos professores. Interessa trazê-las à baila, fazer essa ponte, mostrando os conteúdos (os *scraps* postados por alunos) e devolvendo-os de novo ao cotidiano, à sala de aula, possibilitando, dessa forma, a interação e o debate entre alunos e professores. Nas palavras de Silva (2001, p. 37):

Vale dizer que precisamos estar atentos para a urgência do tempo e reconhecer que a expansão das vias do saber não obedece mais a lógica vetorial. É necessário pensarmos a educação como um caleidoscópio, e perceber as múltiplas possibilidades que ela pode nos apresentar, os diversos olhares que ela impõe, sem contudo, submetê-la à tirania do efêmero.



Orkut/comunidades/*scraps* – retratos e recortes da vida escolar

Bauman (2003), ao abordar o tema “Comunidades”, relaciona as mesmas à palavra “segurança”, referindo-se ao que as pessoas procuram nos dias de hoje. Uma adolescente de 14 anos afirmou¹⁰ que “[...] o Orkut é a pracinha de hoje em dia. Ao invés de irmos para as ruas, estamos todos plugados no Orkut”. Seguindo o pensamento da garota (que diz inclusive ter parado de fazer programas ao ar livre para ficar em casa), os jovens procuram o mundo virtual dos computadores para fugir da violência urbana. “Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na *comunidade*, podemos relaxar – estamos seguros”. (BAUMAN, 2003, p. 7, grifo nosso) Está claro que o autor não se refere especificamente às Comunidades existentes no *Orkut*. No entanto, estas últimas possuem a mesma conotação de ser *algo bom*, além de remeter à noção de pertencimento, de grupo identitário; enfim, de “marcas” que escolhemos, pois, conforme Silveira (2006, p. 11), no *Orkut*:

Podemos pertencer a comunidades, sem jamais participarmos de qualquer conversa da mesma – a questão central é o que ela diz sobre nós aos outros que visitam nossa página, e o conjunto das comunidades a que pertencemos (praticamente sem limite de número – 10, 20, 30...) mapeia esta identidade virtual.

Existem milhares de Comunidades no *Orkut*. Em minha pesquisa, como já explicitado anteriormente, optei por uma breve análise daquelas que falam de um modo, digamos, pejorativo, sobre professores e escola. Em razão de serem muitas, estabeleci alguns critérios para a seleção do corpus: fizeram parte da escolha

¹⁰ Refiro-me ao artigo *A febre do Orkut*, publicado em *Zero Hora* (Porto Alegre), sábado 23/12/2006.

de materiais aquelas Comunidades que possuíam o maior número de membros e que sugeriam futuras reflexões profícuas. A partir da escolha dessas Comunidades, selecionei tópicos de discussão que continham, no mínimo, mais de dez participações – ou seja, as que mostravam um número mais razoável de participação de seus membros. E, por fim, a seleção dos tópicos de discussão foi feita também com base no fato de oportunizarem debates que pudessem contribuir significativamente, enriquecendo o trabalho. Partindo desses critérios iniciais, e lembrando o caráter provisório dessa seleção – tendo em vista o fato de que novas Comunidades e tópicos surgiram (ou mesmo desapareceram) no decorrer da pesquisa. Além das Comunidades já mencionadas, acompanhei, entre outras, as seguintes: “Galera do Fundão”; “Eu não mato aula ela q me mata”; “Odeio estudar... Adoro Escola”; “Eu odeio professor frustrado”; “Chega de aulas medíocres”; “Assina a chamada pra mim”; “Já COLEI na Prova”; “Tenho q estudar. Mas to na NET!”; “Tomara q o professor falte”¹¹ e “Odeio professora mal-comida”.

Para servir de ilustração a essas Comunidades, o criador seleciona ou a foto do professor ou alguma outra imagem que o “represente”. Buscando ofender e ridicularizar a figura do docente, imagens de animais (burro, macaco), bruxas, caveiras ou até mesmo com algum desenho pornográfico parecem ser as preferidas. “O Orkut (com suas respectivas comunidades virtuais) é, atualmente, um dos principais ‘espaços’ utilizados pelos alunos para poder objetivar aquilo que verdadeiramente pensam em re-

¹¹ Há um tópico nessa Comunidade, intitulado “qual professor vc torce para faltar”? que obteve 718 scraps... A maioria dos tópicos não obtém muitas respostas, pois em geral aparecem apenas 1 ou 2 comentários. Assim, ao observar essa quantidade de scraps, percebe-se, nas falas dos alunos, “a decepção decorrente da ausência de correspondência entre a imagem que tinham do professor e a forma como ele se comporta em sala de aula”. (ZUIN, 2008, p. 99-100)



lação a seus mestres.” (ZUIN, 2006, p. 2) Nesse sentido, é possível observar o quanto as “chamadas” para essas Comunidades, convidando os amigos a entrarem e a dela fazerem parte são, no mínimo, agressivas: “Se você já perdeu a paciência com aquela professora ou professor que é mal-comido (ou não comido), e que parece que nasceu pra encher o saco, essa é a sua comunidade! Vamos nos ajudar, e juntos, ajudar esses professores carentes de sexo”.

Já em Comunidades como “Quem não cola ã sai da escola”¹², que possui 1.663.704 membros, os alunos que entram e participam criam tópicos do tipo: “O que você mais odeia nas aulas da [...]?” ou “O que vocês costumam fazer na aula da [...]?”. As respostas escritas (os *scraps*) são, em geral, bastante desrespeitosas e ofensivas, incluindo palavrões, mensagens irônicas e depreciativas. Conforme observa Jeffrey Weeks (apud BAUMAN, 2003, p. 91-92, grifo nosso):

O mais forte sentido de comunidade costuma vir dos grupos (no caso aqui, dos alunos) que percebem as premissas de sua existência coletiva *ameaçadas* e por isso constroem uma comunidade de identidade que lhes dá uma sensação de resistência e poder. [...] O resultado é com frequência um particularismo obsessivo como modo de enfrentar e/ou lidar com a contingência.

Em outras palavras, essas “ameaças” não raro estão representadas nas provas e avaliações que os professores realizam em sala de aula. De certa forma, a “sensação de resistência e poder” dos alunos parece estar vinculada à criação de uma Comunidade que possui tópicos com “dicas de cola” aos participantes...

Interessa também pontuar aqui o fato de que, às vezes, nessas Comunidades sobre escola – supostamente criadas pelos alunos – no meio dos *scraps* dos estudantes, aparece um *scrap* de

¹² Comunidade criada em 24/01/2004. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=864>>. Acesso em: 3 mar. 2009

algum professor. Assim, se o leitor estiver acompanhando os registros e lendo as queixas dos alunos, “sente” um “corte” no texto. Por exemplo, na Comunidade “Chega de aulas medíocres”¹³, há um tópico intitulado “Que matéria deveria sumir?”, no qual aparecem diversas respostas de alunos criticando as matérias; inclusive há um *scrap* que diz: “*Todas, eu odeio estudar... nasci pra viver de herança...*”. De repente, em meio aos textos dos estudantes, lê-se: “*Legal essa comunidade!!! Adorei essa comunidade, sou professora, mas concordo que alguns professores são medíocres (sic) (espero q todos saibam o significado desta palavra). Só quero informar que tem gente boa por aí, vejam o exemplo da comunidade de professores de química, tem 514 membros, todos preocupados em dar uma educação legal!!! Pra quem não detonou a química, valeu!!! Pra quem detonou é pq não tiveram um (sic) bons professores! Abraços, Beth*”.

Em momentos como esse – que parece mais uma “invasão” da parte do professor, nota-se um certo “desconforto” e até mesmo um silenciamento, visto que os alunos demoram um pouco para responder. Na maioria das vezes, os estudantes ignoram essa “enturmação” um tanto forçada do professor e partem para a escrita de novos tópicos, sem comentar o que o mestre, “intruso”, postou. Recorro às palavras de Bauman (2003, p. 10) para refletir a respeito dessa postura dos alunos: “Você quer segurança? ...Não confie em ninguém de fora da comunidade. Você quer entendimento mútuo? Não fale com estranhos...Você quer proteção? Não acolha estranhos”... (no caso, o professor que invadiu a Comunidade dos estudantes).

Todavia, assim como há professores que aparecem tentando se defender das críticas, existem, também, aqueles que entram nas Comunidades com a intenção de brigar e provocar os alunos

¹³ Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=67195>>. Acesso em: 2 mar. 2009.

chamando-os de “burros, ignorantes, etc.” como, por exemplo, no seguinte scrap¹⁴: *“Vocês são um bando de derrotado (sic) ... perdedores... não conseguem pensar, não sabem ler e muito menos escrever... Cambada de recalçado... VOCÊS É que SÃO um LIXO... MEDIÓCRES... Bando de patricinha e mauricinho... Vão estudar e parar de ler Contigo... RETARDADOS!!!!”*. A esse respeito, ou seja, a essa tentativa de ameaça (e de “defesa” do professor) concordo com as palavras de Zuin (2006, p. 3) ao afirmar que:

A gradual permuta das punições físicas pelas psicológicas nos ambientes escolares porta consigo uma ambigüidade, pois se, por um lado, a construção simbólica da punição contém em si um caráter progressista em relação à física que pode, em certas ocasiões, reverter na morte do agredido, por outro lado, a dificuldade de se identificar os vergões psicológicos não arrefece o seu poder, bem como os danos devastadores produzidos no processo educacional/formativo do aluno.

No Orkut, há também, na página da Comunidade intitulada “Chega de aulas mediócras!”, o desenho de um professor (velho, de barba e cabelos brancos) vestindo uma toga, e com um enorme “X” em cima da figura. Criada em 22 de maio de 2004, essa Comunidade traz, na página, o seguinte “convite”: *“Para todos aqueles que já cansaram de ir para aulas toscas, com professores toscos e não conseguem fazer nada a respeito! Alunos de todo o Brasil com sua educação chulé: Uni-vos!”*. Os diversos tópicos que aparecem, creio eu, despertam a curiosidade de qualquer educador que se preocupe com o seu fazer pedagógico, com a sua didática; enfim, interessa tentar compreender essas enunciações dos alunos – documentos produzidos para uma ampla

¹⁴Este scrap foi escrito em 05/03/2005 no tópico intitulado “Aula mais odiada”. Este tópico foi criado em 24 mar. 2005 e possui 146 scraps. Disponível em: <<http://www.Orkut.com.br>>. Acesso em: 3 fev. 2006

circulação em escala massiva. Só o tópico “Qual a aula mais odiada?” já aponta para uma discussão interessante em torno das disciplinas da área das Ciências Humanas, tendo em vista que, numa primeira análise, é possível perceber o quanto as disciplinas e os professores dessa área de conhecimento são citados. Um aluno escreveu, por exemplo, que “*a Filosofia é a Ciência com a qual ou sem a qual, o mundo continua tal e qual...*”.

Acredito que os exemplos acima citados, bem como o conjunto de dados e as análises propostas no presente artigo, sejam de suma importância para que os educadores reflitam – através do conhecimento dessas informações – sobre como operar com esses materiais que estão circulando nesse tipo de mídia (o *Orkut*), que representa, por assim dizer, a linguagem das novas gerações. A esse respeito, sobre *o impacto das novas tecnologias*, Fischer (2006, p. 5) acrescenta que o importante é

[...] sublinhar que todas essas mídias, do rádio à Internet e à televisão têm um caráter de onipresença, tornam-se cada vez mais essenciais em nossas experiências contemporâneas, e assumem características de produção, veiculação, consumo e usos específicos, em cada lugar do mundo. Interessam-nos, então, os materiais e os sujeitos produtores e usuários dessas mídias, aqui no Brasil; mais ainda, interessam-nos os modos de aprender os fatos da cultura, pelos mais jovens, modos que assumem particularidades quando vistos a partir do olhar de educadores, no cotidiano das vivências escolares.

Em outubro de 2006, ao iniciar minha pesquisa, dez Comunidades – particularmente, aquelas criadas no *Orkut* que mostravam de forma “negativa” os professores e a escola de maneira geral – constituíam a amostragem inicial. Passados cinco meses, novas Comunidades foram criadas, algumas aumentaram o número de participantes, ao passo que outras diminuíram a quantidade de adeptos. Por exemplo, a Comunidade “Mato aula p/ não matar a prof.^a” possuía 40 525 membros no início de 2006. Hoje



existem nove variações em relação ao título, e a maior delas¹⁵ conta com apenas 843 participantes...

A esse respeito, creio que o fato de algumas dessas Comunidades estarem diminuindo pode estar relacionado ao medo... Por parte dos alunos. Uma das principais consequências (lamentáveis) do uso indevido do *Orkut* é a ofensa à honra, gerando o dever de indenização. A exemplo disso, um estudante de Direito foi obrigado a retirar do ar o nome do Colégio São Paulo e a logomarca da instituição de ensino da Comunidade do *Orkut* chamada “Holden Caulfield”, a qual reunia ex-alunos do colégio de freiras. Holden Caulfield é o nome do personagem do romance *O apanhador no campo de centeio*, de J.D. Sallinger. O estudante disse que “só queria reunir ex-colegas, mas algumas pessoas começaram a fazer ataques pessoais às freiras, aos professores e a criticar os métodos de ensino”¹⁶.

Em virtude disso, é exemplar a “chamada” desta Comunidade “Eu odeio minha professora”: *“vc ja odiou alguma professora? intaum entre nessa comunidade¹⁷ e junte-se a nós... vamos todos odiar os professores e suas materias. OLHA, dependendo da usa professora, pode te processar, conselho nao colocar u nome dela e zua-la. mas aki vc pode xingar, mas depois, poderá ter ke arcar cum as consequencias”*.

Nessa perspectiva, é de se questionar como as autoridades irão lidar com o que acontece no *Orkut* e como serão abordadas as questões jurídicas que o envolvem, quais sejam: crimes virtuais (os mais variados possíveis), coleta de provas em investigação criminal, violação do direito fundamental de privacidade,

¹⁵ “Mato aula pra não matar a Prof”. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=3159481>>. Acesso em: 5 mar. 2009.

¹⁶ Disponível em: <http://conjur.estadao.com.br/static/text/31280,1>. Acesso em: 13 mar. 2007.

¹⁷ Texto retirado da Comunidade “Eu odeio minha Professora”, que possui 1 261 membros. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br>>. Acesso em: 9 ago. 2006.

excesso no exercício da liberdade de expressão, etc. Mais: talvez o simples fato de que não se pode saber se uma pessoa que está se manifestando na rede é ela mesma revele a fragilidade e insubsistência de uma prova extraída do *Orkut*¹⁸. Dessa maneira, é fácil perceber que existem diversos questionamentos a serem respondidos antes de se cogitar a possibilidade de utilização do *Orkut* como meio de prova na investigação criminal¹⁹.

Diante do exposto, penso que debater questões sobre o *Orkut* configura-se hoje como uma tarefa relevante, quiçá inadiável, no cotidiano dos professores. É bem provável que o desenvolvimento acelerado das novas tecnologias não tenha tido o tempo necessário para a sociedade (ou melhor, parte dela) adaptar-se às novas possibilidades de interação com o mundo, por exemplo, que a internet oportuniza. Na visão de Orozco Gómez (2006, p. 97):

Os docentes manifestam um temor profundo de serem substituídos pelas novas tecnologias de informação colocadas a serviço de objetivos de aprendizagem. E as instituições educativas acabam por não compreender a magnitude da mudança, e insistem teimosamente em continuar com uma visão reducionista que só repara no aspecto instrumental, tanto de mídias quanto de tecnologias. Não é equipar de máquinas as escolas a única alternativa para abreviar o desafio, como insistiram muitos ministérios de educação latino-americanos. Na verdade, debater e repensar os motivos da educação e da comunicação em uma grande mudança de época como a atual é o que necessitamos continuar fazendo.

¹⁸Além disso, “civilmente, há uma polêmica. Na lei civil, o critério não “é mais a nacionalidade do autor, e sim o local de origem do fato. Ademais, ainda não há regulamentação para a hipótese de aplicação da lei brasileira fora do Brasil.” Fonte: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=7631>>. Acesso em: 13 mar. 2007.

¹⁹Em O *Orkut* e a prova no processo penal. Disponível em:<<http://www.oabpr.org.br/op20.asp>>. Acesso em: 13 mar. 2007.



Algumas ilações

Sem a pretensão utópica de concluir ou encerrar o debate a respeito do que foi exposto até aqui, creio que o impacto das transformações de nosso tempo obriga a nós, educadores, repensarmos a escola e sua temporalidade. O próprio nome da Comunidade que deu origem a este artigo (“POR FAVOR, AULA HOJE NÃO!²⁰) revela-se como uma espécie de “grito de alerta” para que no meio das discussões surjam ideias profícuas a respeito das novas tecnologias, no caso, das Comunidades do *Orkut* que rechaçam os professores e a escola de hoje. Nesse contexto, é preciso conscientizar-se de que os recursos que a tecnologia oferece – bem como o modo como ela se institucionaliza – não podem se tornar mais uma ferramenta ou uma técnica a serviço de um abismo entre professor e aluno.

Nesse sentido, como educadores precisamos ser propositivos e procurar um caminho para além das denúncias e da revolta ao nos depararmos com o fato de que “Parece não haver limites para a exposição da catarse regressiva dos alunos por meio do Orkut”. (ZUIN, 2006, p. 14) A pergunta “o que fazer diante a existência dessas Comunidades citadas ao longo do trabalho?” deve, em minha opinião, tentar ser respondida, uma vez que como profissionais precisamos de sugestões e ideias práticas. Pensemos, por analogia, numa simples receita de bolo. Cada um irá recriar a receita anterior produzindo alguma coisa nova. Assim, cada texto, cada sugestão prática para se trabalhar em sala de aula (com o *Orkut*) constitui uma proposta de significação que não está inteiramente construída. A significação acontece no jogo de olhares entre o texto e seu destinatário. Esse exemplo é para mostrar que cada produção humana dialoga necessariamente com as outras.

²⁰Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=53358>>. Acesso em: 3 mar. 2009.

Em meus anos de prática em sala de aula, sempre procurei incentivar meus alunos a falar em público, mesmo sendo esse público restrito; ou seja, falar para os colegas, desenvolver/expor algum tema diante da turma. Pois bem, nos últimos anos, quando iniciava uma conversa com eles sobre a referida atividade, mencionava as Comunidades do *Orkut* “Odeio falar em público”; “Vergonha de falar em público”; “Tenho medo de falar em público” e outras similares. Invariavelmente, dizia-lhes que eu tinha conhecimento de tópicos nessas Comunidades que davam, inclusive, “dicas” para perder a timidez: tomar remédio, beber antes das apresentações, etc. Enfim, demonstrar aos alunos que eu poderia estar familiarizada com seus medos, de certa forma, aproximava-me deles, deixando-os mais à vontade para expor seus receios de falar em público.

De toda forma, para além de qualquer julgamento moral a respeito de alunos criarem e pertencerem a Comunidades no *Orkut* sobre professores (e o espaço escolar), dedicando-se a promover críticas violentas sobre sua figura, ressalto que, “diferentemente dos relacionamentos reais, é fácil entrar e sair dos relacionamentos virtuais [...]. Sempre se pode apertar a tecla e deletar”. (BAUMAN, 2004, p. 13)

Por fim, e não menos importante, longe da pretensão de oferecer “receitas” e descartando qualquer ingenuidade de se imaginar uma relação perfeita entre mestres e educandos, finalizo este trabalho convidando os educadores a (re) pensarem o seu fazer pedagógico... E na esperança da possibilidade de que nossos alunos não sejam estimulados a escrever (infelizmente, muitas vezes com uma certa razão), versos como este, postado em uma das maiores Comunidade na Categoria *Alunos e Escola* do *Orkut*, “Galera do Fundão”²¹, com o aval de quase um milhão de membros...

²¹ Criada em 4 de dezembro de 2004, “Galera do Fundão” traz a seguinte “chamada”: “Se você é dakeles que sentam no fundão da sala, seja para dormir,



“Oração da Comunidade”:
Pai Nosso Que Estais No Céu
Aumentai As Nossas Férias
Diminua As Nossas Aulas
Perdoai Nossas Colas
Assim Como Nós Perdoamos
A Existência Dos Nossos Professores
Não Nos Deixe Cair Em Recuperação
Mas Livrai-nos Da Reprovação
Amém

Referências

ABREU, Rosane Albuquerque dos Santos de. *A internet na prática docente: novos desafios e conflitos para os educadores*. 2003. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG_0599.EXE/4678_1.PDF?NrOcoSis=11357&CdLinPrg=pt>. Acesso em: 2 abr. 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas*. 2006. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalhos_encomendados/GTO4/2006%20Trabalho%20Encomendado%20GT%20Didática%20ANPED.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2008.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

conversar ou simplesmente para colar, essa é a sua comunidade”. Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=871455>>. Acesso em: 4 mar. 2009.

GIROUX, Henry A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; CARY, Nelson (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*.

MORAES, Denis de (Org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis (Org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 81-117

SILVA, Mozart Linhares da. A urgência do tempo: novas tecnologias e educação contemporânea. In: _____ (Org.). *Novas tecnologias: educação e sociedade na era da informação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVEIRA, Rosa M. H. Identidades para serem exibidas: breve ensaio sobre o Orkut. SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel (Org.). *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas, RS: Ed. Ulbra, 2006.

ZUIN, Antônio A. *Adoro odiar meu professor: o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico*. São Paulo: Autores Associados, 2008.

_____. *Adoro odiar meu professor: o Orkut, os alunos e a imagem dos mestres*. [2006]. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT16-1670—Int.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2007.



A ESCRITA NO *ORKUT*: vocabulário mais utilizado e aproveitamentos do *internetês* para o ensino de língua portuguesa¹

Tadeu R. Bisognin (UFRGS)

Maria José B. Finatto (UFRGS)

Introdução

Afinal, o que é o *internetês*, esse “português da internet”, que é normalmente usado pelos jovens conectados à WEB e que tende a ser percebido como uma ameaça à integridade da escrita culta do português brasileiro? Seria mais uma forma de adaptar a comunicação aos tempos ou realmente ‘um assassinato da língua a tecladas’²? Ao lado dessas questões, que já pretendíamos auxiliar a responder no trabalho anterior que aqui sintetizamos (BISOGNIN, 2008), ressaltamos mais um questionamento: como deve reagir a Escola brasileira diante dessa nova maneira de escrever, cada vez mais vivenciada por nossos estudantes?

¹ Este trabalho traz uma síntese dos resultados da dissertação de mestrado de Bisognin (2008). A dissertação completa pode ser consultada em www.lume.ufrgs.br/handle/10183/14385. Os autores agradecem o apoio do Colégio de Aplicação da UFRGS e do CNPq, indispensável à realização da pesquisa de mestrado.

² Essa expressão foi utilizada por Deonísio da Silva em programa de televisão, que debatia a escrita dos jovens na internet, e também em seu texto Português assassinado a tecladas. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=320JDB001>>. Acesso em: 10 abr. 2007



Para tentar obter dados para respostas às perguntas antes citadas, pareceu-nos indispensável, em primeiro lugar, descrever cientificamente o tipo de escrita que é o *internetês*. A partir dessa descrição, conforme acreditamos, teríamos condições para uma análise ponderada sobre o fenômeno na parte que nos cabe observar como linguistas: o uso da língua.

Assim, realizamos uma pesquisa linguística sobre o vocabulário empregado por jovens de 15 a 23 anos em depoimentos e recados do *Orkut*. Como suporte teórico e metodológico, utilizamos a Linguística de Corpus, área de estudos da linguagem que explora padrões de uso da língua em grandes conjuntos de textos (conjuntos conhecidos como *corpus* ou *corpora*). Trata-se de um tipo de Linguística que se caracteriza por valorizar o uso real da língua e por recorrer a ferramentas informatizadas para prospecção de textos, lançando mão de observações estatísticas sobre palavras e construções em meio aos *corpora*. Para mais detalhes sobre a Linguística de Corpus (doravante LC), recomendamos o trabalho de Sardinha (2004).

Deste modo imbuídos, formamos nosso corpus de estudo e passamos a recolher a escrita produzida no *Orkut*. Compusemos um acervo de textos que corresponde a um total de 553 875 palavras. Além desse material, pela metodologia da LC exigir a comparação com diferentes usos de escrita, recorremos a mais dois conjuntos de dados. O segundo deles, denominado *corpus de referência*, provém do *Banco de Português*. Dele utilizamos um segmento composto por variadas amostras de língua escrita e falada, com 1 289 949 palavras. O *Banco de Português*³, um acervo com 223 milhões de palavras, é de acesso público na internet e visa retratar o português brasileiro em uso na suas mais diversas situações – incluindo registros orais. Além de aproveitar parte

³ Disponível para exploração mediante ferramentas on-line em: <<http://www2.lael.pucsp.br/corpora/bp/index.htm>>.

desse acervo já existente, compilamos um terceiro conjunto de textos, chamado de corpus de contraste, integrado por redações escolares, textos jornalísticos e textos de livros didáticos. Esse corpus alcançou 571 090 palavras.

Antes de mais nada, é preciso alertar sobre como compreendemos, na nossa pesquisa, o termo *palavra*. Trata-se de palavra gráfica, entendida como um conjunto de caracteres entre dois espaços em branco. Assim, *rsrsrsrs* é uma palavra tanto quanto *cadeira* e *cadeiras* ou *de* e *dos*, não sendo computadas as diferentes formas ou flexões de uma mesma base. Cada item gráfico foi tomado como um item-palavra, independentemente de sua repetição ou variação. Isso é que se denomina, em LC, de *tokens* (itens) e que corresponde, grosso modo, ao número de palavras gráficas que há num texto. Já os *types* (tipos de palavras) correspondem ao universo das palavras que se repetem ao longo de um corpus. Desse modo, tal como preconiza a LC, nosso referencial teórico, nosso corpus de contraste teve 571 090 palavras (*tokens* ou *itens*), mas foi preciso considerar que esse universo correspondeu a 19 713 formas diferentes repetidas (ou *types*).

Registro e análise dos dados identificados

Apresentando algumas variantes de significação em relação à norma culta ou em relação a um sentido literal, além de gírias que existiram em todos os tempos, o *internetês* que exploramos mostrou-se, em primeiro lugar, com um grande conjunto de alterações de grafia: exhibe grande número de abreviaturas, siglas, neologismos, palavras cifradas, estrangeirismos, desenhos, ícones, símbolos, até mesmo segmentos que correspondem a um amontoado de letras. Entretanto, mesmo os sinais justapostos constituem um sentido. Entendê-lo, muitas vezes, não é fácil para quem não tem familiaridade com esse tipo de comunicação.



Vejamos, a seguir, alguns exemplos de modificações em relação à grafia oficial e alguns outros empregos recorrentes no nosso corpus de estudo.

1. Indicação de monossílabos por uma simples letra:

q = que, d = de, t = te, c = se, p = pra/para, m = me.

2. Substituição do acento agudo pela letra h em final de palavra:

Eh, neh, tah, lah, bah, jah, ateh, poh, voh, feh, toh, keh, quiseh⁴.

3. Reprodução de fala:

u, aki, du, di, so = sou, mi, amu, nu, issu, cum, qi, ke, genti, qui, axu, us, poku, dxa, ovi, pelu.

4. Nasalização indicada por UM ou UN em final de palavra:

naum, naun, bjaum, taum, intaum, noçaum, paixaum.

5. Sequência de consoantes representando palavra, sem uso de vogais:

gnt = gente, td = tudo, qm = quem, bm = bem, qnd = quando, qnt = quanto, flw = falou, dps = depois, qd = quando, flr = falar, ngm = ninguém, sb = sabe, vz = vezes, qq = qualquer.

6. Várias formas para um mesmo vocábulo:

mtu, mtu, mt, mtuuu, mtuuuu = muito

⁴ O h já foi utilizado em português para marcar a tonicidade final em lugar do acento agudo, como ainda se pode ver em palavras como Dinorah e em algumas transcritas do hebraico, como Javeh, torah, chanucah, hanucah e menorah.

bjo, bjus, bju, bjuxx, bj, beijo, beeejo = beijos
qndo, qnd, qdo, qdu = quando

7. Registro sem acentuação:

vo, to, namo, so.

8. Palavra com ausência de uma letra:

fla = fala, nunk = nunca, kra = cara, qro = quero, ksa = casa, dpois = depois, kda = cada, conhec = conhece, tmpo = tempo, considru = considero, plas = pelas.

9. Onomatopeias para riso e choro:

Hehehe, eheheh, hahaha, rrsrrs, heheh, aahuahaua, shuashuashuashuahua, kkkkkkkk, shashashashahsh, uahuahauhauhauhauhuhuhahua, heoieheoiehioihe, hasuhsauhsauh, tsc tsc.

10. Repetição de letra para indicar intensidade:

Muitooo, muitoooo, mtuuu, bjuss, nadaaaaaaaaaaaaaa!!!!!!
bjuxxx, bjinhuxxxxx., difiiiiiiicil!, taaaaaaaaaaaanto,
lindinho0o0o, disculpaaaaa, moooooooooooooo.

11. Redução do nome de pessoas:

Biel (Gabriel), Bru (Bruna), Lau (Laura), Pri (Priscila), Ro (Roberta), Juh (Júlia).

12. Criações especiais, que só são entendidas no contexto:

902 aki neh preta..hehehe../bah n tnho nem palavras neh pra fala
4332 !!!ehh casadíssima, aliás, namo aprovado por mim!!!hehehehe



5956 d fala tantu neh????????????/txi amu mtu minha maninha mais

13. Repetição de sinais de pontuação para enfatizar sentimento:

ihhhhhhhhhhh ta velho heim?!?!?!?!

oi meu lindaooooooooooooo!!!!!!!!!!

fuiiiii até mais valeuuuuuuuuu fiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii!!!!!!!!!!

14. Supressão de sinais de pontuação que marcam fronteiras oracionais:

eu gostaria de ser seu amigo vc pode mim add desde ja muito obrigado linda

eiii resenhaaa hahahahah veja isso é o tira gosto lingua!!!

o meu pegou essa gripe frte demais n sei mais o q fazer...to desesperada ele n come

15. Substituição de palavras e expressões por símbolos ou algarismos:

T+, *t+* = até mais, *D+* = demais, *9dade* = novidade, *v6* = vocês, *ô* = vocês

16. Transformação de expressão ou fraseologia em sigla:

TDB ou *tdb* = tudo de bom, *FDS* ou *fds* = fim de semana,

FDP ou *fdp* = filho da puta, *RDTR* = rolando de dar risada,

MDDR = morrendo de dar risada

17. Uso de *emoticons*:

\$(“.”)\$

antes estarei por aí ☺ fica com Deus... beijos ;**

eu tow beem \o/

a parada pode dizerr ☺ ;**

Algumas palavras da escrita tradicional são transformadas em símbolos ou desenhos, como acontece com o sinal “+” para significar “*mais*” ou, mais raramente, para indicar a conjunção “*mas*”, a forma gráfica “-” para “*menos*” e o “T +” para “*até mais*”.

Na verdade, esse *internetês* do Orkut pareceu-nos como uma recriação gráfica das línguas escrita e falada preexistentes, enriquecida com representações e simbologias. Os sinais de pontuação, por exemplo, podem ser dispostos na frase de tal modo que signifiquem uma interjeição ou frase inteira. Todos os sinais não podem ser analisados isoladamente, mas em seu contexto, como representação das emoções humanas. E, para dizer muito com poucos meios, foram integrados à escrita no Orkut os *emoticons*, fusão de caracteres que formam as chamadas “carinhas” ou *smilies*.

Não lemos letra por letra; vemos o conjunto de caracteres e entendemos o seu significado como um todo. É assim com as “palavras normais” e também com as palavras utilizadas pelos jovens na internet. Normalmente lemos uma abreviatura como uma palavra inteira, a forma resumida é apenas um substituto da palavra. Quando, no *internetês*, aparecem “*tb*” ou “*vc*” ninguém que domina esse código vai ler “*tebê*” ou “*vecê*”, mas lerá “*também*” e “*você*”.

Como no Brasil, no nível da escrita, as pessoas tendem a confundir o todo do *português* com a sua *ortografia oficial* (BAGNO, 2002, p. 125), e sendo o *internetês* basicamente uma expressão gráfica com alterações ortográficas (algumas estranhas), é esperável que passe a ser atacado, criticado, enfim, visto como algo prejudicial à língua (aqui confundida com ortografia). Entretanto, há que se levar em conta que o *internetês* do Orkut não se mostrou escrito só com palavras grafadas de modo a transgredir as normas ortográficas vigentes hoje. Nossa pesquisa reve-

lou, basicamente, que a transgressão não é, assim, tão estaticamente volumosa. Das 2 000 palavras mais frequentes do corpus de estudo, apenas 439 possuíam alguma alteração (o que nos dá 21,19%) em relação à grafia “cultua”. As quase 80% demais palavras estavam grafadas de acordo com a norma oficial. Isso é que vemos sintetizado no Gráfico 1, a seguir.

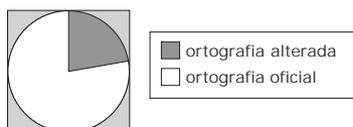


Gráfico 1: Proporção de palavras do internetês alteradas graficamente e sem alteração (das 2000 palavras mais frequentes do *Corpus Geral do Orkut*) em relação à grafia oficial.

Observando mais dados estatísticos, vimos ainda que a maior concentração de palavras escritas no *Orkut* era formada por itens feitos de duas e três letras. Assim, identificamos um padrão de palavra curta que parece refletir a lógica do *internetês*. A palavra curta é a regra, abreviando as palavras longas de diversas maneiras. O Gráfico 2 ilustra a distribuição da extensão das palavras no nosso corpus, veja-se que as palavras de três letras são as mais utilizadas.

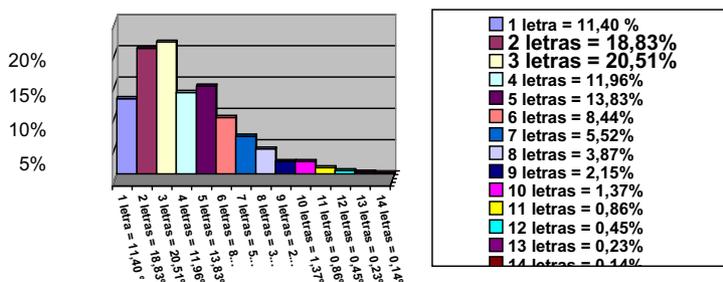


Gráfico 2: Número de letras das palavras presentes no corpus de estudo

Nosso corpus do *Orkut* (com 553 875 palavras) foi organizado como um todo, de modo a acolher a escrita de jovens de diferentes regiões do Brasil. Entretanto, para que fosse possível verificar traços regionais, além desse material geral, trabalhamos também com nove *subcorpora* regionais (com aproximadamente 32 000 palavras cada) e também diferenciamos as ocorrências que incidiam apenas nos *scraps* (recados postados para uma pessoa por seus amigos, reunidos em corpus de 32 000 palavras). Em todos eles mostrou-se recorrente a preferência pelo pequeno número de letras nas palavras.

Verificamos também que, assim como ocorre no léxico em geral de uma língua, havia variações regionais com itens preferidos em determinados lugares. O Quadro 1, adiante, sintetiza a distribuição regional para as diferentes formas de grafar as palavras *beijo*, *gente*, *muito*, *também*, *te*, *tu*, *you* e *vocês*:

TYPE	Manaus	Belém	Brasília	Cuiabá	Porto Alegre	Recife	Rio Branco	RJ	Salvador	Scraps apenas	GERAL ORKUT
Bjm	1	0	1	7	0	0	2	0	2	9	25
Bju	7	3	3	9	3	8	4	4	6	10	96
Bjo	8	4	11	7	4	3	5	4	4	21	245
bjaum	4	2	10	10	5	4	2	3	6	9	121
GNT	9	31	14	11	40	10	4	26	9	8	363
Gente	86	47	119	88	113	89	105	118	94	52	604
MT	93	95	75	11	19	46	39	148	33	10	855
Mtu	18	5	30	20	37	7	13	9	14	2	530
Mto	79	40	165	144	95	37	74	100	57	26	1587
Tb	16	12	24	25	19	28	10	28	38	31	382
Tbm	43	44	30	34	24	18	28	19	92	56	568
T	40	167	55	72	88	73	89	59	33	26	1369
Te	402	679	471	536	400	767	789	446	1172	239	8922
Tu	103	161	31	9	414	192	139	27	8	110	2699
Vc	537	425	502	564	195	372	469	623	626	459	6347
Você	94	88	163	143	58	167	155	127	175	128	1816
Vcs	8	17	6	11	8	6	7	12	7	36	188

Quadro 1: Distribuição de diferentes formas lexicais por região do Brasil

Traços de oralização sobre a escrita no *Orkut*

Passemos a observar as palavras mais usadas no português escrito culto, no português falado culto e no nosso *internetês*, para estabelecermos algumas comparações. O quadro a seguir

traz um *ranking* de frequências da escrita no *Orkut* ladeado pelos itens mais frequentes do português culto. É importante lembrar que utilizamos informações sobre a fala e da escrita cultas oferecidas pelo *Banco de Português* já citado.

ESCRITA CULTA				ESCRITA ORKUT				FALA CULTA			
FREQUÊNCIA PORTUGUÊS		BANCO	DE	FREQUÊNCIA GERAL DO ORKUT		CORPUS	FREQUÊNCIA PORTUGUÊS FALADO		BANCO	DE	
Nº	Palavra	Freq.	%	Nº	Palavra	Freq.	%	Nº	Palavra	Freq.	%
1	DE	1.537.460	4,42	1	E	13.930	2,52	1	E	113.061	3,73
2	A	1.082.253	3,11	2	QUE	11.537	2,08	2	QUE	108.883	3,59
3	O	1.026.380	2,95	3	EU	10.619	1,92	3	A	77.882	2,57
4	E	726.548	2,09	4	A	10.173	1,84	4	É	75.609	2,49
5	QUE	667.850	1,92	5	DE	9.950	1,80	5	O	71.329	2,35
6	DO	609.521	1,75	6	Q	9.028	1,63	6	DE	66.922	2,21
7	DA	545.271	1,57	7	TE	8.937	1,61	7	NÊ	64.870	2,14
8	EM	443.567	1,28	8	O	8.396	1,52	8	NÃO	62.445	2,06
9	PARA	353.847	1,02	9	É	7.855	1,42	9	EU	55.733	1,84
10	NO	308.932	0,89	10	VC	6.347	1,15	10	F	45.235	1,49

Quadro 2: Palavras mais empregadas no português escrito, no português falado e no *internetês*

No Quadro 2, as setas tentam explicitar a relação existente entre o *internetês* e a língua falada, senão vejamos: o *DE* é a palavra mais usada na escrita, mas na fala está em sexto lugar e no *internetês*, em quinto. O mesmo ocorre com as palavras *A* e *O*, que alteraram posição. Há uma aproximação muito clara entre a frequência das duas palavras mais usadas na fala e no *internetês*, diríamos até que seriam as mesmas se não houvesse duas maneiras de representar o *QUE* no Orkut, tornando esse conector o item lexical mais empregado. O português é uma língua associativa, o *QUE* (representado pelas formas *QUE* e *Q*) confirma

⁵ O Banco de Português é um corpus monitor do português do Brasil, criado e mantido pelo projeto DIRECT da PUC/SP. Disponível em: <<http://lael.pucsp.br/corpora/>>. Acesso em: 12 maio 2007.

isso assim como o *E* na fala e o *DE* na escrita indicados pelos dados do *Banco de Português*.

Ao observarmos as palavras mais frequentes em *corpora* de fala, escrita e *internetês*, notamos haver uma junção entre fala e escrita nesse último, com características de oralidade muito marcantes. Vejamos algumas especificidades e exemplos de oralização depreendidos do nosso corpus:

1) Presença de marcadores conversacionais

Putz ciencias sociais..eh dmais

Nossa q mundo pekeno!! numa comunidade e ambos conhecemos a Tica!!

2) Presença de muitos períodos curtos e simples

mais de 10 anos devendo....eu?!?!?!rsrsrsr...ta d+ ...veja bem, minha vida agora e só trabalho... estudo.. trabalho....nem encontro mais direito c as pessoas...tô na maior correria, aff!!!saudades, viu:)

3) Emprego de léxico coloquial

o que anda aprontando??????

e surplus eh bom pra caralho neh!

4) Uso de frases truncadas

biruta foi massa... foi eu e a pri.. e uma galerrra lá da bio.. e um povo que era migo do povo.. foi massa viu.. muita putaria.. a bruna foi tb.... e a gente depois encontrou a mon com o felipe...

5) Pouca densidade informacional

e tu quer que eu fale o que?! Oo

foi legalzim! só isso a dizer, quem pode ter nova é alguém que seja solteira e pá! :P ;*



As características acima se referem às escolhas léxico-sintáticas dos gêneros orais visíveis no *internetês*. Observemos agora alguns outros contrapontos entre nossos dados e indicativos da bibliografia que trata sobre a relação escrita/fala. Shepherd (1984), por exemplo, estabeleceu um quadro com as principais diferenças entre fala e escrita. Apresentamos o seu quadro original, ao qual adicionamos uma coluna para o nosso *internetês* do Orkut. Fica evidente uma mescla de características da escrita e da fala. Vejamos:

Escrita	Fala	<i>Internetês-Orkut</i>
1. A qualidade abstrata é intensificada pelo deslocamento do tempo.	1. É tempo real-“agora”.	1. O produtor do texto deixa a impressão de estar escrevendo como se estivesse em tempo real-“agora”.
2. Torna-se um registro permanente do acontecimento, um artefato documental da história.	2. Vem e vai; é efêmera e transitória.	2. Torna-se um registro permanente. É efêmero quando on-line.
3. O formato visual é de convenção, etiqueta, de acordo com estilo e função.	3. É não visual (exceto com espectógrafos).	3. Tem formato visual.
4. Tende ao formal e conservador; menos inclinado a mudar.	4. Inclui modas, coloquialismos, gíria.	4. Inclui mudanças, modas, coloquialismos, gírias.
5. O que recebe a mensagem está ausente.	5. O que recebe a mensagem está presente.	5. O receptor da mensagem não está presente, sem resposta imediata (menos quando on-line).
6. Não recíproca, nenhuma resposta imediata.	6. Consciência constante de uma “audiência”.	6. Possibilidade de resposta imediata ou a curto prazo.
7. O escritor tem duplo papel; o leitor é uma presença psicológica.	7. Papel “simples” em interação face a face.	7. Leitor é presença psicológica ou “visual a distância” com <i>webcam</i> .
8. O receptor é um leitor; ler requer esforço.	8. O receptor é um ouvinte, menor esforço necessário.	8. Requer esforço do receptor para lê-la.
9. Conhecimento pressuposto. Tem que se fazer explícito.	9. De um certo modo. Não necessário – pode ser verificado concomitantemente.	9. Pode ser verificado quando on-line.
10. Redundância de natureza sintática – semântica deliberadamente adicionada com finalidade de clarificação.	10. Repetição, rephraseamento, pausas, marcadores de atenção.	10. Repetições, marcadores extralinguísticos gráficos (maiúsculas indicando gritos, riso, choro e uso de <i>emoticons</i>).
11. É possível a monitoração parar, reler, riscar, reescrever.	11. Monitoração através de feedback da audiência.	11. Não há monitoração para reelaborar após a mensagem enviada.
12. Ritmo vagaroso.	12. Ritmo variado.	12. Ritmo acelerado.
13. Convenções de sintaxe, ortografia, coesão e coerência.	13. Menos controladas, produção oral e desenvolvimento simultâneos.	13. Pouco controladas, pensamento e escrita desenvolvidos simultaneamente.

Quadro 3: Diferenças entre fala e escrita

Fonte: Shepherd (1984)

O Quadro 3 evidencia a mistura entre fala e escrita que ocorre no *Orkut*, confirmando tratar-se de um código escrito oralizado. Quando falamos, na maioria das vezes, somos descuidados com as normas gramaticais, e isso aparece na escrita orkutiana. Segundo Shepherd (1984, p. 158), a unidade natural da escrita é o parágrafo, enquanto na fala é a frase ou oração “às vezes atada de forma bem solta”. Na escrita oralizada que examinamos, a frase tende também a diminuir, constituindo-se, muitas vezes, de apenas uma ou duas palavras.

Aspectos da língua em constante *fazimento*

O assunto “uso da língua na internet” é polêmico, mas é importante que tal uso seja alvo de descrições sistematizadas e criteriosas. Não se pode apenas condenar o fenômeno, a priori, sem uma prospecção racional de sua natureza, características, motivações e efeitos.

O que deve ser levado em conta é o grau de adequabilidade a uma dada situação de uso da língua: em situação formal, linguagem formal, em situação descontraída, linguagem descontraída. A adequação se baseia no grau de aceitabilidade por parte dos interlocutores envolvidos. Ora, a situação de comunicação entre jovens não é formal e sua aceitação pelos próprios jovens é total. Logo, para o contexto da internet, não há nada de errado. O problema é levar tal forma de expressão escrita para outros contextos de comunicação escrita. Aí entra o papel da Escola e da sociedade como um todo, ensinando que, como sempre, tudo depende de *quem diz o que, a quem, como, quando, onde, por que e visando que efeito*. Qualquer tipo de expressão, então, poderia ser adequado e aceito, desde que empregado na hora e no local adequados.



Muitas vezes, as críticas ao *internetês* são apressadas e não têm embasamento científico algum, visto que são operadas mais pelo estranhamento das formas do que pela tentativa de tentar depreender sua “lógica” ou funcionalidade. Como pode alguém falar de um novo uso (que choca/causa estranhamento) da língua sem levar em conta o que seja *língua, palavra, léxico, norma, variante, dialeto* ou *escrita*? Equacionar essas noções, tão básicas, é essencial para entender a estrutura do funcionamento do uso da língua na internet, uma faceta da língua adaptada às circunstâncias exigidas para a comunicação utilizando o computador. Sobre adaptações e alterações, é oportuno ainda lembrar o mestre dos linguistas Eugenio Coseriu (1979, p. 31). Ele nos ensinava que toda língua muda

[...] para continuar funcionando como tal. O latim de Cícero deixou de funcionar como língua histórica justamente porque deixou de mudar; e nesse sentido é uma ‘língua morta’. [...] Em compensação a língua viva não permanece nunca em repouso, está em contínua transformação.

Coseriu (1979, p. 106, grifos do autor) ensinou-nos também que “[...]a língua *está em fazimento* a todo instante. Um sistema linguístico desde que realizado em formas tradicionais, longe de ser ‘por definição equilibrado’, é, pela sua própria natureza, um sistema ‘imperfeito’ (no sentido de ‘não terminado’)”.

Como, aparentemente, não há um *internetês falado*, teríamos um caso peculiar de forma de uso da língua apenas por escrito. Essa forma de escrita é uma variação diastrática, conforme os termos de Coseriu, visto que ocorre por estratos sociais – usuários na rede mundial de computadores – e não apenas por regiões. Como vimos, a língua da internet é um dialeto social, o qual, segundo Dubois (1978), é um sistema de signos usado por um grupo social e em referência a esse grupo. É o caso típico do *internetês*, um dialeto de escrita que reproduz elementos da fala e que adquire contornos específicos de região para região do Brasil.

Aproveitamentos do *internetês* na escola

Tendo em vista a preocupação de como a Escola agir diante do *internetês*, sugerimos que essa modalidade de uso de língua possa ser vista pelos educadores como algo positivo, como um atestado vivo da transformação da língua que reflete a transformação do homem. Trata-se de um código de comunicação que se adapta a uma dada situação, tal como tantos outros códigos. E, com base nisso, entendemos que é perfeitamente válido despertar a percepção dos estudantes de língua portuguesa sobre a diversidade de usos da língua falada e escrita e sobre as diferentes situações de comunicação relacionadas a esses usos.

O foco, enfim, é a da utilização da escrita na internet e no *Orkut* nas aulas de língua portuguesa sem o ranço do banimento sem qualquer chance de aproveitamento. Trazemos, a seguir, algumas situações-quadro para o professor, e a partir delas, segue-se a proposição de algumas atividades para os alunos:

Situação-quadro (1):

Diferenças entre fala e escrita. Como a interação entre internautas se faz por uma escrita que mostra traços de fala, na maioria das vezes há muitas palavras repetidas, falta de conjunções ou de outros recursos para fazer a ligação entre as ideias, frases incompletas, enfim, é uma comunicação que se faz de uma forma mais espontânea, descuidada até. Isso ocorre porque na fala se pode responder em seguida e esclarecer o que não ficou claro, e na internet também quando se estiver on-line. Na escrita tradicional, o leitor vai ler bem depois da produção feita, o que exige de quem escreve maior cuidado, maior clareza para transmitir com precisão e fidelidade o pensamento.

Atividade (1): Reescritura de depoimentos e recados de acordo com o padrão culto/usual do português. Tais textos podem ser fornecidos pelo professor ou coletados pelos próprios estudantes. Discussão sobre semelhanças e diferenças entre fala e escrita e sobre dificuldades de entendimento da escrita no *Orkut* para diferentes tipos de leitores/falantes.



Situação-quadro (2):

Refletir com os alunos sobre a adequação dos tipos de texto aos diferentes contextos sociais (um recurso interessante é trazer jornais tradicionais e jornais populares do tipo tablóide, como também trechos de textos de autores consagrados da literatura brasileira do século XIX e crônicas de jornal)

Atividade (2): Transpor para a linguagem culta (com pontuação, acentuação, concordâncias, etc.) o que o aluno achar que o autor da frase quis dizer ao se comunicar no *Orkut* conforme os materiais abaixo:

Um grande xeirão pra vc.
Vc eh Mtuuu Gatu, Mas Tenhu Namó!
boi na linha aki tb amiguinhooooo!!!!
ae pateta, fds muito show heim.
puta tempo eim!!!!
qse q eu vim aki pirar o kbçote hen...
qlq coisa da o tok
xD...Ow meeu....fuui mimi taava cansadonaaa...*
voltai um dia pra gente zuar porra
Pow vc ta sumido hem!! To cum xodad!!
fala ae troxa blz maluço
comenta eu aee... pliiix
...eh mto bom irritar ela ao cubo
e a iiii loko so na boa rrsrrsrs

Situação-quadro (3):

Na língua escrita as regras foram convencionadas, isto é, em determinado tempo passou-se a usar uma escrita em detrimento de outra. Antigamente se escrevia COUSA e hoje o correto é COISA. No *internetês* começam a ser convencionados determinados usos, que passam a ser repetidos pelos outros usuários da mesma maneira.

Atividade (3): Com base na observação de certos grupos de palavras retiradas da internet, o aluno é solicitado a depreender quais são as regras vigentes. Observando, então, a escrita “diferente” das

palavras, deve poder criar uma regra para cada grupo (para algumas palavras do internetês foram indicadas as formas da língua padrão entre parênteses):

Grupo 1: tah, neh, eh, jah, bah, soh, pah, deixah
Regra:.....

Grupo 2: naum, taum, consideraçaum, feijaum, eraum
(eram), vaum (vão), anaum (anão) Regra:...

Grupo 3: sab, pod, nunk, unik
Regra:.....

Grupo 4: kim pokim, dakele, loka
Regra:.....

Grupo 5: mi (me), nu(no), dus (dos), ti (te), cum (com),
tudu (tudo), pur (por), issu (isso) Regra:.....

Grupo 6: d (de), t(te), c(ce, você), c (se)
Regra:.....

Grupo 7: mtooo, feituuuuu, carinhuuuuu, amoooo
Regra:.....

Grupo 8: prcbr (perceber), esqc (esquece), gnt (gente), rpz
(rapaz), tbm (também) Regra:.....

Situação-quadro (4):

A internet traz inegáveis benefícios às pessoas, mas também alguns problemas, muitas vezes decorrentes da falta de precaução de seus usuários. Sugere-se que o professor faça um debate em aula sobre possíveis “perigos” do *Orkut*: empolgadas, muitas pessoas expõem aspectos da vida pessoal que podem ser acessados por qualquer outro participante, provocando uma verdadeira “evasão de privacidade”⁶. Discutir o que é adequado expor na rede, como se prevenir, que exemplos de problemas conhecem, etc. Será uma oportunidade de refletir sobre os riscos que podem advir da capacidade pouco crítica dos adolescente ao exporem suas vidas em público de um modo muito intenso.

⁶Ao contrário da “invasão de privacidade”, em que alguém acessa e utiliza sem autorização informações da vida particular de outra pessoa, “evasão de privacidade” é a exposição detalhada da vida pessoal na rede mundial de computadores pelo próprio usuário. Segundo Komesu (2005), podemos chamar essa exposição voluntária de “publicização de si”.

Atividade (5): Solicitar que os alunos organizem por escrito as ideias debatidas, produzindo um texto autocrítico. O encaminhamento poderia iniciar com os alunos indicando pontos positivos e negativos da internet e do Orkut. Um aluno ou o próprio professor anotaria no quadro as ideias levantadas pela turma. Solicitar a indicação de exemplos de problemas que conhecem, que digam o que sabem sobre a legislação relacionada ao uso da internet e onde buscariam apoio caso necessitassem (o professor pode falar da ONG SaferNet⁷). Finalmente, sugerimos que o professor distribua o texto *Problemas de segurança e privacidade no Orkut*⁸ e solicitar que exponham por escrito suas ideias após o que foi discutido e lido.

Algumas considerações a partir das atividades propostas

Professores, especialmente os de Língua Portuguesa, não deveriam ignorar esse novo jeito de usar a língua. Conforme vimos, há como utilizá-lo como um aliado para o objetivo de levar os alunos ao conhecimento da norma culta e de outras normas do português. Afinal, o próprio Ministério da Educação favorece uma abordagem atual da comunicação. Os PCN, por exemplo, encaram e tratam a linguagem como algo vivo, em constante evolução e inserida nas práticas sociais. Destacam também o fato de que o domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, já que é por meio da língua que o homem se comunica, tem acesso à informação, mostra e defende

⁷A SaferNet Brasil é uma organização não governamental, que reúne cientistas da computação, professores, pesquisadores e bacharéis em Direito para defender e promover os Direitos Humanos na Sociedade da Informação no Brasil. Através da Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, operada em parceria com o Ministério Público Federal, oferece um serviço anônimo de recebimento, processamento, encaminhamento e acompanhamento on-line de denúncias sobre qualquer crime ou violação aos Direitos Humanos praticados através da internet. Disponível em: <<http://www.safernet.org.br>>.

⁸Disponível em: <www.hsbc.com.br/1/2/portal/pt/footer/seguranca/artigos/orkut-problemas> Acesso em: 12 nov. 2007.

seus pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, isto é, produz conhecimento.

Ora, as práticas sociais cada vez mais se utilizam da grande rede. Claro que não devemos fazer apologia do *internetês*, bastaria colocá-lo no seu devido lugar: uma variante dialetal⁹ de escrita oralizada utilizada principalmente pelos jovens para se comunicar na internet. Para os demais contextos, deve ficar claro que a língua escrita oficial é a que impera, é que deve ser estudada e empregada – e misturar códigos cria embaraços facilmente percebidos. Mostrar tais embaraços pode inclusive render algumas atividades de ensino bem divertidas. A partir do exame do *internetês* e das variantes cultas da escrita, pode vir a saber que a grafia é o único componente da língua regulamentado por lei (sua última alteração ocorreu pelo Decreto nº 6.586, de 29/09/2008, o nosso último Acordo Ortográfico¹⁰). Então devem os professores esclarecer que “uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa”, como popularmente se fala. A língua na sua norma culta é a que deve ser estudada por ser aquela aceitável em todas as situações, ser fator de coesão, integração e ascensão social. Quem não se expressa de acordo com essa norma não é bem visto, é discriminado. Já o *internetês* deve ser entendido como

⁹ Aqui lembramos o que seja dialeto. No caso do *internetês*, corresponde a socioleto, assim definido em Houaiss, Villar e Franco (2001): SOCIOLETO /é/ s.m. (sXX) sling cada uma das variedades de uma língua us. pelos grupos de indivíduos que, tendo características sociais em comum (p.ex., a profissão, os passatempos, a geração, etc.), usam termos técnicos, ou gírias, ou fraseados que os distinguem dos demais falantes na sua comunidade; dialeto social, variante diastrática

¹⁰ A propósito do Novo Acordo Ortográfico de 2009, sugerimos a obra de Moreira, Smith e Bocchese (2009), que traz questões para além da escrita e abriga concordâncias e discordâncias sobre o que foi firmado. Nessa obra, o trabalho de Flores e Finatto (2009) traz uma aplicação de técnicas de pesquisa da LC para mensurar o impacto das alterações de grafia em corpora de textos jornalísticos brasileiros e lusitanos.



um dialeto social, um socioleto, a forma mais adequada para o uso pelos jovens na apressada comunicação da internet.

O que a escola pode fazer é aproveitar a presença da língua da grande rede, já conhecida e empregada pela maioria dos alunos, e utilizá-la como um instrumento para se refletir sobre a heterogeneidade da língua em suas diferentes modalidades e situações de comunicação. Não se espera ver o *miguxês*, tampouco o *internetês* nas redações escolares e em outras produções em que a norma culta é o indicado. Como já dissemos, cada coisa tem o seu lugar e a sua hora. A função do professor é ajudar o aluno a dar-se conta de que ele é um poliglota dentro da própria língua.

Os jovens devem reconhecer na escola a existência das várias formas de expressão e entender que a língua em sua norma culta é, em princípio, a forma reconhecida, consagrada e compartilhada por todos. Aqui podemos repetir Dacanal (2006), para quem a língua é instrumento de poder e quem a domina bem tem melhores condições de dominar os outros. Qual poder adquiriria uma pessoa que dominasse bem apenas o *internetês*?

Conclusões

Como em tudo na vida, é preciso conhecer algo para poder compreender suas feições, funções, potencialidades e limites. Foi o que nossa pesquisa pretendeu fazer, vendo, afinal, o que é o *internetês* e, observando-o, sugerir seu aproveitamento na Escola..

Percebemos claramente que o *internetês* é uma forma de adaptação da escrita, necessária aos tempos modernos. Escrever teclando no computador, especialmente on-line, induziu a inovações, principalmente pela velocidade que se precisa dar àquilo que se transmite por escrito. Surgiu, então, uma escrita particu-

lar e específica: o chamado *internetês* ou PT-SMS¹¹, que engloba características das duas modalidades de usos da linguagem: o código escrito e o código oral. Temos, portanto, um novo código, escrito e oralizado, registro híbrido de fala e escrita. Constitui-se num *continuum* que vai da total informalidade e transgressão de normas ortográficas até a linguagem formal.

O *internetês* no Orkut é uma variação dialetal escrita, com características próprias, tal como se dá com todo dialeto. Em vista disso tudo e da nossa observação empírica, resta-nos aceitar o *internetês* como um legítimo uso da língua, algo a ser mais estudado e não temido ou abominado. Pelo que pudemos constatar em nossa pesquisa, a escola que cumprir sua missão de trabalhar bem a norma padrão, centrando atividades em leitura e produção de textos, terá menos problemas com a interferência da escrita internetiana. Pelo menos por enquanto. Nada nos assegura que alguns casos, que algumas palavras venham a ter oficializada a sua forma de escrita simplificada para atender à praticidade da comunicação. Afinal, não esqueçamos de que *você* já foi *Vossa Mercê*. Hoje, via satélite e *wireless*, no Orkut, MSN, e-mail e em *blogs*, é aceitável, então, pela rapidez dos contatos, que haja várias novas modificações, interferências e alterações na comunicação. São transformações inerentes ao constante *fazimento* da língua e não defeitos congênitos.

A Escola precisa estar atenta às adaptações da língua aos novos tempos, levando reflexões para os alunos sobre a comunicação existente nos variados níveis e meios de linguagem. Enfim, múltiplas ações pedagógicas podem servir-se da escrita da internet para motivar e cativar o aluno para estudar a língua materna,

¹¹PT-SMS é a sigla formada por PT (indicação universal de português) e SMS, acrônimo de Short Message Service (Serviço de Mensagens Curtas), um serviço disponível em telefones celulares digitais para o envio de mensagens com até 255 caracteres. No Brasil, utiliza-se torpedo como sinônimo de SMS. O primeiro SMS foi criado em 1992.



estudo esse muitas vezes detestado nas aulas de Português. Esse desagrado ocorre porque, infelizmente, muitas vezes as aulas estão transformadas simplesmente em aulas de uma gramática usada no século XIX sem que nada seja dito daquele tempo para os alunos e sem que nada atual seja com ela contrastado.

Referências

- BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2002.
- BISOGNIN, Tadeu Rossato. *Do internetês ao léxico da escrita dos jovens no Orkut*. 2008. 259 f. Dissertação (Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: USP, 1979.
- DACANAL, José Hildebrando. *Linguagem, poder e ensino da língua*. Porto Alegre: WS Editor, 2006.
- DUBOIS, Jean. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- FLORES, Valdir do N.; FINATTO, Maria José B. Quantificação e argumento de autoridade no acordo ortográfico de 2009: aspectos enunciativos e estatísticos. In: MOREIRA, Maria Eunice; SMITH, Marisa M.; BOCHESE, Jocelyne da C. (Org.). *Novo acordo ortográfico da língua portuguesa: questões para além da escrita*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 109-136.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KOMESU, Fabiana Cristina. *Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet*. 2005. 270 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- MOREIRA, Maria Eunice; SMITH, Marisa M.; BOCHESE, Jocelyne da C. (Org.) *Novo acordo ortográfico da língua portuguesa: questões para além da escrita*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.
- SHEPHERD, David. A natureza da linguagem escrita em contraste com a língua falada. *Revista Letras*, UFPR, v. 33, p. 145-161, 1984.

SE(R)VER ENTRE LÍNGUAS: encadeando identidades

José A. Uchôa-Fernandes (UFPA)

Deusa Maria de Souza-Pinheiro-Passos (USP)

[...] uma parte de mim é só vertigem: outra parte, linguagem.

Ferreira Gullar

Redes sociais como o *Orkut* vêm obtendo massiva adesão de usuários em todo o mundo e obtendo cada vez mais espaço tanto entre internautas quanto nos noticiários e na mídia em geral. No Brasil, a mais popular dessas redes, o *Orkut*, parece ter encontrado um contexto bastante favorável à sua expansão. Em 26 de fevereiro de 2006, a página de dados demográficos do *Orkut* indicava que 72,84% (Figura 1) de seus participantes eram brasileiros que, através desta mídia, buscavam compartilhar interesses, fazer amigos e discutir toda sorte de temas, dentre os quais a Língua Inglesa (LI), assim como seu processo de ensino-aprendizagem.





Figura 1: Distribuição populacional, por nacionalidade, dos usuários do *Orkut*.
 Fonte: seção de dados demográficos da rede social *orkut.com*

A partir da observação da massiva adesão ao *Orkut* surgiu nosso interesse de analisar, sob uma perspectiva discursiva da linguagem (ORLANDI, 1983), o funcionamento dessa rede social no tocante aos modos de dizer e aos processos de constituição, invenção e reinvenção identitária intrínsecos desse contexto, buscando pontes que pudessem relacionar o sujeito das línguas (materna e estrangeira) ao que denominamos *sujeito do Orkut*.

Para tal, optamos por analisar duas comunidades: “Eu amo Inglês” e “Eu ODEIO Inglês”¹, tomando como base a grande recorrência de comunidades do tipo “eu amo” / “eu odeio” nessa rede, o que sugere uma tendência à hipérbole discursiva nesse meio específico de produção textual.

¹ Os enunciados estão marcados com a letra “A” (eu amo Inglês) ou “O” (eu ODEIO Inglês), de acordo com sua comunidade de origem.

As reflexões que resultam da análise empreendida objetivam debater não apenas os modos de ser e dizer nessa rede, mas também investigar a natureza conflituosa da relação do sujeito ente línguas (REVUZ, 1998), buscando contribuir para uma reflexão a respeito de representações de ensino-aprendizagem de língua inglesa e dos elementos envolvidos na esfera do ensino de línguas estrangeiras (aluno, professor, metodologias, etc.).

Com esse fim, problematizaremos a questão do conflito entre o avatar e o sujeito jurídico² que tende a se manifestar no sujeito do *Orkut*, buscando analogias possíveis com aspectos identitários de um sujeito cindido (FINK, 1998) entre a suposta Língua Materna (LM) e a LI. É a partir deste olhar discursivo sobre o avatar e o sujeito da(s) língua(s) que buscaremos fazer considerações a respeito desses sujeitos e do imbricamento identitário, que os afeta e constitui, uma vez que ambos (o sujeito do *Orkut* e o sujeito da(s) língua(s)) são levados a investir em identidades diversas, adequando-se conforme lhes sugere a gramática do espaço de enunciação (GUIMARÃES, 2002) no qual se encontram.

Ao longo do processo de análise, pudemos entrever traços de um sujeito que se apresenta afetado e constituído tanto pela suposta LM quanto pela LI, independente de sua inserção ou não no contexto formal de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, conforme sugere *O-01*.

O-01.

"Eu não gosto da forma como o português é tratado pelos próprios brasileiros.

Eu comprei uma máquina fotográfica que tinha o manual em inglês, francês, alemão, espanhol e italiano. [...] Tive que adivinhar onde ligar os cabos, pois o manual estava apenas em inglês,

² Aquele que pode ser identificado pelo Estado e demais mecanismos de coerção e que responde pelo dito.



francês e espanhol. Mas a culpa não é do povo que fala inglês, nem do povo que fala espanhol ou italiano. A culpa é dos brasileiros que acham “bonito” ficar falando em outras línguas e não valorizam o nosso idioma.

Mas eu ainda não expliquei porque odeio o inglês... É simples, quando vou fazer compra, alguma loja bota um cartaz bem grandão “FOR SALE”, “JUST IN TIME” ou outras expressões que eu não faço a mínima idéia do que significam. PÔ, ESTAMOS NO BRASIL, ENTÃO FALEM PORTUGUÊS!

Não sou contra quem gosta de fazer cursos, eu até apóio, mas quando vier conversar comigo, FALEM PORTUGUÊS.[...]”³

Embora a forma como a comunidade é denominada possa, a priori, nos dar o efeito ilusório de uma situação bem resolvida e acabada desses sujeitos com a LI, percebemos, a partir de uma análise mais detalhada, que esses sujeitos que declaram “odiar” a LI encontram-se também afetados pela língua do outro, a exemplo daqueles que dela se declaram “amantes”. Não fosse assim, o que poderia mover o sujeito a engajar-se em uma comunidade dessa natureza e discutir sua relação com a LI? Se a relação com a LI fosse realmente definitiva e acabada (se é que é possível falar em uma relação acabada com a língua), haveria motivo aparente para a manifestação e explicação das razões para sua recusa?

Queremos crer que o próprio gesto de filiação nessas comunidades sugere um conflito íntimo de um sujeito dividido ente o *um* e o *outro*, entre sua língua e a língua do outro, e que lança mão de modos de dizer que nos remetem muito mais à resistência/defesa do que a uma postura de ataque à alteridade. É como se esse sujeito buscasse, por meio do gesto de filiação a um grupo e um modo de dizer, a preservação de uma identidade, de um status e de um papel que, em suas representações de língua, são atributos da LM, aquela que o constitui na “gênese”.

³ Os enunciados foram transcritos exatamente como encontrados nas postagens originais da rede sem sofrer qualquer tipo de revisão. Os grifos são próprios do texto original, salvo menção em contrário.

Nossa hipótese é a de que o meio de produção no qual esses sujeitos estão inseridos se constitui num ambiente favorável para a manifestação desse tipo de conflito, uma vez que o sujeito jurídico não equivale, necessariamente, ao sujeito do *Orkut*, estando assim colocada a possibilidade do anonimato, da (re)invenção de si mesmo (CORACINI, 2006), do equívoco e do contraditório. Dito de outro modo, a filiação e desfiliação a um ou outro modo de dizer e a uma identidade específica é dada pelo rápido (e discursivamente cômodo) gesto do clique de um mouse em uma cadeia discursiva na qual os vínculos com a coerência textual (elemento fundamental para a atribuição de credibilidade no meio presencial) são de natureza muito mais frouxa e instável.

Esta instabilidade se apresenta de maneira análoga àquela que pode ser observada nos próprios sujeitos que enunciam no contexto dessa mídia, cuja singularidade reside no efeito de “horizontalidade” e “democracia” (LÉVY, 1996) que dela parece emanar, diferenciando-a de outros contextos (principalmente o escolar) pelo efeito de ausência/difusão de elementos reguladores e limitadores do discurso. (FOUCAULT, 2002)

A relação sujeito-língua(s)

Ao abordarmos a relação do sujeito com a LI e a LM, faz-se necessária uma delimitação do contexto brasileiro de ensino de Inglês como língua estrangeira, perpassado de maneira marcante pela massiva presença de institutos de línguas que se apresentam sob a forma de franquias de grandes redes de ensino. Esse mercado e os elementos que o constituem (escolas, manuais de metodologia, livros didáticos, etc.) colocam em funcionamento certos discursos a respeito das línguas. Esses, por sua vez, perpassam também os discursos dos sujeitos aqui analisados (que deles se valem dentro dos modos de dizer específicos da mídia em



que estão inseridos), e ajudam a constituir o modo como eles representam as línguas e com elas estabelecem relações.

Enunciados de estudantes e professores de LI que afirmam gostar (ou não) do “*método X*”, onde “X” equivale ao nome da instituição à qual o método está associado, são algo recorrente no contexto brasileiro de ensino de línguas estrangeiras, principalmente, de LI.

Esse modo de referir sugere um traço bastante marcante do mercado (a substituição metonímica do nome de um produto por sua marca) nas concepções do processo de ensino-aprendizagem, sugerindo a ambivalência do sujeito-aluno, visto também como consumidor em busca de um produto: a “fluência” em LI, que supostamente viria pela aplicação do método.

De maneira análoga, o professor ocupa também o papel de prestador de serviços, em busca de fidelizar seu cliente e evitar que este seja influenciado pela concorrência.

Essa diferenciação parece ter uma dupla função: por um lado, colabora com a ideologia do mercado, investindo na ideia de um sujeito hedônico, do consumo, onipotente (CORACINI, 2006), um sujeito livre para escolher entre as diversas possibilidades que lhe são colocadas pelo mercado de ensino de LI (método X, Y, Z, etc.) e que, por meio dessas escolhas, se constrói da forma que deseja em busca da obtenção do total prazer (a fluência em LI). Outra faceta discursiva dessa relação metonímica é a atribuição de um caráter opaco ao discurso fundador das metodologias de ensino de língua estrangeira, estabelecendo diferenciações (nem sempre existentes) entre “produtos” que constituem, assim, um mercado supostamente cheio de variedade. Tais metodologias de ensino “[...] pressupõem um sujeito consciente e dono de seus atos, capaz de, deliberadamente, atingir seus objetivos, transformando o mundo à sua volta”. (MASCIA, 2003, p. 212)

O efeito de opacidade que opera nos pressupostos das metodologias e abordagens adotadas por essas instituições parece investir na ilusão de que o sujeito é livre para escolher o método de ensino que mais lhe agrade (e/ou que melhor lhe caiba no bolso), ilusão de liberdade muito análoga àquela na qual se constitui o sujeito do ciberespaço tanto durante a construção do avatar quanto ao enunciar por seu intermédio.

Ao longo do corpus pudemos identificar efeitos de sentido nos quais ecoam elementos do que Mascia (2003) postula como o “[...] discurso fundador das metodologias de ensino de língua estrangeira”. Não são poucos os enunciados nos quais a LM é apresentada como fonte de interferências indesejáveis, imputando à mesma a culpa pelo insucesso na jornada da aquisição do status de *native-like speaker*, prometido pela ampla maioria dos Institutos de Idiomas em suas peças publicitárias e nos balcões onde o produto – a fluência após a conclusão do último estágio do curso – é vendido.

Não são poucas as peças publicitárias veiculadas por esses Institutos, nas quais a interferência da LM na LE é apresentada como fonte de constrangimentos e mal-entendidos da ordem do “ridículo” e do “grotesco”, para usar as palavras do sujeito em A-01.

A-01.

“Tópico: **Erros grotescos⁴ de inglês de membro da Comu.**

Nossa, andei entrando em uma página em que este “indivíduo” que se diz apaixonado por ingles comete erros que nem o Lula cometeria hahahaha deem uma olhada e postem o que acharam!!! rrsrs Riiiiidiculo!!! entrem na pagina depois pra dar uma olhada, realmente alguem que diz amar ingles fazer isto não deveria fazer parte desta comunidade hahaha é cada um...

⁴ Os negritos são do texto original. Todos os sublinhados são dos pesquisadores, salvo menção em contrário.



Nesse sentido, propomos um retorno aos princípios da construção do avatar: ao filiar-se a um modo de dizer para enunciar sobre LM, representando-a como algo indesejável para o aprendiz da LI, o sujeito parece encorajado a abandonar uma identidade (jurídica, no caso do avatar; a da LM, no caso do aluno de inglês) em detrimento de outra que se crê cuidadosamente construída, calculada racionalmente, moldada com base nas idealizações que o sujeito faz de si e de como deseja ser visto pelo outro. Tudo isso parece apontar para uma relação de caráter conflituoso entre sujeito, LM e LI.

Desse conflito emergem posições que parecem oscilar entre o desejo pela identidade fornecida pela LI (avatar) e a resistência à entrada neste universo, por meio do apego à identidade inicial (jurídica, da LM) e da recusa à alteridade apresentada na e pela língua estrangeira. Qualquer desses modos de lidar com a alteridade sugere instabilidades e tensões, que não podem ser simplesmente imputadas ao espaço enunciativo da rede social, mas que parecem se mostrar sob uma forma hipertrofiada e hiperbolizada no contexto do *Orkut*. (UCHÔA-FERNANDES, 2008) É sobre esse conflito que, doravante, debruçar-nos-emos, com base nos enunciados do corpus.

Desejo e recusa (da língua) do outro

Neste momento de nossa reflexão, deter-nos-emos em algumas considerações a respeito dos títulos de alguns dos tópicos⁵ selecionados para compor o corpus de análise.

É possível estabelecer, de antemão, relações entre os títulos e uma série de pré-construídos que circulam nos discursos de

⁵ Por tópico, tomamos a nomenclatura utilizada pela rede social Orkut para descrever a forma como enunciados a respeito de um mesmo tema são elaborados e agrupados pelo internauta que interage nesta mídia.

professores, alunos e instituições de ensino, tanto a respeito do papel que a LI ocupa no mundo como sobre o seu processo de ensino-aprendizagem. Tais discursos habitam o universo das salas de aula, dos livros didáticos (GRIGOLETTO, 1999) e das peças publicitárias que, frequentemente, representam a LI como “ferramenta” (UCHÔA-FERNANDES, 2004), para ascensão social ou, melhor dizendo, o nivelamento em relação àqueles que estão “por dentro” do que Bauman (2001) considera ser o “líquido mundo moderno”.

Vejamos alguns dos títulos de tópicos selecionados para a análise:

Da comunidade “Eu amo inglês”, temos:

- A – “Do you prefer portuguese or english?”;
- B – “Erro grotescos de inglês de membro da Comu.”;
- C – “Não consigo ler em inglês sem traduzir”.

Da comunidade “Eu ODEIO inglês”, temos:

- E – “Eles tb se dão muito mal!”;
- F – “Foda-se o ingles, nos tamo no brasil porra ahushua”;
- G – “ não gosto de ingles ou não gosto da professora”;
- H – “QUER SABER PORQUE DO INGLES?????”.

Tanto em [A] quanto em [F] temos a instância do conflito entre LM e LE passando os enunciados, seja pela implicação de que deva haver uma língua *preferida* em detrimento de outra, seja pela postura de hostilidade que se refere à LI por meio de termos de baixo calão. A postura do sujeito que enuncia em [F] parece buscar refutar a LI, tendo, como estratégia, a associação entre recursos retóricos de deboche e argumentos que remetem a conceitos como os de fronteiras geográficas entre países e de Estado-nação. Desse modo, o enunciado busca relações unívocas entre *uma* língua, *um* território e seus habitantes, para arquitetar uma estratégia de resistência ao discurso hegemônico da globalização, o que sugere muito mais uma estratégia de pre-



servação de uma identidade do que propriamente a completa recusa do outro e sua língua.

Em outro tópico, são questionadas as razões para se aprender a LI, frequentemente designada pelos discursos hegemônicos como “internacional”, a língua “do mercado”, a língua dos “cidadãos do mundo”, como nos sugere um comercial de TV de um Instituto de Línguas. Por esta ótica, não falar inglês “fluentemente” (o que quer que isto signifique) é estar sujeito às sanções provocadas pelos “*erros grotescos*” (B), que configuram o sujeito que os comete como alguém que se encontra *por fora*, nos termos de Bauman (2003). Tais “erros” servem como ponto de partida para legitimar gestos de censura que questionam o pertencimento daquele que os comete em uma comunidade designada aos “amantes” da LI (cf. A-01), como se só fosse permitido amar o que se conhece, aquilo que não escapa (ou pensamos não escapar) ao nosso “controle”.

O “controle” (ou “domínio”) da LI é quase sempre representado como resultante de um processo que se deu (ou ainda se dá) no contexto da sala de aula, conforme sugere (G). Assim sendo, não parece absurdo (pelo menos no contexto brasileiro) que alguns sujeitos relacionem a LI muito mais ao campo do saber disciplinar, adquirido por meio de instituições de ensino, do que ao universo das línguas naturais, afetada social e historicamente. O inglês passa a ser representado como “*matéria*”, um saber disciplinar, em relação de equivalência com a Química, a Física, a Biologia e a Matemática, etc., para o qual os sujeitos devem estar aptos para se submeter aos testes dos quais sairão aprovados ou reprovados, conforme ilustram os fragmentos abaixo:

O-02.

“podemos apredner espanhol
qui porra di matéria é essa!!!Nós estamos no Brasil!!!Entaum InGlês
vai se fude!!!”

O-03.

“ja tou praticamente reprovado, tenho 2% de chance de passar pra proxima fase...rsrs”

Os títulos dos tópicos, bem como uma considerável parcela dos enunciados que compõem nosso corpus, nos permitem visualizar que a tendência a um discurso hiperbólico – o qual serviu de referência para a escolha das comunidades – também permeia os dizeres produzidos nos seus contextos. De certa maneira, essa tendência à intolerância para com o outro parece estar relacionada ao ambiente receptivo à(s) (tentativas de) “dilatação” dos limites do dizível peculiares a esse espaço enunciativo, que, por sua vez, tende a se constituir como um nicho ideal para um sujeito que “simboliza muito pouco ou quase nada” (CORACINI, 2006, p. 149) caracterizado “por um repúdio completo à dimensão do Outro.” (MELMAN, 2002 apud CORACINI, 2006, p. 141)

A análise dos enunciados circunscritos nesses tópicos nos permite entrever alguns pré-construídos que circulam nos dizeres sobre a LI e seu processo de ensino-aprendizagem, os quais funcionam como elementos para que possamos compreender melhor essa relação conflituosa do sujeito com as línguas (materna e estrangeira). A partir da estratégia analítica da paráfrase, agrupamos esses pré-construídos da seguinte maneira:

A pressuposição da Superioridade da LI em relação à LM

A-02.

“i think we should change the name of the community to “yes, i speak english” or something like this... it’s better than “eu amo inglês”
what do u think?”



A-03.

“Sei lá, acho q se for pra mudar de nome tem q ser algo mais inteligente, nao mudar por mudar...tipo: I´m rocked by the English Language”

Em *A-02*, por exemplo, a sugestão para a troca do nome da comunidade por um outro que se inscreve no domínio da LI parece representativa da postura de supervalorização da LE, uma vez que esse enunciado propõe que tal processo de nomeação seja “*melhor*” [*better*] do que aquele atual, que se dá em língua materna. O enunciado *A-03* vai além na postura de supervalorização da LE ao propor uma forma “mais inteligente” de nomear a comunidade, sugerindo, para tal, um enunciado em inglês. A representação de LE que parece emergir destes enunciados é de uma língua na em que a designação e o recorte do real se dariam de um modo “melhor” ou “mais inteligente” do que aquele que lhe permite a LM. Esses enunciados sugerem uma relação do sujeito com a sua LM onde o mesmo se vê limitado e imputa a LI uma solução para tal conflito.

“O inglês é mais fácil que o português (LM)”

O-04.

“Mas inglês é mais fácil, pela forma de usar os verbos com os sujeitos. Não é necessario decorar padrões que dependendo do verbo não são os mesmo, o que é comum em muitas línguas. E volto a repetir, russo pra russo é fácil oras. Mas é tudo muito relativo e difcil de fazer uma experiência com alguém que tenha uma língua materna neutra e tenha que aprender duas línguas distintas”.

Nesse enunciado um efeito de sentido nos sugere uma representação de LI como língua dotada de uma sintaxe simplificada, mais obediente às regras e generalizações. Percebe-se, pela maneira aqui de representar a língua, um investimento em uma concepção homogeneizante da LI que, por ser intrinsecamente “mais fácil”, no dizer desse sujeito, seria acessível a um número maior

(e mais homogêneo) de indivíduos, servindo melhor aos propósitos universalizantes do mercado como agente facilitador do intercâmbio entre os habitantes da dita “aldeia global”.

Ao se filiar à representação da LI enquanto “mais fácil” para referendar o status de *língua franca* da globalização a ela atribuído, esse dizer sobre a língua colabora para o apagamento de razões sociohistóricas e econômicas que levaram o inglês à aquisição do prestígio e do status linguístico do qual hoje goza.⁶

O enunciado acima parece estar ancorado tanto na ilusão da objetividade quanto na de neutralidade da linguagem e, conseqüentemente, do próprio sujeito. Ilusão que pode ser observada no momento em que o sujeito expressa sua curiosidade sobre como se comportaria o falante de uma “língua neutra” (como se isso fosse possível!) quando em processo de aprendizado de duas línguas estrangeiras.

É oportuno observar que, embora se trate de um enunciado que apresenta uma postura aparentemente eufórica a respeito da LI, designando-a como “mais fácil” – enfatizando sua suposta simplicidade sintática –, ele provém da comunidade “Eu ODEIO inglês”, na qual representações de LI análogas a essas são utilizadas como ponto de ancoragem para a postulação de pré-construídos de natureza simétrica e oposta. Dentre as formas resistentes de representar a LI, temos o suposto caráter simplório, a suposta deficiência de vocabulário e de estruturas sintáticas, imputando uma característica de “imperfeição” ao inglês, em detrimento da “beleza” e das múltiplas possibilidades estilísticas, sintáticas e semânticas da LM, então representada como “mais bonita” (cf. O-05), num gesto que entendemos como uma forma de resistência ao discurso naturalizante da hegemonia

⁶ Sobre o processo de expansão da LI e sua tendência como língua franca global, ver Crystal (2003) e Phillipson (1993).



do inglês, ou seja, uma forma de resistência do sujeito na preservação de sua identidade, constituída na e pela LM, para resistir à influência sempre presente da identidade oferecida pela LI.

“O inglês é uma língua ‘pobre’”

O-05.

“(...) 3-Ingles parece lingua de cachorro!Enquanto Portugues é mais bonita(fala sério ,qual lingua vc prefere?)

4-Vocabulário:Eles não tem nada de vocabulárioooooooooo (...) eles não tem tantas palavras para um só significado,quando forem escrever um texto vaificar tudo repetitivo

5-Verbo:O verbo ‘‘To be“ e ‘‘to Have“ nossaaaaaaaaaaaaaaaaa!!!É TUDO IGUAL!!!As palavras repetem,quando eles forem falar,a gente fica maluco sem saber de que pessoa ele tá falando!É tudo ‘‘are,are,are,are“ Que droga!!!Enqunato o da gente é ‘‘sou,é,somos,etc...“,mesma coisa é com o ‘‘to have“![...]”

O-06.

“EU SEI MUITISSIMO BEM O POR QUE DO INGLÊS, PORÉM ODEIO ESSA LINGUA!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

COMO ODEIO OS EUA!!!!!!!!!!!!

Se não souber inglês não tenho emprego,...

mas ODEIO essa lingua idiota nem conjugação tem direito, lingua estúpida

Mostre sua revolta com essa língua, vamos dar tralho aos tradutores e não aprender essa língua escrota”

O-07.

“É uma língua estúpida e pobre. É mais um dos artificios da dominação da cultura americana no brasil e no mundo. Além de tudo é sonoramente feia,

visto q é de origem germânica (hiifwqhçi) e não românica como o português e o francês.”

Em O-05, temos um efeito de sentido que coloca as línguas (materna e estrangeira) em uma relação hiperbólica de direta oposição, estabelecendo um critério excludente no qual aquele que

se filia a uma delas como *preferida* deve, necessariamente, distanciar-se (ou até mesmo abandonar por completo) da outra.

Encontramos ainda filiações a regiões do interdiscurso que postulam banir, em nome da proteção de uma suposta “pureza” da LM, quaisquer tipos de estrangeirismos e empréstimos linguísticos, buscando assim resistir ao avanço da LI sobre a LM, constituindo mais uma forma de resistência da identidade fornecida pela LM em relação à constante presença e influência estrangeira.

O-08.

“[...] Na minha opinião o português é um idioma maravilhoso que possui todas as palavras necessárias para expressar o que sentimos e o que queremos dizer, então porque recorrer a outra língua?”

No enunciado em questão, nos deparamos com um sujeito desejoso de uma língua (materna) que crê autossuficiente e infalível. Esta permitiria ao sujeito nela se constituir e expressar-se por completo, de modo completamente consciente e transparente, sem o risco do equívoco.

“Gosto do inglês, mas também do português”

Ainda a respeito da relação conflituosa entre LM e LE, alguns enunciados parecem buscar uma filiação a um discurso conciliador entre as duas línguas, conforme sugere uma análise da adversativa *but* em A-04.

A-04.

Do you prefer portuguese or english?

I prefer english rrsrs

but also like portuguese

De acordo com o dispositivo de análise proposto por Ducrot (1987), a adversativa *but* nos introduz uma regra de normalidade, na qual se espera que aquele que prefira inglês não goste de português. O enunciado situa-se, portanto, nos domínios da



exceção a uma regra que poderia ser descrita a partir do recurso analítico da negação do enunciado acima:

I like English AND NOT Portuguese

Nesse enunciado, o sujeito, por meio da adversativa, parece fazer o *mea culpa* por viver (n) o conflito entre línguas e oscilar entre as identidades constituídas por cada uma delas, em desacordo com a regra de normalidade que seu próprio enunciado sugere.

O *but* não parece estabelecer uma mera relação de oposição entre LM e LE. Ao invés disso, ambas (LI e LM) convivem e concorrem, do mesmo modo como ocorre com o avatar e a identidade jurídica, ou seja, ao filiar-se a um traço identitário, o sujeito, ainda assim, é afetado por tantos outros.

“Leave your mother tongue”

Considerável parte dos enunciados com os quais nos deparamos no corpus dá a entender que uma das estratégias “ideais” para o efetivo aprendizado da LI seria a sua sobreposição à LM ou, em determinados casos, até mesmo o banimento desta última. Tomemos o caso do fragmento a seguir:

A-05.

“[...] if we love english, the community name should be in english...”

Nesse fragmento, o sujeito imputa um dever introduzido por uma condicional (*if clause*) aos seus companheiros de comunidade. Por meio da condicional *if* o sujeito coloca em questionamento a própria postura de “amor” pela LI que declaram ter aqueles, que ao seu lado, constituem a comunidade “Eu amo inglês”. Se o nome da comunidade não for substituído por um em língua inglesa

⁷ Fazemos aqui alusão ao título de redação, que é parte do corpus analisado por Carmagnani (2003).

e, portanto, em consonância com a postura de alguém que, de fato, ama a LI, a própria comunidade corre o risco de perder nos quesitos *legitimidade e coerência*.

Pode-se depreender desses enunciados um tipo de movimento do sujeito entre línguas, no sentido do apagamento dos conflitos que se dão na relação com a LM e a LI. Esse apagamento se daria pelo total investimento na identidade que se constitui na e pela LI em detrimento da identidade associada à LM; investimento este que encontra no ciberespaço condições altamente propícias, como já discutimos.

Em outras sequências discursivas, percebemos que alguns sujeitos enunciam uma tentativa de conciliação entre a prescrição pelo abandono da LM e os possíveis insucessos de seus interlocutores (nunca o deles mesmos) na aplicação dessa “receita”. Embora reconheça diferentes formas e ritmos de aprendizado, o sujeito que enuncia parece buscar circunscrever-se e constituir sua identidade nos domínios das estratégias e normalidades dominantes nos discursos hegemônicos sobre o ensino de línguas estrangeiras. No enunciado *A-07*, que dialoga com *A-06*, temos alguns indícios dessa estratégia de filiação discursiva: *A-06* instaura um regime de normalidade, pelo uso da adversativa “mas”, postulando que a forma recomendável de se ler um texto em inglês é refutar a transposição daquilo que é lido para a LM. Uma estratégia que escape a essa forma de abordar a leitura constituir-se-ia, portanto, como algo fora da normalidade.

A-06.

“[...] Já estudo inglês há alguns anos, e algumas pessoas sempre me aconselham a não traduzir o texto enquanto o leio. Eu tento fazer isso, mas nunca consigo, as palavras em português sempre me vêm a cabeça quando leio alguma coisa em inglês.”



A-07.

“[...] é só uma questão de tempo se acostumar a não traduzir, mas no meu caso foi tão rápido [...]”

A ideia de estar o efetivo aprendizado de uma língua ligado ao ato de “se acostumar” nos remonta ainda a elementos do discurso behaviorista ainda muito em voga no contexto brasileiro. (UCHÔA-FERNANDES, 2004) Assim sendo, a língua seria um hábito adquirido, sobre o qual se poderia exercer o domínio, modificá-lo, re-educá-lo de modo calculado e consciente.

O imaginário em torno da possibilidade de aquisição da LE por meio do treinamento, de aspectos essencialmente orais da língua, como se a mesma fora uma hábito a ser adquirido, fornece as bases que reforçam a ilusão da aquisição do padrão de fluência do tipo *native-like speaker*. Para tal, um misto de passividade (para sujeitar-se ao treinamento) e paciência (para o aparecimento de resultados ao longo do tempo) é prescrito. Como recompensa, a realização do ato de falar inglês como se o sujeito “fosse realmente um americano”, de acordo com a promessa que fica implícita em A-08.

A-08.

“[...]na metodologia da escola q eu estudo [...] isso eh totalmente errado, pq a pessoa tem q aprender a pensar em ingles. Dessa forma, ela irá entender a frase, e naum traduzir... como se vc fosse realmente um americano[...]”

Essa forma comparativa “*como se vc fosse*” novamente sugere semelhanças entre o desejo do padrão de proficiência e algumas características do avatar. Da mesma forma que aqueles que atingem determinado padrão linguístico não são, mas são considerados “como se fossem” realmente falantes nativos de LI, as pessoas que interagem por meio de um avatar na rede social não são seus avatares, no sentido de que não haver equivalência ex-

plícita do avatar no mundo “real”, mas relacionam-se e se constituem naquela mídia “como se fossem”.

Estabelecendo links

Os enunciados sobre as línguas (materna e estrangeira) com os quais nos deparamos, bem como as representações que deles advêm apresentam-se em uma modalidade que parece ser típica desse meio singular de produção textual, que é o *Orkut*, o que reforça nossa hipótese de que o efeito de liberdade que perpassa essa rede social pode produzir deslocamentos nos modos de dizer, que dão vazão a representações e modos de enunciar, de ser e de (se) ver (n)a interação com o outro que não se encontram (ou são raros) em outros meios.

Acreditamos que saber mais sobre como esses sujeitos (se) veem (em) sua relação com as línguas e refletir sobre suas expectativas e tabus pode ser um exercício valioso para nossa própria reflexão sobre o saber (em) língua estrangeira e como nós (Educadores, alunos, administradores escolares, pesquisadores, etc.) temos abordado o tema em nossa trajetória.

As analogias que pudemos estabelecer entre o processo de construção do avatar e o aprendizado de uma língua estrangeira sugerem que esta ainda é tratada, na maioria dos casos, de um ponto de vista etnocêntrico que estabelece alto status à LI em detrimento da LM. A necessidade de uma prática que integre LM, LI e suas respectivas histórias e culturas, sem a exclusão ou depreciação de uma em favor da outra, embora postulada já há algum tempo por linguistas aplicados, ainda parece encontrar formas robustas e abundantes de resistência no contexto brasileiro de ensino de LI.



Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- CARMAGNANI, A. M. G. A Questão da identidade na mídia: reflexos na sala de aula. In: CORACINI, Maria José R. F. (Org.). *Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas, SP: Ed. Argos/Unicamp, 2003.
- CORACINI, Maria José. Identidades múltiplas e sociedade do espetáculo: impacto das novas tecnologias de comunicação. In: MAGALHÃES, Izabel; CORACINI, Maria José; GRIGOLETTO, Marisa (Org.). *Práticas identitárias: língua e discurso*. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.
- CRYSTAL, David. *English as a global language*. 2nd Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press, 2003
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes 1987.
- FINK, Bruce *A O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Tradução Maria de Lourdes Sette Câmara. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- GRIGOLETTO, M. Leitura e funcionamento discursivo do livro didático de língua estrangeira: lugar de interpretação? In: CORACINI, Maria José R. F. (Org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira*. Campinas, SP: 1999.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento*. 4. ed. Campinas, SP: 2002.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual*. São Paulo, Ed. 34, 1996.
- MASCIA, M. A. A. Discursos fundadores das metodologias e abordagens de ensino de língua estrangeira. In: CORACINI, Maria José R.F.; BERTOLDO, Ernesto Sérgio (Org.). *O desejo da teoria e a contingência da prática: discursos sobre e na sala de aula: língua materna e língua estrangeira*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PHILLIPSON, Robert H. L. *Linguistic imperialism*. 2nd. Oxford, England; New York: Oxford University Press, 1993.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (Org). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. São Paulo: FAPESP; Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

UCHÔA-FERNANDES, José A. *Jogos de (se) mostrar/dizer: o sujeito e os discursos sobre a língua inglesa na rede social Orkut*. 2008.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. *Representações de aluno e professor: o método audiovisual para o ensino de inglês como língua estrangeira*. 2004. Monografia (Graduação) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

Comunidades Analisadas

www.orkut.com, comunidades:

eu amo inglês

(<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=674400>)

eu ODEIO inglês

(<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1148453>)

Dados coletados entre 30/07 e 28/11 de 2006.



A VIVÊNCIA DO ORKUT NO ESPAÇO PÚBLICO: tabuleiro digital

Joseilda de Souza Sampaio (UFBA)

Maria Helena Silveira Bonilla (UFBA)

O Tabuleiro Digital é um projeto que se desenvolve dentro do espaço da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA), e constitui-se para favorecer a universalização do acesso à tecnologia da informação, através de terminais de acesso público e livre a computadores conectados à internet, objetivando, assim, a leitura/escrita de e-mails, navegação em sites da internet e comunicação instantânea em salas de bate-papo. Para o coordenador do projeto, professor Nelson Pretto, essa é uma forma de minimizar a exclusão digital, já que vivemos em um mundo tomado pelas tecnologias da informação, e “[...] acaba à margem do desenvolvimento social aquele que não tem a oportunidade de aprender a lidar com elas. Logo, a questão deixa de ser técnica e passa a ser social”. (NO TABULEIRO..., 2004)

O projeto Tabuleiro Digital procura atender uma parcela da população que não tem acesso às TIC, e, a partir disso, oferecer aos “[...] jovens das camadas mais pobres aquilo que os filhos dos ricos têm em casa”. (PRETTO, 2003, p. 50) Em outras palavras, com o projeto tenta-se romper com o reducionismo de que para promover inclusão digital é preciso apenas oferecer acesso associado a “aulas de planilhas eletrônicas ou processamento de texto.” (PRETTO, 2006, p. 16) É notório que estas iniciativas não contribuem para a imersão dos jovens na cultura digital, pois, além do uso exclusivo de um determinado tipo de software, as limitações do acesso, com os inúmeros “cuidados e proibições”

utilizados, especialmente nos laboratórios de informática das escolas, terminam direcionando a exploração, bloqueando a liberdade e impossibilitando a vivência plena da cibercultura. Segundo Pretto (2006, p. 16), nessa lógica corremos o risco de aumentar o fosso entre pobres e ricos, já que

[...] os jovens que possuem acesso individualizado em casa – muitas vezes em banda larga – interagem plenamente com a cibercultura vivendo, em seus quartos fechados, todas as possibilidades, da cópia e manipulação de música (com os já famosos mp3 e ogg), vídeo, bate-papo e sítios de toda natureza. Enquanto isso, aos filhos dos pobres...aula de informática!!!

À busca de fugir dessas práticas, muitos jovens procuram outras alternativas para terem liberdade de acesso e, assim, interagir de acordo com suas necessidades. Daí, quando encontram os espaços livres para acesso – os centros ou projetos de inclusão digital – sentem-se mais instigados a estar ali, participando do sistema de comunicação contemporâneo: rápido, instantâneo, global e colaborativo. E todo jovem busca essa possibilidade, seja ele rico ou pobre. Em função disso, torna-se necessário destacar a importância da aproximação entre esses dois mundos – a escola e os projetos de inclusão digital. Pretto (2008), em entrevista à revista *ARede*, ressalta essa necessidade, principalmente para que não se estabeleça um conflito entre ambos. E complementa afirmando que os conflitos se estabelecem porque

[...] os projetos são divertidos, ao se apoiarem nas tecnologias que permitem interatividade e estimulam a criatividade, enquanto a escola é chata. A formação nos projetos é mais flexível, enquanto a da escola é mais rígida. E a criança e o jovem precisa de tudo isso, do formal e do informal, do rígido e do flexível. (PRETTO, 2008, p. 46)

Entendemos que, apesar de muitas escolas já estarem com seus laboratórios de informática conectados à internet, sua utili-

zação (quando assim o fazem) é basicamente para navegação e captação de informação ou para limitar a ensinar a utilização de alguns softwares. Ou seja,

[...] as práticas pedagógicas utilizadas na escola não estão conseguindo envolver as características dos alunos, nem das tecnologias, nem das linguagens contemporâneas. Continuam sendo as mesmas práticas do ambiente e do contexto onde os avós, pais e professores se constituíram. (BONILLA, 2005, p. 88)

O que se percebe, portanto, nesse contexto, é que falta sintonia entre aquilo que os jovens desejam encontrar na escola e aquilo que a escola vem oferecendo. Além disso, Tapscott (1999, p. 253) afirma que equipar as escolas com computadores e conectá-las a internet é necessário, mas insuficiente para garantir iguais oportunidades de compartilhamento. Os jovens precisam estar imersos nessa cultura e interagir com professores que saibam articular as múltiplas possibilidades presentes na rede. No entanto, a prática de muitos professores que utilizam a rede é solicitar aos alunos uma pesquisa sobre determinado tema. Entendemos ser essa prática uma subutilização das tecnologias, pois essa forma de uso não permite trabalhar e explorar todas as potencialidades e possibilidades que emergem no universo da cibercultura. Isso é decorrente do fato de que muitos professores não se constituíram e nem estão inseridos no contexto das tecnologias digitais, o que faz com que “[...] percebam uma página *web* como um objeto estático, servindo apenas para transmitir informações”. (BONILLA, 2005, p. 101)

Dessa forma, entendemos que a maneira como são trabalhadas e exploradas as tecnologias, seja nas escolas, seja em alguns espaços de acesso público, faz com que os jovens se afastem ou se aproximem da cultura digital. Quando encontram as “proibições” e não conseguem acessar os sites de seu interesse, com os quais se identificam, se afastam. Tais bloqueios e proibições do



acesso a determinados sites ou assuntos expressam uma concepção de que o jovem é um mero consumidor, uma esponja que assimila tudo o que acessa, e em virtude disso fica exposto e sujeito a ser vítima dos mais variados crimes cibernéticos. O que buscamos é romper com essa lógica de proibição, considerando principalmente que é necessário dar “[...] oportunidade para que os jovens construam uma visão crítica sobre os fatos e sintam-se mais seguros para vivenciá-los”. (BONILLA, 2005, p. 83)

Para tanto, o projeto Tabuleiro Digital foi viabilizado com o intuito de “incluir a FACED/UFBA nesse universo tecnológico para, com isso, possibilitar aos futuros professores e professoras uma maior intimidade com a internet e os recursos das TIC”. (PRETTO, 2005a, p. 19) O projeto foi implementado em 23 de janeiro de 2004, e o nome foi inspirado nos vários tabuleiros de acarajé que estão espalhados na Bahia. Da mesma forma como encontramos no tabuleiro uma diversidade de produtos e a baiana do acarajé é simbolizada como um ponto de informação, de forma analógica, o projeto representa o acesso à diversidade de informações e conhecimentos que poderão ser adquiridos através da internet. Nelson Pretto diz que “[...] a internet deve ser encarada como algo presente, que faça parte da vida diária de todos” (NO TABULEIRO..., 2004), ou seja, não deve ser encarada como algo de um futuro distante, e sim que deve estar presente em cada esquina, tal como o tabuleiro da baiana.

Assim, o Tabuleiro enfatiza o empenho em tornar o uso da rede algo cotidiano, corriqueiro, em aproximá-la das pessoas, disponibilizando as máquinas nos saguões da Faculdade, de forma que não seja necessário procurar pelo acesso, como acontece quando as máquinas estão fechadas em um laboratório; ele é oferecido, tão logo se acesse o espaço físico da Unidade. O não uso da lógica dos laboratórios, como defende Nelson Pretto, significa que a intenção do projeto não é “[...] pedagogizar o uso da

internet, tal como acontece nos laboratórios de informática presentes nas unidades da UFBA'. (NO TABULEIRO..., 2004) Nestes, o uso é restrito à utilização dos computadores para aulas, trabalhos e pesquisa, e, principalmente, tem como regra as inúmeras proibições (proíbe-se acessar sala de bate-papo, MSN, *Orkut*, sites considerados inadequados aos jovens). O Tabuleiro Digital busca romper com essas ideias e, por isso, foi instalado nas áreas de circulação da Faced, sem qualquer tipo de bloqueio ou monitoramento.

O projeto disponibiliza 20 computadores distribuídos nas áreas de circulação dos três andares da faculdade, dispostos de duas em duas ilhas (quatro computadores em cada ilha) nos dois primeiros andares e mais quatro computadores no terceiro andar. As máquinas são organizadas em suportes que lembram os tabuleiros da baiana de acarajé. A estrutura dos móveis do projeto foi desenvolvida pelo arquiteto Eduardo Rosseti, e foi pensado como um suporte para computadores que articula a lógica estrutural com a simplicidade funcional. O Tabuleiro Digital “[...] é reto, sem encostos, sem almofadas, projetado para uso rápido e ágil como o do tempo de comer um bom acarajé.” (PRETTO, 2005b, p. 352) Através de uma estrutura leve, de madeira, e formada por quatro pés em forma de X, travados por um plano horizontal que se encaixa sobre ela, sua simplicidade funcional se presta ao mesmo propósito do tabuleiro da baiana, “[...] abrigar coisas sobre si, conter objetos, e ser a estrutura de apoio de uma função primordial”. (PRETTO, 2005b, p. 352), neste caso, o acesso ao mundo digital. Também, ele foi pensado de forma a romper com a ideia das tradicionais linhas futuristas de móveis, em aço escovado, os conhecidos totens, que apresentam um design sofisticado, fixando no imaginário das pessoas a ideia de que tecnologia é algo de um futuro distante, e que possivelmente estaria distante do sujeito comum.



O objetivo inicial do projeto Tabuleiro Digital era criar mais um espaço de socialização para a comunidade universitária, professores, alunos e funcionários, totalmente desvinculado da sala de aula ou de qualquer disciplina. Como os saguões são espaços por onde os alunos transitam entre uma aula e outra, ou onde param para conversar, podem também acessar a internet para bater um papo com outros, localizados em outros espaços-tempos, via e-mail ou chat, fazer uma postagem no blog, navegar pelos labirintos da grande rede, articular-se em grupos ou comunidades. Com isso, se estabelece

[...] um ambiente global muito mais favorável às organizações em rede do que para as organizações verticais de comando, implicando, claro está, que, para a sua viabilização, precisamos considerar a democratização do acesso à internet como peça chave para que a população possa ter a possibilidade de organizar-se de modo horizontal. Nesse sentido, são de fundamental importância políticas públicas que garantam esse acesso, entendendo-o como urgente, o que implica pensarmos em soluções coletivas e públicas, e não apenas no caso individualizado nas residências. (PRETTO; PINTO, 2006, p. 20)

Ou seja, no contexto contemporâneo, torna-se essencial estar imerso na conectividade da grande rede, uma vez que ela está relacionada a quase todos os aspectos da vida cotidiana, incluindo nisso a educação, a participação política, os assuntos comunitários, a produção cultural, o entretenimento, a interação pessoal, entre outros. Para Warschauer (2006, p. 51), as TIC vêm viabilizando novas estruturas organizacionais de participação social, desde sala de bate-papo entre adolescentes, passando por serviços de encontro entre pessoas on-line e sites de ação política, até o aprendizado a distância pela internet. No entanto, vale destacar que esta não é uma realidade usufruída por todos; o que se percebe é que um grande contingente populacional encontra-se sem possibilidade de acesso à tecnologia. No Brasil, apenas 18%

das residências possuem acesso à internet. Isso aponta a importância ainda maior de centros de acessos coletivos, como telecentros comunitários, redes de computadores em escolas e bibliotecas públicas, entre outros.

Tal necessidade pode ser percebida em torno das dinâmicas do Tabuleiro. No mesmo ano que o projeto foi implementado na Faced, ocorreu uma greve estudantil na UFBA, afastando os alunos da Unidade por quatro meses (de 17 de julho a 7 de novembro de 2004). Foi justamente nesta ocasião que a comunidade não-acadêmica (alunos das escolas públicas das redondezas do Vale do Canela, moradores de bairros próximos, entre outros) passaram também a ocupar esse espaço, estabelecer uma outra dinâmica no projeto, e, conseqüentemente, uma alteração na rotina da Faculdade de Educação. A Faced não mais seria um lugar de “aulas”; havia um outro motivo para estar presente no espaço universitário, o de poder imergir no universo da cibercultura. Muda também a rotina do ambiente escolar da Faced, normalmente fechado, dentro da grade curricular, com horários predefinidos, pois, se os tabuleiros estiverem abertos, em período de férias, à noite, final de semana, sempre encontraremos alguém utilizando. Ou seja, nos saguões da Faced, onde inexistia um fluxo constante, após a implantação do projeto, passou a existir um movimento significativo e ininterrupto. E essa ocupação é carregada de intencionalidade; percebemos que ela busca propiciar às pessoas a aproximação das tecnologias, simplesmente pelo fato de estarem ali, dadas, expostas, de modo que possa instigar o desejo de usar, descobrir, aprender, de forma aberta, livre.

A liberdade é uma das características do projeto. Baseado na lógica da REDE, no compartilhamento de informação, busca o acesso pleno ao mundo da comunicação e da informação. Para tanto, a adoção do Software Livre, como opção tecnológica e como princípio filosófico, foi a escolha natural, pois este tipo de



software, ao oferecer o acesso ao código-fonte, permite o aprimoramento e adaptação do sistema. Através da inter-relação criada entre o Tabuleiro Digital e os princípios que definem o Software Livre foi possível adaptar soluções já existentes, e criar o Debian GNU/Linux Kurumim. Esta solução simplifica a manutenção dos equipamentos e facilita seu funcionamento sem maiores interrupções e sem a necessidade de suporte constante. Por conta disso, foi possível instituir uma dinâmica que dispensa a presença de monitores que controlam e fiscalizam os processos a partir de regras rígidas, como somos acostumados a vivenciar nos tradicionais laboratórios de informática. No Tabuleiro Digital, o papel da monitoria é outro. Os monitores desenvolvem um trabalho de orientação e conscientização para que os usuários cedam lugar a outro, tão logo tenha vencido o tempo recomendado (e não imposto!) de uso, que é de uma hora, e para que evitem acessar conteúdos considerados inadequados em um espaço público, tais como sites de pornografia. Ou seja, a autoorganização da comunidade é o princípio básico do projeto. Pretto, em entrevista à revista *ARede*, explica que o objetivo era que “[...] os próprios usuários se organizassem num acesso democrático, e, dessa forma, os Tabuleiros continuariam pertencendo a todos e a ninguém simultaneamente”. (PRETTO apud ALVES, 2005)

A ideia é estabelecer campanhas de cidadania, de forma que os usuários compreendam que num espaço público todos têm os mesmos direitos, e, portanto, que a responsabilidade sobre o uso também é de todos; principalmente, que os usuários compreendam que os Tabuleiros estão instituídos em um espaço de educação. Nesse sentido, a concepção de inclusão para os idealizadores do projeto passa pela necessidade de desenvolvimento da conscientização de cada usuário quanto aos seus direitos e deveres na utilização de um bem público. Realizar inclusão digital requer que aqueles que estão envolvidos no processo possam

refletir sobre a democratização do uso desses equipamentos para a comunidade. Para compreendermos melhor a lógica de funcionalidade do projeto, podemos associar o Tabuleiro aos espaços urbanos à disposição do público, tais como o banco de praça, o ponto de ônibus, a areia da praia, espaços em que cada um dos usuários administra o seu uso. Portanto, o funcionamento do Tabuleiro rompe com a ideia de proibições, ou até mesmo qualquer tipo de controle ou supervisão por parte de professores ou funcionários da instituição. Este é um ponto de encontro para quem quiser usar a internet, e para o fim que desejar.

Dinâmicas entre *Orkut* e tabuleiro

No Tabuleiro Digital, cada usuário utiliza os computadores livremente, podendo acessar inclusive os tão largamente proibidos e bloqueados jogos, salas de bate-papo, sites de relacionamentos, ou seja, no Tabuleiro, cada um pode vivenciar plenamente a cultura digital. Considerando que as tecnologias da informação e comunicação e as potencialidades que emergem na grande rede internet vêm unificando as possibilidades de transmissão em texto, vídeo, áudio, e permitem aos usuários, em rede, se comunicarem, expressarem ideias, produzirem conteúdos utilizando as mais diversas linguagens, a internet passa a ser vista como um grande espaço de debate público, de construção coletiva de conhecimento, assim como um espaço de cidadania. No universo da cibercultura encontramos “[...] estudantes e pesquisadores do mundo inteiro trocando ideias, artigos, imagens, experiências” (LÉVY, 1999, p. 29), de acordo com seus interesses e necessidades. Contextos como os canais de bate-papo, as redes de sociabilidade como o *Orkut*, MySpace, entre outros, vêm transformando “[...] a tela de qualquer computador em uma janela sempre aberta e ‘ligada’ a dezenas de pessoas ao mesmo tempo”. (SIBILIA,



2008, p. 12) Os jovens do mundo inteiro frequentam e “criam” espaços semelhantes.

O papel que a internet vem ocupando e os reflexos de suas apropriações na comunicação interpessoal têm sido objeto de constante discussão em diversos segmentos da sociedade brasileira. Especialmente, o acesso e os usos feitos da rede de relacionamento *Orkut* provoca tensões, preocupações e interesses, uma vez que esse ambiente difundiu-se largamente no Brasil. Hoje, 70% dos usuários de internet no Brasil utilizam o *Orkut*, e isso representa cerca de “24 milhões de usuários desta nacionalidade” (SIBILIA, 2008, p. 12), mais da metade de usuários *Orkut* do mundo todo.

No Tabuleiro Digital, o uso desse ambiente também se destaca, juntamente com o acesso a jogos. Como os usuários são livres para acessá-los, nos deparamos com uma realidade que tem gerado tensões, pela falta de compreensão dos universitários de que a escolha de “uso” do outro (seja para jogos, acesso a sites de relacionamento, ou qualquer outro site) é tão importante para ele, quanto a sua necessidade particular de usufruir daquele espaço para realizar seus trabalhos acadêmicos, ou para qualquer outra finalidade que julguem estritamente “educativa”. São comuns situações como esta, relatada por um universitário entrevistado:

Estudantes daqui da Faculdade que chegam para esses meninos e dizem: você não pode jogar porque eu tenho que fazer meu trabalho! Eu tenho que verificar meus e-mails, que a professora mandou material de trabalho e tal, e você está aqui apenas jogando! Você está aqui no MSN, no bate-papo ou no *Orkut*! (Estudante, 2007)

Muitos universitários não conseguem compreender que jogar, navegar livremente, bater papo, participar do *Orkut* fazem parte da cultura contemporânea e que, por isso mesmo, necessitam ser incorporados aos processos educacionais e de inclusão

digital. Entendemos que o Tabuleiro Digital não é apenas um lugar destinado à realização de trabalhos acadêmicos; pode ser isso e mais outras tantas possibilidades, pois as diversas formas de utilização dos equipamentos pelos usuários abrem possibilidades promissoras, tanto para aprendizagem, quanto para o lazer, as trocas e os contatos com o mundo. Numa Universidade pública, as experiências não podem ser excludentes – ou trabalhos acadêmicos ou cultura digital – pois elas se complementam, se interpenetram, se potencializam, fazendo emergir “o novo, o complexo, o impensado”. (BONILLA, 2005, p. 157) Esse novo deve ser tratado como potencialidade para uma educação mais significativa, e não como algo negativo que precisa ser combatido, aniquilado.

O Tabuleiro Digital está instalado em uma escola, a Faculdade de Educação da UFBA, com uma finalidade educacional, mas não um educacional em sentido restrito, de apenas permitir o acesso para a construção de trabalhos escolares; ao contrário disso, um processo educacional em sentido amplo, que incorpora a cultura, analógica e digital, a comunicação, a ética, a cidadania na formação dos sujeitos. Portanto, é necessário considerar essas tensões e potencialidades como elementos fundantes dos processos de formação desses futuros professores, trazendo-as para a pauta de discussão cotidiana da Faculdade, seja em momentos de aula, seja em seminários, seja ainda nas conversas informais. Isto vem acontecendo, mas não se esgota jamais, visto que a cada semestre uma nova turma de alunos ingressa no ensino superior e há necessidade de fazer novamente todo o trabalho de esclarecimento, conscientização, formação para a vivência da liberdade, do compartilhamento, do público.

Outro elemento que necessita ser incorporado aos processos de formação dos professores está relacionado às características dos jovens contemporâneos. Eles querem, cada vez mais, “parti-



cipar, questionar, desafiar e discordar” (BONILLA, 2005, p. 73), ser parte integrante desse processo. Em geral, os jovens relacionam-se e gostam mais das tecnologias digitais do que das analógicas. Constituem uma geração que nasceu e está crescendo cercada pelas tecnologias digitais. Mesmo aqueles que não têm acesso ao computador ou à internet, têm certa fluência no meio digital, pois a grande maioria deles tem experiência com vídeo games, celulares, muitos dos ambientes que frequentam estão informatizados. Segundo Tapscott (1999, p. 37), para os jovens, o “visível” da tecnologia não é o recurso em si, e sim o que podem fazer com ele, ou seja, os jovens veem informações, jogos, aplicações, serviços e amigos. Eles não falam em tecnologia, falam em brincar, em construir um site, em se comunicar com os amigos, em namorar. Nesse sentido, a tecnologia é completamente transparente para eles. E é em virtude disso que os jovens não necessitam de “aulas de informática”. Eles “[...] sentem-se confortáveis interagindo com essas tecnologias, vão aprendendo e descobrindo como funciona à medida que essa interação acontece, à medida que brincam, comunicam-se, trabalham e criam”. (BONILLA, 2005, p. 85)

Os jovens que frequentam o Tabuleiro Digital demonstram essas habilidades e características. Uma de suas práticas mais recorrentes é a inserção no *Orkut*. Participando, interagindo e vivenciando o movimento de suas comunidades, estes jovens estabelecem e mantêm laços sociais e constroem alternativas espaços-temporais para a vivência em sociedade. Ao buscar se comunicar por meio de sites de relacionamentos, estabelecem uma prática simbólica que habilita sua identidade “jovem-urbano-conectado” (BUZATO, 2007), posicionando-o como construtor de sua sociabilidade e de suas relações, num espaço-tempo totalmente diferente daquele de muitos professores e pais. Portanto, o *Orkut* é um ambiente propício ao “[...] letramento digital vincula-

do não só à manutenção de redes sociais, mas a um certo tipo de construção identitária". (BUZATO, 2007, p. 229)

Nessa construção de identidades, cada um, a seu modo, vai explorando as próprias potencialidades, construindo percursos, constituindo-se enquanto sujeito social. Nesse processo de exploração de si mesmo e do outro, esses jovens expressam-se, dialogam, desenvolvem habilidades, constroem conhecimentos, passam por um processo de aprendizagem, mesmo que não intencional. Um professor universitário tenta se aproximar dessa perspectiva, afirmando que, ao estarem imersos na rede, nos sites de relacionamentos, esses jovens

[...] estão desenvolvendo habilidades, se ele está digitando com alguém que tem um português melhor que o dele, provavelmente ele deve estar aprendendo, ele deve estar conversando, a conversa talvez possa alargar o horizonte dele, melhorar o vocabulário ou alguma coisa assim. (Professor, 2007)

Como a linguagem mais utilizada no ambiente é a escrita, variantes da língua padrão vão sendo criadas e instituídas, da mesma forma como acontece em outros ambientes, tais como blogs e salas de bate-papo. Daí, o aparecimento do internetês, do orkutês, do bloguês como resposta à velocidade do fluxo comunicacional do meio e como expressão de criatividade e invenção de cada internauta. Em meio a essa velocidade alucinante, torna-se fundamental desenvolver habilidades de escrita e de leitura também muito velozes, daí a necessidade de abreviar palavras, utilizar símbolos, *emoticons*, como recursos para expressar sentidos, para narrar e descrever. Aceleraram-se também os processos de aprendizagem, em rede, em comunidades de interesse, onde uns aprendem com os outros, de forma natural e horizontal, uma vez que todos estão articulados em torno de um objetivo comum.

Essa articulação pode ser percebida nas dinâmicas vividas pelos jovens em torno do Tabuleiro Digital. Eles se juntam,



presencial e virtualmente, ocupando o espaço, tanto para jogar, quanto para acessar o *Orkut*. Um auxilia o outro, ora aglomerando-se em torno de um computador, ora posicionando-se cada um em uma máquina, articulados em rede, mas dialogando presencialmente sobre as atividades que estão desenvolvendo. Apesar de todo esse movimento expressar claramente dinâmicas de aprendizagem, muitos estudantes da universidade continuam percebendo-o como uma prática que não contribui para a formação desses jovens.

A gente acaba percebendo que quem utiliza o tabuleiro, utiliza mais sites de entretenimento. Então o que era para ser uma inclusão digital acaba sendo, de certa forma, uma exclusão. Porque quem é de fora e usa o tabuleiro apenas para acessar site como “orkut”, entra e não acrescenta! Não sai daqui com um conteúdo a mais! E quem quer usar para o meio acadêmico, para fazer uma pesquisa, acaba não conseguindo. Eu uso o tabuleiro digital, faço pesquisas no tabuleiro digital, uso sites de relacionamentos, mas eu vejo que a frequência aqui no tabuleiro é apenas para isso! (Estudante, 2007)

Relatos como este exige de nós um pouco de atenção. Que professores estamos formando? Ainda está presente aqui a ideia de que a aprendizagem está intimamente, e apenas, ligada aos conteúdos programáticos previstos nas grades curriculares de cada curso. A cultura contemporânea, fortemente embasada nos ambientes digitais, e ainda distante de muitos professores universitários, já é uma realidade vivenciada pela maioria dos universitários, mas estes não conseguem estabelecer relação entre ela e a educação. A dicotomia entre educação e lazer ainda está presente nas concepções desses alunos, futuros professores. Daí a simplificação feita ao conceito de educação, e a rejeição de tudo aquilo que não esteja enquadrado nos cânones escolares, onde as relações são verticalizadas e todas as ações pedagógicas devem ser executadas em função da determinação de um sujeito que detém o conhecimento: o professor.

Então, quando as relações que se apresentam são horizontalizadas, sem a presença de um “detentor da verdade”, sem a necessidade de um processo de avaliação quantitativo e seletivo, esse processo é considerado “menor”, sem valor educacional. No entanto, nessas dinâmicas institui-se uma “fonte humanizada de aprendizagem a partir do momento em que os cidadãos se reúnem em torno do computador e, solidariamente, ajudam uns aos outros” (GUERREIRO, 2006, p. 193), ou seja, entendemos que nessas dinâmicas emergem redes sociais, agilizadas e otimizadas, disponibilizadas de acordo com o interesse de cada pessoa, premissas de potencialidades.

Até que ponto o trabalho ou atividade acadêmica que o aluno universitário quer realizar é mais importante que o jogo ou a troca que os jovens estão estabelecendo no *Orkut*? Entendemos que esses jovens, ao estarem imersos na cultura digital, estabelecendo relações horizontais, estão criando e estabelecendo estratégias de aprendizagens, ou seja, é possível que os jovens, nesses ambientes estejam aprendendo mais, porque de forma prazerosa, de acordo com seus interesses e com o contexto contemporâneo, do que aqueles que buscam os Tabuleiros para realizar suas famosas “pesquisas”, às vezes meramente técnicas, numa perspectiva de consumo de informações e não produção de conhecimento e cultura.

Além disso, é necessário considerar que o Tabuleiro Digital é um espaço público, e que atender o desejo dos universitários, dando-lhes prioridade de uso das máquinas para a realização de seus trabalhos acadêmicos, implicaria a privatização do espaço público, deixando de fora todos os não universitários. Estes jovens buscam o Tabuleiro Digital porque esta é uma das poucas oportunidades que têm de estar conectados em rede, de forma livre e gratuita – apenas 1% da população brasileira acessa a internet a partir de espaços públicos gratuitos – em um espaço protegido. Em diálogos estabelecidos com estes jovens, alguns



relatam que abandonaram a escola porque estavam “jurados de morte” por outros colegas ou pessoas das comunidades vizinhas à escola. Então, na Faculdade de Educação, sentem-se seguros, protegidos. Esses jovens, oriundos das classes populares, não dispõem de computador e conexão à internet em suas residências, mesmo que os índices de acesso no país venham crescendo consideravelmente – em 2005, 12,93% dos domicílios brasileiros possuíam acesso à internet; hoje são 18%. Paula Sibilia (2008) também aponta que os números de acesso têm crescido e já representam uma quinta parte da população nacional com mais de 15 anos de idade. No entanto, convém explicitar também que esse crescimento berra em surdina, pois são “[...] 120 milhões os brasileiros que (ainda?) não têm nenhum tipo de acesso à rede”. (SIBILIA, 2008, p. 24) Logo, esses dados nos apontam o óbvio, que a maioria da população brasileira não tem acesso à internet, portanto, é inconcebível mantermos de fora aqueles que têm buscado alternativas para se manter conectados.

Estar imersos nessas dinâmicas contemporâneas, constituindo-se com elas e a partir delas, interagindo, produzindo, criando, seja a partir das comunidades do *Orkut*, ou de qualquer outro ambiente, é o que propõe o Projeto Tabuleiro Digital. Para os jovens contemporâneos, as novas formas de ser e estar passam pela articulação em rede, pela colaboração, por processos horizontais que oportunizam um fluxo contínuo de comunicação, aprendizagem, produção de conhecimento e cultura. E uma das funções da Universidade é oferecer aos jovens essa possibilidade. É essa a proposta do Tabuleiro Digital na Faced!

Referências

ALVES, Rosana. Repórter comunitário: autogestão nos tabuleiros digitais. *ARede: Tecnologia para Inclusão Digital*, São Paulo, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.aredo.inf.br/>>

index.php?Itemid=99&id=245&option=
com_content&task=view> . Acesso em: 19 mar. 2007.

BONILLA, Maria Helena Silveira. *Escola aprendente*: para além da sociedade da informação. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

BUZATO, Marcelo El Khouri. *Entre a fronteira e a periferia*: linguagem na inclusão digital. 2007. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2007.

GUERREIRO, Evandro Preste. *Cidade digital*: infoinclusão social e tecnológica em rede. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2006.

LÉVY, Pierre. O ciberespaço, a cidade e a democracia eletrônica. In: _____. *Cibercultura*. Tradução Carlos Irineu Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999. p. 185-196.

NO TABULEIRO da baiana tem... *A Tarde on Line*, Salvador, 28 jan. 2004. Disponível em: < http://www.universia.com.br/html/noticia/noticia_clipping_babag.html> . Acesso em: 17 jan. 2008.

PRETTO, Nelson De Luca. Desafios para a educação na era da informação: o presencial, a distância, as mesmas políticas e o de sempre. In: BARRETO, Raquel Goulart (Org.). *Tecnologias educacionais e educação a distância*: avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2003. p. 29-53.

_____. *Escritos sobre educação, comunicação e tecnologias*. Campinas, SP: Papirus, 2008.

_____. A história de um caminhar coletivo. In: _____. *Tecnologia e novas educações*. Salvador: EDUFBA, 2005a. p. 13 - 22.

_____. Políticas públicas educacionais no mundo contemporâneo. *Liinc em Revista*, v. 2, n.1, p. 8-21, mar. 2006. Disponível em: <<http://www.ibict.br/liinc/include/getdoc.php?id=193&article=23&mode=pdf>> . Acesso em: 22 jan. 2008.

_____. Tabuleiro digital: educação e cultura digital. In: LEMOS, André (Org.). *Cibercidade II*: ciberurbe: a cidade na sociedade da informação. Rio de Janeiro: E-papers, 2005b. p. 337-356.

_____; PINTO, Cláudio. Tecnologias e novas educações. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 31, p. 19-30, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a03v11n31.pdf>> . Acesso em: 20 jan. 2008.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TAPSCOTT, Don. *Geração digital: a crescente e irreversível ascensão da geração net*. São Paulo: Makron Books, 1999.

WARSCHAUER, Mark. *Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate*. Tradução Carlos Szlak. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2006.



A RELAÇÃO DE FASCÍNIO PELO *ORKUT*: retrato da hipermodernidade líquida, espetacular e narcísica

Rosângela de Araujo Medeiros¹

Escola Municipal de Ensino Fundamental João XXIII

Este é um texto no qual compartilho parte do estudo que resultou na dissertação de mestrado, defendida em 2008, intitulada *A relação de fascínio de um grupo de adolescentes pelo Orkut: um retrato da modernidade líquida*². Busquei resgatar o trajeto da pesquisa e apresentar a construção analítica em torno do objeto investigado. Por conta do caráter deste escrito muitas questões teóricas e metodológicas não foram contempladas aqui. Concentrei-me nas explicações sobre as relações de fascínio construídas e por teóricos e vividas adolescentes no *Orkut*.

Como nasceu a pesquisa ou como o fascínio tornou-se objeto

Vivemos em um mundo digital. Vivemos? Quem vive e usufrui deste mundo? É uma pergunta que sempre circundou meus horizontes, principalmente quando me tornei Professora Orientadora de Informática Educativa (POIE) da rede de ensino municipal de São Paulo e passei a refletir mais sobre o famoso jargão 'igualdade social' e, por conseguinte, a igualdade digital. E me perguntava em que medida os alunos da periferia da

¹ Mestra em Educação e Tecnologia Digital pela Universidade de São Paulo.

² Orientada pela Prof^a Dr^a Vani Moreira Kenski, na Faculdade de Educação da USP.



metrópole paulista efetivamente usufruíam o mundo digital, além daquele espaço.

As turmas iam à sala de informática semanalmente, acompanhadas dos seus respectivos professores que, juntos comigo, organizavam ações e projetos interligados ao trabalho e ao conteúdo desenvolvido em sala de aula. Era um acesso de qualidade, penso. Acesso ao uso, marcado por uma proposta pedagógica. Todos tinham acesso a sites de pesquisa, de curiosidade, criação de emails, de apresentações temáticas. Tinham acesso. Mas não a tudo. Tínhamos normas. Uso de chats e salas de bate-papo só se estivesse definido no projeto. Não era um uso livre. Era um uso “educativo”, ou seja, ligado a um objetivo traçado na escola.

Embora não pudessem jogar como queriam, os alunos tinham uma vontade enorme de estar na sala de informática. Era um burburinho, uma emoção visível a qualquer olho e ouvido que pela porta passasse. Almejavam entrar e reclamavam para não sair no fim do horário de aula.

Mesmo quando mudanças de governo (e de política) acarretaram uma desconexão entre a sala de informática e a sala de aula, dificultando muito a qualidade do trabalho e a parceria entre as professoras dos dois espaços, o burburinho que se formava na porta da sala de informática era sempre constante. Agora, retomando aquela experiência, de onde nasceu minha indagações para iniciar uma pesquisa, penso que a única constância, que resistiu a mudanças nada positivas, foi aquele burburinho dos alunos para adentrar o mundo digital.

Incomodava, de certa forma, aquela insistência e a ansiedade para acessar a internet. Por que aquele interesse intenso? Seria fascínio? O que havia na internet que aguçava tanto o desejo de acessá-la? Assim, este incômodo foi se tornando uma pergunta e a inquietação em torno do fascínio continuou pulsante. Foi assim que nasceu a pesquisa que relato aqui. Fascinavam-se por que,

ou melhor, pelo que mesmo? Quais fatores sociais e/ou psíquicos atuavam naquela relação? A hipótese inicial era de que a possível relação de fascínio ocorria pelas possibilidades de uso que o computador oferecia, o que encaminhou os passos iniciais do estudo.

Almejava entender a definição do que era o fascínio pelo computador, analisando que agentes sociais, como a escola, possibilitavam esse fascínio. Mas, conforme relato a seguir, outras questões surgiram e os caminhos foram sendo re- construídos.

Caminhos da pesquisa

O questionário

Era 2006. Tendo em vista a hipótese inicial, realizei um questionário simplificado, com 473 pré-adolescentes e adolescentes. O questionário levantava informações sobre quais equipamentos eletroeletrônicos tinham em suas residências, o que mais faziam no computador e na internet, em quais espaços efetivavam esse uso e se tinham e-mail, *MSN e Orkut*. Os participantes eram alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental (com idade entre 10 e 16 anos, em média) da escola que eu trabalhava.

Abro um parêntese para dizer que não identifiquei neste fato problemas que interferissem na coleta de dados. Ao contrário, conhecer o espaço e os alunos facilitou a rapidez na aplicação do questionário. Além disso, qual melhor lugar, se não a escola, de alta concentração numérica de adolescentes, para realizar uma pesquisa com esta faixa etária, escolhida para compor a amostra, principalmente por ter facilidade em responder ao questionário. De antemão, explicitiei meus principais critérios de escolha, tanto da local quanto da faixa etária investigada.

Creio ser importante marcar que o questionário facilitou o direcionamento do olhar na busca de um corpus teórico que



pudesse explicitar os fenômenos que se repetiam. Óbvio que isso não foi feito solitariamente. O momento da banca de qualificação foi imprescindível para situar os dados até então coletados e indicar um panorama teórico que foi se ampliando. Na verdade, tive uma preocupação epistemológica, inspirada no trabalho de Lopes (2003), para pensar e explicitar meu fazer científico, resgatando autores que refletissem sobre a metodologia de pesquisa, até para construir o questionário. Também para ter clareza das escolhas que foram sendo feitas no decorrer do estudo.

É importante dizer que o questionário possibilitou a coleta de dados cruciais para encaminhar o horizonte da pesquisa, trazendo algumas surpresas. Digo surpresas, porque não esperava (ou não estava no meu foco) algumas informações do grupo investigado. Quero compartilhar estas surpresas, inclusive para mostrar efetivamente como o estudo foi sendo construído.

Os dados (surpresas)

Fazer um estudo implica ser direcionada por uma inquietação, baseando-se em hipóteses. A minha era aquela sobre o interesse pelo computador como uma relação de fascínio, constituída a partir de agentes sociais, incluindo a escola. Contudo, a realidade é maior do que qualquer hipótese. Ainda bem, porque não vi somente o que eu desconfiava. Vi mais. Apareceram outras questões interpostas pela coleta de dados. Sobressaíram-se e foi permitido enxergá-los. Minha orientadora, Vani Kenski, guiava meu olhar e minha escuta para a amplitude daquele recorte. Foi um processo de dar voz aos dados. Um simples questionário disse muito daquele grupo de pré-adolescentes e adolescentes que moravam na periferia da capital. Muitos em semirresidências, se me permitem o neologismo. Alguns subsistiam. Digo isso porque conhecia a comunidade. Aliás, também era moradora das imedi-

ações. Estavam à beira do abismo social. E do abismo digital. Isso não foi uma surpresa. Dos 473 adolescentes e pré-adolescentes que participaram da primeira etapa da pesquisa, em 2006, somente 28,2³ % tinham o computador em suas residências. Em contrapartida...

O uso e o acesso. Então, a primeira surpresa responde a pergunta inicial deste texto. Sim, vivemos no mundo digital e à revelia das diferenças de acesso. A periferia está nesse mundo. Na beira do abismo, mas não dentro dele. Aquele grupo investigado estava, ou buscava estar.

Os adolescentes atravessavam os mares da exclusão e buscavam o acesso. De alguma forma, atropelavam dificuldades financeiras (de não ter a máquina) e usavam o computador. Corriam para o mundo virtual: 87% dos participantes do primeiro universo buscava usar o computador em algum lugar. Óbvio que era um uso muito restrito, mas não foi possível analisar a qualidade do acesso naquele estudo. Difícil precisar quantas vezes acessavam a internet por semana.

Na verdade, essa foi uma descoberta que não estava em meus horizontes de pesquisa, nem foi o centro da análise, mas acredito ser importante pontuá-la, principalmente para demonstrar a existência de um interesse tão forte que o adolescente faz malabares para ter acesso. Isso ficou bem claro nas entrevistas, quando uma participante relatou que usou o dinheiro do pão para acessar o Orkut em uma *Lan house*. Contudo, esta informação não pode esconder a realidade: mesmo com tanto interesse de uso, o acesso financeiro ao computador ainda está longe de ser democratizado.

³ Segundo a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD) 2006, essa porcentagem aproximava-se do índice na região metropolitana de São Paulo, que correspondia a 24%, enquanto que a média nacional era de aproximadamente 20%.



O distanciamento da escola. Ao perguntar sobre os locais de uso e os interesses que motivavam o acesso, a escola não foi apontada de forma significativa, tampouco os índices sobre usos pedagógicos foram relevantes. As respostas expressaram que os adolescentes tinham interesses ligados às possibilidades da internet, especialmente para diversão (jogos) e para comunicação (*Orkut*).

Isso significou dizer que, mesmo nascida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, com preocupações ligadas à escola enquanto agente social, a pesquisa alçou outros voos para outras fronteiras. Os rumos foram sendo reconstruídos e foi sendo elaborado um caminho em que os dados tomaram corpo e voz, expandindo-se para além dos muros escolares e então foi imprescindível buscar explicação sobre o contexto do uso, buscando autores que discutissem a contemporaneidade.

Contudo, a principal mudança de foco, ou de como surgiu um retrato não esperado, foi ver que o uso do computador mais recorrente estava relacionado à internet (e não havia muita interferência nesse processo de agentes sociais como a escola). Desta forma, sendo uma constatação muito ampla, foi necessário buscar mais informações para compreender o item/programa que poderia ser desencadeador do interesse/fascínio. Os alunos do 5º e 6º anos, mais novos (entre 10 e 12 anos) disseram preferir os jogos, com o interesse na diversão. Já os alunos do 7º e 8º anos indicaram o interesse pela comunicação, apontada pela busca do *Orkut*. Dessa forma, elegi uma ferramenta da internet para construir um recorte na análise. Optei por focar este, buscando entender os fatores psicossociais que contribuíam para a relação de fascínio dos adolescentes pela internet e pelo próprio site.

Aqui é possível identificar a mudança de rumo na pesquisa, tanto no enfoque quanto na construção do quadro teórico de referência. Assim, organizei a realização de entrevistas para

alimentar a reflexão que estava se desenhando e sendo desenhada.

Outros desdobramentos empíricos: as entrevistas

Como a análise dos questionários apontou uma incidência razoável do uso do *Orkut* pelos alunos do 8º ano, foram os adolescentes desse grupo que busquei contatar para as entrevistas individuais, realizadas em 2007. O grupo que teve suas falas analisadas totalizava dez adolescentes, seis meninas e quatro meninos, que tinham entre 14 e 16 anos, cursando todos o primeiro ano do Ensino Médio em escolas públicas.

As questões foram organizadas de forma semiestruturada, combinando perguntas fechadas e abertas, a partir de um roteiro que permitiu aos participantes colocarem-se a respeito do uso do *Orkut* e do que pensavam e sentiam sobre isso.

A realização das entrevistas seguiu as indicações feitas por Paul Thompson (1992). A primeira delas diz respeito à consecução da entrevista piloto, que chama de exploratória. Ao realizá-la com duas adolescentes, percebi algumas dificuldades do roteiro, que foi reformulado, tanto no tipo quanto no vocabulário. A entrevista era iniciada com perguntas sobre o uso da internet e do *Orkut*. Em seguida, trabalhei com questões de completar, organizando o 'Jogo rápido', uma adaptação de um modelo usado em entrevistas televisivas. Iniciava uma frase e o adolescente acrescentava o que lhe vinha na cabeça. A partir de suas respostas, era possível abordar assuntos importantes para a reflexão que estava sendo construída. Busquei a flexibilidade e a sensibilidade para interpelar os entrevistados, modificando a ordem e os tipos das perguntas sempre que necessário.



ALGUMAS QUESTÕES: SUJEITO, FASCÍNIO E FERRAMENTA

Antes da realização das entrevistas, foi essencial me aprofundar em três questões, de cunho mais interpretativo e conceitual, que resumidamente aponto aqui:

a) *O Orkut*. O *Orkut* é considerado uma rede social disponível na internet. Mesmo bastante conhecido, permito-me algumas pontuações acerca desta ferramenta digital. Possibilita aos usuários cadastrados a criação de um perfil on-line (*profile*). Este perfil é como uma ficha de identificação, com foto, gostos pessoais, interesses profissionais, pessoais e amorosos do usuário. Arelada a esse perfil, cada membro tem uma página através da qual pode receber e publicar recados para outros usuários, participar e/ou criar comunidades, bem como estabelecer sua rede de amigos. A proposta do *Orkut* é convergir em um espaço virtual a possibilidade de comunicação com novos e antigos amigos, possibilitando a troca de informações e interesses. A chamada da tela inicial do *Orkut* propõe o contato virtual para fins comunicativos. Hoje, passados quase três anos do início da pesquisa, a publicidade (e o consumo de produtos) já chegou ao referido site. Entretanto, analiso que ainda o foco do *Orkut*, conforme levantei na pesquisa, envolve três aspectos: a conectividade (incentivar o crescimento da rede de amigos), a visibilidade e a interatividade/comunicação.

b) *O fascínio enquanto categoria*. Foi necessário entender e construir, de certa forma, o conceito de fascínio para elaborar um roteiro nas entrevistas, tendo clareza do que poderia ser fascínio, até para depois, na análise, identificar nuances de uma relação de fascínio do grupo entre-

vistado e o *Orkut*. Seria encantamento, como definia qualquer dicionário da língua corrente? Que encanto acontecia entre adolescentes e o *Orkut*? Para isso, busquei autores que tratavam de fascínio enquanto categoria.

Deste modo, utilizei as reflexões de Dieter Prokop⁴, teórico alemão, que discute a existência de um fascínio pelos meios de comunicação. Para ele, existem vários tipos de fascinação. Um deles, mais elucidativo para meu estudo, foi a definição de fascínio como “[...] um prazer sincero em representar, uma firmeza, um contentamento consigo mesmo, uma insuficiência, gestos de uma auto-representação narcisista.” (MARCONDES FILHO, 1986, p. 150)

Também busquei me embasar na pesquisa de Vani Kenski (1990), que investigou o fascínio por uma mídia impressa, o jornal alternativo *Opinião*. A pesquisadora considerou o fascínio “[...] como um sentimento ativo, um estímulo para dispor as energias em uma nova forma de ação” (KENSKI, 1992, p. 68)⁵, verificando que se compunha por três fatores: a conjuntura político-social, sua concretude (o layout, a qualidade jornalística) e as necessidades psíquicas dos sujeitos na época. Desta forma, o fascínio foi encarado como uma reação visível, demonstrada principalmente por gestos e expressões que denunciavam a existência de emoções e de desejo.

Construí, então, uma bricolagem das definições apresentadas por Dieter Prokop e Vani Kenski. Na verdade, foi possível verificar a existência de uma relação de fascínio pelo *Orkut*. Isso porque os entrevistados, em diferentes momentos, explicitaram

⁴ Todas as referências a este autor são reproduções de seus textos, publicadas em 1979. Em 1986, os textos foram organizados por Ciro Marcondes Filho, intitulado *Dieter Prokop*, editado pela Ática na série *Grandes Cientistas Sociais*.

⁵ O ano em que a autora concluiu seu estudo foi 1990, mas aqui utilizo duas publicações da autora que explicitam sua pesquisa (1991,1992). Por isso, a diferença de datas.



um contentamento e uma insuficiência que os estimulavam a dispor suas energias para acessar o computador. Mas não em novas ações, ou em reflexão política, como na pesquisa feita por Kenski, e sim incorrendo na ação repetida de acessar o *Orkut*.

Esta relação de fascínio é identificada pelos entrevistados, e, em várias falas, relacionada à ideia de vício, interligada a necessidades psíquicas criadas no contexto social (de ESTAR, TER e A-PARECER). Neste sentido, me serviu ainda mais a conceituação de Prokop, que considerava o fascínio como uma construção coletiva, que interage com a emoção do sujeito e suas necessidades psíquicas. É o que pontua Suely Rolnik (1997), ao afirmar que tais necessidades também são sociais. Estão banhadas pelos valores da cultura em que estão inseridas, “[...] porque não há subjetividade sem uma cartografia cultural que lhe sirva de guia e, reciprocamente, não há cultura sem um certo modo de subjetivação que funcione segundo seu perfil”. (ROLNIK, 1997, p. 29)

O sujeito fascina-se por algo que lhe captura o desejo em uma conjuntura. Não consiste somente em uma resposta do psiquismo do indivíduo, desconectado do mundo.

c) Marcas sociais da adolescência. Transformações pubertárias e físicas acontecem em um período da vida do sujeito em que a sociedade lhe pergunta o que vai ser, mas não lhe fornece a resposta. Afinal, vive-se a era da fluidez, do imediato e do rompimento da solidez. É o que aponta Ruffino. Ao adolescente convirá uma posição interrogativa. Como não sabe o que o outro quer dele, busca criar seu referencial no encontro com os seus pares. Busca a identificação em grupos. Junta-se a outros adolescentes para dizer e re-significar o ‘não saber’. Estar entre pares, ou buscar amigos é uma das grandes possibilidades do *Orkut*.

Na verdade, busquei compreender o que é ser adolescente na contemporaneidade, para entender essa marca como um construto social. Tenho muitas outras considerações a respeito, mas preferi introduzi-las no texto da análise que se segue.

A teoria e a análise

Foi esse caminho trilhado. A fala dos entrevistados indicou a relação de fascínio alimentada, principalmente pelo contexto; pelas características sociais e psíquicas dos sujeitos (o adolescente) e as especificidades do *Orkut*, ou seja, uma imbricação do contexto, do sujeito e do objeto (ferramenta). Por isso, o estudo teve como *corpus* teórico autores que interseccionam ideias advindas do campo da Sociologia, principalmente, com algumas nuances da Psicanálise, como Zygmunt Bauman, Gilles Lipovetsky, Guy Debord e Cristhopher Lasch.

Dessa forma, apresento uma mescla do *corpus* teórico com a análise dos dados. O processo foi a busca para compreender e contextualizar socialmente o que os dados apontavam, retratando nosso tempo como a hipermodernidade líquida, espetacular e narcísica, sustentada em valores do ESTAR, TER e (A)PARECER.

Retrato da hipermodernidade líquida, espetacular e narcísica

Sociedade Líquida: admirável mundo da urgência (ESTAR). A hipermodernidade líquida traduz a era da fluidez, porque a configuração do estágio presente, segundo Bauman (2001), equivale a um estado líquido, que não fixa espaço e nem prende o tempo. Sua principal característica é ESTAR. Estar em fluxo. Característica atrelada ao reinado do imediatismo e do consumo, configurando um terceiro estágio da modernidade, que Lipovetsky e Charles (2004) definiram como sendo a



Hipermodernidade. Para estes autores, vive-se a era do ‘hiper’, que eleva ao superlativo e hiper-realiza a instauração de um ego ideal, fomentado pelo culto do ‘tudo mais’. Ser o melhor, o mais bonito, o mais perfeito, o mais admirado, na escalada do ‘sempre mais’. Conforme aponta os referidos teóricos, a flexibilidade (e a incerteza) interfere e estrutura as relações sociais. A vivência obedecendo a princípios de consumo, quando o sujeito se caracteriza principalmente pela lógica de acumular e ter facilidade em descartá-los. Prazer imediato.

O *Orkut*, enquanto uma criação desta hipermodernidade, na sua faceta digital, pode ser visto como um incentivo ao efêmero, porque dispõe de recursos variados para facilitar a visitação. Saber que os amigos v o receber notifica o (caso não tenham desabilitado essa fun o) sobre a publica o de novas fotos,   um estímulo para alimentar o  lbum. Por trás da praticidade que promete, incentiva a exposi o e a fluidez. Quem não quer ser bem visitado, visto constantemente sob ângulos variados. Sempre ter novidades. Mudar as fotos constantemente   uma preocupa o manifesta por vários entrevistados, demonstrando respingos dos valores ‘líquidos’ da hipermodernidade. Uma delas expressou que se não mudasse o álbum, ninguém ia querer entrar em seu perfil, e, conseqüentemente, não ia receber muitos recados. Nesse sentido, podemos dizer que o verbo ‘estar’ também   uma constante no *Orkut*. Estar para quem passeia – o ‘fu ador’. Estar para quem   visitado, que sempre quer ‘estar em alta’.   fascinante. Capturador da emo o, na pseudorealiza o do desejo de ser visto na sua forma ideal. A representa o do fluido e da alimenta o do espetáculo. Porque o espetáculo   composto por flashes, de atualidades, da oferta de algo novo, renovável, efêmero.

Sociedade Hiper: amizade como ideal e como mercadoria (TER). Existe um requintado impulso consumista que permeia as rela es do *Orkut*, não para aquisi o de bens e produtos,

mas para a aquisição de números. Receber mais recados, ter mais amigos. A visibilidade incentiva esse impulso. A amizade transformada em uma mercadoria. A amizade traz consigo um item agregado de valor. Quanto mais amigos, mais visível, mais popular, mais famoso. É a era do hiper, discutida por Lipovetsky e Charles (2004). Do querer-mais. De quantificação. Da lógica do consumo, que centra foco no sujeito e projeta desejos humanos em produtos. Severiano (2001) indica que os ideais de consumo prometem a felicidade, o sucesso e a completude através do ato de consumir. É fascinante ser o melhor e ter uma comunicação pseudoperfeita e que mostra o quanto pode ser amigável, legal e confiável.

A maioria dos entrevistados disse que a primeira coisa que fazem ao acessar o Orkut é ver os recados, exemplificando muitas situações em que se utilizam deste caráter comunicativo. Mas existe uma compulsão para dizer, uma necessidade de consumir o ato comunicativo (o envio e recebimento de recado, por exemplo), como se a resposta de um *scrap* fosse reconhecimento e aceitação. Receber recados significa que foi lembrado, visto. É uma comunicação assistida, que tem objetivos para além da comunicação. *Tenho que entrar para ver meus recados* foi uma frase comum dos entrevistados, manifestando uma ânsia por ver o que lhe dizem/escrevem. O fato de não ter chegado nenhum recado causava mais frustração do que o recebimento de recados padronizados, como aqueles que não têm conteúdo comunicativo (não dizem nada do cotidiano, são recados com imagens animadas, ou somente uma expressão de três letras, como, por exemplo, 'Bfs', que significa bom fim de semana). Não importa a palavra, o tema do recado, importa a existência dele. Ser ou ter... Ter sido lembrado. Ter um número de pessoas que lembram. Na verdade, a questão da comunicação está posta juntamente com o interesse implícito dos narcisos digitais, que têm um canal aber-



to para aparecer e parecer. É uma comunicação assistida, quantificada, que promove a interação tendo como pano de fundo o interesse consumista de ter, para aparecer. Quanto mais amigo, mais popular. Quanto mais recados, melhor.

Sociedade narcísica e espetacular (A- PARECER). Conforme aponta Lasch (1983), na sociedade narcísica, o foco é fazer o indivíduo sentir-se sujeito, único, preocupado em suas realizações particulares e sua aparência. Aparência baseada em modelos e padrões externos, criados pelo império do consumo. O culto à imagem necessita de plateia. Nunca o corpo foi alvo de tantos cuidados e de tantos produtos. O incentivo ao narcisismo tem seus pilares no espetáculo. O show é armado para ser visto.

No *Orkut*, os entrevistados manifestaram uma preocupação com ideais de fama e beleza alimentados pela sociedade consumista. São ‘respingos’ da hipermodernidade líquida. O referido site possibilita artifícios para que tais ideais sejam alimentados. Narcisos digitais preocupam-se em serem considerados não só amigos perfeitos (que sempre lembram do outro), mas amigos legais e sexys. Que tenham muitos fãs. Os ícones ‘Fãs’, ‘Legal’, ‘Sexy’ e ‘Confiável’ são a tradução disso. É uma forma de capturar o desejo, obturar a falta e promover mais acessos. N, por exemplo, confirmou que a primeira coisa que sempre olha no *Orkut* é o número de fãs. Quer saber quem tem coragem de dizer publicamente que a admira.

Alguns desses termos são relacionados ao mundo da fama. O que significa ter fãs? No mundo da imagem e do espetáculo, significa reconhecimento, significa ser um ídolo, ter beleza e/ou poder financeiro. Um recurso para se fascinar. Ser sexy, ter fotos que aparentam ter mais idade, ou ter um ar de sensualidade também são formas de serem mais visitados e admirados.

Se puderem parecer melhor do que são, o fazem. X completou a frase ‘no *Orkut* eu...*sou melhor*. Para C, ser melhor é pare-

cer mais velha. Disse usar uma foto no seu perfil com um ângulo que mostra mais do que seus 15 anos, porque quer parecer mais madura. *Tem vez que algum gatinho e eu perguntamos quantos anos ele tem e fala que tem tantos anos e me pergunta, eu falo também que tenho parecido com a dele. Se eu falar que tenho 15, pode me achar muito nova. Ou nem vai falar comigo.* Explicou que na foto não dá pra ver sua idade de fato, parece que tem mais porque não tá mostrando o rosto, tá mostrando mais o cabelo. *E também não está aparecendo o corpo.*

Mas além de ser admirado, o adolescente pode ser outro através do perfil *fake*. Mesmo que seja uma ilusão, a possibilidade de criar um *Orkut* falso é comentada por quase todos os entrevistados. Corroboramos aqui com a reflexão proposta por Turkle (1997), ao afirmar que vivenciamos hoje uma erosão das fronteiras entre o ser e o querer-ser, o anonimato e a fama, a privacidade e a exposição, a veracidade e a ilusão. No perfil *fake* fica mais notório a relação de fascínio dos adolescentes com o *Orkut*, configurando um tipo de fascínio descrito por Prokop como “[...] um prazer *voyerístico* de jogar com a fronteira da realidade e a realidade secreta, sem ultrapassá-la”. (MARCONDES FILHO, 1986, p. 152)

Na verdade, no *Orkut* o adolescente pode A-PARECER. Narciso digital. Ser visto, sob o ângulo que lhe interessar. De acordo com as entrevistas, querem ser admirados e respondem aos ideais de beleza e fama. Podem ter o corpo perfeito, livre de uma voz estranha, ou de pernas e braços desproporcionais ao resto do corpo. Livre de espinhas (características pubertárias da adolescência). Tem a pseudoliberalidade do corpo e da fala. Enfim, como diz Birman (2005), o sujeito acredita que se encontra no centro do mundo. Do seu mundo. O usuário do *Orkut* tem seu Ego publicado, revertido em imagem assistida. O reinado da aparência tem os holofotes direcionados para o narciso digital, con-

temporâneo, que tem como prazer (seria uma necessidade criada?) mostrar-se. O *Orkut* oferece o palco e a plateia.

Os adolescentes mostram-se também para serem admirados. Mais nuances do narcisismo. Aqui identificado como um dos pilares do fascínio. Miram-se no outro. Birman (2005) examina a subjetividade na cultura do narcisismo como caracterizada pela impossibilidade do sujeito do espetáculo descentrar-se de si mesmo, que “[...] encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto”. (BIRMAN, 2005, p. 25)

A relação de fascínio de um grupo de adolescentes pelo *Orkut*

Analisei que o *Orkut* é um espaço virtual que tem peculiaridades fascinantes. Captura a emoção e a atenção do adolescente também porque permite a extensão dos ouvidos, dos olhos, instala a possibilidade de uma comunicação perfeita e indolor. Assistida e atestada pelo outro. A instituição de amizades, que quantificadas, certificam ao tímido adolescente sua popularidade e permite mais: a exposição da vida comum. O espetáculo instala-se facilmente no clicar de botões. Vai além: é onde pode tornar uma fantasia sua realidade no mundo virtual, pode criar uma outra janela de si mesmo, respondendo aos ideais da contemporaneidade, que não compõem de fato sua vida cotidiana. De sucesso, fama e beleza.

Os holofotes estão como fogos de artifício iluminando o sujeito adolescente que se torna o centro do espetáculo. Do estado psíquico de crise e de incerteza é transportado para um estado de pseudocompletude. Encontra no *Orkut* a resposta do que quer ser: admirado. Tem um espaço para estar, ter e parecer. Um lugar para mostrar-se como bem entender. Tornar-se hiper, superlativo: o mais bonito, o mais popular, o mais legal, o mais sexy, o mais confiável. Tornar-se outro. Totalmente outro, uma personalidade

com roupa, foto e nome de alguém que tem status e reconhecimento social. Também é onde encontra seus amigos da vida offline e faz novos contatos. Encontra alguém de sua idade para compartilhar anseios, gostos, medos, ideias (e possivelmente com as mesmas questões emocionais). Encontro de pares para alguém que está rompendo com o mundo adulto. Tudo o que um adolescente em dúvida, revoltado ou sem rumo, que vive em conflito com os pais, precisa. Impossível não se fascinar. A captura do desejo, o contentamento sincero.

Fascinante.

E mais, é um lugar não lugar. Porque pode desaparecer no toque de botões. Pode ser desligado, desconectado. As inseguranças do mundo virtual parecem infinitamente contornáveis para esses adolescentes. Podem ser felizes no *Orkut*? Sim, felicidade efêmera. Amizades também. São mais felizes lá do que na vida real. Além de ser famosa, como disse uma entrevistada, pode ser outra pessoa.

Pode ser outra pessoa que foge da falta. Falta psíquica, mas principalmente falta vivenciada no dia a dia pelas dificuldades econômicas. Falta de acesso.

No mundo digital, palco do *Orkut*, o sujeito pode 'realizar' esses ideais, sendo inclusive, uma outra pessoa. Pode ser vista. Pode ver. Os desejos de onipotência infantil, perdidos, podem, magicamente, concretizar no clicar de botões e na navegação pela tela. O *Orkut* permite a pseudorealização de muitos desses ideais.

Fascinante.

Assim, os recursos do *Orkut* permitem alimentar a relação de fascínio. Tem dispositivos de conectividade, de interatividade, mas principalmente de visibilidade. Mais do que comunicação, permite tornar a vida de um 'cidadãozinho comum' um espetáculo. Alimenta bem de perto os valores narcísicos.



Permite ainda uma autonomia que não desfruta na vida cotidiana. Essa é a tradução da frase *posso o que quiser*, conforme foi dito por uma das entrevistadas. Também é um forte instrumento de colaboração com o fascínio. Na verdade, não só de mostrar-se que vive o narciso digital. Ficou evidente nas entrevistas que suas atividades do mundo jovem estendem-se ao *Orkut*. Relações pessoais de amizade e de amor, paqueras, brigas entre 'rivals', o contato com familiares, a troca de 'fofocas' e de carinho.

Tanto os meninos quanto as meninas entrevistadas disseram das possibilidades amorosas no *Orkut*, porém com um diferencial. Lá o adolescente sem graça e tímido pode encontrar um amor, pode paquerar e pode olhar quem lhe interessa, sem muita decepção. Porque tem a segurança de poder apagar qualquer pessoa de sua rede de 'amigos'. Mesmo que receba uma resposta negativa a uma cantada, ou não tenha a resposta de um recado-convite para sair, logo esse fato é esquecido. O recado é deletado. Não houve o confronto e o vexame de sentir um 'não' de frente, 'na cara'. Nesse sentido, recuperamos a análise de Bauman (2004, p. 13) quando salienta que "é fácil sair de relacionamentos virtuais, parecem limpos, fáceis de usar e manusear porque sempre pode apertar a tecla deletar".

Conclusões

À guisa de conclusões, acho necessário tecer algumas considerações.

A primeira delas é que fazer pesquisa é trilhar caminhos baseados em escolhas. Temas, metodologias e arestas não foram trabalhados no estudo ou compartilhados aqui. E mais ainda, neste texto, que é um resumo do estudo. Mesmo assim, considero que o breve relato apresentado esclareceu o percurso na realização da pesquisa e a análise dos dados, no entrecruzamento da teoria.

As outras conclusões tratam de minha reflexão sobre a temática tratada, ou seja, sobre o objeto de estudo.

Para mim, ficou claro o quanto o sujeito contemporâneo reflete os valores da sociedade hipermodernidade líquida, narcísica e espetacular. A pergunta “por que se fascinam?” pelo *Orkut* só pode ser respondida a partir do contexto. Nesse sentido, pergunta Birman (2005, p. 189): “Então o sujeito perde a densidade e a profundidade, transformando-se numa espécie de superfície plana, margeada pela moldura de um enquadramento”. Seria o sujeito uma marionete ou um emoldurado pelo enquadramento do consumo e do capitalismo desvairado, quando até a emoção e o desejo passam a ser explorados? São questões que demandam severas reflexões, porque questionam a constituição do ser humano, pensando na sua atuação individual e coletiva para sua própria formação e aquela para a constituição da sociedade. Teóricos de várias áreas do conhecimento buscam interpretar essa questão e essa é a busca desde antes da modernidade. A filosofia clássica já perguntava sobre a constituição do homem.

Aqui, me arrisco a dizer que existe uma confluência entre sujeito e sociedade. Digamos que uma imbricação, uma indissociabilidade. Nem a sociedade é um sistema monstruoso que seduz o tempo todo um sujeito passivo, nem o sujeito busca romper com esse status quo. Constroem-se mutuamente. Existe interesse dos dois lados. Há concordância com Maria de Fátima Severiano (2001, p. 164-165), ao refletir que

[...] nas relações do indivíduo com o objeto-signo de consumo não estão em jogo relações do tipo autoritário, ou seja, não se trata de um passivo consumidor/receptor, que se deixa moldar de forma impositiva. Uma relação extremamente complexa, na qual estão em jogo, além dos poderes econômicos, também poderes simbólicos e desejos primitivos.



Na verdade, sujeitos e objeto carregam traços da hipermodernidade líquida, narcísica e do espetáculo. O fascínio não se constitui no vazio. Fascinam-se porque desejam realizar os ideais criados nesta sociedade. Fascinam-se também porque são adolescentes, com características e necessidades psíquicas pseudorealizadas no *Orkut*. Não poderia haver *Orkut* em outra sociedade, nem adolescentes fascinados pelo *Orkut* em outro tempo. Sujeito e objeto da cultura de agora. Da cultura do narcisismo. Da cibercultura, do consumo, do efêmero, do espetáculo. Porque o *Orkut* também é uma busca de um espaço “meu”, para mostrar uma das máscaras do indivíduo, mas que é feita para que os “outros” leiam. A construção dá-se entre o eu e o Outro, porque nenhum homem é uma ilha. Apesar da cultura individualista, somos sociais. Na verdade, somos individualistas exatamente por nossa constituição efetivar-se em um contexto social, que tem como base os princípios do consumo e a cultura do narcisismo.

O *Orkut* não é um monstro solitário, uma entidade desconectada do mundo, que produz adolescentes pseudofamosos, que se expõe aos riscos, ao vício e escancara a privacidade de jovens sujeitos, tampouco um meio único de superficializar os contatos. Não é o *Orkut* que reduz a amizade a números. O *Orkut* é um meio que amplifica os ideais e as relações postas na contemporaneidade. Porque existe uma sedução, mas existe um sujeito que também deixa seduzir. É sujeito do desejo, de uma incompletude que a lógica do consumo e sua representante mais sedutora, a publicidade, atuam e utilizam para nos dar a escolha de que artefatos comprar (ou desejar e sonhar), mas não garante a possibilidade de não consumir. Nem que seja consumir desejos.

O desejo de ser outra pessoa, como é possível no *Orkut*. Outra pessoa que foge da falta. Falta psíquica, mas principalmente falta vivenciada no dia a dia pelas dificuldades econômicas. Falta de acesso. Longe de tratar com profundidade sobre a

exclusão digital, não podemos deixar de protestar contra essa falta objetiva. A hipermodernidade cria desejos, cria meios (como o *Orkut*) de pseudo realizá-los, contudo o acesso a esses meios está efetivamente concentrado na mão de poucos. Um país continental como o nosso impõe a uma população inteira grandezas para além do seu território: grandeza na concentração de renda, na desigualdade do acesso à infraestrutura e aos bens produzidos pelo desenvolvimento da ciência. A periferia da maior metrópole da América Latina também é a periferia digital.

Por isso, acrescentamos aqui mais uma característica da hipermodernidade líquida, narcísica e do espetáculo: excludente. Porque é essa a paisagem que se configura no mundo contemporâneo. Exclusão social e digital, que, entrelaçadas, batem às portas da hipermodernidade. Seu caráter hiper, superlativo também se concretiza nos abismos econômico e digital. Melhor mesmo que seja hipermodernidade líquida, para que essa revoltante diferença seja diluída e absorvida rapidamente sem reflexão. Melhor mesmo que seja narcísica, porque devolve ao sujeito a falta e lhe imputa a responsabilidade desta. Melhor mesmo que seja do espetáculo, para entreter a emoção, captar os estômagos vazios, fazer os corpos malvestidos não olharem para si, mas para um outro que tem poder e fama, e fazê-lo desejar ser igual. Sem questionar por que são diferentes.

Então, cabe questionar em que e como se funda essa sociedade, para que e para quem ela tem servido, situando a cibercultura, o *Orkut* como fenômenos desta sociedade, que precisa de outras práticas e ideais. Ideais que permitam a reflexão, a socialização de produção e apropriação da tecnologia e dos bens de consumo. Ideais que não sejam subterfúgios para seduzir e calar, hiperindividualizar, fragilizar. Que então o fascínio passe a ser do campo do subjetivo, não em resposta a um mundo off-line que imponha a falta, mas seja um encanto, uma captura da emoção



coletiva, que seja a extensão de uma outra sociedade. Onde não haja subjugo e nem discrepâncias, muito menos interesses narcisistas. Que o narciso seja apenas um personagem do passado grego. Que os ideais que se interponham sejam de mudança e essa mudança se faça com indivíduos como sujeitos históricos, que na base dessa estrutura desigual, lute, se necessário nas ruas, no próprio Orkut para destruir a lógica do consumo e do hiperindividualismo, tudo o que a fundamenta, retomando o curso de nosso instinto de homem comunitário e social como princípio.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

_____. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade*: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

KENSKI, Vani Moreira. O fascínio do Opinião. *Cadernos Cedex*, n. 26, 1991.

_____. *O fascínio do Opinião*. 1990. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. A pesquisa sobre o fascínio do Opinião: um exemplo de pesquisa não-dogmática. In: FAZENDA, Ivani (Org). *Reflexões metodológicas na pesquisa*. São Paulo: Cortez, 1992.

LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo*: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Tradução Ernani Pavareli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. *Os tempos hipermodernos*. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico*. São Paulo: Loyola, 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). *Dieter Prokop: sociologia*. São Paulo: Ática, 1986. (Grandes cientistas sociais).

ROLNIK, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, Daniel (Org.). *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

RUFFINO, Rodolpho. Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito. In: RAPPAPORT, C. R. (Org.). *Adolescência: abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU, 1993. p. 25-73.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. *Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais de consumo na contemporaneidade*. São Paulo: AnnaBlume, 2001.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução Lólio L. de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TURKLE, Sherry. *A vida no Écrã: a identidade na era da internet*. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.



O *ORKUT* E A VELHICE: comunidades e discursos

Maria de Fátima Morais Brandão (IFPI)

Rosa Maria Hessel Silveira (UFRGS)

Primeiras palavras

Pode parecer paradoxal um estudo que aborde a questão da velhice em comunidades do *Orkut*. Não seria o *Orkut* justamente o campo predileto da juventude, do novo, do avançado, do “descolado”? Um espaço de gerações que estão chegando? Onde estariam os “velhos” do *Orkut*? Como deles saber, se a declaração de idade para usuários do *Orkut* não exige comprovação e todos (ou quase) podem se declarar jovens, sendo ou não?

Entretanto, não é este o viés pelo qual a temática será aqui abordada. Ao deixarmos de lado a presença de “velhos” como usuários e frequentadores do *Orkut*, nos voltamos para analisar outra forma de sua presença. Assim, nosso olhar se volta para as formas como os jovens representam os velhos nas comunidades do site, em especial naquelas que tomam esses últimos como tema. A partir desse interesse e dessa decisão inicial, foram delineadas questões às quais o presente trabalho pretende trazer algumas respostas: que representações de velho (idoso) são construídas através das descrições das comunidades, dos tópicos inseridos, dos comentários e narrativas introduzidos? E de que forma essas representações circulam, proliferam, se reforçam ou se contrapõem, produzindo seus efeitos na política cultural?

Para buscarmos respostas a tais perguntas, abordaremos tanto aquelas comunidades que se referem aos velhos de forma



preconceituosa e pejorativa, quanto outras comunidades que, frequentemente utilizando outras formas de nomeação, como *idosos*, *velhinhos*, *avós*, etc., apresentam um olhar mais benevolente para com os mesmos.

Entendendo o discurso na visão de Foucault, “[...] como uma prática que forma os objetos de que se fala”, usaremos a análise discursiva, entendida aqui, conforme Gill (2002) e Luke (2008), como as técnicas usadas para o estudo da prática textual e do uso da linguagem como central na construção da vida social. Afastando-se da visão estruturalista, que vê a língua como um sistema fechado, e apoiando-se na visão de Foucault e Derrida, Luke (2008, p. 93) observa:

A linguagem e o discurso não são meios neutros ou transparentes para descrever ou analisar o mundo social e biológico. Pelo contrário, eles efetivamente constroem, regulam e controlam o conhecimento, as relações sociais e as instituições e, sem dúvida as práticas analíticas e exegéticas, tais como a investigação e a pesquisa. Por esse motivo, nada existe fora ou previamente à sua manifestação na forma de discurso.

Nessa visão, portanto, cada texto concretiza um jogo dinâmico em que significados múltiplos, que podem ser gerados em diferentes contextos sociais, se cruzam e se amalgamam; é nos textos que distinções e diferenças vão sendo construídas e reconstruídas em ‘leituras’ distintas. Tal entendimento do caráter constitutivo dos discursos estará como pano de fundo de nossa análise das comunidades.

Para desenvolvermos o estudo, faremos, inicialmente, uma discussão sobre os entendimentos culturais e sociais da velhice e passaremos, em seguida, à análise de comunidades que, de uma ou outra forma, a tematizam.

Velhos e velhices: um olhar cultural e social

Envelhecer é um processo contínuo, e não é apenas o destino dos que passaram de uma dada idade; todos nós, se não houver uma intercorrência, cumprimos o ciclo natural da vida: nascemos, crescemos, envelhecemos e morremos. A “naturalidade” desse processo, entretanto, não significa que ele não tenha sido entendido e vivido de diferentes formas nas diversas culturas e épocas. Em algumas sociedades antigas, ser velho chegava a ser dignificante – na Bíblia, muitas passagens se reportam a isso, e as fases anteriores à velhice eram preparatórias para esse tempo. Todavia, a velhice, nas sociedades ocidentais, mais frequentemente tem sido associada com a inatividade e o declínio biológico a que todos estamos sujeitos. Mais: se cada cultura construiu seus próprios significados para a vida, periodizou-a e desenvolveu sentidos e práticas que seriam inerentes a cada etapa e passagem da vida, foi na sociedade moderna que vai se dar a institucionalização de tal periodização, ou seja, passamos a existir socialmente porque nos demarcaram com uma identidade civil, definida basicamente pelo sexo e pela idade.

Entretanto, como se define o “ser velho” numa sociedade – a sociedade ocidental contemporânea – que prega o ‘manter-se jovem’? Talvez todo esse imperativo de juventude contribua para que muitos de nós, em especial os jovens, tenhamos uma visão sombria e negativa da velhice, e um certo medo do envelhecimento. Poderíamos pensar que esse suposto medo de envelhecer e de ser considerado velho deva-se ao fato de a velhice estar associada, ao longo dos tempos, à incapacidade, à decrepitude do corpo, à ideia de proximidade da morte e à ligação da imagem do velho com o desprezo, a discriminação e a dependência. Nesse sentido, Neri (2007, p. 34) afirma que não é a morte que nos assusta, pois esta faz parte de nossa vida, mas “tememos a dependência, a



perda da dignidade, a solidão e o sofrimento que, sabemos, podem anteceder a morte”...

Na sociedade contemporânea, que celebra valores como a produtividade, a eficiência e a valorização da força de produção, os velhos foram, de certa forma, marginalizados, porque economicamente não-produtivos que não contribuem para uma sociedade em que a produção econômica é um dos mais altos valores. “A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor.” (BOSI, 1995, p. 77) Também na visão de Santos, Lopes e Neri (2007, p. 69) seria de caráter econômico

[...] a maior motivação para a discriminação dos idosos [...] Por não serem capazes de garantir os mesmos direitos aos idosos e a seus membros produtivos, as sociedades atribuem aos primeiros, características indesejáveis, como lentidão, confusão mental, incompetência, desatualização, dependência e improdutividade.

Ainda que haja registros de lugares e sociedades em que a velhice é/foi tratada de forma positiva, textos muito antigos, no Ocidente, já trazem referências à velhice como algo sombrio. À parte essa face sombria que, de certa forma, permanece, é preciso observar, de acordo com Debert (2004), que a ideia de envelhecimento vem sofrendo transformações significativas sob os mais diversos aspectos, desde a segunda metade do século XIX. Assim, se a velhice, na sua representação tradicional, estava restrita ao ambiente familiar e privado e era apontada como um processo gradativo de perdas e de dependência crescente, caracterizada pela ‘invalidez’, ou seja, a ausência completa de desempenho de papéis sociais, no cenário atual, ela passou a ser vista como uma questão pública, já que o Estado e outras organizações privadas assumiram a gerência da velhice, tentando homogeneizar suas representações. Também na esteira dessa reconceptualização, os velhos passaram a constituir um segmento de mercado, já que

essa fase da vida representa uma fatia significativa de potenciais consumidores, podendo ser controlados por corporações multinacionais, que hoje assumiriam o controle da vida.

É nesse contexto que se cria uma nova categoria social e cultural com outra denominação: os *idosos*. Debert (2004) destaca ainda que nesse movimento de socialização e “valorização” da velhice, transformá-la numa responsabilidade individual é o que se pode chamar de processo de reprivatização da velhice.

Tudo sinalizaria, enfim, uma sensibilização da sociedade aos problemas do envelhecimento. No entanto, essas inovações nem sempre asseguram aos velhos o respeito aos seus direitos como cidadãos, tendo em vista suas limitações. Os estilos de vida até então adotados pelos velhos passam a ser vistos como inadequados e os idosos que não adotam as “novas formas de viver” passam a ser estigmatizados. Novas representações deixam excluídos os velhos que não se moldam a esses comportamentos “modernos”, relegando-os à dependência e ao abandono, cujas causas agora não seriam mais o processo gradativo de perdas, próprias do envelhecimento, mas a falta de envolvimento nas atividades direcionadas a essa categoria e a não adoção, portanto, dessas novas formas de consumo e estilos de vida. A mídia passa a ser agente dessa reprivatização, à medida que exerce um certo controle sobre a velhice, divulgando as inúmeras técnicas de rejuvenescimento, os necessários cuidados que se deve ter para manter a saúde e a inserção nos novos mercados de consumo.

Voltando à questão das formas de nomeação, observa-se que as “novas” formas são vistas como possibilidades de quebra das representações estereotipadas e negativas anteriores; fala-se, como já comentamos, em “idosos”, em “terceira idade”, em “melhor idade”. Nessa sociedade onde tudo tende a ser substituído pela última moda, o antigo tem que lutar para sobreviver, para ter “seu lugar”, mesmo que necessite de um “travestismo”.



Dentro desse contexto de discursos polifônicos, como os jovens (futuros velhos) usuários do *Orkut* veem os velhos e se manifestam sobre os mesmos, no jargão coloquial e internético do site ?

Os velhos sob as lentes dos usuários do *Orkut*

Para nós, trabalhar com o *Orkut* é ter a possibilidade de acessar manifestações de sentimentos (ódio, intolerância, amor, desejos, etc.) que, ali, parecem menos sujeitas à censura social do que em outros âmbitos, ainda que outras e sutis relações de poder estejam operando naquele espaço, produzindo representações, confirmando e reiterando discursos correntes. Entendemos que, buscando respostas às perguntas que inicialmente traçamos, podemos compreender como os jovens estão produzindo a si (o “não velho”) e ao outro (no caso, o velho). Afinal, em tais comunidades, os usuários assumem posições de sujeitos, constroem identidades, marcam diferenças através do binarismo ser jovem/ser velho, estigmatizando (ou enaltecendo) o idoso, reforçando estereótipos, provando opiniões e verdades através de narrativas exemplificativas, enfim, dizendo quem são e como são esses ‘outros’.

Numa primeira incursão às comunidades, observa-se que o termo ‘velho’ é mais frequentemente utilizado pelos membros de comunidades caracterizadas pela expressão ‘odeio’ e similares, como por exemplo *Odeio os velhos da rua*, *Odeio velhos que se acham*, *Eu tenho nojo de velho tarado*, *Odeio velhos safados*, etc. Por outro lado, ao se usar na busca termos como *idosos*, *velhinhos*, *vovôs e vovós*, *terceira idade*, encontram-se as comunidades em que os usuários externam admiração, carinho e respeito, como no caso intituladas *Respeitem os idosos*, *Eu amo os idosos*, *Adoro velhinhos fofinhos*, *Eu amo meus avós*, *Mexeu com*

idosos, mexeu comigo, etc. Assim, a associação entre as formas de nomeação e o caráter da representação – se positiva, ou negativa – mostra-se muito forte, numa espécie de confirmação da cruzada do “politicamente correto”.

Iniciemos pelos discursos infames, exemplificando-os por duas comunidades e alguns de seus tópicos:

Velho no volante é uma merda - 06/11/08 – 1604 membros[1]

se vc é um daqueles que esta dirigindo, de repente aparece um desses velhos filhos da puta no volante e faz uma puta cagada do caralho com o carro e quase te fode junto e você morre de raiva deles essa é a comunidade certa...

Tópico: sem nome -

Mateus: Cara no onibus tinha um motorista pé na cova, morreu e esqueceu de cair foi pra pisar na embreagem e o fdp pisou no freio, ele bateu a mão na paradinha de ligar o limpador que mandou aquele negócio longe.

Após os 65 anos favor não dirigir mais...pq vc pode ser sua própria vitima...

Tópico: Quase virei patê

Guilherme: Pois eh... esses dias na cidade vizinha (Chapecó +/- 180.000 hab), recém tínhamos comprado a nossa Saveiro,tavamos saindo da loja...qdo num belo semáforo... os carros da frente frearam rapidamente, nos tbm e um veio gaga atras derrapo e apro a centrimetros da traseira...grrrrrrrr...ja imagino... o carro recém tirado da loja e vim um veio FDP desses e bate na traseira... veio no trânsito eh um sako... principalmente nessas cidades de transito complicado, cheio de semáforos, rotatórias, ladeiras e talz...

Julio: esse caras são 1 merda eles não sabem para que lado botar a porra da ceta quase que porra o carro do meu irmao, o sgfado poe a seta para a direita e vai para a esquerda, e meu irmao estava na esquerda para ultrapassar



Ricardo:

esses velhos tem que ser tudo interdito, va dirigir fogão, mesmo assim, lá no azilo!

A ausência de algumas habilidades que caracteriza os velhos, na visão desses jovens, lhes retiraria o direito de realizar certas atividades, nesse caso dirigir um veículo. Os que atravessam os limites estabelecidos – segundo um dos internautas, dirigir só deveria ser permitido até os 65 anos (!) – encarnam riscos e expõem ao perigo não só a sua vida, mas a dos outros. Os palavrões utilizados, as interjeições típicas do internetês, as referências ao “motorista pé na cova”, ao “veio gagá” dão ideia da agressividade manifestada pelos jovens. O tom direto de deboche e escárnio acentua o deslocamento dos velhos em relação ao socialmente estabelecido e desejável. Nota-se também que a figura do velho no volante é comparada à da mulher, que, nos discursos recorrentes, é representada como um perigo no trânsito, mostrado pelo famoso ditado popular “Mulher no volante, perigo constante”.

Outros estereótipos são também evocados em tais comunidades e um deles é de que os velhos devem abolir, definitivamente, de sua vida a sexualidade. Reforça-se a ideia tradicional de que sexualidade e velhice não combinam, numa concepção já largamente contestada na atualidade. No entanto, dentro da primeira ideia – a de que ser velho é ser sexualmente incapacitado ou assexuado – encontramos comunidades em que, de certa forma, os velhos são ridicularizados quando externam algum desejo ou comportamento associado ao sexo, principalmente se o outro lado envolvido for uma pessoa jovem, como veremos nas comunidades analisadas.

Eu tenho nojo de velho tarado! – 10/11/08 – 164.529 membros

Sabe aqueles velhos que ficam dando em cima das mais novas? Como se fossem adolescente ainda... Então se você tem nojo de velho tarado, está na comunidade certa!

Eu odeio velhos safados – 10/11/08 – 1286 membros

Essa comunidade é pra TODAS as pessoas, indiferente se for mulher ou homem, que odeiam os velhos safados, que ficam por aí falando gírias, nada a ver, dizendo as piores cantadaasssssss...e deixando você morrendo de vergonha por não terem sequer um pingo de respeito!!!

Tópico: 10/11/08 – Diga pq odeia velhos safados que mexem nas ruas

Caroline: Conte suas experiências “nojentas” com esses seres que não se tocam!!!

Tópico: 10/11/08 – Eu tbm odeio esses velhos safados

Anônimo: Será que esses velhos nojentos não percebem que já passou da idade de ficar cantando a mulherada nova? Dá vontade de vomitar só de pensar naquelas pelancas caídas quer dizer td caído né... eles deveriam se tocar que quem gosta de coisas velhas é museu...

Tópico: 09/11/08 Por dinheiro algum

Anônimo: Nem com muito dinheiro! Simplesmente tenho nojo de velhos tarados!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! eles não se tocam e pior: tem a cara de pau de soltar piadinhas pra gente! Essa raça deveria ser eliminada da face da Terra o quanto antes.

Nesses excertos tem-se noção do desprezo aos velhos pela reiteração dos sinais de pontuação e de outros recursos da lin-



guagem usada na internet, os quais enfatizam o ódio e o deboche ao que denominam de “velhos babões”, “velhos safados”, “velhos tarados”, “caras de pau” e “seres que não se tocam”. A representação aponta para sujeitos que “não se enxergam”, isto é, não reconhecem o seu desvalor, porque se insinuam para mulheres jovens. Como têm a ousadia, se têm “pelancas caídas... td caído”? Na sociedade brasileira essas representações são recorrentes e naturalizadas, o que se observa pela expressiva quantidade de membros de algumas dessas comunidades. Observe-se que no *Orkut*, quando se faz a busca pelo nome “velhos”, essas são as comunidades que existem em maior número e que abrigam a maior quantidade de internautas. Lá, os velhos são caracterizados como ‘pedófilos’ e inconvenientes, sem autocrítica, ridículos, nojentos e repulsivos.

Também, em nossa sociedade, é comum se dizer que a maioria dos velhos tem um gosto especial em conversar, de ouvir e contar histórias. Se, em muitas culturas, os velhos, tidos como sábios e experientes, eram os que transmitiam certos conhecimentos para as novas gerações através de sua fala, por outro lado, nas sociedades urbanas contemporâneas, suas conversas são vistas como chatas, desinteressantes e repetitivas. Para muitos jovens, as conversas e histórias dos velhos não interessam e, muitas vezes, são interpretadas como *fôfocas*, principalmente se os velhos fazem algum comentário sobre eles, jovens. Vejamos:

Odeio Velinhos FOFOQUEIROS! 16/11/08 - 1.588 membros

Essa comunidade eh pra vc que nao aguenta mais aquela VELHA FOFOQUEIRA da sua rua que fica sempre sentada na porta da calçada dela, fofocando da vida de todo mundo.

(O que na cabeça dela, eh uma forma de divertimento)

Enfim, se vc tem ODIO dessas criaturas que nao fazem nada a nao ser vigiar a vida de todos os seus vizinhos, seu lugar eh aqui....

Desabafe, Chore, Abre a boca...e quem sabe ate crie um plano pra calar de vez essa criatura, de lingua enorme!!!!

Eu atraio velhos tagarelas: 12/11/08 – 52 membros

Você está no ponto do ônibus, no cabelereiro, na sala de espera do consultório, na fila do banco, no supermercado e pronto! Lá vem ela...aquela velha tagarela puxar assunto com vc: é o arroz que ta muito caro, o motorista que ta correndo demias, a fila que não anda, o último capítulo da novela... Se você é um imã de velhas carentes, que aproveitam de sua maioridade para abusar de nossa paciência esta é a sua comunidade.

Tópico: 12/11/08 – Pq sempre o mesmo assunto?

Júlia: Velho chato não tem criatividade, sempre puxa o mesmo assunto! comigo e foda, sempre tem que reclamar que o motorista do onibus não para, não abre a porta, essas coisas... tudo bem, um dia eu tb vo ser velha, mas velha chata e reclamona e sacanagem!!! Qdo não ta reclamando, ta falando dos tempos da juventude...pqp

Júlia: Você esqueceu de falar do tempo!! eles sempre reclamam, nunca tá anda bom.. ou tá calor demais ou tá frio, o tempo é maluco. Sempre a mesma coisa!! No elevador então, é um terror...

Eu odeio velho fofoqueiro!!! – 12/11/08 – 667 membros

Você não aguenta aqueles velhinhos curiosos que estão sempre dando relatório da sua vida pra todo mundo!? Ou vc está cansado de ser observado 24 hs por dia por um daqueles velhinhos bem fofoqueiros que vão contar tudo que vc faz e ainda aumentar um pouquinho?! Se a resposta dessas perguntas foram "SIM" eles atormentaram a minha vida, então vc está na comunidade certa!!!



Na visão desses jovens, o interesse dos velhos em observar as coisas, contar o que viram, comentar com outras pessoas, interagir oralmente com as pessoas fora de casa constituem fofoca ou intromissão na vida alheia. Os velhos, por não terem mais o que fazer na ótica de uma sociedade produtivista, se comprazeriam em olhar e comentar a vida alheia. Tudo sinaliza que essa juventude do “tô nem aí” – que também ficará velha, se não morrer antes, embora pareça esquecer isso – terá comportamento diferente, ou seja, ao contrário dos velhos, não estará “nem aí” para o que os outros fazem, ou seja, serão velhos, mas diferentes dos velhos de hoje. O que transparece nas falas é que para esses jovens, gostar de conversas e de fazer fofocas é um comportamento exclusivo e detestável dos velhos.

Também aspectos mais formais da fala dos velhos servem de mote para comunidades de zombaria dos velhos, como vemos em algumas que, embora não tenham um número significativo de participantes, estão lá para serem frequentadas por aqueles que acham “engraçada” (ou, até, insuportável) a linguagem dos velhos.

Eu odeio gírias de velhos – 09/11/08 – 69 membros

você já foi chamado de merrequeiro, já te mandaram ir a conchichina, falaram que você deu de burros n'água, já foi por acaso pro xilindró ou xadrez. Essa é uma comunidade pra quem odeia esse tipo de gírias afinal as coisas tem que mudar um dia se naum em vez de gatinha teríamos que usar o famoso (BROTO) e isso não seria nada bom. Eu só posso dizer que essa comunidade é supimpa (Massa) aaaaaaaaaa

Tópico: 08/11/08 Eta blezura

Anônimo: quem naum gosta dos velhinhos... o linguajar deles é mto clássico... pena que to tussindo hj... axo que to custipado ahauhau

Tópico: 08/11/08 – SUPIMPA

Essa comunidade esta SUPIMPA, UM BRINCO (Esta comunidade está de primeira, maravilhosa)

Tópico: 08/11/08 O FIU (O filho)

Se viu o fiu da cumadi (comadre) Lurdê...

Coi mais linda... belezinha viu...

(coisa mais linda)

hahahahaha eu falo igual a um velho

Nesse caso, o que motiva o riso é a variedade da linguagem, chamada de “gírias” de velhos ou “trocadilhos” de velhos, considerada às vezes como ultrapassada e “brega”. Nota-se o preconceito linguístico que coloca o velho como o “exótico”, aquele que fala engraçado, diferente da linguagem “moderna”, dos jovens, e por isso serve de mote para a zombaria. Às vezes, chega-se ao extremo de apontar uma pretensa ininteligibilidade dessa fala, imagem expressa na comunidade *Não entendo gíria de velho*, por exemplo. Como se vê, a questão da diferença também é marcada na variante linguística, que é vista pelos jovens internautas como estranha, diferente do jeito jovem de se comunicar e, portanto, “arcaica”.

A questão da ocupação dos espaços, públicos ou privados, ainda que virtuais, também é motivo de muitas abordagens. Para alguns internautas, dividir o espaço com os velhos é incômodo, o que fica explícito em algumas comunidades, como: *Odeio velhos no ônibus*, *Não dou lugar pra idosos*, *Odíamos velhos no Inglês*, *Os velhos invadiram o Orkut*, etc. A presença dos velhos nesses espaços e, principalmente, no Orkut caracteriza o que seria uma usurpação do espaço dos jovens. Conforme dados estatísticos, cerca de 60% de usuários do Orkut são jovens entre 18 e 25 anos ou assim se declaram, e este número parece autorizar que eles considerem esse espaço apenas como seu. Dessa forma, os velhos

estão “fora de lugar”. Mas, afinal, qual seria mesmo o lugar dos velhos? Vejamos o que dizem os internautas em algumas comunidades:

Lugar de idosos não é no Orkut – 13/11/08 – 1.142 membros

se vc acha que lugar de velho não é no orkut entra aí...e muito chato vc ta la no orkut chegar eles botando um mol de porcaria no seu orkut exemplo

“rafa meu filho e as namoradas” coisas do tipo ridicula...

se quer um lazer sai pra andar deixe de ser sedentário e nos deixe em paz afinal um pouco de senso do ridiculo faz bem e tipo so pq tem internet tem q ter orkut, MSN pode ter e tal mas ORKUT afffff não tem o que fazer não vei velho= 35 pra la, (alguns não são chatos mas geralmente apartir dos 35 paciência)

Os velhos invadiram o orkut 2 – 13/1108 – 40 membros

Essa comunidade é para todas as pessoas que ã gostam de velhos (idosos) bisbilhotando no seu orkut

Outras comunidades, como *Os idosos dominam o ORKUT*, *Idosos no Orkut* também se alinham à mesma visão, reforçando a concepção de que todo progresso tecnológico é ‘coisa de jovens’; aqui os velhos são representados como os que “não se tocam”, que não conhecem “o seu lugar”, que deveriam é “caminhar” para deixarem o sedentarismo. Eles são os invasores, os alienígenas do ciberespaço. O que querem eles nesse espaço criado para a juventude? Por que não veem o ridículo de sua situação? sugerem as indagações. Esse discurso de que há artefatos, objetos e atividades restritos a jovens (geralmente todos conectados com novidades tecnológicas) e coisas só para velhos é disseminado e legitimado em nossa cultura como integrando regimes de verdade.

Outros discursos

Se, acima, vimos representações negativas de velhos construídas por internautas jovens nas comunidades do *Orkut*, caracterizadas na sua maioria pela expressão “eu odeio”, é possível encontrar outras comunidades onde velhos são referidos de forma positiva, com demonstrações de carinho, admiração, respeito e condenação à atitude de outros jovens que estigmatizam os velhos. É interessante ressaltar o alto número de participantes de algumas delas, como *Eu amo meus avós* (286.206 membros) e *Eu amo minha avó* (209.818 membros). Já em um primeiro momento, é preciso salientar que se trata de “avós” e “avó”, o que tem uma carga semântica diferente de “velho”.

Há uma tendência, na análise sociológica, a afirmar que, nas sociedades contemporâneas, as relações intergeracionais tendem a ser substituídas pelas relações institucionais, principalmente nas classes economicamente mais favorecidas. Entretanto, na contramão dessa tendência, ao que parece, “[...] a disponibilidade de tempo, aliada ao carinho dos avós, não destruiu o calor e a importância dessa relação”. (MAGALHÃES, 1989, p.106) Assim, o carinho e o afeto referidos por centenas de internautas, nas comunidades visitadas, são muito expressivos.

Adoro conversar com idosos: 13/11/08 – 4360 membros

Para aqueles que se sentem bem quando conversam com pessoas mais vividas! Sejam bem vindos. Lembrem-se: eles merecem toda nossa atenção...sempre!

Tópico: 14/11/08 – O que vc gosta nos velhinhos?

Jailson Dias: A sabedoria e a experiência de vida que eles podem nos passar.

Nyna majestosa: O que eles tem a ensinar.



Tópico: Porque vocês gostam de conversar com os velhinhos?

13/11/08

Selma: Por eles serem mais experientes que nós, acabam nos dando bons conselhos contando da história de vida deles, dos momentos que mais marcaram na vida deles.

Vemos, aqui, os velhos representados como pessoas experientes e sábias, que têm muito a ensinar aos jovens. As histórias repassadas são vistas de forma positiva e podem contribuir para o aprendizado, provocando, por isso, carinho e atenção por parte dos jovens. Os conselhos, ressaltados por um dos jovens, aliados à experiência e à história de vida são vistos como importantes por estes internautas. Vê-se que o longo tempo vivido e o fato de terem dado início a outra geração são fatos significativos e servem de orgulho para alguns dos jovens. É interessante observar que o português apurado, sem abreviações e com observância de sinais de pontuação, que é utilizado na descrição da comunidade *Respeito ao idoso* difere totalmente do “internetês” comumente utilizado nas demais comunidades.

Assim, em algumas comunidades, fatores algumas vezes vistos como inoportunos por alguns jovens em outras comunidades, para outros passam a ter importância, como é o caso das histórias que os velhos gostam de contar. Nesse caso, representações positivas também são construídas e vários participantes ressaltam que gostam de conversar com os velhos porque admiram as histórias que eles contam. Vejamos:

Tópico: 14/11/08 – O que vc gosta nos velhinhos?

Amanda:

Eu gosto dos velhinhos porque eles tem muitas histórias para contar do tempo deles e também porque eles são legais, tem pessoas que não gostam deles só porque tem rugas cabelo branco e etc mais um dia a gente vai ser assim também...

Antonio Gabriel: eles são meigos e contam histórias muito legais.

André: A sabedoria e disposição, gosto e aptidão para contar histórias. Ouvia com prazer as mesmas histórias de minha avó, pena que ela se foi...

Adoro conversar com velhinhos: 14/11/08 – 628 membros

bom essa comunidade é para aqueles que adoram uma conversa com um velhinho. Eles explicam muitas coisas e viajam no tempo show de bola, contem as histórias que contaram pra vcs.

Nesses excertos, nota-se que, ao contrário de outros jovens, que consideram histórias de velhos chatas e repetitivas, esses internautas as apreciam e valorizam, chegando a destacar a aptidão que os velhos têm para histórias, ainda que essas, às vezes, se repitam. Assim, por conta dessa habilidade, os velhos podem ser representados como inteligentes e “legais”, tratados como pessoas meigas que não devem ser ignoradas pelo fato de serem velhas. Há, inclusive, a percepção de um dos jovens, que chama a atenção dos outros internautas, de que ficar velho é uma condição que atinge a todos, inclusive a eles, que um dia serão velhos também.

A paciência é outra característica atribuída aos velhos em algumas das comunidades visitadas, sinalizando para uma provável experiência que eles têm com os avós, que não só transmitem histórias, mas valores e afetos. Ter paciência é visto de forma positiva, como vemos abaixo.

Tópico: 15/11/08 – O que sua vovó tem de melhor?

Maria: Paciente até demais, só fala baixinho

Tópico: 15/11/08 – Porque vocês gostam de conversar com os velhinhos?



Kátia: eu gosto porque eles têm paciência de escutar e que contam suas experiências de vida!! e vcs???

Tópico: 15/11/08 – O que vc gosta nos velhinhos?

Adriana: A experiência e a paciência. Uma visão mais clara do mundo (alguns). Acredito que o tempo pode aperfeiçoar nossas qualidades, ou maximizar nossos defeitos, depende de cada um.

Vemos, nessas passagens, os velhos representados como pessoas pacientes, que sabem ouvir e que merecem ser ouvidas. A essa característica, novamente adiciona-se a experiência e a sabedoria dos velhos como valores de muita importância para serem repassados aos mais jovens. Tendo que acompanhar o ritmo frenético das sociedades contemporâneas, os jovens talvez sintam essa necessidade de alguém com outro ritmo (paciência) para ouvi-los, entendê-los e não apenas discriminá-los e demonizá-los. Perceber nos velhos a imagem da pessoa paciente, que sabe ouvir, que fala baixinho, contrapõe-se à visão estereotipada de alguns outros jovens, sobre os velhos ranzinzas, que só resmungam e repetem, uma imagem efetivamente desnaturalizada nesses discursos apresentados.

É preciso, entretanto, observar que a admiração, carinho e amor pelos velhos, na maioria das comunidades, estão ligadas à relação de parentesco. Assim, as palavras “amor” e “carinho” quase sempre trazem à tona representações dos avós, ou seja, aparecem com mais frequência ligadas a eles, ao passo que “sabedoria” e “experiência”, na maioria, são relacionadas aos idosos não-parentes. Observe-se que, por vezes, até em função do ciclo de vida, as expressões de afeto são associadas à saudade e à homenagem a avós que já morreram.

Avós não deveriam morrer nunca: 15/11/08 – 34.675 membros

A vocês que nos cercam de muito carinho, de muito amor. Que nos fazem todas as vontades. Que nos dão tudo sem nada pedir. Que nos

amam mais que a si próprios. A vocês, meus queridos avós, que Deus os abençoe cada dia mais. Que nos dê a bênção de sempre tê-los conosco, nos dando muito amor, nos passando experiências, nos ouvindo com carinho, nos "dengando", nos aconselhando, nos suportando sempre com muita paciência. Vocês são para nós, seus netos, um grande exemplo de experiência, de trabalho, de honestidade, de paciência, de fé, de firmeza, e principalmente de muito amor. Amamos vocês...

Saudades dos meus avós: 15/11/08 – 23.130 membros

Pra todos aqueles que o tempo levou nossos vózinhos (as) proutro lugar. E que nos deixaram muitas saudades, daqueles velhos tempo "na casa do vovô (vovó) tudo pode...

Que tivemos o Melhor Avô A Melhor avó do mundo...

Tópico: 15/11/08 – É uma experiência maravilhosa...

Císsa: Sempre tive muito carinho pelos meus avós... hj só tenho uma avó paterna... Ah tive tb uma avó de coração mas ela faleceu... e minha vizinha mora praticamente só ela tem 86 anos e também gosto muito de conversar com ela. Ela me dar conselho e me sinto realizada cada vez q vejo quanto a minha presença preenche bem o tempo dela... nossa as histórias q ela conta são d+... Aê juventude vamos dar mais valor a essa melhor idade eles tem muito a nos ensinar.

Eu amo meus avós: 15/11/08 – 286.206 membros

Para todos que são fã's assumidos de seus avós. Vamos puxar o saco de nossos velhinhos, porque eles merecem.

Eu amo minha vó (vovó, avó...): 15/11/08 – 209. 818 membros

eu simplesmente AMO minha vózinha querida!!! Ela é uma mãezona com o coração maior DO MUNDO!!!!!!!!!! Você também ama sua



vó?? Faça parte dessa comunidade para homenagear nossas avós queridas

Nossos avós, Uma lição de vida: 15/11/08 – 2.218 membros

Esta comunidade é para quem curtiu uma boa parte de suas vidas com seus avós e que aprenderam algo com um dos maiores mestres da vida ... "os avós".

Existem pessoas que passam em nossas vidas, e não a tempo que apague tudo o que elas fizeram por nós, pode passar o tempo que for a saudades, as lembranças, as lições nada passa, porque a cada palavra e a cada gesto era passado uma lição com sabedoria. "SABEDORIA DO TEMPO DA VIVÊNCIA..." E essas pessoas maravilhosas que eu me orgulho tanto e que me acabo de tantas saudades são vocês meus queridos avós.

Nota-se que os velhos, nessas comunidades representados na figura dos avós, são considerados pessoas queridas que despertam amor e carinho por parte dos netos. O fato de esses serem acolhidos pelos avós, de eles fazerem as suas vontades, de serem "dengados" por eles, como revela um dos jovens, desenvolvem relações muito intensas entre avós e netos, que não caem no esquecimento, não passam.

Algumas comunidades chegam a denunciar os maus-tratos contra os velhos e centenas de internautas postam em seus tópicos o repúdio à violência, classificando tais atos como desprezíveis. Na comunidade *Mexeu com idosos, mexeu comigo*, bem como em várias outras, os jovens abominam o comportamento de pessoas que maltratam velhos, como abaixo exemplificamos.

Mexeu com idosos, mexeu comigo: 15/11/08 – 32.338 membros

Se você não admite ver idosos passando por maus tratos e injustiças, e fica revoltado com tamanha ousadia de determinadas pessoas ao tratar um idoso! Essa é a sua comunidade.

Nesse excerto e em outros, a compaixão e a solidariedade pelas pessoas idosas são manifestadas com muita veemência entre os jovens. Os velhos, embora olhados como pessoas indefesas e frágeis, são admirados e merecedores de atenção, respeito e carinho, como ressaltam os jovens. Novamente, há a percepção de que a juventude não é eterna, e que todos irão envelhecer, um dia. Desejar que as pessoas que maltratam os velhos passem pelo mesmo sofrimento, ou até morram, num intuito de retaliação, demonstra a indignação desses jovens e o sentimento de ternura que nutrem por aqueles que algumas vezes são desrespeitados e agredidos pelos próprios familiares.

Últimas considerações

Após este breve percurso sobre comunidades do *Orkut* que tematizam os velhos, pode-se verificar algumas formas com que, nos discursos, diferenças são estabelecidas e confirmadas, identidades são construídas e reforçadas, através de uma importante pedagogia que fascina a juventude. Ramos (2006, p. 202, grifo nosso) comentando uma afirmação de Fischer (1997), ressalta que, embora os discursos das crianças e jovens “[...] remetam com muita frequência às vivências advindas com os avós ou outras pessoas idosas, seus discursos são interpelados pelos discursos midiáticos que, com seu estatuto pedagógico, constroem significados que produzem saberes e sujeitos”.

Efetivamente, o acesso às comunidades que, por um lado, menosprezam e zombam do velho e, por outro, através da associação aos avós, os representam com admiração e afeto, nos leva à reflexão de Lopes (2007, p. 151), que afirma:

[...] insígnias desfavoráveis em torno da imagem e da auto-estima concernentes à velhice vão se contrapondo a novas possibilidades de viver a diversidade [...] e que estamos num momento de transi-



ção, em que os sentimentos positivos em relação à velhice são significativos e apontam brechas para novos modelos de velhice.

Dessa forma, trabalhar com o *Orkut* nos possibilita estudá-lo como veículo de uma pedagogia que, externa à escolarização, vai ensinando múltiplas coisas, a partir dos discursos postos em circulação, que moldam comportamentos e condutas juvenis nesses novos tempos. Nas análises feitas, procuramos ver como esses jovens falam e de onde falam para representar os velhos, e como eles vão 'ensinando' a outros jovens marcas identitárias que definem quem é velho e como se deve ser velho. Nas 36 comunidades pesquisadas, pudemos observar uma grande produtividade de opiniões, nas quais, os jovens, de forma positiva ou negativa, representam os velhos, posicionando-se e posicionando-os em diferentes lugares. Observamos, ainda, que o contato ou o distanciamento com os avós ou com outros velhos é significativo na construção dessas representações positivas ou negativas da velhice. Percebe-se que o culto ao "ser jovem", que domina a mídia, a publicidade e a sociedade contemporânea, propicia a criação de uma visão estereotipada, grotesca e até ridícula da velhice, colocando os velhos como pessoas estranhas e alheias ao mundo contemporâneo. Entretanto, o contato com idosos, principalmente nas boas relações familiares, pode ser a maior motivação para uma convivência harmoniosa e não apenas para a tolerância à velhice.

Valemo-nos, neste estudo, da perspectiva dos Estudos Culturais, no sentido de direcionar o nosso olhar atento para a influência que essas pedagogias culturais exercem na produção de identidades e subjetividades, acreditando que "[...] a pedagogia está em qualquer lugar onde o conhecimento é produzido". (GIROUX; McLAREN, 2004, p. 144) Essa produtividade pedagógica está presente também nas comunidades do *Orkut* que foram aqui analisadas, onde circulam descrições e narrativas produtoras

de representações legitimadas como verdades, como senso comum, como discurso corrente e dominante.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 244-270.
- GIROUX, Henry; McLAREN, Peter. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônia Flávio (Org.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- LOPES, Ruth Gelehrter Costa. Imagem e auto-imagem: da homogeneidade da velhice para a heterogeneidade das vivências. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Edições SESC SP; Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007. p. 141-152.
- LUKE, Allan. Análise do discurso numa perspectiva crítica. In: HYPOLITO, Álvaro Moreira; GANDIN, Luís Armando (Org.). *Educação em tempos de incerteza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 93-110.
- MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. *A invenção social da velhice*. Rio de Janeiro: Ed. Papagaio, 1989.
- NERI, Anita Liberalesso. Atitudes e preconceito em relação à velhice. In: _____ (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Edições SESC SP; Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007. p. 34-46.
- _____. Atitudes em relação à velhice: questões científicas e políticas. In: FREITAS, Elizabete de et al. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 1316-1323.

RAMOS, Anne Carolina. *Cultura infantil e envelhecimento*: o que as crianças têm a dizer sobre a velhice. 2006. 268 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SANTOS, Geraldine A.; LOPES, Andréa; NERI, Anita Liberalesso. Escolaridade, raça e etnia: elementos de exclusão social de idosos. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Idosos no Brasil*: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Edições SESC SP; Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007. p. 65-80.

CORPOS 'GORDOS' NO ORKUT: escritas sobre si e os 'outros'

Elisabete Maria Garbin (UFGRS)

Viviane Castro Camozzato (UFGRS)

Se situem GOOOOORDAS, vcs sujam a paisagem. [...] tem + é q desaparecer da face da terra ou então se mudara pra outro planeta.

Iniciando a conversa...

A pesquisa com que este artigo dialoga teve início com a seguinte inquietação: como são tornadas possíveis escritas na internet que demonstram o ódio a pessoas 'gordas'? Tal inquietação mobilizou-nos a ponto de selecionar comunidades do *Orkut* para o desenrolar do referido estudo. Essa escolha ocorreu pelo fato de nos depararmos com uma forma de escrita mais 'bruta', mais escancarada, crua, diferente de outros espaços cibernéticos (ou mesmo os não cibernéticos), onde narrativas de si e/ou sobre 'outros' não são – até pela própria conformação do espaço virtual – visíveis. Leia-se como outros espaços, salas de bate-papo, *MNS Messenger*, e-mails, *weblogs*, *fotologs*, dentre outros. Ora, se o objetivo não é 'descobrir' verdades, mas analisar efeitos de certos discursos nos sujeitos, nos modos de se produzirem em relação a tais discursos, então a internet se mostra como um campo fértil para esse tipo de pesquisa (ela é, afinal, um campo fecundo para a invenção de novas sociabilidades, menos determinadas por locais de pertencimento, status socioeconômico, etc., e por isso de uma riqueza que ainda estamos por (re)conhecer).

Garbin (2003) assinala que a Rede “[...] converteu-se num ‘laboratório’ para a realização de experiências com as construções

e reconstruções do ‘eu’ na vida pós-moderna, uma vez que, na realidade virtual, de certa forma moldamo-nos e criamo-nos a nós mesmos”. (GARBIN, 2003, p. 126) É com essa possibilidade sem limites de nos reinventarmos através de *nicknames*, por meio dos quais se tem a possibilidade de construir e experienciar diferentes identidades, ou através de escritas que podem ser não identificadas nas comunidades do *Orkut*, nos perfis *fakes*, nos álbuns de fotos [*fakes* ou não] e nos fóruns de discussão, nos quais podemos nos descrever a partir de um ‘eu’ inventado (como algum artista, personagem de desenho animado, com características físicas consideradas mais ideais), entre outras possibilidades, que habitantes da cibercultura se deparam no ciberespaço, tornando possível que, nesse espaço específico, expressem paixões, gostos, preferências, assim como seus ódios, sua intolerância, seu desprezo para com o ‘outro’ que, de certo modo, os inquietam. O excerto, a seguir, corrobora a ideia:

Tópico: *Que nojo dessas gordas. Comunidade Eu odeio gordas*

nao vejo como preconceito, eu tenho todo o direito d nao gostar e expressar isso, nao sou obrigado a fingir q gosto, apenas tolero e nao saio por ai dizendo na q nao gosto delas q se acham. foi por isso q entrei na comunidade e se quem nao gosta dos nossos pensamentos, q crie uma comunidade soh para vcs e ai via uma ideia para o nome: “odeio quem odeia gordas q se acham”. sendo assim, criem a comunidade e deixem de vir fazer gracinhas aki como se vcs fossem gostassem de tudo, e tenho dito!

Esses ‘outros’ são aqueles que se distanciam dos parâmetros de normalidade que a sociedade contemporânea vem, com tanta eficiência, inventando cotidianamente. Os internautas são incessantemente interpelados a terem um corpo em forma, livre de marcas ‘indesejáveis’ – como estrias, celulites, flacidez, gorduras localizadas e em excesso, etc. –, incentivados, portanto, a

investir boa parte de seu tempo, dinheiro, preocupações e aspirações em como recauchutá-lo, aparelhá-lo, torná-lo mais próximo da 'perfeição' almejada. Frente a isso, como será que esses mesmos sujeitos estão se relacionando com as pessoas que possuem corpos nomeados como 'diferentes', e, por isso, tornam-se sujeitos 'indesejados', já que sua gordura, celulites, estrias, flacidez, etc., enfim, os diferenciam, 'diminuem', frente aos demais?

Sobre as escolhas, os caminhos, as temáticas...

Nossas inquietações tomaram mais corpo ao encontrarmos uma comunidade intitulada *Eu odeio gordas*. Nessa comunidade podíamos visualizar conversas que expressavam uma demonização sobre os sujeitos identificados como 'gordas'. Entre tais tópicos de conversas, nos deparamos com o *Gordas & anões... extermínio é a solução*, que motivou vários debates na referida comunidade:

Tópico: Gordas & anões... extermínio é a solução. Comunidade Eu odeio gordas

Aqui estou eu para promover uma ideia que vendo desenvolvendo desde os primórdios de minha existencia, essa seria a TOTAL destruicao dos seres que hoje em dia andam e assolam livremente nossas sociedades ja tao necessitadas de paz e tranquilidade, eu sou a favor do exerterminio de tais criaturas pois:1) sao completamente inuteis, ja que nao teem nenhum valor reprodutivo ou de adorno...hoje em dia os chamamos de OBESOS, GORDOS, ROLHAS DE POCO, SUPUSITORIOS DE ELEFANTE e por ai vai...aqui estou eu tambem para promover minha ideia de total destruicao do que hoje chamamos de anoes...eles devem ser destruidos pois: 1) sao parceiros de nossas inimigas mortais (gordas) 2) com elas formam um comploto contra os humaniodes normais (nos) 3) anoes nao servem para nenhum tipo de trabalho, com excessao dos que prestam um servico util a comunidade morando e trabalhando dentro de maquinas de refrigerente, caixas eletronicos e etc...com excessao destes uteis amiguinhos TODOS devem ser mortos... PAZ



Diante de tal escrita indagamo-nos: quais singularidades dessa parte do ciberespaço possibilitam que as pessoas expressem, de forma tão escancarada, os seus ódios? Eles generalizam certas características associadas aos indivíduos identificados como 'gordas' e as transformam em 'coisas', seres sem história, sem nome, sem valor? Que crueldade é essa? Como isso é tornado possível?

Esse contato foi o primeiro mobilizador para que se instaurasse o desejo [de orientanda e orientadora] de estudar mais a respeito dessas questões, pois parece que se configura como uma urgência do nosso tempo analisar as formas com que são atribuídos valores aos diferentes modos de *estar sendo* humano. Consideramos que tais operações precisam ser problematizadas, pois são produtos de nossa inserção na rede de significados que é a cultura. Além disso, nossos modos de ver não são dados a priori, não são simples 'veículos de olhar as verdades do mundo'. Os nossos modos de ver instituem as próprias 'coisas', lhes atribuem significados. Ou seja, os 'gordos' – dentre outros ditos 'diferentes' – não foram sempre os 'outros' da esfera social; não são, desde sempre, nomeações 'negativas', mas passaram a ser no momento em que murmúrios que ecoavam esses ditos tomaram corpo e estatuto de verdade frente a outras significações. Aqui, portanto, o olhar recebe uma grande importância, pois, "[...] é o olhar que botamos sobre as coisas que, de certa maneira as constituí. São os olhares que colocamos sobre as coisas que criam os problemas do mundo". (VEIGA-NETO, 2002, p. 30)

Cabe destacar que além das comunidades que pregavam o ódio às mulheres nomeadas como 'gordas', como já salientado, a seleção da comunidade *No Food* se deu, primeiramente, para que fosse possível realizar um contraponto com as comunidades do tipo 'eu odeio' analisadas na pesquisa. A intenção era mostrar o quanto discursos corporais vão de um extremo a outro, incidindo

sobre intensas práticas de cuidado e controle corporal – algumas chegando a casos de transtornos alimentares – e, ainda, sobre as práticas de racismo sobre o 'outro-gordo'. Além disso, embora o *No Food* enderece à ideia de ficar sem comer, o que vemos é uma apropriação de tal comunidade por pessoas que, julgando-se 'gordas', tentam criar identificações nesse espaço para, de tal modo, voltar a si e realizar práticas intensas de cuidado e controle para a conquista de seu principal objetivo, ou seja, '*emagrecer para ser feliz*': e logo não só eu como todas nós vamos estar magras lindas e felizes...

Corpos-exibição nas vitrines do Orkut

Tópico: *Diário. Comunidade No Food*

e logo nao só eu como todas nós vmaos estar magras lindas e felizes...

Tópico: *Desafioooooo!!! Uhuuu. Comunidade No Food*

amigas to tentando é vou conseguir é melhor de tudo é saber que tem gente igual a mim...que a magreza é tudo pra mim...fika sem comer me deixa feliz....vencer seus proprios limetes...

As escritas acima parecem evidenciar que, nestes tempos, cada vez mais adquire importância não os sentimentos e as formas das pessoas serem, 'internamente', mas fundamentalmente o modo de as pessoas serem 'externamente'. É o que afirma Sant'Anna (2002), ao referir que o corpo aparece, atualmente, como o lugar por excelência da exposição da subjetividade de cada um, como o principal alvo dos cuidados que outrora eram destinados à alma. Para muitos, portanto, o corpo se reveste como o que de mais belo e importante possuímos, já que cuidar desse novo 'templo' "[...] significaria [...] o melhor meio de cuidar de si mesmo, de afirmar a própria personalidade e de se sentir feliz". (SANT'ANNA, 2002, p. 99) Generalização, portanto, do corpo como



o lugar privilegiado do ‘cuidado do eu’, uma vez que na atualidade o corpo reveste-se de uma centralidade ímpar e investe-se como um contemporâneo marcador social, conforme salienta Damico (2004).

Se, como estamos argumentando, a internet e, especialmente neste caso, o *Orkut*, constitui-se como um laboratório para a produção de identidades e subjetividades, então o corpo de cada um de nós encontra-se, também, dentro dessa discussão. Quer dizer, mais do que um ‘material’, algo da organicidade, o corpo é um ‘elo’ de ligações diversas entre os sujeitos. Pelo corpo, então, muitas das nossas experiências são construídas. O corpo se torna, assim, efetivamente, uma vitrine de como um ‘é’ e, do mesmo modo, de como os ditos ‘outros’ são – ainda que temporariamente, já que o que consideramos como ‘sendo’ é um apego provisório a uma determinada posição-de-sujeito.

Ora, essa visibilidade anunciada, escancarada, evidencia que, num mundo em que as imagens são cada vez mais centrais, o corpo, como uma imagem a ser vista e apreciada, vem sendo progressivamente consumido, tendo por base os parâmetros de normalidade criados que, efetivamente, propõem diferentes práticas para o voltar-se sobre si. Assim, o que cada sujeito espera é poder ser apreciado e admirado nesse corpo que, ao contrário do que os medievais imaginavam, não está desde sempre dado por Deus, mas é passível de sofrer modificações contínuas nestes tempos em que ele aparece como responsabilidade individual de cada sujeito.

Assim, o tema corpo vem sendo posto cada vez mais em evidência na cultura contemporânea, tornando-se alvo crescente dos nossos investimentos, cuidados e afetos. Além disso, desde outras culturas, intervimos no corpo a fim de embelezá-lo e fortalecê-lo, para realizar distinções relacionadas tanto ao estatuto social quanto a questões que envolvem pertencimentos e

exclusões, enfim, abrangendo uma infinidade de finalidades. (SANT'ANNA, 2000) Nesse sentido, as intervenções corporais não são algo recente em nossa história, pois, ao longo dos séculos, diferentes povos preocuparam-se em produzir distinções em seus corpos, enquanto território produtivo para as atribuições de sentidos. Nessa perspectiva, o corpo, enquanto um híbrido entre o biológico e a cultura, tem suas significações amarradas nos tempos e espaços em que está inserido. Ora, se o 'voltar a si mesmo', na atualidade, tem a ver mais com os cuidados com o corpo, com os modos pelos quais investimos nele, o qualificamos, transformamos..., isso não nos reporta a uma situação estanque ou mesmo surgida sem descontinuidades. Afinal, as relações que mantemos conosco e com os demais são construídas através das transformações que estão acometendo a sociedade, ou seja, construções contingentes, situadas em e articuladas a transformações históricas, políticas, sociais e culturais.

Tópico: *Aconteceu de novo..... Comunidade No Food*

é simples...minha felicidade está n MAGREZA e ponto. Nada nem ng vai mudar essa minha "opinião" ,ate gostaria d pensar de outra forma,mas...rsrs , cada um cuidando de sua vida q é melhor !!Acho q somos bem grandinhas p sabermos o q estamos fazendo..já tentei sair dessa uma vez ,e o resultado foi terrível ,portanto...não vejo lógica em ser "gorda" e fingir q é feliz!

Tópico: *beleza poe mesa. Comunidade No Food*

Não vamos ser hipócritas, beleza Poe mesa sim. E para mim isso é importante sim. Quem são as pessoas consideradas bonitas? As que são magraaaaaaaaaaaaaaas, e eu quero ser binita, pois a vida exige isso da gente, as pessoas me vêem e já tem noção de quem eu sou, eu sou o q eu mostro e quero me mostrar bonita e desejável. Não sou nenhuma ignorante não. Mas espero q tb me respeitem e deixem eu ser como sou



O que transparece, no excerto acima, é um 'eu' que fica à superfície, marcado como sendo o corpo. Esse 'eu', visto dessa forma, vê os 'outros' (e a si mesmo) como corpos em exibição que devem ser mostrados, exibidos, transformados constantemente, recauchutados, qualificados... a partir do que é posto como sendo o 'belo' e aceitável hoje. Assim, pensar no corpo como sendo a 'vitrine do eu' nos possibilita enxergar que estamos numa cultura em que este, por ser o que de nós é mais visibilizado e exposto, torna-se aquilo que nós somos, ou seja, nos inserimos no mundo tendo por base o que aparentamos ser – assim como 'lemos' o que uma pessoa 'é' a partir do que ela aparenta ser. Essa centralidade do parecer ser como atestador do que uma pessoa 'é' está relacionada a uma cultura em que a imagem é central como 'atestadora' daquilo que 'somos'. Numa cultura do espetáculo, em que as imagens movimentam as nossas maneiras de pensar, as pessoas relacionam-se crescentemente mais tendo por base as imagens, como contemporâneos arsenais constitutivos. Assim, enquanto tendência contemporânea tende-se a

[...] transformar todas as partes do corpo em imagens de marca e num *marketing* privilegiado do eu. Por conseguinte, o desejo de investir nas imagens corporais torna-se proporcional à vontade de criar para si um corpo inteiramente pronto para ser filmado, fotografado, em suma, visto e admirado. (SANT'ANNA, 2002, p. 106)

É por centrar-nos no contemporâneo que as reflexões de Bauman (2001) são importantes, pois, como o referido autor argumenta, num mundo líquido, em que cada vez mais reina a incerteza, em que cada vez mais o que interessa é o final, os resultados – mesmo que estes sejam difíceis de prever – e não os meios, os indivíduos podem investir em seus corpos, vendo-os como um produto que, por meio de uma série de intervenções, pode tomar a forma do objeto desejado. Expressão, portanto, de um desejo que pode logo ser revisto, em prol de modificações que

nos são acenadas. Pois parece que, assim como em outras áreas, tratando-se do corpo estamos sempre insatisfeitos de alguma maneira, uma vez que as tendências sobre ele vão se modificando continuamente e, “Para que as possibilidades continuem infinitas, nenhuma deve ser capaz de petrificar-se em realidade para sempre”. (BAUMAN, 2001, p. 74) Além disso, como o tempo não cessa, a vontade de minimizar continuamente seus efeitos em nós vai crescendo proporcionalmente. Assim, parece que estamos, irremediavelmente, enredados em intervenções nos corpos para barrar as inscrições do tempo; por outro lado, enredados tanto nos olhares que lançamos a nós mesmos – e aos outros – quanto nos olhares que os outros lançam sobre nós, pois, nesse processo, uma vez que haja a sensação de ‘desencaixe’ em relação aos parâmetros que estão gerindo os corpos nos direcionamos a solução mais comum, e por isso talvez banalizada, que é intervir nesse corpo, transformando-o:

Tópico: mudar pra ser feliz. Comunidade No Food

to muito feliz porque cada vez emagreço mais. O meu objeto de chegar nos 45kg ta pertinho. e so continuar firme. eu precisava mudar para ser Felix, fiquei muito tempo me punindo e punindo o meu estomago, agora quero modificar tudo. e olha q eu era um monstro de 77kg!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

No *Dossiê universo jovem 3* (MTV, 2005) podemos ter uma noção do quanto as questões relativas aos desejos sobre os corpos estão em evidência. No referido *Dossiê*, a preocupação com o corpo é algo que ultrapassa as questões relativas às classes sociais, pois é uma preocupação que se encontra transversalizada na sociedade, tendo investido as suas flechas em todas as camadas sociais. Assim, da classe A à C, e.g., o desejo de cuidar, adular, modificar o corpo está presente, colonizando os sonhos de jovens e outras gerações. Além disso, os depoimentos e análises demonstram o quanto a juventude centra-se no corpo, chegando ao ponto



de oito por cento (8%) dos participantes da pesquisa declararem “que ‘certamente estariam dispostos a ser 25% menos inteligentes se pudessem ser 25% mais bonitos’, e outros 7% decla[ra]ram que ‘provavelmente abririam mão de 25% de sua inteligência em troca da mesma porcentagem de beleza’”. (MTV BRASIL, 2005, p. 35)

Dentro desse conjunto de discussões que atravessam a sociedade e a nossa produção enquanto sujeitos historicamente situados, cabe salientar que no *Orkut* ressoam discursos de todas as áreas como ilustra o excerto a seguir:

Tópico: é preciso criar vergonha. Comunidade Eu odeio gordas

Não entendo como esse monte de graxa ambulante não tem vergonha de viver com essa gordura toda. Emagrecer é so uma questão de querer e de gostar de si. Puxa, há tanta informação hoje em dia. Na tv a gente vive vendo noticias sobre saúde, cada vez inventam novas coisas para emagrecer, tem academia pra tudo q e lado, e so se alimentar bem que emagrece. Mas não elas preferem ficar se entupindo e nos fazendo conviver num mundo em que esta cheio de seres horrosos

Assim, se jovens e pessoas de todas as gamas e tipos se comunicam, se expõem e utilizam do corpo para exhibir a si mesmo e participar dos jogos avaliativos a partir das imagens corporais, é necessário compreender que tais práticas encontram-se incrustadas num contexto mais amplo, com o qual os sujeitos que adentram ao *Orkut* não deixam de dialogar. Assim, o que as discussões sobre um alargamento nos usos da internet e, agora, da centralidade do corpo nos jogos de sociabilidade dos sujeitos parecem nos demonstrar é um certo dilatamento, principalmente, desses laboratórios para as experiências cotidianas.

Corpos-escrita e as suas articulações nas produções de si

O título ilustra um dos achados da pesquisa em questão: o tom confessional das escrituras. Em muitas comunidades do *Orkut* tal tom é fortemente evocado. Assim, *orkuteiras* vão narrando suas histórias sobre o que acreditam ser motivo de estar 'gordas', o que as está motivando a buscar modificar os seus corpos e as formas de verem a si mesmas, as práticas cotidianas que passam a assumir (ou mesmo intencionar) para realizar seus objetivos:

Tópico: *ANIMADA. Comunidade No Food*

oba, tb quero entrar nessa, e como nunca psoto aqui vou contar minha historinha xD. no ultimo ano eu cheguei a pesar 68 kg, pra 1,63m... eu era muito gordinha, mas com muita dieta e bicicleta cheguei em 59 kg.. n fazia no food, e aos poucos tava emagrecendo... foi aí que eu parei de emagrecer !! resolvi entrar numa academia, fiz avaliação e tal, e preciso perder mais uns 7 quilos, mas com dieta normal não vai ! Então criei esse profile pra acompanhar vcs nessa, pois eu falo com toda a certeza: só é gordo quem quer !! e todas nós podemos alcançar nossos objetivos, basta ter foco !!

Através da escrita, como exercício de si sobre si, cada um assimila “a própria coisa na qual se pensa. Nós a ajudamos a implantar-se na alma, a implantar-se no corpo, a tornar-se como que uma espécie de hábito, ou em todo caso de virtualidade física”. (FOUCAULT, 2004, p. 432) Essa escrita, na qual nos inscrevemos no curso de nossas vidas, nos marca. Nesse sentido, cabe salientar o papel da técnica utilizada de escrever como foram os seus dias, relatando o que e de que modo comeram, se praticaram exercícios, como isso ocorreu, o que compraram, o que as estimulou, que ‘deslizes’ na dieta foram cometidos, etc.



Tópico: ESTAMOS JUNTAS NESSA!!! Comunidade No Food

eu sempre entro em NF mais a noite quando chego do trabalho acabo beliscando alguma coisinha (um amendoim, bombom etc...)hoje tive vontade de chorar, meu objetivo eh no minino 200 gramas por dia, totalizando em um mes e duas semanas 7 a 8 kg!!!!
VAMOS LÁ MENINAS, VAMOS DAR FORÇA UMA AS OUTRAS

Temos, aqui, um modo de apreender para si certos discursos verdadeiros que elas querem ter marcados em si mesmas, talvez para se constituírem com uma armadura para poderem deixar de ceder às tentações altamente calóricas que as podem assolar. Como salienta Ortega (2002a), as práticas de bio-ascese utilizam-se de técnicas que eram utilizadas na ascese da antiguidade, mas os seus objetivos é que variam, ou seja, a ligação dos sujeitos a certos significados valorizados em nossa época que são inquestionavelmente diferenciados.

Assim, parece que, quanto mais desvios ou faltas cometidas são expressas nas comunidades do *Orkut*, menores serão as possibilidades de neles incorrer. Essa pode ser uma técnica de si corriqueira em nossos dias, propriamente esse ato de narrar o seu dia através daquilo que se come, técnica essa que já víamos nos gregos também, mas de formas distintas, obviamente. Salienta-se, assim, o quanto a confissão é evidentemente marcada em comunidades do *Orkut*, enquanto espaços propiciadores dos sujeitos podem dizer a verdade sobre si mesmos para si e para os outros – examinando-se. Escrutínio dos atos, os quais, em repetidas vezes, são detalhadamente narrados no *Orkut*, dentro de tópicos variados, entre eles os intitulados ‘diários’. Essa ação de registro escrito dos atos funciona como um meio de, através da escrita, rememorar o dia para, desse modo, invocar as ações e poder julgá-las. Para um efetivo domínio constante sobre si, essa prática mostra-se eficiente, pois possibilita a busca por não incorrer mais a tais erros que, aliás, muitas vezes tornam-se morais:

Tópico: *diário. Comunidade No Food*

Bomm vou contar aki meu dia diaa... minah meta é perder 15 kilos.. tenhoo um planoo de começar cm 150 calorias baixar pra 100 na 2° semana e 50 na ultima...pra perder 15 kilos... meu dia hj foi assim. comi 1 banana e 3 fatias de pão nutella [cada fatia 30 calorias]. TOTAL: 152 CALORIAS. PERDI: 1KG vamos la pessoal, escrevam vcs tb!!!! a gente vai se ajudar e conseguir os nosos objetivo

Nos atuais tempos, “[...] já não é o corpo a base do cuidado de si; agora o eu só existe para cuidar do corpo, estando a seu serviço”. (ORTEGA, 2002a, p. 167) As preocupações sobre o tornar-se-outro-de-si-mesmo parecem inclinar-se, atualmente, para tornar-se outro na aparência, como já foi dito, já que pareço existir somente se admirada pelo olhar do outro – atitude que evidencia a submissão ao corpo, porque, ao que parece, dependemos dele para mostrar *quem, o que e como* somos.

As produções de si por meio da escrita atendem à necessidade de visibilizar-se no espaço público, estando dentro das práticas confessionais. Atendem à necessidade tanto de ‘fazer falar’ quanto a de ‘ser visto’. Entretanto, isso faz parte do processo de escrever e, ao mesmo tempo, de ser inscrito por aquilo que se escreve, pelo modo como se escreve e, ainda, nos espaços internáuticos em que há trocas de mensagens, ser inscrito pelos comentários de outros sobre o que escrevemos anteriormente. Nesse processo, nos produzimos enquanto sujeitos de discursos específicos.

Escrever de modo confessional contribui, ainda, para “[...] estimular algum tipo de reflexão crítica que modifique a imagem que os participantes têm de si mesmos e de suas relações com o mundo, o que [...] se chama de ‘tomada de consciência’.” (LARROSA, 1994, p. 47) Em recorrentes momentos nos deparamos com escritas que alertam para a necessidade de ‘tomar consciência’ sobre as condições corporais: *o pior é a consciência*

pesada, qualquer coisa q como, me arrependo depois, e apelo pros laxantes!!!!!! Ou, ainda: preciso tomar consciencia da minha condição de gorda para poder modificar isso. Aiiii, é duro isso. Me ajudem!!!!!!!!!!!!!!

Como já nos referimos anteriormente, as relações que cada sujeito estabelece consigo relacionam-se com os modos de se relacionar com os 'outros' – enquanto práticas produtivas –, por isso não poderíamos problematizar as produções recorrentes dos 'gordos' como 'outros', sem articular essas discussões ao escopo da cultura, uma vez que “São os textos circulantes no império cultural que estão nos inventando e fazendo de nós o que somos”. (COSTA, 2005, p. 211) Trata-se, enfim, da necessidade de compreender as práticas no interior de formações discursivas que as tornam possíveis e, muitas vezes, até desejáveis.

Corpos-execrados e as produções dos 'outros'

Tópico: Vou denunciar a comunidade... Comunidade Eu odeio gordas que se acham

essa sua cara horrorosa, voce é oq ha de mais feio no mundo, voce é gorda, cara de piranha drogada, feia demais, e ainda se acha e vem defender essa tua raça de merda, voce é um erro da natureza [...] como o pessoal todo ja disse voces são bizarras demais, cria vergonha nessa tua cara! por favor pra voce e pras outras pessoas aqui! se possível, se mata...pra voce é a melhor solução!

Tópico: Vou denunciar a comunidade... Comunidade Eu odeio gordas que se acham

Cê gosta de ler? Pq vc nao vai ler em cima de uma esteira? Ou entao em cima de uma bicicleta ? Vc ganha muito mais, ou melhor perde né? Perde essa banha q ta sobrando sua gorda preguiçosa, sai de cima dessa cama e vai fazer alguma util pra sua saude!!!!Sua sem

vergonha, para de discutir q cê tá errada, sua aberração!!!!!!VAI
PRO SPA!!!!!!CACHORRA!!!!

As escritas dos excertos acima nos fazem refletir no quanto os discursos corporais vão de um extremo a outro, incidindo sobre intensas práticas de cuidado e controle corporal – algumas chegando a casos de transtornos alimentares – e, ainda, sobre as práticas de racismo sobre o 'outro-gordo'.

Tópico: Vocês deveriam odiar vocês mesmos. Comunidade Eu odeio gordas que se acham

Essa comunidade é EU ODEIO GORDAS QUE SE ACHAM, não é EU ODEIO GORDAS, jah tive namoradas gordinhas e nem ligo, agora!!! Coisa horrorosa e a pessoa ser gorda e querer usar mini-saia com a perna cheio de celulites que até parem conjunto de furunclos e passearem na rua, assim como ir à praia de biquine fio dental.. Entende?? Quem faz o gordo ficar mal na fita são os próprios!!

Quando consideramos o 'outro' como a sujeira e tratamos de organizar os espaços eliminando essa indesejável 'criatura', ou seja, a presença de pessoas que têm encarnadas sobre si as marcas da impureza, cria-se um grave problema em que se decide sobre a vida e a morte desses 'outros'. Sujeitos que, no caso específico deste estudo, movem-se num entre-espaço, não sendo nem totalmente capturados pelos discursos acerca da beleza e dos ideais corporais, nem totalmente imunes a esses mesmos ideais. Ou seja, sujeitos que vemos buscarem, muitas vezes ardentemente, incluir-se nos fluxos discursivos acerca da beleza, da magritude... mas que, embora essa seja uma perseguição, por motivos outros, têm os seus embates com essas mesmas lógicas, não deixando de realizar as ações e práticas que as situam nessa posição de serem a 'sujeira' que suja a paisagem que o mundo 'deveria ter', como demonstra o excerto destacado a seguir, da comunidade *Eu odeio gordas que se acham*, mais especificamente no tópico *Gorda merece viver?*:



Tópico: *GORDA MERECE VIVER?* Comunidade *Eu odeio gordas que se acham*

ai gorda tem mais é q morrer mesmu.. ja q nao soube cuidar da vida q lhe foi dada!! esse bando de suina imbecil q se acham.. vc ja viram como sao as gorda?? pq todas elas sao todas falsas e gostam d fingir de felizes e se achar engraçadas? tem mais é q morrer do coração porra!! são apenas anomalias assim como esses gays q gostam de se fazerem de coitadinhos e defenderem as obesas!! gorda é lerda nao sabe fazer nada direito.. nem trabalhar sao lentas como o tamanho da merda q saem de seus cús como esgotos entupidos!! EU ODEIO GORDAS E VIADOS (VOU PEGAR TUDO NA PORRADA.. ESSES FDP) !!!

Tais questões levam-me a inferir que as 'gordas', ao estarem inseridas numa sociedade em que há “uma *obsessão dos invólucros corporais*: o desejo de obter uma tensão máxima da pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem” (COURTINE, 1995, p. 86, grifos do autor), tornam-se ‘impuras’, ‘sujas’ na localização que ocupam em nossa sociedade. Encarnam, em suma, a “ansiedade frente a tudo o que na aparência pareça relaxado, franzido, machucado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido; uma contestação ativa das marcas do envelhecimento no organismo [e, principalmente, uma contestação aos que apresentam ‘diferenças’ marcadas em sua carne]”. (COURTINE, 1995) Cabe destacar que embora os ideais de beleza, pureza e ordem tenham sido preceitos gestados na modernidade, no pós-moderno, vemos a sua extensão, pois através da espontaneidade, do desejo e do esforço individuais eles atualmente devem ser perseguidos e realizados. (BAUMAN, 1998) A condição pós-moderna, portanto, também constrói, fabrica, inventa os seus ‘diferentes’, ‘anormais’, dotando-os de significados e sentidos diferenciados, conforme o tempo-espaço.

Considerações finais

Dentro desse entorno, compreendemos que a internet configura-se como um espaço vívido, possibilitador do pulsar contínuo dos diversos sujeitos que aí expressam seus sentimentos, ódios, intolerâncias, percepções e desejos quase que em estado bruto. Devido a isso, é um espaço fecundo para pesquisas que busquem compreender o que estamos nos tornando, que forças estão sendo investidas em nós e se fazendo carne, corpo, ou seja, que elementos estão nos produzindo. Por nos centrarmos, portanto, em discussões que envolvem diretamente questões contemporâneas, podemos dizer que intentamos, ainda que modestamente, mover-nos em meio a uma *ontologia do presente*, “que problematiza a atualidade como acontecimento e que [busca] responde[r] às perguntas acerca de nossa contemporaneidade e nossa situação presente, ou seja: o que acontece em nosso presente, na nossa atualidade? como (*sic*) se caracteriza?” (ORTEGA, 2002b, p. 24)

Nessa direção, Garbin (2003, p. 128) argumenta que:

Nos últimos anos, as mudanças de identidades, sob o impacto cultural do computador conectado à internet, parecem ter dado lugar a uma busca empenhada em entender e dar sentido aos mecanismos da vida real e virtual. O fato é que, se na vida cotidiana, somos constrangidos por inúmeras “ordens de discurso” em que não revelamos determinadas facetas e emoções, na internet, [...], atrás de uma tela e um teclado, outras “ordens de discurso” se instituem e nelas é possível reconstruir nossas identidades como que do outro lado de um espelho, um espelho que nos solicita uma multiplicidade interior na maioria das vezes, constituída e narrada por nossos interlocutores virtuais.

Percebemos, nesse sentido, que na internet há espaços peculiares que propiciam aos sujeitos expressarem coisas sobre si e sobre os outros, uma vez que “o outro é necessário”, como nos lembra Foucault (2004). Assim, se Andy Warhol predizia que todos



teríamos os nossos 15 minutos de fama, cremos que, com o advento do *Orkut* (entre outras ferramentas e comunidades de relacionamento oriundas da tecnologia digital), sujeitos anônimos (muitas vezes sem o risco de serem identificados e/ou ‘punidos’ e, devido a isso, de ‘sofrerem’ as consequências de suas palavras e atos) têm uma oportunidade crescente de expressar vivências, sensações, sentimentos... que, até então, limitavam-se a diários íntimos escritos à caligrafia, exposições em confidências presenciais, ou mesmo não eram expressas, por não haver como ficar no anonimato ou serem contadas a partir de um ‘eu’ reinventado para essa ocasião específica.

Além do mais, perseguimos um dos objetivos deste artigo, que é dar visibilidade às minúcias, às práticas cotidianas de cuidado consigo contemporâneas. Para tanto, encontramos-nos, ao estilo socrático, indagando: como estamos conduzindo as nossas vidas? Essa pergunta se deve ao nosso objetivo de tentar compreender como está se dando, hoje, a produção de si e do ‘outro’ numa cultura tão marcada por tantos discursos que se tornam imperativos, dando especial atenção nos relacionados ao corpo.

Salvaguarda

Uma salvaguarda torna-se importante aqui. Não se trata, ao analisar escritas sobre si e os outros presentes no *Orkut*, de uma pretensão a ‘descobrir’ os discursos constituidores dos escreventes nas comunidades do *Orkut*. Não tivemos a pretensão de identificar ‘fielmente’ os sujeitos que escrevem cada *scrap*. Optar por isso nos faria querer identificar em cada escrita os sujeitos que o produziram para, a partir desse momento, acessar as redes discursivas que produziram esses sujeitos, tornando possíveis as escritas que eles dispunham no *Orkut*. Ora, isso é algo impossível de ser realizado a partir de uma intenção de ‘fidedignidade’, afinal, não é possível ‘descobrir’ a verdade última de cada indivi-

duo ali presente, como se as comunidades em que participavam, os recados trocados com amigos ou mesmo desconhecidos, ou os modos com que se nomeiam no perfil, os lugares que costumam frequentar, pudessem demarcar 'como esse sujeito é', ou seja, uma Identidade a ser 'desvendada' a partir dos nossos olhares.

Isso seria, mais especificamente, demonstrar uma preocupação sobre o sujeito, desviando-se, de certo modo, da possibilidade de olhar para os efeitos dos discursos nos sujeitos. Cremos que tal salvaguarda é importante devido, entre tantas questões, a de que a internet é, muitas vezes, ainda considerada como um lugar em que se embrenham, principalmente, forças do mal. Ora, mais do que um valor moral o que nos interessa são as possibilidades de produção de subjetividades e relações de todo tipo com os outros que a internet possibilita, em especial, nesse estudo, tratando-se do *Orkut*. Há a demanda, nesse sentido, por um modo outro de pensar a produção dos sujeitos – os quais podem, sim, ter as suas inserções em redes discursivas analisadas, mas essas não nos possibilitam 'acessar' uma verdade última sobre os sujeitos, 'descoberta' através dos fios que os ligam a um certo discurso, ou seja, não há possibilidade para a apreensão de uma 'verdade' sobre um sujeito que se esvai a cada instante, que a todo momento pode tornar-se outro.

Trata-se, assim, de compreender um pouco o modo com que o nosso olhar vai sendo construído e reconstruído em relação às práticas efetivadas no *Orkut*. Cremos ser necessário, ainda, expor que compreendemos que as escritas sobre si e sobre os 'outros' analisadas não são produções 'individuais', pois tiveram condições de possibilidade para emergir nesse momento, nesta sociedade específica. Ou seja, mais do que escritas individuais de um sujeito, portanto, podemos pensar em toda uma discursividade que produziu os sujeitos-escreventes, possibilitando que valorizassem certas coisas – e não outras – e que expressassem 'ódio' – e não 'amor' – às pessoas nomeadas 'gordas', por exemplo.



Como assinala Santos (1997, p. 82), valendo-se de Foucault, “[...] a análise dos enunciados não se dá a partir da fala do indivíduo, mas [...] procura, justamente ‘ouvir’ que discursos o produziu enquanto sujeito”. Cabe ressaltar, ainda, que os sujeitos-escreventes que produzem as escritas que exporemos estão inseridos numa cultura em que certos enunciados sobre os corpos ‘magros’ e ‘gordos’ são construídos, legitimados, disseminados. Não cabe, portanto, procurar num sujeito individual a ‘origem’ das suas escritas sobre si e sobre os ‘outros’, uma vez que:

Nenhum de nós pode construir o mundo das significações e sentidos a partir do nada: cada um ingressa num mundo ‘pré-fabricado’, em que certas coisas são importantes e outras não o são; em que as conveniências estabelecidas trazem certas coisas para a luz e deixam outras nas sombras. (BAUMAN, 1998, p. 17)

Há um conjunto de sentidos e significados – incessantemente em disputa – que dão, portanto, subsídios para que os sujeitos se movam neste mundo, posicionando-se e se construindo e, do mesmo modo, posicionando e construindo os ‘outros’.

É, portanto, em razão de nossas formas de pensar serem construídas a partir dos significados que para nós chegam com mais ou menos força – disputadas através das lutas pela imposição de significados, envolvendo as relações de poder – que não podemos desconsiderar que “[...] ‘todo discurso é ocasionado’. Todo discurso ocorre em circunstâncias sociais específicas” (ROSE, 2001, p. 159), e é devido a isso que não desconsideramos a existência de redes discursivas que fabricam e refabricam diferentes modos de existência humana, enunciando pautas, ‘ditando’ modos de vida. Ou seja, a cultura contemporânea entra em questão, pois os sujeitos são constituídos em espaços e tempos específicos. O *Orkut* é um fecundo espaço nesse sentido, o qual se constitui como instância de produção, circulação e ressonância de discursos.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- _____. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- CAMOZZATO, Viviane Castro. *Habitantes da cibercultura: corpos 'gordos' nos contemporâneos modos de produzir a si e aos 'outros'*. 2007. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- COSTA, Marisa Vorraber. Velhos temas, novos problemas: a arte de perguntar em tempos pós-modernos. In: _____; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Org.). *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 199-214.
- COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 81-114.
- DAMICO, José Geraldo Soares. *"Quantas calorias eu preciso [gastar] para emagrecer com saúde?" como mulheres jovens aprendem estratégias para cuidar do corpo*. 2004. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- GARBIN, Elisabete Maria. Cultur@s juvenis, identid@des e internet: questões atuais. *Revista Brasileira de Educação*, n. 3, p.119-135, maio/jun/jul/ago. 2003.
- _____. *www.identidadesmusicaisjuvenis.com.br: um estudo de chats sobre música da internet*. 2001. 270 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- GRÜN, Mauro. A restauração da dúvida como operador ético, político e científico da investigação: revendo Sócrates e Descartes. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Org.). *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 141-153.



LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 35-86.

MTV BRASIL. *Dossiê universo jovem 3*. [S.l.], 2005.

ORTEGA, Francisco. Da ascese à bio-ascese ou do corpo submetido à submissão ao corpo. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a. p. 139-173.

_____. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002b.

ROSE, Gillian. *Visual methodologies: an introduction to the interpretation of visual materials*. London: Sage, 2001.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Descobrir o corpo: uma história sem fim. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 49-58, jul./dez. 2000.

_____. Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 99-110.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. “Um preto mais clarinho...” ou dos discursos que se dobram nos corpos produzindo o que somos. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 81-115, jul./dez. 1997.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 23-38.

WIKIPÉDIA. *Orkut*. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/ORKUT> >. Acesso em: 8 fev. 2006.

IDEAIS DE FELICIDADE EM COMUNIDADES VIRTUAIS: recursos metodológicos e diferenciação

Márcio Silva Gondim (FANOR)

Maria de Fátima Vieira Severiano (UFC)

O texto origina-se da dissertação do Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), intitulada *Felicidade no ciberespaço: um estudo com jovens usuários de comunidades virtuais* e discorre sobre os procedimentos metodológicos realizados na pesquisa empírica desta investigação, de modo a levar a uma maior compreensão dos dados apresentados posteriormente, quando uma das categorias-temáticas será explicitada e conceituada.

A abordagem qualitativa orienta conceitualmente esta pesquisa por se tratar de um modo adequado para se compreender o fenômeno psicossocial em destaque neste estudo: a relação entre a cultura digital (o ciberespaço) e os ideais de “felicidade” de jovens usuários do serviço tecnológico *Orkut*.

Sendo uma investigação psicossocial de natureza crítica, partimos epistemologicamente da Teoria Crítica (Escola de Frankfurt) por se tratar de uma teoria acentuadamente “reflexiva”, que tem como uma de suas mais relevantes tarefas estabelecer mediações reflexivas sobre o presente imediato, uma suspeita sobre as certezas estabelecidas e naturalizadas e uma crítica à cultura em sua forma homogeneizadora dos processos de subjetivação, a partir do modelo de organização social erigido na Modernidade. (NOBRE, 2004; SEVERIANO, 2001) Além disso, a característica fundamental da Teoria Crítica de “[...] ser permanentemente



renovada e exercitada, não podendo ser fixada em um conjunto de teses imutáveis” (NOBRE, 2004, p. 23), também se constitui em um motivo relevante para a escolha metodológica desta investigação. Nesse sentido, podemos pensar neste estudo enquanto interdisciplinar, sobretudo devido ao objeto de estudo multifacetado, que nos leva a diferentes olhares, em uma proposta de criação de intercessores não dogmática. De certo modo, o presente estudo “subverte o eixo de sustentação dos campos epistemológicos” (PASSOS; BARROS, 2000), uma vez que trabalha com uma polifonia de signos que se atravessam.

Sendo assim, o procedimento metodológico utilizado nesta investigação inova ao propor um diálogo interdisciplinar entre opções teóricas e estratégias metodológicas. A investigação empírica adotou o Método (Con)texto de Letramentos Múltiplos (CAVALCANTE JÚNIOR, 2001), explicitado a seguir, enquanto técnica de coleta de dados, os quais foram interpretados à luz da Teoria Crítica, em uma tentativa original de enriquecimento de ambos, produzindo, desse modo, um novo saber erigido a partir de distintas estratégias metodológicas.

Assim, objetiva-se uma articulação dialética dos dados empíricos com a teoria, partindo-se do abstrato (elaborações teóricas) aos dados empíricos, que são mediatizados pelo pensamento, na busca de determinações culturais, sociais e psíquicas. Uma aproximação dos dados empíricos com a teoria pretende promover um diálogo teórico-empírico, uma vez que a Teoria Crítica destaca que o particular somente pode ser compreendido quando referido a uma totalidade maior que atribui significação e sentido. Sendo assim, privilegiou-se na primeira fase da pesquisa um estudo que possibilitou uma compreensão sociohistórica dos conceitos centrais desta investigação.

Em relação ao objeto de estudo, é importante ressaltar a princípio que a internet e os serviços existentes nela (como o *Orkut*)

têm um papel significativo na contemporaneidade sobre a construção e circulação de repertórios, levando os indivíduos a reconfigurações do que seja público e privado, em ambientes tecnológicos que visam superar o espaço e o tempo em comunicações que vão para além da relação face a face. (SPINK, 1999)

Nossa impressão inicial foi a de que essas inovações tecnológicas parecem estar sendo constantemente relacionadas a ideais de bem-estar (“felicidade”), de modo a se estender aos serviços virtuais como o *Orkut*. Diante disso, os dados a serem coletados neste estudo dizem respeito a repertórios relacionados a ideais de felicidade no espaço tecnológico virtual, ou seja, sentidos que foram e estão sendo construídos no uso e consumo de serviços tecnológicos, mais especificamente o serviço *Orkut*.

Após o levantamento bibliográfico realizado em relação ao tema desta investigação, foi iniciada a pesquisa de campo, que constou de duas etapas: uma de natureza exploratória, na qual os sujeitos ainda não haviam sido especificados e uma segunda etapa, conforme o perfil abaixo especificado.

Pesquisa de campo: grupo de reflexão sobre a internet

Nesse grupo, realizado de modo semelhante à metodologia dos “grupos de discussão”, utilizou-se o Método (Con)texto de Letramentos Múltiplos (ARAÚJO, 2003; CAVALCANTE JÚNIOR, 2001; D’AGUIAR, 2002; PAULA, 2003; RODRIGUES, 2003), pela possibilidade dos participantes poderem utilizar diversos tipos de expressões a serem apresentadas nas discussões em grupo sobre o serviço tecnológico *Orkut*. Além disso, trata-se de uma metodologia por mim utilizada em outras investigações. (GONDIM, 2005; GONDIM, et al., 2005; GONDIM; CAVALCANTE JÚNIOR, 2003, 2004, 2005)



São denominados Círculos de Letramentos, os grupos em que se utiliza o Método (Con)texto de Letramentos Múltiplos; tais Círculos podem ser realizados em variados contextos, fazendo com que os participantes compreendam por que “[...] fazem o que fazem nas suas vidas, trazendo a um nível de consciência as suas próprias condições culturais e históricas”. (CAVALCANTE JÚNIOR, 2005, p. 33)

Nesta investigação, participou do Círculo de Letramentos um grupo constituído por jovens estudantes de uma escola particular da cidade de Fortaleza, denominado nesta pesquisa de Grupo de Reflexão sobre a Internet. Mesmo sendo do mesmo colégio, eram de salas de aula e de séries diferentes, preservando, desse modo, o princípio da heterogeneidade relevante ao Método. De modo semelhante, D’Aguiar (2002) realizou Círculos de Letramentos com estudantes universitários e Rodrigues (2003) investigou a utilização desse Método com trabalhadores.

O Grupo de Reflexão sobre a Internet foi composto por 12 componentes, de faixa etária compreendida entre 14 a 17 anos, de ambos os sexos, os quais se encontraram no decorrer de seis semanas, tendo um encontro semanal de duas horas de duração, totalizando 12 horas/atividade em seis encontros. As atividades foram realizadas na própria escola particular.

Foram apresentados no início de cada grupo estímulos geradores de discussão (imagens e textos extraídos do serviço *Orkut*) através das quais os sujeitos construíram suas escritas (textos-sentido) e, em seguida, seus relatos. Dessa forma, os sujeitos colaboradores foram convidados(as) a refletirem sobre suas atitudes no uso/consumo do serviço virtual *Orkut* (expressando pensamentos, sentimentos e lembranças), como modo de detectar os sentidos que esses indivíduos atribuem à utilização e ao consumo de serviços virtuais computadorizados, de modo a nos aproximarmos de aspectos psicossociais (ideais de beleza,

diferenciação, popularidade, etc.) revelados nessas variadas expressões. Para tal, foi possível que os sujeitos utilizassem diversos modos de expressão tais como: escrita, desenho, pintura, colagens, etc.

Vale ressaltar que, inicialmente, não foi feita uma interpretação dos escritos dos colaboradores. Foram registrados os sentimentos atribuídos por eles(as) mesmos(as) através da utilização de gravadores, além de ser utilizado um diário de campo, no qual foram anotadas as impressões em relação aos grupos. Contou-se com a colaboração de um assistente de pesquisa, que tomava nota do que observava durante o grupo.

Os estímulos geradores de discussão constituíram-se de imagens extraídas do *Orkut* que foram expostas aos grupos, de modo a suscitar escritos e, em seguida, discussões acerca da temática em questão, de modo que o grupo foi conduzido de forma semiestruturada. O critério de seleção dessas imagens extraídas do *Orkut* foi pautado na escolha de textos e comunidades virtuais que veiculam mensagens ou manifestam atitudes de “felicidade” e hedonismo. Foram privilegiados textos e imagens comentadas por usuários da internet, observando os atributos psicossociais selecionados em nossas categorias-chave: atratividade, juventude, beleza, diferenciação social, reconhecimento, etc (enquanto ideais de felicidade).

Para cada encontro foi utilizado um estímulo evocativo, a partir do qual os jovens registravam seus textos-sentido e, logo após, recriavam coletivamente, gerando reflexões, discussões e troca de ideias. Optou-se por imagens extraídas do *Orkut* como estímulos-evocativos.



Categoria-temática: diferenciação

Três categorias emergiram, ao final da coleta de dados. Conforme os usuários do serviço virtual *Orkut* que colaboraram com esta investigação, os ideais de felicidade seriam expressos, sobretudo, por meio de: 1) Diferenciação (distinguir-se dos demais, sentindo-se importante através de expressões de elogio de outros); 2) Popularidade (relaciona-se ao ideal de “fama”, atrelada ao número de amigos e fãs que se possui); 3) Atratividade (relevância a determinados padrões de beleza). No presente artigo, destacaremos a categoria “Diferenciação”.

Para melhor compreensão da exposição de nossa pesquisa, a categoria-temática será descrita a partir de uma sequência na apresentação dos dados coletados, a saber: os conteúdos emergidos no Grupo de Reflexão sobre a Internet, composto por estudantes de um colégio particular em Fortaleza. Trata-se, portanto, dos principais dados da investigação, tendo em vista que o grupo possibilita uma rede de informações na qual os sujeitos exprimem seus pensamentos, sentimentos e lembranças. O grupo identifica tendências, colaborando, assim, na compreensão de um dado fenômeno.

Diferenciação nas comunidades virtuais: sendo “importante” individualmente no ciberespaço

Este tópico aborda a primeira categoria-temática que emergiu na pesquisa: a *diferenciação*, compreendida como distinguir-se dos demais por meio do recebimento de expressões de elogios – a exibição e ostentação pública no meio virtual de ser “importante” e “querido(a)”, representa “um meio de entrar com vantagem em contato com o outro” (BAUDRILLARD, 1970, p. 105) e à medida que o indivíduo vai recebendo mais elogios, diferenciando-se dos demais, vai sentindo-se mais feliz. Podemos pensar em

uma metáfora: é como se a página individual de cada usuário do *Orkut* fosse um *outdoor* virtual disponível 24 horas, aberto à possibilidade de expressões de apreciação e elogios (algo que é ansiosamente aguardado). Tais expressões podem ser feitas por conhecidos ou meros desconhecidos, como instrumento de troca (como ilustraremos a seguir). Neste capítulo, iniciaremos com uma reflexão teórica, para em seguida ilustrarmos com os dados (textos-sentido e falas) coletados no Grupo de Reflexão sobre a Internet, com estudantes de uma escola particular de Fortaleza.

Conceituando diferenciação e singularidade

Ante o exposto, é interessante destacarmos a contribuição de Baudrillard (1970, p. 101) ao conceito de diferenciação. Conforme o autor:

Diferenciar-se consiste precisamente em adotar determinado modelo, em qualificar-se pela referência a um modelo abstrato, a uma figura combinatória de moda e, portanto, em renunciar assim a toda a diferença real e a toda a singularidade, a qual só pode ocorrer na relação concreta e conflituosa com os outros e com o mundo.

No *Orkut*, alguns dos usuários dedicam-se à busca de depoimentos de elogios no sentido de ostentarem um diferencial-se dos outros, por possuírem e exibirem publicamente palavras de reconhecimento e afeto, mesmo que de absolutos desconhecidos, ou seja, há uma obediência a determinado código (o de receber elogios). Podemos pensar, como também afirma Baudrillard, que as relações interpessoais também passam a ser consumidas, adota-se um código de troca e permuta, trocando-se e negociando-se expressões de elogios e de afeto. Observamos, assim, o “culto da diferença”, no sentido de buscar ser diferente e mais “importante” que o outro, na lógica da diferenciação:



Existe a lógica estrutural da diferenciação, que produz os indivíduos como ‘personalizados’, isto é, como diferentes uns dos outros, mas em conformidade com modelos gerais e de acordo com um código aos quais se conformam, no próprio ato de se singularizarem... A lógica fundamental é a da diferenciação/personalização, colocada sob o signo de código. (BAUDRILLARD, 1970, p. 106)

No *Orkut*, mesmo sentindo-se diferentes, importantes, queridos, permanecem em conformidade com o próprio serviço *Orkut*, em um sistema de comunicação e permuta, com códigos e signos continuamente emitidos e recebidos. Mesmo com a impressão de haver “personalizado” a página do *Orkut*, permanece-se sob as regras e aos códigos do serviço que é consumido.

É pertinente que tenhamos atenção aos novos meios de consumo geradores de espetáculos enquanto fim em si mesmo, levando as pessoas a buscarem se sentirem especiais e diferenciadas nesse universo espetacular. Conforme Baudrillard (1981), os discursos acerca das necessidades e dos desejos dos consumidores apontam para o domínio da esfera dos signos e não meramente ao valor de uso dos objetos e serviços. No caso dos ideais de felicidade, esta é contemporaneamente mensurada pelos signos de conforto e intensificação do bem-estar associados aos produtos/serviços.

De acordo com nossa pesquisa, compreendemos que a busca por sentir-se especial, diferenciado e singular em um serviço virtual aponta para a busca de personalização, fundando-se em signos e nos atributos desejáveis relacionados a tais signos. Nesse sentido, não se trata de uma prática funcional do serviço virtual enquanto mero emissor e receptor de mensagens, imagens ou conteúdos, mas de um sistema de comunicação e permuta de sentidos e sentimentos, como código de signos continuamente emitidos, recebidos e inventados como linguagem. Podemos, assim, pensar na natureza sógnica do consumo contemporâneo baseada em atributos psicológicos e de distinção social ampliada ao ciberespaço.

Na mídia contemporânea, essa concepção de diferenciação do indivíduo, de modo que ele (ou ela) sinta-se como único e especial se faz presente e visível, relacionado a ideais de felicidade. Os anúncios publicitários divulgam amplamente esses ideais (como vimos no terceiro capítulo), assim como na internet, e em serviços como o *Orkut*, como veremos neste capítulo. Refletiremos sobre essas expressões de exaltação da percepção de ser “especial” enquanto uma expressão do neo-individualismo contemporâneo, uma vez que os elogios nesse contexto são geralmente buscados como uma forma de exaltação de si mesmo, sem quaisquer compromissos com a coletividade, por exemplo. Trata-se, portanto, de expressões de exaltação em espaços solitários e individuais, a exemplo do *Orkut*.

Faz-se pertinente diferenciarmos aqui a concepção do individualismo iluminista do hiperindividualismo contemporâneo. De acordo com Bariani (2007, p. 1), no Iluminismo, o individualismo está baseado na razão, em “[...] uma completa vocação e autonomia de criação, mesmo que sua independência custe-lhe a malquerença do poder”. O racionalismo confere ao Iluminismo a atitude cartesiana, o método crítico, o destaque ao conhecimento apriorístico advindo de princípios irrecusáveis, como instrumento demolidor utilizado para instaurar a luz, a clareza e o domínio da razão. Historicamente, o projeto civilizatório instaurado pelas Luzes apresentava a razão e o método científico como as únicas fontes de conhecimento válido, rejeitando qualquer concepção de mundo derivada do dogma, da superstição e da fantasia, sustentando-se em três ingredientes conceituais: a universalidade, a individualidade e a autonomia. O projeto tinha como objetivo que todos os homens deveriam agir por si mesmos, participando ativamente de um projeto público e adquirindo por seus próprios meios as condições de subsistência. (SOUZA, 1996, p. 736) Na medida em que destacava a criatividade humana, a descoberta



científica e a busca de excelência individual em nome do progresso, acolhia o turbilhão das mudanças, da transitoriedade e da fragmentação, sem as quais a modernização não poderia realizar-se. (HARVEY, 1996, p. 23)

Na contemporaneidade, vivenciamos o hiperindividualismo, como afirma Lipovetsky (1989), característico da sociedade de consumo e da comunicação de massa, havendo a consagração do hedonismo e o crescimento da individualização, de modo que adentramos na era da hipersociedade, do hiperindividualismo de caráter narcísico, do hipermercado, do hipertexto, dentre vários outros “hipers”. As variadas esferas do cotidiano são investidas por toda sorte de excessos; mesmo os comportamentos individuais são inseridos na engrenagem do extremo, como testemunha o frenesi consumista, fazendo nascer uma nova relação com a modernidade. Nas culturas individualistas, como a do Iluminismo, cada indivíduo é levado a ser autônomo único e autodirigido. De modo diferente, na sociedade contemporânea, não há essa autonomia. Bauman (2001) caracteriza a individualidade contemporânea enquanto uma fatalidade, não uma escolha. Para o autor, construir uma identidade social supõe o cumprimento de uma individualidade capaz de diferenciar-se suficientemente de seus pares para obter o reconhecimento desta distinção e, por outro lado, capaz de possibilitar o fortalecimento dos laços sociais em função de sua conformidade a alguns valores sociais considerados básicos e comuns para a definição dos membros capazes de pertencer àquela comunidade. Para Bauman, desta individualidade apresenta-se como um paradoxo, uma vez que só pode ser construída pela confirmação social – justamente o que se verifica no *Orkut*: a identidade parece ser guiada conforme uma maciça confirmação social, que é buscada, descaracterizando a autonomia.

Nesse sentido, Triandis (1993, 1995) define o individualismo e o coletivismo enquanto síndromes culturais: consistem em

compartilhar normas, crenças, atitudes, definições e papéis do *eu*, sendo os valores dos integrantes de cada cultura organizados de modo coerente em torno de um tema. Desse modo, o individualismo expressa uma tendência ao êxito, à valorização da própria intimidade. Nesse tipo de orientação, as relações pessoais são mais frequentes, no entanto são contratuais (como nas comunidades que negociam depoimentos). Ainda que o sujeito orientado pelo individualismo possa definir-se enquanto integrante de muitos grupos, esses não são exatamente os de pertença incondicional. De acordo com Veyne (1988, p. 26), “[...] quando surgem em uma sociedade tradicional os primeiros germes de individualismo, tal sucederá sempre em oposição com a sociedade e sob a forma do indivíduo fora do mundo”. Alguém individualista atua, pensa e sente de acordo com seus próprios interesses, importando-se em menor medida com o contexto social no qual se encontra. Em outras palavras, culturas individualistas se caracterizam por valorizar a autonomia do indivíduo e sua independência emocional dos grupos sociais. (GOUVEIA, et al., 2002)

Podemos observar nos dias atuais uma crescente legitimação do sujeito individual, destacando-se o individualismo que se justifica em todos os âmbitos. (MATOS, 1993) No hiperindividualismo que se observa nas sociedades contemporâneas, há uma constante substituição dos ideais culturais por ideais particularistas, nas quais atributos psicossociais como a diferenciação, a beleza, a felicidade, o sentimento de pertença e o reconhecimento social passam cada vez mais a serem enfatizados pela indústria cultural. Desse modo, a identidade do sujeito aparenta estar subordinada à apropriação de produtos e serviços (signos de consumo), que passam a exercer um papel constituidor dos processos de subjetivação, muito diferente do indivíduo autônomo que faz referência o Iluminismo. Essa relação com os signos de consumo ocorre por meio de processos de fascinação e sedução, dispen-



sando, assim, o pensamento da reflexão necessária à autonomia humana. (SEVERIANO, 2001)

Desse modo, mesmo havendo serviços virtuais no “ciberespaço” que prometem inter-relações entre os sujeitos, em um suposto coletivismo; vejamos a “promessa” do serviço *Orkut* na página inicial:

Proporcionamos um ponto de encontro *online* com um ambiente de confraternização, onde é possível fazer novos amigos e conhecer pessoas que têm os mesmos interesses. Participe do orkut para ampliar o diâmetro do seu círculo social.

Mesmo com esses “pontos de encontro”, observa-se também “uma progressiva mercantilização de qualquer aspecto da relação social, afetiva ou cultural” (BERARDI, 2003, p. 57), apresentando-se, assim, um aspecto a ser pensado e discutido, diante do questionamento acerca do sentido de ser “diferente” e “singular”.

Destaca-se, nessa categoria-temática, a necessidade do olhar do outro enquanto fonte de reconhecimento da própria singularidade. Esses foram pontos continuamente comentados, falados e escritos nos textos coletados, gerando, assim, esta primeira categoria de investigação.

No uso do serviço virtual *Orkut*, o indivíduo passa a estabelecer uma relação com opiniões e comentários, algumas vezes composta por desconhecidos – a figura de “amigos” – os quais não recriminam, aceitam e sobretudo elogiam, revelando um mundo onde cada um pode vestir o papel que convém: pode usar, por exemplo, a máscara do jovem musculoso ou da mulher de corpo escultural. Os elogios muitas das vezes são direcionados a essas imagens modificadas, alteradas, conforme o que é mais aceito e valorizado socialmente.

Como já foi afirmado anteriormente, na pesquisa de campo, destacou-se como bastante significativo esse sentimento de ser

“único”, “diferenciado” e “especial”. Tais sentimentos se fazem presentes no *Orkut*, sobretudo quando:

- O(a) jovem recebe recados e depoimentos de outras pessoas, sentindo-se alguém “querido(a)” e “importante”;
- Quando é elogiado(a) por apresentar determinadas qualidades e atributos nas fotos exibidas, diferenciando-se dos demais, sendo alguém “único” naquele momento;
- Quando há o “prazer de ser importante” devido ao recebimento de expressões de afeto e elogio, podendo ostentar e exibir tais palavras elogiosas, de modo que todos possam verificar essas palavras.

O presente capítulo aborda esses conceitos que se evidenciaram na coleta de dados de nossa investigação, além de também serem encontrados no próprio serviço *Orkut*.

De acordo com a “Teoria Crítica”, o particular somente pode ser compreendido quando referido a uma totalidade maior que lhe confere sentido e significação, ou seja, o particular funciona como índice do universal, é o seu representante e, como tal, deve ser objeto de reflexão. (NOBRE, 2004) Nesse sentido de articular o particular com a totalidade, iniciaremos apresentando significativas imagens extraídas do *Orkut* (totalidade maior) para em seguida adentrarmos as reflexões específicas acerca do “Grupo de Reflexão sobre a Internet” (o particular, no caso deste estudo).

O reino hedonista contemporâneo, ilustrado aqui pelo ciberespaço, leva os indivíduos a um papel social que hipervaloriza a “personalização” (conforme explicitado acima) e a “diferenciação” dos indivíduos. A busca por um reconhecimento socioafetivo destaca-se na veiculação de palavras e expressões que parecem promover (ou facilitar) vínculos que expressem felicidade e acolhimento. Esse reconhecimento se associa à ideia de



“gratificação psicológica”, conforme Lipovetsky (1989): do prazer para si mesmo, de modo que a autogratificação tem presidido as relações econômicas, sociais e culturais da sociedade capitalista, permeando todas as esferas da vida coletiva e individual. (CAMPBELL, 2001; LIPOVETSKY, 1989)

Grupo de reflexão sobre a internet

Abaixo, seguem falas, escritos e trechos do Grupo de Jovens, de estudantes, os quais refletiram sobre a internet, e ilustram a relevância atribuída aos recados e depoimentos elogiosos, destacando a “autoestima”, “felicidade” e “bem-estar”:

O que conta são os comentários; se alguém diz que você é legal, simpático, etc.

...eu gosto de depoimentos. Os depoimentos funcionam como aqueles diários que as meninas têm quando são crianças... Ajuda na auto-estima da pessoa

Eu vejo **felicidade** por ter sido reconhecida. A felicidade de saber que alguém te reconhece alguma coisa... Você nem pediu e ela te dá

Os jovens começam a contar das pessoas que pedem depoimentos. Ressaltam que é a “espontaneidade” dos depoimentos que causa **bem-estar**; depoimentos forçados não são bem recebidos. Falam também da troca de depoimentos. Neste ponto, um dos jovens insiste que o contato pessoal para ele é muito melhor.

Se alguém diz que sou 100% legal, isso é bom, com certeza ..as outras pessoas vão ver que eu estou passando uma boa **imagem** . O que eu mais gosto são os depoimentos.

Aos *scraps* (recados) e depoimentos recebidos são atribuídos um valor especial, uma prova e marca de reconhecimento pessoal dos que acompanham a vida do indivíduo e também de meros desconhecidos que decidiram, por algum motivo, registrar algo ao outro. Receber tais expressões é relacionado ao sentimen-

to de felicidade. Uma das participantes do grupo relatou que imprimiu todos os depoimentos no *Orkut* dela, com medo de que o serviço deixasse de existir. Diante da possibilidade de perder os depoimentos, imprimiu-os para garantir que jamais seriam perdidos. A palavra felicidade, relacionando-se com a ideia de aceitação e inclusão, e o sentimento de estar feliz no uso do serviço virtual surgiu seguidamente no grupo:

Sobre os sentimentos que existem diante do uso do *Orkut*: “a gente se sente **feliz** porque vai receber uma resposta de alguém. Quer saber se ela mandou *scrap*. A gente sente tristeza se não recebeu resposta. Sentimos vontade de entrar logo pra saber o que tem lá”.

Duas jovens simulam uma esquete teatral com a seguinte cena: Um garoto adiciona uma delas. A garota fica bastante entusiasmada porque o rapaz enviou o convite. “às vezes você fica **feliz** quando alguém especial te adiciona..quando um menino bonito te adiciona, a gente se sente bem. Adicionar no *Orkut* significa que a pessoa te notou, te deu reconhecimento”

Me sinto **importante** quando vejo que tenho *scraps* e depoimentos de fãs e amigos.

Quando você compara o número de depoimentos que você tem, você se sente **importante**, **superior**, porque tem muitos amigos e depoimentos.

Me faz sentir querida, sentir que tenho amigos, embora muitos no *Orkut* não sejam verdadeiros, sabemos que tem aqueles que são sinceros. Como o *Orkut* é uma forma de se expressar, percebemos quando alguém gosta de você ou não. Quando recebemos “aquele” depoimento de um amigo ou “aquele” recado do paquerinha, vemos que a pessoa quer se expressar e escolher o *Orkut* para isso, por ser mais fácil, viável, por não estar cara a cara com a pessoa...é isso que eu sinto quando vejo os recados, amigos, fãs etc...que é mais uma forma de me **fazer querida** ou não.

Nesses trechos, podemos observar a comparação do número de amigos que se possui como elemento que caracteriza como



“superior”, o diferenciar-se do outro ao receber *scraps* e também o questionamento da veracidade de tais depoimentos e recados.

O “aparecer” foi algo que também se fez presente para refletir no grupo, o que podemos relacionar à sociedade do espetáculo, ou dos hiperespetáculos. Fontenelle (2002, p. 271) faz referência à existência do “sujeito performático”, para o qual interessa a imagem que consegue projetar de si mesmo, os disfarces, as impressões superficiais, as máscaras. Desse modo, a aparência torna-se o aspecto mais importante e fundamental desse hiperindividualismo contemporâneo. Esse tipo de “sujeito” é facilmente observado nas redes sociais de relacionamento do ciberespaço.

Como vimos, tal busca por diferenciação e personalização acabam por demarcar o individualismo contemporâneo. Para concluir essa reflexão sobre esse “individualismo diferenciador” presente no “ciberespaço”, é interessante transcrever uma frase de Deise Mancebo (2000, p. 6), que afirma: “[...] as pessoas, cada vez mais, pensam a si próprias, como seres individuais, independentes e únicas, separadas umas das outras por uma espécie de muro invisível, buscando um sentido de vida em si próprias”. Esse muro invisível citado pela autora poderia ser muito bem ilustrado atualmente com o uso da internet e dos serviços como o *Orkut*.

Considerações finais

Na contemporaneidade, quando os indivíduos parecem estar cada vez mais dessensibilizados, é quase impossível que se fique insensível aos apelos esplendorosos feitos pela indústria cultural – no caso do ciberespaço, os apelos pelas “facilidades” e “possibilidades” oferecidos pelos serviços e produtos tecnológicos – em uma sociedade na qual se apresenta a reprodução da cultura,

priorizando a comercialização dos mais variados serviços e objetos (inclusive o corpo humano) nas mais diversificadas embalagens. Em um reinado dos simulacros, tais produtos e serviços são embalados em invólucros sedutores, proporcionando um deslumbramento coletivo. Imersos nessa lógica “glamourosa”, os indivíduos passam a consumir e usar os serviços e produtos de um modo compulsivo, na esperança de obter os atributos e qualidades atrelados ao uso e consumo. Vale aqui, entretanto, a ressalva de que nem todos (as) os indivíduos estão inseridos absolutamente nesse contexto. Como os dados empíricos revelaram, alguns indivíduos já apresentam uma postura mais questionadora dessa realidade, e a experiência de participar de um grupo reflexivo fez com que diálogos e questionamentos se multiplicassem pelos (as) jovens integrantes do grupo.

Também como vimos nesta investigação, atributos psicossociais, tais como a beleza, a diferenciação e a visibilidade (compreendidos aqui como ideais de felicidade no ciberespaço), são cada vez mais destacados e enfatizados pela indústria cultural na contemporaneidade, especificamente em serviços virtuais como o *Orkut*, que foi o objeto de pesquisa investigado. Sendo assim, as identidades dos jovens integrantes das comunidades virtuais aparentaram estar direta ou indiretamente subordinada à apropriação desse serviço (enquanto um signo de consumo diferenciador), que repercute na vida cotidiana dessas pessoas e passa a exercer um papel significativo, constituidor das subjetivações.

Marcuse (1982) já apontava para a necessidade de pensarmos no progresso técnico relacionado ao progresso humano. Desse modo, há um vasto campo para a pesquisa da Psicologia nessa área, a fim de refletirmos sobre uma mais ampla compreensão de como esses novos recursos tecnológicos estão sendo utilizados e consumidos. Esta investigação consistiu-se em um primeiro passo



para futuras pesquisas que venham a se debruçar sobre o estudo do ciberespaço, além de permitir pensarmos na possibilidade de criarem-se novas práticas propiciadoras de reflexões críticas no bojo mesmo do ciberespaço, de modo que não haja um uso unicamente acrítico e massificador dos(as) usuários (as) de serviços virtuais, mas um *locus* promotor de relações emancipatórias (a emancipação humana compreendida aqui enquanto uma defesa contra a barbárie, em sua forma manifesta ou sutil), no qual o exercício da reflexão sobre os mecanismos de controle sutis se faça antídoto das atuais formas de dominação.

Referências

ARAÚJO, M. *A emergência do sujeito na sala de aula: a relevância do método (con)texto na promoção da leitura estética e da escrita espontânea*. 2003. 131 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2003.

BARIANI, Edison. A solidão dos intelectuais: entre a moralidade e o compromisso. *Revista Espaço Acadêmico*, Ano 6, n. 68, jan. 2007. <<http://www.espacoacademico.com.br/068/68bariani.htm>>. Acesso em: 21 fev. 2009.

BAUDRILLARD, Jean. *La génesis ideológica de las necesidades*. Barcelona: Anagrama, 1976.

_____. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Antropos, 1981.

_____. *A sociedade de consumo*. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

_____. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BERARDI, Franco. *La fábrica de la infelicidad: nuevas formas de trabajo e movimiento global*. Tradução Manuel Aguilar Hendrickson e Patrícia Amigot Leatxe. Madrid: Traficantes de Sueños, 2003.

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. *Videologias: ensaios sobre a televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004.

CAMPBELL, Colin. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CAVALCANTE JÚNIOR, Francisco Silva (Org.). *Ler_ : caminhos de transformação*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005. v. 1.

_____. *Por uma escola do sujeito: o método (con)texto de letramentos múltiplos*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

CROCHÍK, José Leon. *Preconceito: indivíduo e cultura*. São Paulo: Robe, 1995.

D'AGUIAR, Kátia Verônica Coutinho. *Do coração do aluno ao texto-sentido: entrelaçando as experiências de escrever de jovens universitários*. 2002. 188 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2002.

FONTENELLE, Isleide Aruda. *O nome da marca: McDonald's, fetichismo e cultura descartável*. São Paulo: FAPESP: Boitempo, 2002.

GENDLIN, Eugene T. *Experiencing and the creation of meaning*. Evanston, Ill.: Northwestern University Press, 1997.

_____. A theory of personality change. In: WORCHEL, Philip; BYRNE, Donn (Ed.). *Personality change*. New York: Wiley, 1964.

GONDIM, Márcio Silva. Criatividade e transformações em círculos de letramentos distintos e semelhantes. In: CAVALCANTE JÚNIOR, Francisco Silva. (Org.). *Ler_ : caminhos de transformação*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005. v. 1, p. 121-138.

_____ et al. Leitura, escrita e recriação em grupos adolescentes criativos. In: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DA UNIFOR, 5., 2005, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Fundação Edson Queiroz, Universidade de Fortaleza, 2005.

_____ ; CAVALCANTE JÚNIOR, Francisco Silva. A escrita ficcional em círculos de letramentos. In: ENCONTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (ENPPG), 4., 2004, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará, 2004. v.1.

_____ ; _____. Método (con)texto de letramentos múltiplos em uma organização: experiências do assistente de pesquisa. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO À PESQUISA, 9., 2003, Fortaleza. ENCONTRO DE INICIAÇÃO À PESQUISA DA UNIFOR, 9., 2003, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2003. v. 1. p. 89-89.

_____ ; _____. Pesquisa-ação em sala de aula: círculos de letramentos criativos na universidade. In: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E



PESQUISA DA UNIFOR, 5., 2005, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza : Fundação Edson Queiroz, Universidade de Fortaleza, 2005.

GOUVEIA, V. V. et al. Escala multi-fatorial de individualismo e coletivismo: elaboração e validação de construto. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 203-212, maio-ago. 2002.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____; CHARLES, Sébastien. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MANCIBO, Deise. *Modernidade e produção de subjetividades*. 2000. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/2010.doc>>. Acesso em: 14 set. 2004.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. *Tecnologia, guerra e fascismo*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.

MATOS, Olgáaria C. *A escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo*. São Paulo: Moderna, 1993.

NOBRE, Marcos. *A teoria crítica*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

ORKUT, comunidades virtuais. Disponível em: <www.orkut.com>. Acesso em: 7 jan. 2005.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, DF, v. 16, n. 1, 2000.

PAULA, Luciene Cavalcante de. *A voz e vez de Paulo: narrativa (auto)biográfica da construção do professor leitor-autor*. 2003. 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2003.

RODRIGUES, João de Arruda Câmara. *O desenvolvimento dos gestores através do método (con)texto de letramentos múltiplos: promovendo conexões*. Fortaleza, 2003. 161 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2003.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. *Análise psicológica dos processos subjetivos da dominação: uma visão marcuseana das sociedades industriais modernas*. 1990. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1990.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. Cultura de consumo segmentada: a marca da diversidade/desigualdade social. In: VASCONCELOS, Fátima; BARROS, Rosa (Org.). *Diversidade cultural e desigualdade: dinâmicas identitárias em jogo*. Fortaleza: Ed. UFC, 2004.

_____. *Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais de consumo na contemporaneidade*: São Paulo: Annablume, 2001.

_____; ÁLVARO ESTRAMIANA, José Luis. *Consumo, narcisismo e identidades contemporâneas: uma análise psicossocial*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

SOUZA, João Valdir Alves de. Educação, modernidade, modernização e modernismo: crenças e descrenças no mundo moderno. *Educação e Sociedade*, v. 17, n. 57, p. 729-764, 1996.

SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano*. aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 1999.

TRIANDIS, Harry C. Collectivism and individualism as cultural syndromes. *Cross-Cultural Research*, v. 27, n. 3-4, p. 155-180, 1993.

_____. *Individualism and collectivism*. Boulder, CO: Westview Press, 1995.

VEYNE, Paul. *Indivíduo e poder*. Tradução Isabel Dias Braga. Lisboa: Edições 70, 1988.



NAS TEIAS DO *ORKUT*: significados e sentidos construídos por um grupo de usuários

Camila Santana (IFBAIANO)

Lynn Alves (UNEB)

O iniciar

O que você faz neste tal de *Orkut*? Foi a partir desta pergunta que nasceu o projeto de pesquisa que deu origem a uma dissertação de mestrado e a este artigo que apresenta, de forma breve, os resultados encontrados.

Em janeiro de 2004 nascia o *Orkut*; pouco se sabia sobre ele e sobre suas potencialidades. O que se sabia é que um engenheiro turco, funcionário da *Google*, o havia criado e estabelecido uma regra: para fazer parte do sistema, ou mesmo conhecer, era preciso ser convidado por alguém que já fizesse parte do software. Surgiam assim solicitações para convites, curiosidade em saber o que tinha de especial naquele ambiente virtual e, após o ingresso, a busca incessante por usuários conhecidos.

Este fenômeno iniciou-se no primeiro semestre daquele ano e ainda hoje é alimentado por novidades, polêmicas e pseudoteorias que insistem em rondar o software criado por Orkut Büyükkökten, o engenheiro turco que batizou seu feito com seu próprio nome.

Por ser um sistema novo e pouco conhecido no Brasil, imediatamente o *Orkut* foi alvo de críticas e proibições. Escolas, universidades e empresas trataram de banir o site de suas listas de



acessos permitidos. Mas não adiantava muito. Cada vez mais crianças, jovens, adultos e idosos ingressavam naquele endereço eletrônico, ora ávidos por aparecer, ora por procurar amigos e familiares distantes, ou ainda exercitar sua pulsão escólpica ou apenas para fazer parte da 'onda do momento'.

Segundo pesquisa realizada pelo IBOPE/NetRatings em 2005, os sites de comunidades eram os principais destaques na utilização residencial da internet no Brasil. A pesquisa, realizada no Brasil, EUA e Espanha, apresenta ainda os brasileiros muito mais interessados em participar das comunidades virtuais do que os espanhóis e os estadunidenses, por exemplo.

No Brasil, o software mais popular de comunidades virtuais é o *Orkut*. Magalhães (2005), ao analisar dados de pesquisa referente ao uso da web no Brasil, sobretudo em espaços como o *Orkut*, atenta para o fato de que os internautas brasileiros têm sido seduzidos pelos softwares de mensagens instantâneas (como MSN Messenger, Skype ou ICQ), *blogs*, *fotologs*, softwares sociais (como *Orkut*, por exemplo), além de sites de telefonia móvel. Para Magalhães (2005), o *Orkut* pode representar a necessidade 'apaixonada' de o brasileiro se comunicar. A pesquisa do coordenador do IBOPE/NetRatings apresenta ainda um gráfico que representa o acesso ao *Orkut* em 11 países, e mostra o Brasil como líder absoluto em audiência, em outubro de 2005.

As características que fazem o brasileiro se destacar dos outros usuários neste aspecto específico não foram abordadas pelo coordenador do IBOPE /NetRatings, que buscava na pesquisa identificar o acesso dos brasileiros a softwares como *Orkut* em relação a outros países. No entanto, mesmo com a alta representatividade de brasileiros no *Orkut*, muitas vezes, o acesso nas instituições de ensino, nas empresas e mesmo nas famílias, era limitado – como foi identificado durante a etapa exploratória deste projeto de pesquisa –, sobretudo pela falta de intimidade de

educadores, executivos e chefes de família em lidar com uma ferramenta nova em seus cotidianos.

Foi no meio desta seara de contrastes que esta pesquisa começou a tomar corpo. Se muitas pessoas desejavam fazer parte da Rede que o *Orkut* prometia formar, se esses mesmos sujeitos interagiam uns com os outros, criavam códigos, linguagens, regras de convivência e comunidades, por que as instituições formais como escola e família, por exemplo, proibiam, bloqueavam o acesso dos orkuteiros ao seu habitat natural? Que tipo de relações comunicacionais existiam nesse ambiente para deixar pais, mães, professores, diretores e gerentes de empresas tão preocupados? Foi a partir do desejo de investigar como eram forjadas essas relações que a pesquisa começou a ser estruturada.

Assim, um dos aspectos que deram origem ao interesse em abordar as possibilidades comunicativas e de construção de aprendizagens nas redes sociais da internet surgiu, inicialmente, da experiência de uma das pesquisadoras como usuária de comunidades virtuais e softwares de redes sociais como *Orkut*, configurando a trilha pesquisa para investigar como estes espaços podem ser caracterizados e discutidos em um viés pedagógico.

Enquanto educadoras, as autoras acreditam, tal como Freire (1982, 2002a, 2002b, 2007), que a aprendizagem inicia-se por um encontro. Um encontro de pessoas, de ideias, de experiências e, mais do que isso, que ele acontece com, para e por meio da linguagem, como também pensa Vigotsky (2002). Assim, se sujeitos permanecem conectados, interagindo em um ambiente virtual e, obviamente, utilizando linguagens, estão se comunicando. O produto dessas relações é de natureza social, visto que não são máquinas conectadas apenas, são sujeitos também e principalmente. Este produto de caráter social, atrelado à comunicação e estabelecido com e por meio da linguagem, pode ser a aprendizagem? Nascia um problema!



Atualmente, as tecnologias contribuem consideravelmente para a geração e disponibilização da informação através de múltiplos meios, tais como as mídias digitais, além de facilitar a comunicação. Nos espaços formais de aprendizagem, como a escola, por exemplo, é possível valer-se das interfaces tecnológicas para gerar e socializar material de ensino e aprendizado de forma organizada e de fácil acesso e entendimento, através de um ambiente lúdico, inclusive.

No entanto, o que inquietava era a discussão em torno das aprendizagens que são construídas no ciberespaço a partir das novas mídias. Novas mídias aqui compreendidas na perspectiva de Manovich (2005, p. 27), enquanto

[...] objetos culturais que usam a tecnologia computacional digital para distribuição e exposição. Portanto, a internet, os sites, a multimídia de computadores, os jogos de computadores, os CD-Roms e o DVD, a realidade virtual e os efeitos especiais gerados por computadores enquadram-se todos nas novas mídias.

Partindo dessas premissas, propomos neste trabalho, investigar **quais as potencialidades de aprendizagem no Orkut, a partir dos espaços de interação das redes sociais proporcionados através dele.**

Diante desta proposta, a pesquisa ocorreu com 16 sujeitos integrantes da rede de conhecidos e amigos de uma das pesquisadoras no *Orkut*, sendo importante salientar que todos estes sujeitos, com exceção de um, fazem parte da rede de primeiro grau de relacionamento da pesquisadora, ou seja, todos estão linkados diretamente. É importante também ressaltar que toda a pesquisa empírica, da exploração, observação até a aplicação dos instrumentos de investigação ocorreu a distância, em espaço virtual, visto que os sujeitos pesquisados residiam em cidades diferentes de Salvador, e ainda por ser o objeto de estudo um ambiente virtual com todas as suas idiossincrasias e possibilidades.

A febre do Orkut

O *Orkut*, um sistema de software social, constitui-se na perspectiva de Recuero (2006, p. 15) em “Uma espécie de catálogo de indivíduos voltado para a sociabilidade (conhecer amigos, criar grupos e trocar informações de interesse),” que nasceu com a finalidade de fazer com que seus membros criassem novas amizades e mantivessem relacionamentos, procurando estabelecer um círculo social – como pode ser visto na página inicial do sistema.

No período de seu surgimento (janeiro de 2004) e até o início de 2007, o *Orkut* era considerado um site capaz de consolidar uma rede de amigos confiáveis, pois tinha a especificidade da necessidade de convite para ingressar no ambiente. Era a quadri-lha de Drummond adaptada: João, que era amigo de Maria, que era amiga de Tereza, que era amiga de João e Paulo; mas em 2007, o *Orkut* abriu as portas e permitiu que qualquer um fizesse uma conta no sistema. O usuário então cria sua página, coloca fotos, escolhe de quais comunidades (que vão de fãs de um determinado autor ou estilo musical, defensores de assuntos polêmicos e até comunidades com gostos excêntricos) dentro do *Orkut* quer participar, escreve testemunhos sobre os amigos e, claro, tem o poder de convidar outras pessoas, o que demonstrava uma organização social com regras desenvolvidas no e para o ciberespaço. (RETTORI; GUIMARÃES, 2004, p. 309)

Pode ser caracterizado como uma ferramenta para construção de rede social, o “social *network*”. Sua estrutura de funcionamento é simples, usual para um Ambiente Virtual; nele, só se pode entrar com convite, o que evidencia uma organização sociocultural e afetiva, com leis e códigos desenvolvidos no e para o ciberespaço, como se todos fossem de alguma forma ligados. Parece muito com a lógica vista no poema, onde *Orkut* lembra: *Maria que adiciona João, que adiciona Helena, que é fã de Orkut que vai adicionar mais alguém.*



Ainda em 2007, o software começa a passar por uma série de transformações e propaga não mais o estabelecimento de uma rede de amigos confiáveis, apenas, mas sim **conhecer** amigos através de seus amigos e comunidades e **compartilhar** “seus vídeos, fotos e paixões”. A ideia de compartilhar, socializar arquivos, imagens e música foi um ponto transformador para o software e um dos elementos que comprovam a mudança do *Orkut* é o fato de que, atualmente, para acessar o site não é mais preciso ser convidado por outro usuário, basta criar uma conta no *Google*.

Para compreender a dinâmica do *Orkut*, faz-se necessário entender como funciona o software. O usuário tem uma página pessoal (*profile*), um perfil de quem é software. Este *profile* apresenta o usuário para os outros participantes do *Orkut*. Deste modo, o participante do software social escolhe o que disponibilizar na página: nome, idade, cidade onde mora, estado civil, opção sexual, até detalhe de gosto pessoal: música, livros, culinária, amores, profissão e características físicas. Para ilustrar o perfil, o usuário é identificado através de foto ou imagem (muitos usuários não colocam uma foto sua, mas sim uma imagem, desenho de personagens de história, games, filmes, etc.). Esta imagem, presente no perfil do usuário, o identifica em todos os espaços do *Orkut* sempre que ele interagir com envio de informações, recados: *scrapbooks*, fóruns, comunidades. Além da imagem do perfil, o participante possui um espaço para disponibilizar álbuns digitais de fotografias, que podem ser acessados por outros usuários da sua rede ou, à sua escolha, por todos os participantes do software (Figura 2).

É a partir de sua área pessoal, aquela que contém o perfil e as opções de busca, comunidades, amigos, álbuns e configuração, que o participante do *Orkut* pode identificar usuários amigos. Esses ‘amigos’ são os sujeitos que formam a rede de contatos

do usuário e é desta forma que um participante pode conectar-se a milhões de pessoas através das teias tecidas pelos ‘amigos’ da sua rede. Uma grande teia composta por ‘amigos’, ‘amigos de amigos’, ‘amigos de amigos de amigos’ e assim sucessivamente.

A busca por ‘amigos’ e o passear pelos *profiles* é um dos pontos altos deste software social para os milhares de usuários. Com isso é possível perceber que, ao visitar, passear, flunar virtualmente pelos *profiles* e comunidades do Orkut, os sujeitos se dedicam ao ato de conviver, o que Maffesoli (1996) chama de estar-junto. De acordo com o autor, ao terem os sistemas modernos falido, surge espaço a uma lógica diferente de sociabilidade, situada no cotidiano. Ou seja, são os detalhes do dia a dia, as práticas e experiências cotidianas que produzem o cimento social que une os homens: o permanecer conectado, juntos – mesmo que virtualmente – em atividade espontânea que ocorre fora dos muros institucionais. Deste modo, há um foco em estar com o outro em uma sociabilidade lúdica.

Depois de desenhados os limites e fronteiras do software social trabalhado nesta pesquisa, é possível dizer que o Orkut é um fenômeno permeado de complexidades e riquezas de análise, caracterizado pela variedade, diversidade, apresentando-se como uma ferramenta e um espaço inovador da prática de interação social e de criação intersubjetiva. Segundo Santaella (2003), são os signos circulantes neste meio, as mensagens e os processos de comunicação bastante singulares engendrados nele os responsáveis por transformar o pensar e a sensibilidade humana e, mais do que isso, originar novos ambientes socioculturais.

No que se refere às redes sociais, verifica-se que elas favorecem os intercâmbios sociais, pois possibilitam aos sujeitos vivenciar relações para além das suas comunidades locais. Ou seja, o indivíduo que participa de um software como o Orkut, em sua maioria, busca encontrar amigos e participar de discussões



sobre temas de seu interesse nos fóruns de discussões em algumas das milhares de comunidades disponíveis no site. “O *Orkut* é apenas mais uma maneira de socialização digital que vem conquistando muitos adeptos a cada dia e, por esta razão, a escola não deve ‘fechar os olhos’”. (ARAÚJO, 2006, p. 30) Ou seja, é incontestável que muitos dos adolescentes, por exemplo, na atualidade, são participantes destas redes sociais. No Brasil, a mais usual delas é o *Orkut*.

Os estudantes de faculdade gastam uma quantidade de tempo significativa usando serviços de rede sociais em linha para trocar mensagens, compartilhando da informação, e mantendo-se em contato um com o outro. (GOLDER, WILKINSON, HUBERMAN, 2007, p. 1, tradução nossa)¹

A afirmação acima é relativa a uma pesquisa realizada nos Estados Unidos da América onde, segundo os autores, 90% dos estudantes universitários participam ativamente de redes sociais. No caso dos Estados Unidos, outras redes são mais famosas, agregando um maior número de participantes (*Friendster*, *MySpace*, e *Facebook*), sendo que a referida pesquisa foi realizada entre usuários da *Facebook*. No entanto, a lógica de elaboração e participação destas redes é similar, ou seja, os usuários formam redes de amigos, amigos de amigos e comunicam-se através de recados (*scraps*), fóruns de discussão das comunidades e possuem um perfil análogo a um cartão de visitas (onde se encontram informações pessoais e profissionais, fotos, preferências, entre outros).

Outro ponto a ser ressaltado é a fuga de usuários que vem acontecendo no *Orkut*, por exemplo. Embora este aspecto venha a ser analisado a posteriori, vale adiantar que, após muitas mu-

¹ College students spend a significant amount of time using online social network services for messaging, sharing information, and keeping in touch with one another.

danças – a maioria delas para tornar o ambiente mais amigável – em 2007, o *Orkut* foi invadido por *spams*, *fakes* e os *scrapbooks*, infestados por vírus e mensagens pornográficas. Houve assim um êxodo considerável no sistema. Além das discussões nas comunidades do *Orkut*, as falas dos sujeitos foram desaparecendo ou ficando pouco consistentes. Os *spams* e vírus nas páginas dos usuários fizeram com que muitos orkuteiros desistissem do ambiente, mantivessem seus *scraps* e falas bloqueadas para visualização ou/e com que a qualidade das discussões caísse assustadoramente.

É fato que muitos dos elementos agregados ao *Orkut* estão relacionados à busca por maior privacidade no sistema, isto é, opções de bloqueio para visualização de fotos, mensagens e informações pessoais estão cada vez mais sendo utilizadas pelos usuários; ou então sendo permitidas visualizações apenas para amigos ou, em casos mais rígidos, a permissão de visualização apenas para aqueles que enviaram algum comentário para o *scrapbook*. Muitas destas ações estão relacionadas ao fato apresentado acima, referente à invasão de perfis *fakes*, *crackers* e vírus em demasia. Ainda assim, consideramos o *Orkut* um espaço favorável a potencializar a comunicação e a aprendizagem em uma abordagem social.

Os sujeitos, suas razões e as aprendizagens

Os sujeitos supracitados são 16 usuários do software social *Orkut*, como já dito anteriormente, pertencem à rede de contatos de uma das pesquisadoras – com exceção de um que está presente no segundo grau desta rede, uma vez que, na verdade, é contato de um dos contatos. Este sujeito foi elemento importante por discutir algum dos aspectos aqui tratados, visto que os discute também em suas pesquisas acadêmicas.



Com o objetivo de preservar a identidade dos sujeitos, serão utilizados pseudônimos para nomeá-los. Os sujeitos estão ligados ao perfil de uma das autoras, mas muito deles também estão relacionados, seja por laços amorosos, de amizade ou parentesco. Desta forma, os sujeitos da investigação apresentados da forma como se relacionam dentro desta rede de interação, o que não significa que haja, de fato, laço forte entre eles.

Assim, os sujeitos foram investigados, a priori, através da exploração de seus perfis e das comunidades que se relacionam aos seus perfis. Para perceber o grupo investigado neste trabalho, é importante ter um panorama geral de identificação. O gênero dos sujeitos foi predominantemente feminino, apresentando 77%, com a faixa etária entre 20 e 30 anos (60%), o que os coloca na categoria etária dos nativos digitais, ou seja, aqueles que nasceram com o advento das mídias digitais e telemáticas; o grau de escolaridade dos sujeitos investigados indica que 75% já concluíram o nível superior e que 50% estão no nível de pós-graduado, o que permite dizer que os sujeitos desta pesquisa são acadêmicos e, portanto, têm noção elementar e/ou aprofundada em relação à investigação científica. Isso corrobora a afirmação de que, ao responder aos instrumentos da pesquisa, o fizeram por entender a importância desta; 75% dos sujeitos pesquisados vivem no Estado da Bahia, ou seja, apenas quatro dos 16 sujeitos vivem em outra cidade que não seja Salvador. Embora este dado seja importante, vale salientar que não foi intencional a escolha dos sujeitos por localização geográfica. A priori, foram selecionados 30 sujeitos, que viviam em localidades diversificadas, no entanto, apenas 16 propuseram-se a responder a um dos instrumentos principais da investigação, o questionário, o que determinou que a investigação ficasse focada nesses 16 personagens.

Para cada personagem foi construído um *avatar*, de forma que a visualização dos sujeitos ficasse mais interessante. Para

cada avatar construído, foram inseridos elementos verdadeiros das características físicas, ou mesmo de expressões destes sujeitos. Desta forma, *Xena Akita*, *Mel Frog*, *Dory risada*, *Ragnarok Aishiteru*, *Macabéia Pagu*, *Blogueira Jedi*, *Mara Bill*, *Tia Teacher*, *Teacher Strawberry*, *Crab´s Flower*, *Dreamer Girl*, *Naruto Cyborg*, *Penélope Chamosa*, *Fênix Angel*, *Latino Music* e *Serena Flor* foram os nomes escolhidos para os avatares que representam os sujeitos desta investigação. Cada nome também possui seu significado construído a partir da observação das interações dos sujeitos, das comunidades de que participa, ou que, ao menos, têm relação com seu perfil, como mostra o mapa.



Figura 1 – Mapa dos avatares da pesquisa
 Fonte: As autoras

A construção do avatar não buscou interferir no perfil que o sujeito constrói no ambiente e, muito menos, violar sua privacidade, mas procurou preservar a identidade do sujeito de forma ética, ilustrando como é este sujeito aos olhos das pesquisadoras de maneira lúdica, tanto fisicamente: saber como é pessoalmente ou apenas como é através de fotografias, por exemplo, e assim,

buscando preservar características como cor de cabelo, cor de pele, uso de óculos, aparelho, etc; como ao rebatizá-los, escolhendo nomes que estejam relacionados ao seu perfil no *Orkut*: coisas que gosta de fazer, comunidade que defende e/ou participa. A escolha de nomes fictícios ocorreu também para preservar a identidade do sujeito da pesquisa.

Assim, conhecidos os sujeitos, caminhamos na direção de procurar saber de quais softwares sociais participavam na web, a fim de buscar subsídios para a relação deles com o software que escolhido como *locus* de análise, bem como perceber por quais outros caminhos e ambientes estes sujeitos caminhavam. Isso porque, como já foi abordado, o *Orkut* não é o único espaço do gênero, embora no Brasil ele seja o mais famoso e utilizado. Desta maneira, os personagens desta pesquisa explicitaram em quais espaços vivem e interagem na web. Foi possível perceber que, além do *Orkut*, apenas 37,5% dos sujeitos disseram fazer parte de outros softwares sociais, embora 15 deles também possuam conta no *MSN Messenger*, um software social de comunicação instantânea. A seleção apenas deste software está relacionada com uma outra questão: o uso que se faz do *Orkut*. Embora, na prática de observação e interação com sujeitos, a maioria deles utilize diariamente o *MSN Messenger*, por exemplo, é no *Orkut* que eles passam mais tempo e visitam mais vezes.

O Orkut foi eleito por 100% dos sujeitos como o software social que mais utilizam. Este uso está relacionado diretamente às interações sociais que têm possibilidade de acontecer, na maioria das vezes, como conversas informais, busca de informações, depoimentos de amizades, dentre outros. No entanto, Blogueira Jedi diz que utiliza mais este software, porque é para onde mais lhe enviam mensagens pessoais, além de receber os avisos das mensagens por e-mail. Latino Music diz que utiliza apenas para realizar downloads de músicas, filmes e histórias em quadrinhos

sobre temas diversos. Assim, apenas para dois sujeitos investigados os laços sociais e afetivos não são os pontos mais importantes na utilização do *Orkut*.

Um outro elemento importante em relação à utilização dos softwares sociais pelos sujeitos da pesquisa é saber o que os levou a escolher esses softwares como espaços de convivência na web, ou seja, o que os motivou e/ou despertou desejo.

Mais uma vez, os laços sociais e afetivos são os elementos fundamentais para a escolha e utilização de determinados softwares sociais, bem como a comunicação é o princípio fundamental para esta interação.

Entendo o *Orkut* como instrumento de ressocialização. Faz oito anos que deixei minha cidade natal, Rio de Janeiro e é através deste *software* que estou reencontrando amigos, familiares, enfim, revendo minhas raízes e laços de parentesco e amizade. Para mim, o *Orkut* é muito mais que um simples *software* de encontro de amigos. Ele me dá a possibilidade de me reencontrar com minhas origens e meu passado. Não há palavras para descrever o que é você encontrar um amigo que estudou com você há 20 anos atrás. E também é através dele que me atualizo, sei como meus amigos estão, meus familiares, enfim. O *Orkut* é muito mais que um *software*, é uma ponte entre meu presente e meu passado, entre amigos e convivências. É minha vida. (XENA AKITA)

A partir da fala de Xena Akita, pode-se identificar um outro elemento nos motivos da utilização do software: a necessidade de encontrar pessoas das quais não tem notícia, além de suprir a distância física entre a sua cidade natal, Rio de Janeiro, e a cidade aonde vive, Salvador. Para este sujeito, o *Orkut* é uma extensão da sua vida geograficamente determinada e de suas relações presenciais.

Já a usuária Crab's Flower traz um relato interessante do porquê da utilização, de suas variantes e de cada especificidade do momento de uso, demonstrando os diversos significados do software que utiliza para a sua vida.



Falo especificamente do *Orkut*. Fiz minha inscrição, pois comecei a ouvir falar dele no meio acadêmico. Entrei por curiosidade, para pensar algumas possibilidades pedagógicas, para ter elementos para discutir em sala de aula com meus alunos. Depois passou a ser também um meio de manter contatos, me comunicar com amigos. Agora também é um espaço para bisbilhotar a vida alheia (rsrsrsrsrs). (CRAB'S FLOWER)

Ou seja, para Crab's Flower, o *Orkut* tem diversos significados e funções, desde investigar a vida de outros usuários até as possibilidades acadêmicas. O sujeito, então, traz um elemento de escolha que é similar a outros personagens da pesquisa, a exemplo de Bogueira Jedi, que elenca motivos específicos e diferentes para a utilização dos softwares sociais.

Ainda assim, a adesão pela curiosidade de saber o que é algo sobre o qual muita gente fala, sobretudo a mídia impressa e televisiva, também é uma das razões para o acesso, principalmente no caso do *Orkut*, como afirma Naruto Cyborg: “Aderi ao *Orkut* logo quando começou a ser divulgado aqui no Brasil justamente para experimentar os recursos que eram comentados”.

A fala de Naruto Cyborg demonstra a necessidade de conhecer o novo, de saber o que é aquele espaço sobre o qual todos comentam. A necessidade de fazer parte e conhecer o novo foi um elemento que contagiou todos os participantes investigados, visto que a maioria deles faz parte do *Orkut* desde quando ele surgiu (janeiro de 2004) ou quando ganhou versão em língua portuguesa (abril de 2005).

[...] acredito que a sociabilidade engendrada pelas comunidades e perfis dos usuários do *Orkut* nos convoca e nos provoca a pensar acerca das maneiras como os “orkuteiros” têm gerenciado e arrematado as participações de seus “amigos virtuais”, seja para visitar sua página pessoal no *Orkut*, deixando-lhes um recadinho (mais conhecido como *scrap*), seja participando dos fóruns digitais das comunidades orkutianas. (ARAÚJO, 2006, p. 29)

Que o *Orkut* e suas comunidades constituem febre no Brasil, embora acredite que já o tenha sido mais, ficou claro nesta explanação. Discutir o porquê do encantamento por este software em especial e por todos os mitos que lhe rondam não é objetivo deste trabalho. Vale lembrar que aqui se pretende chegar à conclusão de quais são as possibilidades de aprendizagem e comunicação no *Orkut*. Para tanto, é preciso perceber o que os sujeitos, imersos neste ambiente, fazem nos espaços que lhes são preferidos. Sim, pois, como na vida presencial, é nos lugares em que mais se gosta de estar que se coloca toda a energia.

Aos 16 sujeitos deste estudo, foi perguntado exatamente isto: qual a comunidade que mais gostavam de participar, ou seja, qual o cantinho preferido neste universo em que o *Orkut* transformou-se. O questionamento deve-se, principalmente, pelo fato de que a permanência nas comunidades é um quesito importante na pesquisa. Assim, saber a respeito daquelas de que os sujeitos participam com maior frequência e o porquê das escolhas são fatos importantes para delinear os tipos de práticas sociais que acontecem nesse ambiente.

Em se tratando de aprendizagem, é preciso refletir o que esta significa, visto que é um fenômeno complexo e permeado de multiplicidades filosóficas, epistemológicas e de práxis. Assim, em um momento específico da pesquisa, um dos pontos debatidos e que causou maior dificuldade entre os sujeitos foi no momento de discutir o que é a aprendizagem. Acreditamos que a dificuldade ocorra devido ao problema que, muitas vezes, se tem quando há a necessidade de conceituar qualquer fenômeno, mas, principalmente, por ser este um conceito complexo.

Desta forma, as percepções a respeito da temática foram distintas, porém muitas vezes similares.



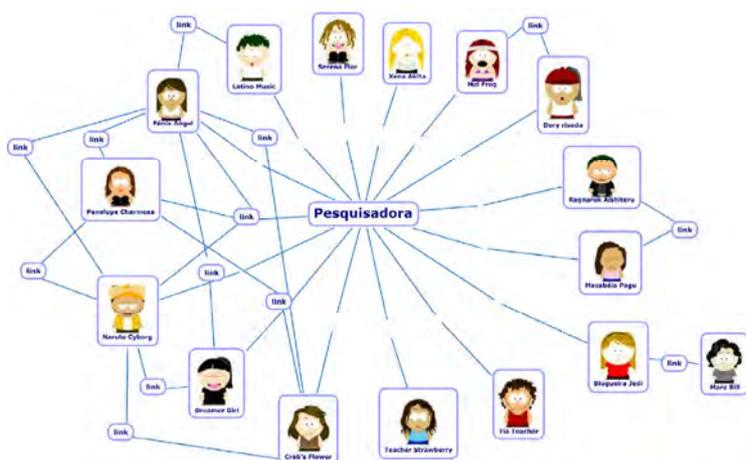


Figura 2 – Conceito de aprendizagem
Fonte: As autoras

Como pode ser visto, os sujeitos investigados têm opiniões diversas acerca da conceituação do que é aprendizagem. No entanto, embora tragam definições distintas, há um elemento presente em praticamente todas as falas: a questão do outro, do aprender a partir da interação. Seja por colaborar, observar, trocar ou participar.

Aprender na perspectiva social

Ragnarok Aishiteru, por exemplo, concebe “aprendizagem como sinônimo de construção coletiva de conhecimento, através de processos colaborativos de trocas de experiências, leituras e saberes”. Ou seja, o investigado acredita que, para a aprendizagem acontecer, é preciso haver um processo criativo e, sobretudo, coletivo. A ideia de Ragnarok Aishiteru assemelha-se à de Xena

Akita, pois esta diz que a aprendizagem é “todo o processo que o indivíduo partilha saber e informação”.

A partir destas percepções e das outras falas trazidas pelos sujeitos, pode-se dizer que, na percepção de 50% dos entrevistados, a aprendizagem ocorre socialmente, ou seja, por meio da interação e interlocução com seus semelhantes.

Em se tratando da aprendizagem por meio da interação com o outro, Vigotsky (2002) é um dos autores que mais contribuem para esta discussão. Segundo o teórico, as características que constituem o ser humano não lhe são inatas. Assim, as práticas sociais e os elementos de natureza humana resultam da interação dialética do homem com o meio sociocultural. Ou seja, quando o homem modifica o ambiente, as relações através de seu comportamento, por exemplo, irão implicar as suas ações comportamentais futuras. A aprendizagem, enquanto um destes elementos sociais, precisa ser pensada à luz desse processo dialético. Naruto Cyborg traz o autor para elucidar o conceito que ele estrutura sobre aprendizagem.

Simpatizo com a teoria de Vigotsky, que considera a aprendizagem como uma experiência social na qual, por meio da interação entre os sujeitos - nos diferentes locais por onde esse sujeito circula e nos distintos momentos de sua existência - o conhecimento é produzido e compartilhado. Acredito, portanto, que aprender significa conhecer, e conhecer, partir (*sic*) das interações, relações, diálogos, vivências entre os indivíduos. (NARUTO CYBORG)

Destarte, tanto na fala de Naruto Cyborg, quanto na de Ragnarok Aishiteru e Xena Akita, existe a presença forte da ideia de que a aprendizagem ocorre na interação com outros, pela mediação de signos e sujeitos e por meio das vivências e experiências dos sujeitos. Estas falas só fazem corroborar a teoria sociocultural de Vigotsky (2002). O autor aponta que o meio sociocultural é de extrema importância para o desenvolvimento

humano. Ainda nesta perspectiva, ele considera que esse desenvolvimento acontece, principalmente, por meio da aprendizagem da linguagem, um signo mediador por excelência. São estes signos – a linguagem é o principal deles – construídos historicamente e por meio da cultura que realizam a mediação dos seres humanos entre si e deles com o mundo.

O homem é também um ser histórico-cultural, produto e produtor de relações sociais, tendo como um de seus principais produtos os signos. Estes têm um papel criador e organizador dos processos psicológicos.

Deste modo, na perspectiva vigotskyana, o homem é quem transforma e é transformado nas relações existentes em uma determinada cultura. No entanto, o que acontece não é uma adição de fatores inatos e fatores adquiridos, e sim uma interação dialética que incide, desde o momento em que o sujeito nasce, entre o homem e o meio social e cultural em que vive.

Baseado na abordagem materialista-dialética da análise da história humana, acredito que o comportamento humano difere qualitativamente do comportamento animal, na mesma extensão em que diferem a adaptabilidade e o desenvolvimento dos animais. O desenvolvimento psicológico dos homens é parte do desenvolvimento histórico geral de nossa espécie e assim deve ser entendido. A aceitação dessa proposição significa termos de encontrar uma nova metodologia para a experimentação psicológica. (VIGOTSKY, 2002, p. 80)

É possível perceber, assim, que, na perspectiva de Vigotsky (2002), o desenvolvimento humano é compreendido como processo de trocas recíprocas, que se situa, durante toda a vida, entre indivíduo e meio, cada aspecto implicando sobre o outro: “Aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida de uma criança”. (VIGOTSKY, 2002, p. 110) Com tudo isso, o autor não exclui a existência de diferença entre os indivíduos, ou seja, que um possa ter maior predisposição para

algumas atividades e práticas do que outros, em razão, inclusive, de possíveis fatores físicos ou genéticos. Entretanto, afirma que estas diferenças não são determinantes nem condicionantes para a efetivação da aprendizagem. Por tudo isso, Vigotsky (2002) rejeita os modelos fundamentados em pressupostos inatistas, cujas teorias determinam características comportamentais e desenvolvimentistas universais ao ser humano. Assim, “[...] o desenvolvimento [...] se dá não em círculo, mas em espiral, passando por um mesmo ponto a cada nova revolução, enquanto avança para um nível superior”. (VIGOTSKY, 2002, p. 74)

Fênix Angel acrescenta que a “[...] aprendizagem é um processo de interação entre o aprendente, o meio em que vive e o objeto da sua aprendizagem”. Desta forma, a participante estabelece uma tríade entre três elementos: sujeito, ambiente e objeto e, no nó desta relação, a interação. A interação atua, na percepção de Fênix Angel, como um elemento mediador. Sua ideia, neste ponto, difere do pensamento de Vigotsky (2002). Para o autor, não há apartação entre homem e ambiente, os dois elementos existem relacionadamente. Assim, devido à natureza dialética, o pensamento vigotskyano não aceita duas esferas distintas, mas sim apenas um sujeito essencialmente social e que, portanto, não pode ser compreendido fora do âmbito social. A ecologia cognitiva humana assume características diversas, dependendo da realidade social do homem, ou seja, a estrutura epistemológica de Vigotsky (2002, 2005) implica perceber suas especificidades como um fenômeno sociohistórico e cultural. De tal modo, é mister perceber as especificidades desta relação, sobretudo quando sujeito e objeto são históricos e a relação deles também o é.

Um outro elemento importante no processo de aprender é o desejo que está vinculado diretamente à subjetividade do aprendente. O desejo de saber, de conhecer, forma um par de relação direta com o não-saber, constituindo um círculo que mobiliza



a estrutura do sujeito à medida que tece uma rede, onde é preciso perceber cada fio que forma a significação de aprender. Segundo Fernández (1991), o nível do desejo organiza a vida afetiva e das significações, ou seja, a linguagem e os gestos dizem como o sujeito vê e sente o mundo. Todas as intervenções da ordem do desejo vêm de uma estrutura comum, que é a linguagem, e são de natureza simbólica, referindo-se às significações que se estabelecem nas relações. Assim, o mecanismo do desejo tem importância em relação à aprendizagem, sobretudo em relação à aprendizagem social, pois diante dele é que as construções cognitivas acontecem. Só se constroem aprendizagens espontâneas no âmbito do social a partir daquilo que é de interesse do sujeito, da ordem do seu desejo.

Segundo os sujeitos da pesquisa e de alguns elementos da teoria vigotskyana e, no caso de um sujeito – Teacher Strawberry –, o desejo é um mecanismo de relevância para o processo. Entretanto, como foi inicialmente abordado no início desta fala, os aspectos sociais – da relação com os pares, da construção por meio da interação entre sujeitos, da colaboração e de troca de saberes – fica evidente um caráter social desta percepção. O que aqui denomino de social está diretamente relacionado com a perspectiva epistemológica vigotskyniana e a abordagem psicossocial eriksoniana. Embora Erikson (1976) trabalhe a partir das reflexões da psicanálise, enquanto Vigotsky (2002; 2005) passeia na seara da psicologia, visto que seus estudos debruçam-se sobre o desenvolvimento humano, os dois autores trazem contribuições significativas e próximas no que se refere àquilo que aqui nomeio “aprendizagem social”.

Ambos os teóricos compreendem o homem como sujeito social, uma vez que, para Erikson (1976), as relações sociais são elementos fundamentais para a construção do sujeito, ou seja, o sujeito desenvolve-se por meio de suas requisições internas

imbricadas com as exigências do ambiente em que está inserido, sendo a cultura e a sociedade organismos essenciais para a constituição do sujeito. Igualmente para Vigotsky (2002), as implicações histórico-culturais e, portanto, sociais – visto que o homem é o único ser que possui cultura e o único capaz de construir e refletir sobre sua história – são os elementos estruturantes do homem.

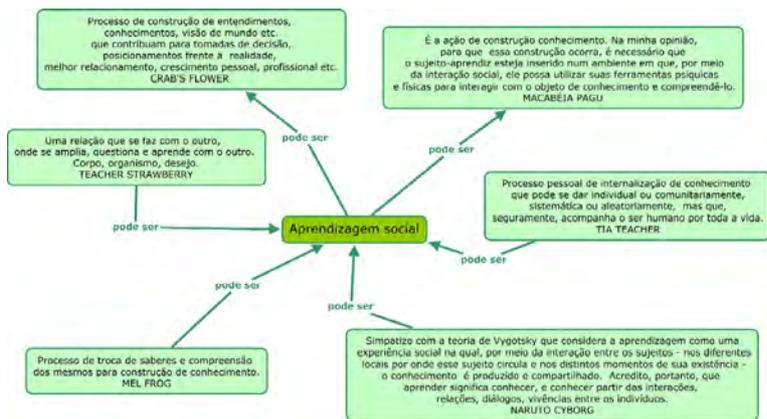


Figura 3 – Percepções sobre aprendizagem social
 Fonte: As autoras

Aprendizagem enquanto mecanismo e produto

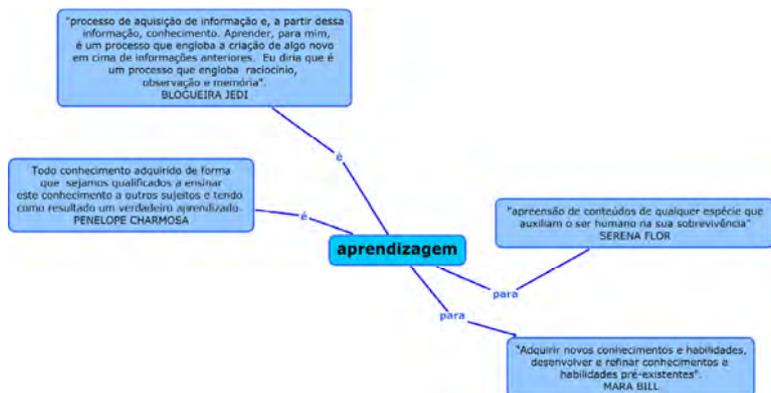


Figura 4 – Percepções sobre aprendizagem

Fonte: As autoras

As falas apresentadas na Figura 3 refletem o entendimento de quatro sujeitos da pesquisa em relação ao conceito de aprendizagem. A análise do discurso destes sujeitos resultou em uma divisão das percepções. Ou seja, para dois deles a aprendizagem é um produto, sendo que para Blogueira Jedi é um processo que engloba outros mecanismos e para Serena Flor e Mara Bill, serve para adquirir conhecimentos e/ou apreender conhecimentos.

Blogueira Jedi, por exemplo, ao definir o conceito de aprendizagem, disse que “[...] é um processo que engloba a criação de algo novo em cima de informações anteriores. [...] é um processo que engloba raciocínio, observação e memória”. Ao analisar a fala da participante, nota-se que esta atribui ao conceito reflexão próxima à definição de aprendizagem de Albert Bandura.

Bandura, filho da linha behaviorista da Psicologia, questionou os estudos de Skinner, propondo uma outra versão do behaviorismo, o sociobehaviorismo. Por querer afastar-se do rótulo de behaviorista, denominou sua linha de “abordagem cognitiva social”, questionando a negação dos processos mentais e cognitivos no processo de aprendizagem do ser humano. Percebe o comportamento humano com um viés cognitivo, ao contrário dos behavioristas. Acredita que o ser humano é capaz de aprender comportamentos sem sofrer qualquer tipo de reforço, embora creia que o sujeito também pode aprender através de reforços de outra ordem: reforço vicário ou aprendizagem vicariante, ou seja, o sujeito aprende através da observação do comportamento dos outros e de suas consequências. Assim, para o autor, entre o estímulo e a resposta há também o espaço cognitivo de cada indivíduo.

Os dois elementos que Blogueira Jedi traz são a observação e a memória. Para Bandura e Walters (2002), a observação e a memória são pontos importantes na construção da aprendizagem em uma perspectiva social cognitiva, visto que é através dela que o sujeito pode imitar ou reproduzir um modelo. Vale ressaltar que a imitação a que os autores se referem não significa reproduzir sem modificar a ação do outro. Este processo é definido pelos autores como *modelação*, pois, ao observar o modelo, o sujeito agrega uma outra ação ou comportamento, ou seja, há uma re-significação. Assim, “[...] o comportamento de cada indivíduo resulta não somente do ambiente, mas também da sua representação cognitiva”. (BANDURA; WALTERS, 2002, p. 77)

Deste modo, para esses autores, a aprendizagem ocorre através de quatro fatores: *inteligência*, que seria a capacidade de aprender, ou seja, uma pessoa com maior capacidade intelectual, aprende mais facilmente; *motivação*, quando afirmam que uma pessoa motivada aprende com menos dificuldade, dividindo ainda



a motivação em intrínseca (aprende pela razão do aprender) e extrínseca (aprende por esperar uma recompensa – elogio, classificação); *experiência anterior*, as experiências de vida têm influência nos interesses por áreas e/ou conteúdo, além disso, os autores dizem que tudo o que se aprende implica aprendizagens anteriores; *fatores sociais*, as condições socioculturais pertencentes ao sujeito favorecem o processo de aprendizagem, à medida que, quanto mais recursos e experiências enriquecedoras os sujeitos tenham, a aprendizagem é beneficiada.

Para Penélope Charmosa, a aprendizagem é um produto resultante de todo o conhecimento adquirido. Ela destaca ainda que a aquisição deste conhecimento deve acontecer de forma que qualifique o sujeito a transmitir o conhecimento a outro sujeito.

Esta ideia de transmitir e assimilar conteúdos e conhecimentos, na visão de Mara Bill e Serena Flor, tem duas razões. A primeira acha ser necessário, para desenvolver e refinar habilidades, que o sujeito já possui; para a segunda, estes auxiliam na sobrevivência do homem. Em relação à sobrevivência, obviamente que a aprendizagem dá suporte a esta questão, principalmente no que se refere a aprender sobre mecanismos de defesa, de técnicas que ajudarão os sujeitos a comunicar-se e a transmitir para os seus semelhantes os conhecimentos referentes a uma tecnologia ou técnica, por exemplo, como apontam Burke e Ornstein (1998).

Segundo esses dois autores, ao longo de toda a história da humanidade, os fazedores de machados, ou seja, os homens, criaram, desenvolveram e produziram centenas de “presentes-machado”, técnicas e tecnologias. As técnicas, segundo eles, foram e são idealizadas, produzidas e reinterpretadas durante seu uso pelos homens, como também é o próprio uso intensivo destes “presentes” que constitui a humanidade enquanto tal. Acrescentam ainda que, ao mesmo tempo em que o homem interfere na natureza, produzindo tecnologias, estas influenciam no seu

processo de desenvolvimento biológico e social. A discussão dos autores gira em torno do desenvolvimento do *homo habilis* em *homo erectus*, e deste em *homo faber* e, a posteriori, em *homo sapiens*. Os autores colocam em evidência a produção do conhecimento humano e, conseqüentemente, a aprendizagem como elemento decisivo para a garantia da sobrevivência do ser humano no planeta, o que permitiu a aquisição de bens materiais necessários à vida, modificando e sendo modificado pela natureza.

Quando, pela primeira vez, usamos um instrumento para tirar mais alimento da natureza do que ela estava preparada para nos oferecer, mudamos o nosso futuro. E à medida que aumentava o nosso número, aumentava também o poder daqueles que mais eficazmente sabiam manejar o machado. Estes se tornaram líderes. O resto do grupo, em sua maior parte, seguia o machado. (BURKE; ORNSTEIN, 1998, p. 15)

Assim, a aprendizagem, de fato, também possui o caráter de manutenção da sobrevivência da espécie, já que é a partir dela que o homem consegue construir ferramentas, criar tecnologias e assim, ‘transformar a natureza’. Nesta perspectiva, a aprendizagem tem natureza de transmissão de saber a fim de estabelecer formas de sobrevivência, melhores condições e manipulação da natureza em favor do homem, além de ser também um mecanismo de desenvolvimento e aprimoramento de técnicas e habilidades já existentes, como ressaltou a participante Mara Bill.

Considerações finais

As potencialidades do *Orkut* estão relacionadas à interação, sobretudo à social, visto que o maior capital desse software parece ser os sujeitos que por ele passam, as trocas sociais, os intercâmbios de cultura e informações.

A aprendizagem, nos espaços de IMC do *Orkut*, pode ser construída, deste modo, a partir da análise das opiniões dos outros,



mas não de forma desestruturada e sim com o intuito de compreender o mundo de forma globalizada, visto que o mundo é composto de pessoas que se relacionam, ideias que se apoiam e se opõem.

A ideia de construir argumentações a respeito do que se é visto, conhecido no *Orkut* é para os sujeitos, feita a partir do respeito às diferenças. No entanto, respeitar a diferença não consiste apenas em aceitar uma opinião, um gosto ou viver diferente.

Respeitar aquilo que é diferente é respeitar uma outra identidade, alguém ou alguma opinião que não é minha. Neste exercício de respeito é que construtos sociais da argumentação consciente reside, se desenvolve. Assim, pode ser a partir destes confrontos com aquilo que é diferente de mim que as discussões imprevisíveis podem acontecer e este imprevisível pode ser rico de descobertas, visto que em experiência com certeza o é.

Destarte, a ideia de compartilhar experiência, conviver, observar a ação do outro, re-significar o discurso do outro, manter contato com outros sujeitos e compartilhar relatos sobre o mundo é a imagem da construção e aprendizagem social em rede, neste caso, uma rede virtual de pessoas com objetivos e gostos muito similares. A informação, neste panorama, e a busca por notícias, fatos, momentos não ficam ausentes nestes processos relacionais, convivem, interagem. É justamente este conjunto de possibilidades, construções e vivências que desenham o processo de desenvolvimento das aprendizagens, de natureza social, em rede.

Por tudo isso é possível afirmar que as possibilidades de construção de aprendizagens ultrapassam os muros das escolas. Aprender é mais que decorar informações e pode acontecer em lugares outros que não os espaços formais: escola, comunidades virtuais de aprendizagem (com estrutura formal) ou ambientes desenhados para a aprendizagem de conteúdos escolares. Aprender

está em dimensões distintas, criativas, inesperadas. A partir destas discussões, da apresentação dos dados, das vozes dos sujeitos e da relação destes elementos com a investigação teórica, pode-se compreender que tipo de aprendizagem é a possível de ser construída no Orkut e de que forma estas interações mediadas pelo software podem-se constituir potencialidades de aprender. Vale a ressalva de que esta análise, assim como a apresentação da tabela panorâmica que resume as potencialidades, não busca esgotar o assunto por completo, podendo, inclusive, guiar algumas premissas sobre a construção de aprendizagem social em softwares sociais na internet, mas precisamente no Orkut.

Referências

- ARAÚJO, J. C. O que o meu aluno faz nesse tal de Orkut? *Vida Educação*, Fortaleza, ano 3, n. 9, p. 29-32, 2006.
- BANDURA, Albert; WALTERS, Richards H. *Aprendizaje social y desarrollo de la personalidad*. Madrid: Alianza Editorial, 2002.
- BURKE, James; ORNSTEIN, Robert. *O presente do fazedor de machados: os dois gumes da história da cultura humana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- ERIKSON, Erik. *Identidade, juventude e crise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FERNÁNDEZ, Alícia. *A inteligência aprisionada*. Porto Alegre: Artemed, 1991.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da libertação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002a.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002b.
- _____; GUIMARÃES, Sérgio. *Sobre educação: diálogos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.



GOLDER, Scott; WILKINSON, Dennis; HUBERMAN, Bernardo. *Rhythms of social interaction: messaging within a massive online network*. [2007] Disponível em: <<http://www.hpl.hp.com/research/idl/papers/facebook/facebook.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2006.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MAGALHÃES, A. *O internauta brasileiro quer se comunicar*. 2005. Disponível em: <http://wnews.uol.com.br/site/colunas/materia.php?id_secao=4&id_conteudo=142>. Acesso em: 1 jun. 2008.

MANOVICH, Lev. Novas mídias como tecnologia e idéia: dez definições. In: LEÃO, Lúcia (Org.). *O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias*. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2005. p. 23-50.

MARQUES, Mário Osório. *Aprendizagem na mediação social do aprendizado e da docência*. Ijuí, RS: Unijuí, 1995.

RECUERO, Raquel. *Comunidades em redes sociais na internet: proposta de tipologia baseada no fotolog.com*. 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

RETTORI, Annelisse; GUIMARÃES, Helen. Comunidades virtuais de aprendizagens – CVAs: uma visão dos ambientes interativos de aprendizagem. *Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 13, n. 22, p. 305-312, jul.dez. 2004.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Revista FAMECOS Mídia, Cultura e Tecnologia*, n. 22, dez. 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VIGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2005

Sobre os autores

Camila Lima Santana e Santana. Pedagoga e mestre em Educação pela UNEB. Doutoranda em Educação pela UFBA. Foi docente do ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino de Salvador e professora da Faculdade Metropolitana de Camaçari. Participa do Grupo de Pesquisa Comunidades Virtuais (UNEB) e do Grupo de estudo e pesquisas em Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC) da UFBA. Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBAIANO)
camilalimasantana@yahoo.com.br

Deusa Maria de Souza-Pinheiro-Passos. Possui mestrado em Linguística aplicada ao ensino de línguas pela PUC-SP, doutorado em Linguística pela Unicamp e pós-doutorado em Linguística aplicada pela Unicamp. É autora do livro *Linguagem, política e ecologia: uma análise do discurso de partidos verdes*, publicado pela Pontes Editores, além de capítulos de livros e artigos em revistas especializadas. Desenvolve pesquisas em ensino e aprendizagem de Língua Inglesa, discursos do meio ambiente, mídia e novas tecnologias. É docente e pesquisadora da área de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, do Departamento de Letras Modernas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.
deusa@usp.br

Edvaldo Souza Couto. Doutor em Educação – UNICAMP e mestre em Filosofia – PUC-SP. É professor associado no Departamento de Educação II, na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde atua na graduação e na pós-graduação. Também é professor no Programa de Pós-Graduação em Filosofia. É autor do livro *O homem-satélite: estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica* (Unijui), Coorganizador de *Corpos Mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais* (EDUFRGS) e de *Walter Benjamin: formas de percepção estética na modernidade* (Quarteto). É um dos coordenadores do NBEWB – Núcleo Brasileiro de Estudos Walter Benjamin – www.uesc.br/nucleos/nebwb e do Grupo de Estudos em Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC) – www.gec.faced.ufba.br Desenvolve pesquisa com bolsa de produtividade do CNPq.
edvaldo@ufba.br



Elisabete Maria Garbin. Professora do Departamento de Ensino e Currículo e do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade <www.ufrgs.br/neccso> .
emgarbin@terra.com.br

José Adjalson Uchôa-Fernandes. É docente e pesquisador junto à Faculdade de Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Pará, campus de Marabá. Possui mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo e é bacharel em Letras - Inglês (2004). Dedicar-se às questões relativas à identidade e aos modos de dizer e se fazer sujeito no ciberespaço, mais especificamente no *Orkut*, analisando comunidades virtuais sobre a Língua Inglesa. Seus principais focos de interesse residem nas questões acerca da relação sujeito-língua e nos aspectos identitários e discursivos das novas mídias, tendo as redes sociais como principal objeto de análise de seus trabalhos mais recentes.
zeuchoa@gmail.com

Joseilda Sampaio de Souza (Sule). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação na mesma Universidade. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC). Possui experiência com o ambiente Moodle, onde atuou como bolsista do Projeto EAD-CPD-Moodle UFBA. Atua, principalmente, na área de Educação, Comunicação e Tecnologia nos seguintes temas: Inclusão digital, Software Livre, Educação e Tecnologia da Informação e Comunicação e Moodle.
sulesp@hotmail.com

Leila Bergmann. Possui graduação em Licenciatura Plena em Letras, mestrado e doutorado em Educação (UFRGS) e Pós-Doutorado Júnior (PDJ) (2006-2008) em Educação com o Projeto *Representações de professores e escola no Orkut*, sob a supervisão da professora Rosa Maria Bueno Fischer (UFRGS) e apoio (bolsa) do CNPq. É professora substituta no DEE (Departamento de Estudos Especializados – UFRGS/FACED), lecionando Literatura e Educação e supervisionando Estágio de Docência de 0 a 7 anos. Possui experiência na área de Educação, Língua Portuguesa, Didática Geral e Literatura Infantil e atua principalmente nos seguintes temas: Ensino de Língua Portuguesa, Mídia, *Orkut*, Livro Didático de Língua Portuguesa, Oralidade, Produção Textual e Literatura Infantil.
lmuryb@terra.com.br

Lígia Azevedo Diogo. Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF), atua principalmente nas seguintes áreas: cinema, mostras, festivais, oficinas e debates. ligiadiogo@hotmail.com

Lynn Alves. Pedagoga pela Faculdade de Educação da Bahia, mestre e doutora em Educação pela UFBA e PhD na área de Jogos Eletrônicos e aprendizagem pela Università degli Studi di Torino, na Itália. É professora adjunta e pesquisadora da Universidade do Estado da Bahia e do SENAI-CIMATEC- Departamento Regional da Bahia (Núcleo de Modelagem Computacional). Coordena o grupo de pesquisa Comunidades Virtuais (www.comunidadesvirtuais.pro.br). lynnalves@yahoo.com.br

Márcio Silva Gondim. Psicólogo graduado pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente é professor na FANOR (Faculdades Nordeste). Tem experiência nas áreas de Psicologia Social, Psicologia Organizacional e Ensino e Aprendizagem na Sala de Aula, em uma perspectiva Humanista. mmsgondim@hotmail.com

Maria de Fátima M. Brandão. Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Fundação Francisco Mascarenhas (1994). Especialista em Língua Falada e Ensino do Português pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1998) e mestre em Educação pela Universidade Luterana do Brasil, Canoas-RS (2009). Professora de Educação Básica, Técnica e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, desde abril de 1996, atuando nas disciplinas de Língua Portuguesa, Literatura e Produção de Textos, Atividades Linguísticas e Português Instrumental. famoraisb@hotmail.com

Maria de Fátima Vieira Severiano. Possui graduação em Psicologia e mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e doutorado em Ciências Sociais Aplicadas à Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com doutorado sanduíche no Depto. de Psicologia Social da Universidade Complutense de Madrid. É professora associada no Departamento de Psicologia e no Mestrado da UFC. Ex-coordenadora do Mestrado em Psicologia desta Instituição, leciona disciplinas na área de Psicologia Social e Comunicação e realiza pesquisas



na área de Consumo, Mídia e Subjetividade. É autora do livro *Narcisismo e publicidade: uma análise dos ideais do consumo na contemporaneidade*, (AnnaBlume) e siglo XXI (Espanha/Argentina) e coautora do livro *Consumo, narcisismo e identidades contemporâneas* EdUERJ (RJ).
fatimasev@terra.com.br

Maria Helena Silveira Bonilla. Mestre em Educação nas Ciências, pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (1997) e doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2002). Professora adjunta na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação e Tecnologias da Informação e Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, inclusão digital e software livre. É uma das coordenadoras do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC) (www.gec.faced.ufba.br)
bonillabr@gmail.com

Maria José Bocorny Finatto. Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pesquisadora de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Desenvolve pesquisa com bolsa de Produtividade do CNPq. mfinatto@terra.com.br

Paula Sibilia. Possui graduação em Comunicação e em Antropologia pela Universidade de Buenos Aires (UBA), mestrado em Comunicação – UFF, e doutorado em Saúde Coletiva - IMS-UERJ e em Comunicação e Cultura – ECO-UFRJ. É professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e no Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense (UFF). É autora dos livros *O homem-pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais* (Relume Dumara) e *O show do eu: a intimidade como espetáculo* (Nova Fronteira).
sibilia@bol.com.br

Rosa Maria Hessel Silveira. Licenciada em Letras, mestre em Letras e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora titular aposentada da Faculdade de Educação da UFRGS, onde atualmente é professora colaboradora convidada do PPG Educação. Professora adjunta da ULBRA, com atuação no PPG Educação e no Curso de Pedagogia. Pesquisadora do CNPq, já publicou as coletâneas *Professoras*

que as histórias nos contam (Ed. DP&A), *Cultura, poder e educação* (Ed. da Ulbra) e *Estudos culturais para professor@s* (Ed. da Ulbra), além de artigos em revistas especializadas e outras coletâneas. rosamhs@terra.com.br

Rosângela de Araújo Medeiros. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (2002) e mestrado na área de Educação, Tecnologia e subjetividade (2008) na mesma Universidade. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação e Tecnologia, atuando principalmente nos seguintes temas: tecnologia, produção acadêmica, ensino de leitura e escrita, educação, mídia, aprendizagem, leitura e diversidade cultural. rosinhamedeiros@yahoo.com.br

Tadeu Rossato Bisognin. Professor de Português e Literatura do Colégio de Aplicação da UFRGS desde 1980, licenciado em Letras pela UFRGS com habilitações em Língua Portuguesa e Literatura, Latim e Grego, especialista em Estudos Linguísticos do Texto e mestre em Letras [Estudos da Linguagem/Teorias do Texto e do Discurso]. Autor da coleção didática *Descoberta & Construção*, de 5ª. a 8ª. série (Ed. FTD, 1991), editor da revista *Cadernos do Aplicação* e autor de artigos acadêmicos. tadeurb@gmail.com

Telma Brito Rocha. É pedagoga (2002), mestre em Educação e doutoranda em Educação na Universidade Federal da Bahia (UFBA), com pesquisa sobre Práticas de Cyberbullying no *Orkut*. Atuou como professora substituta nas Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana e professora visitante na Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Campus V. Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). telmabr@gmail.com

Viviane Camozzato. Licenciada em Pedagogia (séries iniciais), mestre e doutoranda em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade (NECCSO). Bolsista do CNPq - Brasil. vipoa2002@gmail.com



Formato	14x21cm
Tipologia	Caxton Bk BT 10/15
Papel	Pólen 80g/m ² (miolo) Cartão Supremo 250 g/m ² (capa)
Impressão	ESB Serviços Gráficos
Tiragem	500

Nelson De Luca Pretto (Prefácio)

**Camila Santana
Deusa Maria de Souza-Pinheiro-Passos
Edvaldo Souza Couto
Elisabete Maria Garbin
José A. Uchôa-Fernandes
Joseilda de Souza Sampaio
Leila Mury Bergmann
Lígia Azevedo Diogo
Lynn Alves
Márcio Silva Gondim
Maria de Fátima Moraes Brandão
Maria de Fátima Vieira Severiano
Maria Helena Silveira Bonilla
Maria José B. Finatto
Paula Sibilía
Rosa Maria Hessel Silveira
Rosângela de Araujo Medeiros
Tadeu R. Bisognin
Telma Brito Rocha
Viviane Castro Camozzato**



fapesb

Fundação de Amparo
à Pesquisa do Estado da Bahia

ISBN 978-85-232-0681-9



9 788523 206819